Diário de Lisboa

CONCURSO 58 ANOS

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Junho 1979
Sexta-feira
8
ANO 59.º
N.º 19 976
10$00

Soares foi a Belém com o "quinto" no bolso

Como líder do maior partido parlamentar, Mário Soares inaugurou esta manhã as negociações que o Presidente da República está a estabelecer com os maiores partidos tendentes a encontrar uma saída para a situação decorrente da demissão do Governo Mota Pinto. Foi uma audiência que demorou cerca de duas horas e no termo da qual o secretário-geral do PS – que há mais de dois meses não era chamado a Belém – se apresentou aos jornalistas com um ar extremamente reservado. «Foi uma conversa exploratória na qual foram encaradas todas as perspectivas» – disse Soares à saída.

Frisando que o dilema está em haver ou não eleições intercalares, insistiu na posição que o seu partido vem defendendo e a qual encara uma próxima ida às urnas como último recurso. Sublinharia, em apoio desta posição, que «a maioria esmagadora da Assembleia da República» foi contra eleições antecipadas.

De Belém, Mário Soares seguiu directamente para a Rua da Emenda, onde o Secretariado Nacional do seu partido se encontra reunido a fim de examinar este primeiro contacto com o Presidente da República (Soares diria aos jornalistas que está prevista uma segunda volta). Ontem, o Secretariado havia também reunido a fim de preparar precisamente o encontro desta manhã em Belém.

Tanto quanto sabemos, os socialistas avançam com duas alternativas possíveis. Uma primeira aponta para um Governo de independentes, possivelmente com um primeiro-ministro não socialista, ao qual o PS garantiria apoio parlamentar; uma segunda passa por um maior envolvimento do partido no Governo, com um primeiro-ministro saído provavelmente das fileiras socialistas. Num e noutro caso, o PS conta com o apoio parlamentar dos deputados sociais-democratas independentes, embora estes façam depender a sua posição do que vier a ser decidido pelo Presidente da República.

A Mário Soares seguiu-se, em Belém, o dirigente do PSD, Sá Carneiro. Para a tarde estão marcadas audiências com Freitas do Amaral (CDS) e Álvaro Cunhal (PCP).

Págs. 6 e 7

• PSD e CDS exigem dissolução da Assembleia

As delegações do PSD e do CDS que se encontraram esta manhã, analisaram, de acordo com um comunicado distribuído ao princípio da tarde, «a actual situação institucional, política e partidária do País», reconhecendo «permanentes conflitos» entre os órgãos de soberania. Vêem ainda com «apreensão a instabilidade e impoetência governamentais crescentes», acusam outros partidos pela situação presente e, «neste espírito», entendem que a actual A.R. «não dispõe já de capacidade política, nem de autoridade moral para gerar ou, solidamente, apoiar governos democráticos».

Reclamam, por isso, a sua dissolução (como Mota Pinto) e a marcação de eleições gerais para Outubro, por não haver «solução possível, realista e patriótica para a crise», aspectos que, além de referidos no comunicado em questão foram, depois, desenvolvidos por Freitas do Amaral e Sá Carneiro, em separado, aos jornalistas.

NICARÁGUA

Manágua cercada pelos sandinistas

«Para os guardas nacionais não haverá lugar nos aviões em que fugiram os somozistas, quando o actual regime cair», declarou através da Rádio Sandino o sacerdote e poeta Ernesto Cardenal, num momento em que a Frente de Libertação Sandinista respondeu à declaração de «estado de sítio» com a intensificação da acção armada e a greve geral que se estende a toda a Nicarágua se reforça.

É certo que as bem equipadas forças de Somoza continuam a combater e que ainda se não verificou a conjunção dos combates armados e das greves na insurreição geral pretendida pelos guerrilheiros.

No entanto, Manágua parece estar a ser envolvida pela ofensiva sandinista. A rádio rebelde afirma que as colunas guerrilheiras se apoderaram das cidades de Esteli, Matagalpa, Chichigalpa, Leon, Sonotillo, Chinnandega e parte da província de Segovia. Durante toda a noite, travaram-se violentos combates em Masaya, uma cidade de 20 mil habitantes, tendo as posições rebeldes sido metralhadas pela aviação.

Na capital camiões cheios de soldados percorreram as ruas, onde a tensão cresce de hora para hora, tendo já eclodido conflitos em diversos bairros.

IRÃO

Nacionalizados todos os bancos

Todos os bancos iranianos foram nacionalizados, anunciou hoje o primeiro-ministro iraniano, Medhi Bazargan, numa alocução difundida pela «Voz da Revolução». Esta medida, que produz efeitos a partir de hoje foi tomada de acordo com o Conselho da Revolução.

Sector privado ao ataque

Trabalhadores querem saber a quem aproveita o caos na Marinha Mercante

Pág. 5

PRIMEIRO TORNEIO "UNIDADE" DE FUTEBOL DE SALÃO

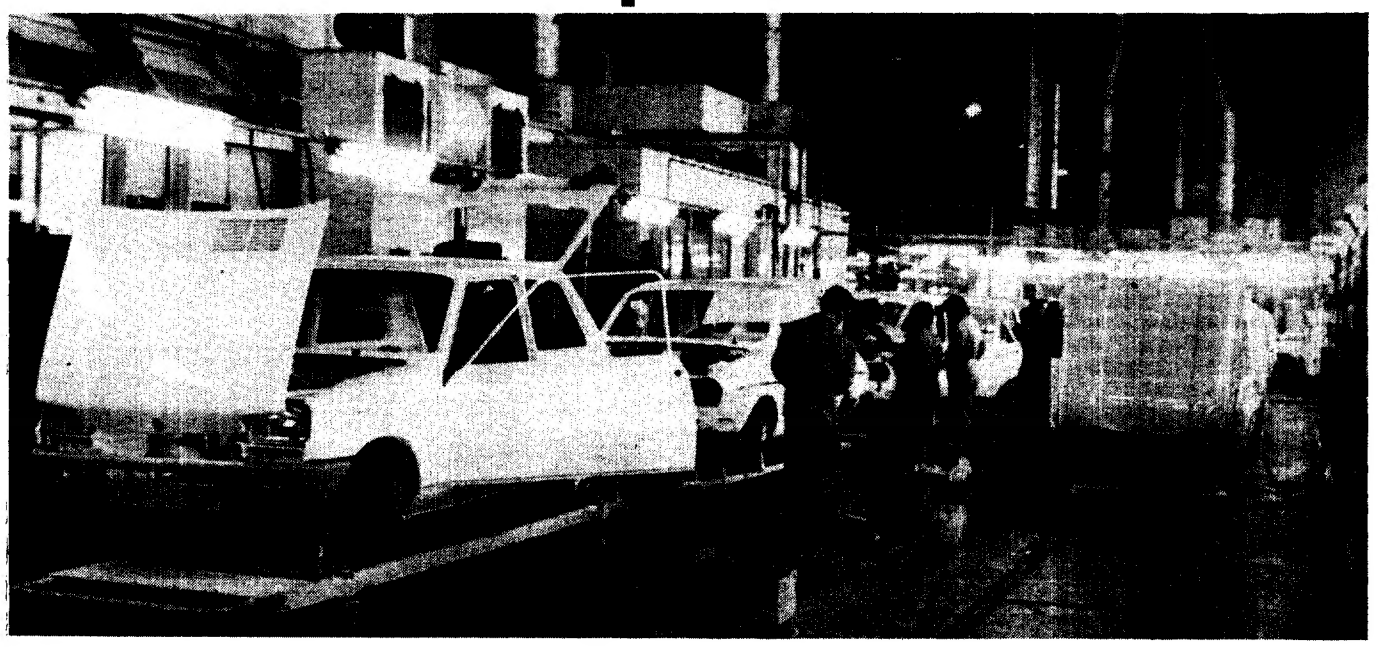
Organizado pela CT da "RG/DL"

Há já dezenas de equipas inscritas no grande torneio do «DL» (pág. 18)

HOJE HÁ sete PONTO sete

AMANHÃ NO "DL"

Renault da Guarda: que reconversão?



A Guarda está apreensiva quanto ao projecto de reconversão da única unidade fabril da Renault de momento existente em Portugal: Câmara, Comissão de Trabalhadores e CGTP local não caucionam o acordo assinado entre o Ministério da Indústria e a Régie com vista à instalação de uma fábrica virada para o mercado europeu. As razões são simples, como o leitor verificará amanhã e segunda-feira, através da reportagem que Júlio Rodrigues e José Tavares de lá trouxeram.

CONCURSO DL

HOJE 26.º CUPÃO

Caderno especial 1977

Hoje, no CADERNO ESPECIAL:

- **As eleições presidenciais: Eanes sucede a Costa Gomes**
- **«não devem ser os TRABALHADORES A PAGAR A CONTA DA SITUAÇÃO – declara Eanes ao «DL»**
- **Declarações de OTELO, OCTÁVIO PATO, COSTA GOMES**

ENTREGA DE COLECÇÕES

Recebemos algumas queixas dos nossos leitores por não ser possível a entrega pessoal das colecções do concurso. Com efeito, o Regulamento aprovado pelo Governo Civil de Lisboa prevê a entrega apenas através dos CTT, a fim de que fique demonstrado pela data do carimbo do correio que a entrega se fez dentro do prazo que o mesmo Regulamento prescreve.

O desejo do «DL» foi, como se deve calcular, evitar tanto quanto possível incómodos ao leitor, e pareceu-nos que, na impossibilidade de montar um complicado esquema de recepção directa em todo o País (Portugal não é só Lisboa...) era este o sistema mais cómodo, simples e barato para os concorrentes. Assim, agradecendo embora a boa intenção, pedimos aos nossos leitores que não tentem entregar directamente as suas colecções nos nossos serviços, e aos nossos agentes e vendedores que não façam também essa recepção, pois neste caso há só um caminho: o do correio.

VEJA A PÁG. 2

LISBOA, VERBO AMAR

Naquela hora nascia na Nazaré Nossa Senhora

Ia eu a sair do metropolitano no Saldanha, vinha ele a entrar. Então por estas bandas, que tal vai essa bizarria, a patroa e os miúdos bem?, enfim o trivial das amizades imperfeitas. Pode-se dizer que eu e o Batatinha nos vemos só quando o rei faz anos. Ou nem isso. Companheiros de Escola Comercial, viemos a divergir frontalmente: eu para o jornalismo, ele para o negócio das batatas, como intermediário, negócio que já era o do pai. Daí a alcunha.

Como a pressa não era muita, entrámos na **Versalhes**. O assunto, para tacitamente não enveredaremos pela confrontação política, andou por aqui, por ali e a certa altura, mulheres. Batatinha é o que se chama um castigador.

– Tu achas que eu sou um tipo sentimental? – perguntou a certa altura.

– Claro que não, pá. Ou sentimento ou negócio de batata...

– É. Mas há dias aconteceu-me uma coisa que às vezes dou por mim a perguntar se foi certo ou se sou eu a armar aos cágados.

Aconteceu-lhe que passou ali pelo Cais do Sodré, ofereceu uma cerveja a uma miúda, levou-a a cear e, logo que foi ajustado o negócio, para o hotel.

Chamava-se Guida. Ou dizia que se chamava, para o caso tanto faz. Via-se que andava naquilo há pouco tempo. Um tipo habituado a comprar fruta percebe quando ela é apanhada do chão ou colhida da árvore.

Chegados ao quarto, a Guida logo se despiu e se deitou. Como estava muito calor, cobriu-se apenas com o lençol. O corpo franzino era uma estátua jacente.

– Já venho, sim? – disse o Batatinhas. E meteu-se na casa de banho.

É um tipo metódico que nunca deixa de fazer a mesma coisa. Antes de se deitar tem de esfregar cuidadosamente as duas próteses, lavar o resto dos dentes, lavar depois a cara e aplicar umas besuntadelas de creme para amaciar a barba. Tudo isto leva seu tempo. Só não lhe chamo ritual porque há certas palavras que não ligam bem com os hidratos de carbono. São hábitos, simplesmente. Ou manias.

Quando voltou ao quarto, quedou-se contra a ombreira da porta:

– Bonito. Só me faltava esta.

A Guida, na paz do Senhor, dormia. A primeira resposta do Batatinha foi arrancar-lhe o lençol e vamos a isso. Mas não o fez. Levantou-o como se despelasse uma batata bem cozida. Guida não acordou. Mal respirava.

– O jantar deu-lhe na fraqueza, foi o que foi – pensou o homem.

Deitou-se despido a seu lado. De vez em quando fazia-lhe uma festa no cabelo ou beijava-lhe os ombros, a tentar a sorte. Nada. Acabou por adormecer, na esperança de que lá mais para diante, enfim.

Quem acordou foi ele. Eram seis horas. Com mil demónios! Tinha de apanhar o comboio das sete para Torres Novas. Vestiu-se num abrir e fechar de olhos. Deixou-lhe a nota em cima da mesa. Apagou a luz. Da porta ainda voltou os olhos para a cama. O corpo, imóvel.

– E agora, rapaz – acabou o Batatinha – achas que estou a ... a perder qualidades?

– Acho que não. Se estiveres, é a ganhá-las.

– Quê?

– Nada. Tolices. Deve ter sido um milagre.

– Qual milagre?

– Também já houve um lobo que se tornou manso naquela hora em que nasceu Nossa Senhora.

– Lá vens tu...

– Palavra. Pergunta ao Augusto Gil.

Rais ma parta! Só me faltava esta de um Batatinha franciscano. Aliás para confirmar a minha teoria de que todo o homem tem uma costela – de homem.

Mário Castrim

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Dirigentes do PS depõem a favor de Antónia Palla

Belgas e canadianas apoiam a jornalista

Dois dirigentes do Partido Socialista depuseram ontem em abono de Maria Antónia Palla no julgamento em que esta jornalista está a responder por alegado incitamento ao aborto.

João Gomes, deputado e antigo secretário de Estado da Comunicação Social, e Arons de Carvalho, do Secretariado Nacional do PS, foram unânimes em considerar que o filme que está na base do processo nada encerra que permita deduzir aquela acusação.

Para João Gomes, trata-se antes de uma obra «sincera, animada pela vontade de responder aos anseios das mulheres portuguesas». Lembrou, aliás, ter abordado em editorial, enquanto director do «Diário de Notícias», o tema do aborto.

Por sua vez, Arons de Carvalho atribuiria ao jornalista um papel de alertador de consciência para «os problema» que afectam o País e de contributo «para a alteração e melhoramento das leis em vigor».

«O jornalista – acentuou o dirigente socialista – deve ser um crítico das leis.»

Entretanto, cerca de quarenta pessoas, na sua maioria mulheres, manifestaram-se na quarta-feira, à noite, em frente da Embaixada de Portugal em Bruxelas, para protestarem contra as perseguições de que é actualmente vítima Maria Antónia Palla, jornalista portuguesa.

Maria Antónia Palla, cujo processo está a ser julgado, é acusada pela justiça portuguesa de atentado à moral e aos bons costumes e de incitação ao crime por ter participado em 1976 na realização de uma emissão televisiva intitulada «O aborto não é crime».

A manifesta ão decorreu sem incidentes, tendo sido entregue, no final, um protesto a um diplomata da Embaixada.

Também no Canadá, cento e sessenta organizações de mulheres manifestaram-se contra a legislação repressiva do aborto que ainda existe em Portugal.

O Comité Nacional para a Defesa dos Direitos das Mulheres do Canadá, que integra essas organizações, comunicou essa posição à jornalista Jill Jollifee, correspondente em Lisboa, que recentemente publicou um artigo no jornal «The Toronto Globe and Mail» sobre o julgamento da jornalista Maria Antónia Palla.

As mulheres canadieanas saudam a jornalista portuguesa e apoiam as mulheres de Portugal no seu direito de «controlar o próprio corpo».

Comissão de inquérito à situação no "DP" reúne-se segunda-feira

A comissão de inquérito à situação no «Diário Popular» foi já nomeada pelo Conselho de Informação para a Imprensa, na sequência das anteriores deliberações de crítica pela suspensão do jornalista António Rego Chaves.

A comissão reunir-se-á na próxima segunda-feira, constituída por Jorge Galamba (PS), Pedro Temudo de Castro (PSD), João Pulido (CDS), Fernando Correia (PCP) e Nuno Crato (UDP).

Como tem sido noticiado, Rego Chaves foi alvo de um processo disciplinar instaurado pelo conselho de gerência daquele vespertino lisboeta por ter criticado, num colóquio, a actuação da direcção do jornal, presidida pelo jornalista Pacheco de Andrade.

Criada Divisão de Publicações para emigrantes

Um decreto conjunto dos Ministérios das Finanças e do Plano e dos Negócios Estrangeiros, hoje publicado na folha oficial, cria a Divisão de Publicações, dependente do Instituto de Emigração. Segundo se pode ler no preâmbulo do diploma, compete ao novo organismo «assegurar a elaboração de publicações periódicas e não periódicas destinadas aos emigrantes; promover a distribuição e difusão das publicações junto das comunidades portuguesas; e fornecer material informativo às publicações em língua portuguesa existentes no estrangeiro».

CONTROLO DE CRÉDITO PARA RETORNADOS

Entretanto, um diploma dimanado dos Ministérios das Finanças e do Plano e da Administração Interna, também hoje inserto no «Diário da República», determina a criação da Direcção do Crédito Cifre, na Secretaria de Estado das Finanças, um organismo destinado ao apoio dos retornados das ex-colónias.

São as seguintes as atribuições daquela Direcção: elaborar os estudos necessários ao planeamento e controlo das operações de crédito; efectuar a gestão dos fundos de financiamento; estabelecer com outras entidades, designadamente com as instituições bancárias, as ligações necessárias à prossecução dos programas de crédito; acompanhar, conjuntamente com as instituições bancárias, a evolução dos empreendimentos financeiros: e adoptar todas as medidas que considerar adequadas à recuperação dos capitais mutuados.

Reuniões de trabalho OIJ-Sindicato dos Jornalistas

Chegam a Lisboa no próximo domingo dois dirigentes da Organização Internacional de Jornalistas (OIJ) para contactos com o Sindicato dos Jornalistas.

Gerard Gatinot, vice-presidente da OIJ e dirigente do Sindicato dos Jornalistas Franceses, integrado na central sindical CGTP, e B. Sakharov, secretário da OIJ para as questões europeias, permanecerão em Portugal até ao próximo dia 12.

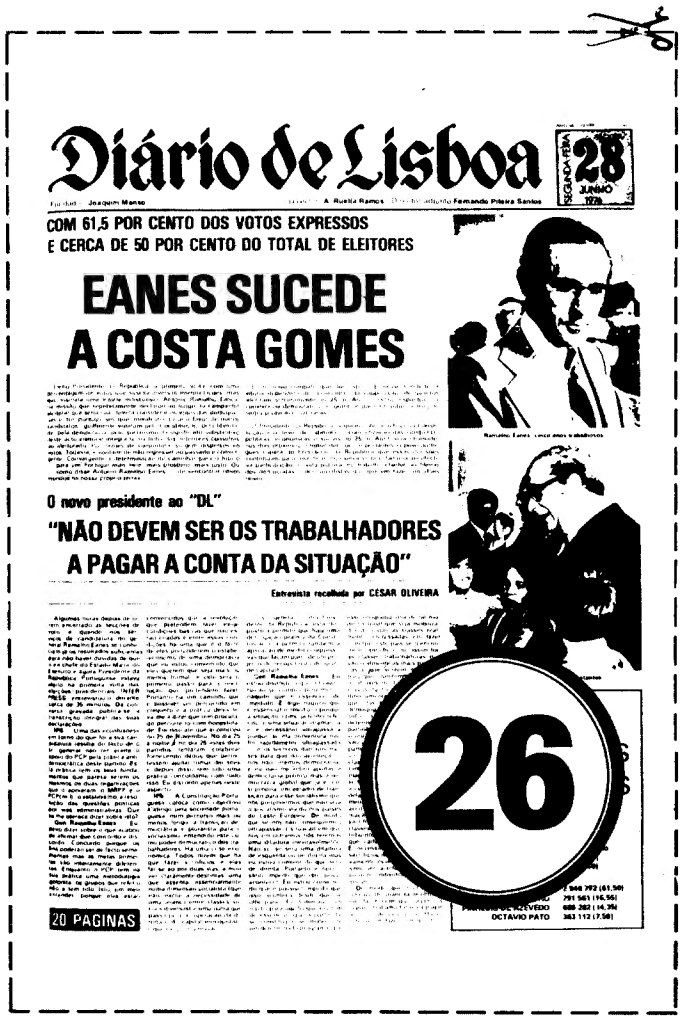
A direcção do Sindicato dos Jornalistas, o qual tem na OIJ o estatuto de observador permanente, terá reuniões de trabalho com aqueles dirigentes da OIJ, uma das duas organizações internacionais dos jornalistas. A outra é a FIJ.

Entretanto, a direcção sindical dos jornalistas estará presente, de 2 a 4 de Julho, na reunião do Comité de Capri, um dos principais encontros, a nível mundial, das organizações dos jornalistas. A delegação portuguesa será constituída por Maria Antónia Palla, vice-presidente da direcção, e Fernando Cascais, secretário.

Prémios "Feira do Livro"

Os jornalistas Meira da Cunha e Alberto Peixoto, ambos do vespertino «A Capital», venceram o concurso «O melhor texto e a melhor foto sobre a Feira do Livro», cujos prémios são, respectivamente, cinco mil escudos (texto) e três mil escudos (fotografia).

Aquele concurso é uma iniciativa da Associação Portuguesa dos Editores e Livreiros.


Diário de Lisboa

SEGUNDA-FEIRA 28 JUNHO 1976

COM 61,5 POR CENTO DOS VOTOS EXPRESSOS
E CERCA DE 50 POR CENTO DO TOTAL DE ELEITORES

EANES SUCEDE A COSTA GOMES

O novo presidente ao "DL"

"NÃO DEVEM SER OS TRABALHADORES A PAGAR A CONTA DA SITUAÇÃO"

Entrevista recolhida por CESAR OLIVEIRA

26

20 PÁGINAS

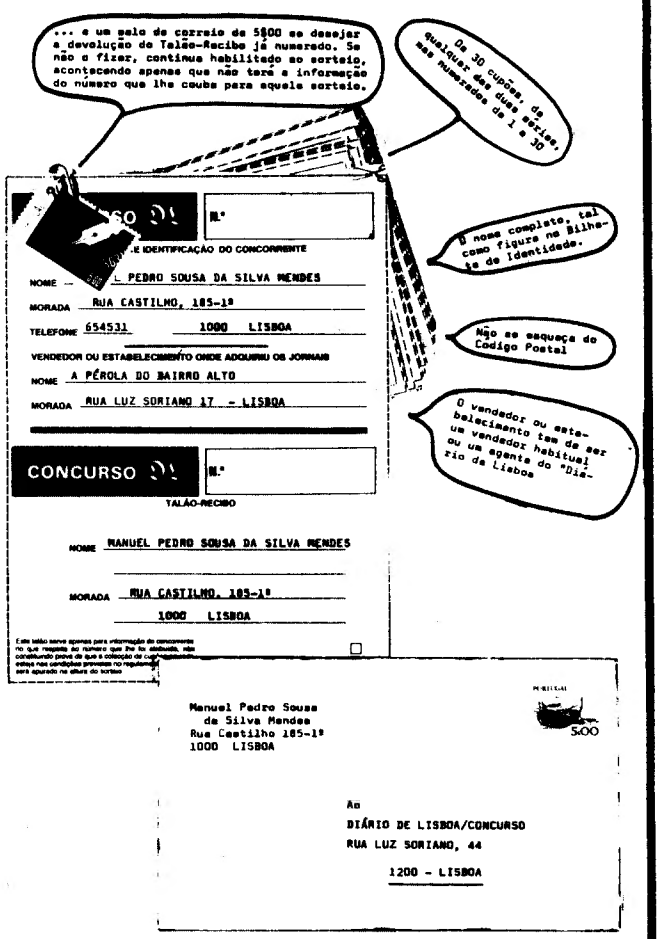
CONCURSO

Recorte e guarde este cupão bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação que será publicado diversas vezes durante o período do concurso.

Envie a sua colecção até 14 de Agosto

Uma vez recortados os 30 cupões e preenchido o Boletim de Indentificação, envie a sua colecção pelo correio.

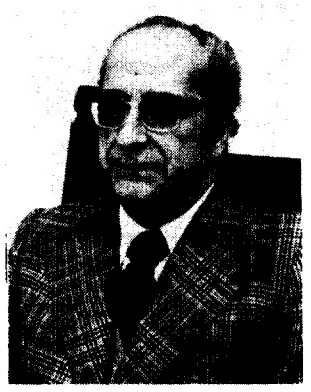
É simples e cómodo!



ATENÇÃO:

* **Pode enviar as colecções que desejar, mas só uma em cada envelope;**
* **Envio obrigatório pelo correio e só pelo correio.**

ponto a ponto



«Pelo seu papel de incansável lutador pela Paz», o general Costa Gomes foi distinguido pela Câmara Municipal de Portimão com a medalha de ouro da cidade. A condecoração será entregue brevemente, durante a sessão na CM local, promovida pelo Conselho Português para a Paz e a Cooperação, e em que deverão falar, além de Costa Gomes, Carlos Candal e Silas Cerqueira.

Leonel Brizola vai esperar a amnistia para aregressar ao Brasil – disse o próprio, ontem, em conversa telefónica com parlamentares estaduais, segundo notícia de Porto Alegre veiculada pela Anop. Brizola não quer que o seu regresso ao Brasil seja «um acto inconsequente»: «Desejo que o meu regresso ao Brasil seja um elemento construtivo para a recuperação das liberdades democráticas em nosso país e para a reorganização política do nosso povo» – acentuou o político, actualmente exilado. O antigo governador do Rio Grande do Sul acrescentou, todavia que se a amnistia for adiada, «então, não me restará outro caminho senão regressar da mesma maneira».

O general Lemos Ferreira, chefe fo Estado-Maior da Força Aérea, visitou ontem a Esquadra de Detenção, Alerta e Conduta de Intercepção n.º12, em Paços de Ferreira. A visita enquadrou-se no âmbito das reuniões de trabalho com o pessoal civil e militar que o CEMGFA tem vindo a realizar, uma vez por ano, nas unidades da Força Aérea. Lemos Ferreira foi acompanhado pelos sub-chefes do Estado-Maior para a Logística e para o Pessoal, general Casimiro Proença e brigadeiro Ferreira de Almeida. Anteontem, Lemos Ferreira tinha estado na Base Aérea n.º 5, em Monte Real.
Nos próximos dias 11, 12 e 13, o CEMFA estará na Base da Terceira, nos Açores.

O economista Vitor Constâncio, do PS, falará hoje a partir das 16 horas, no Auditório I da FIL sobre «A Economia Portuguesa Face às Comunidades». A conferência é promovida pela Associação Industrial Portuguesa e pelo Secretariado para a Integração Europeia.

O ministro da Educação e Investigação Científica, Valente de Oliveira, vai representar Portugal na 11.ª sessão da Conferência Permanente dos sinistros da Educação dos países do Conselho da Europa, que se realiza em Haia, Holanda, de 11 a 13 do corrente. Estará em debate o tema «A Educação e a Igualdade de Oportunidades das Jovens e das Mulheres». A restante ordem de trabalhos refere-se a temas como Cooperação Europeia em matéria de Educação, Sociedade e Estudos Científicos, Matemáticos e Tecnológicos, e Educação de Emigrantes.

À ESPERA DO QUINTO (2)

ANTONIO VITORINO

1. O anúncio público feito pelo Partido Socialista da apresentação de uma moção de censura ao Governo Mota Pinto, logo seguido de idêntica atitude por parte do Partido Comunista, abriu, como era previsível, uma nova fase no necessário e imparável processo de derrube do actual governo e sua substituição a curto prazo.

Está pois plenamente na ordem do dia a discussão não apenas em torno das formas de substituição do actual executivo, mas sobretudo da resposta que as forças políticas e os órgãos de soberania têm que dar perante esta nova fase da crise governamental portuguesa crise essa que se arrasta desde há largos meses.

Vimos em anterior artigo (DL de 31 de Maio) que a sucessão do 4.º Governo, procedido ao seu afastamento nos termos e segundo os mecanismos constitucionais, pode dar origem, no essencial, a uma de duas soluções: ou a dissolução da Assembleia da República e consequente convocação de eleições intercalares, ou a formação de um quinto governo constitucional com apoio parlamentar expresso.

A opção por uma de tais soluções, a própria configuração objectiva de cada uma delas, apresentam-se, neste momento, ainda bastante indefinidas. Com efeito, a fazer fé nas declarações públicas que os dirigentes partidários e o Presidente da República têm vindo a proferir nos últimos tempos, a tese de eleições intercalares conta apenas com o apoio público da direita (PSD e CDS) entusiasmada com a possível formação de uma frente eleitoral depois do próximo Congresso do já pacificado PSD; por seu turno a tese da formação de um quinto governo constitucional parece contar com o apoio do PS e dos sociais-democratas independentes; o Presidente da República, até ao momento, apenas exprimiu as suas reservas à convocação de eleições intercalares.

Ambas as soluções (5.º governo e eleições intercalares) são claramente constitucionais, e ambas, de igual forma, **permitem retomar a normalidade democrática, e constitucional, fechando espera-se que definitivamente, o período de governos formados sob a iniciativa e moldados à vontade política do Presidente da República, à margem dos partidos parlamentares.**

Contudo, a opção que vier a ser tomada decerto terá muito a ver com as seguintes linhas de força: a) **redefinição de uma modalidade de «convivência civilizada» entre o PS e o Presidente da República;** b) **estratégia do Partido Socialista com vista aos próximos actos eleitorais** (nomeadamente legislativas e presidenciais): c) **conjuntura internacional** expressa sobretudo nos desígnios de norte-americanos e alemães federais.

A prudência com que o PS tem vindo a abordar a temática do 5.º governo, remetendo para o Presidente da República não só o essencial da iniciativa de resolução da crise governamental, mas também uma palavra fundamental quanto ao seu empenhamento pessoal na prática governativa do futuro executivo, revela-nos que na Rua da Emenda se tem a consciência de que o equilíbrio instável em que vivemos actualmente não constitui, à partida, base suficientemente sólida pará erguer um executivo capaz política e tecnicamente.

Concretizando: o PS rejeita claramente as eleições intercalares como solução a adoptar em primeira instância; **logo apoia a formação de um quinto governo desde que este não seja de iniciativa presidencial. Mas simultaneamente não pretende fazer parte do governo,** dadas as decisões do seu 3.º Congresso. Contudo, **não quer deixar de ter uma palavra decisiva sobre a governação até 1980.** O que significa que, das entrelinhas do que têm dito os dirigentes do PS, **é lícito inferir-se que este partido preconiza a formação de um governo «despartidarizado» na sua composição, mas apoiado partidariamente no Parlamento pelo eixo PS/sociais-democratas independentes, mediante um acordo programático de incidência parlamentar. Após** o que seria de encarar uma forma de «atrelar» pelo menos o PCP a este governo, através de um acordo paralelo sem incidência governamental, mas apenas com repercussões em aspectos parcelares (como seja a Reforma Agrária, por exemplo).

A solução, em todo o formalismo que encerra, não deixa de ser engenhosa. Resta saber se o que precisamos é de um governo engenhoso...

2. Politicamente, tendo em vista a consolidação das instituições democráticas e a imperiosa necessidade de encontrar uma solução governativa que enfrente de imediato os momentosos problemas com que o país se debate, a formação de um 5.º governo constitucional, com apoio parlamentar expresso, parece-nos revestir-se de algumas vantagens em relação às eleições intercalares.

Contudo esta opinião não é válida para qualquer tipo de go-

Continua na pág. 4

JOÃO PAULO II E O FASCISMO

Noticia e imagens da visita de João Paulo II ao campo de morte de Auschwitz não poderão ser ignoradas neste «jardim da Europa à beira-mar plantado». E nenhuma laranjeira fragrante, nenhuma acácia olorosa, disfarçarão o nauseabundo cheiro das câmaras de gás e dos fornos crematórios. Nenhum esquecimento é possível em relação à violência, à opressão, ao crime contra a pessoa humana e contra a Humanidade que o fascismo foi. Que o fascismo é. Sem necessidade de abarcar um continente com anéis de fogo, ou de escravizar um país, asfixiar uma nação, perseguir uma raça, separar da Cultura e da Civilização uma parte da Humanidade, o fascismo, cuja presença na alma de alguns é uma ameaça e que de algumas secções da classe dominante é um produto de natural secreção, uma afirmação de domínio e de desespero, existiu, existe. Foi um crime. É um crime contra a Liberdade e o Homem. Contra a liberdade dos homens.

O cidadão polaco que é hoje Papa sofreu na própria carne a opressão nazi, a agressão e humilhação hitlerianas da Polónia. Wojtila é um patriota polaco que cristamente vivia a vida do seu povo. Cristão, mas homem entre os homens. E como homem cristão respeitado pelos seus concidadãos.

A prece que rezou em Auschwitz, o beijo no solo da cela onde morreu, sucumbindo ao sofrimento moral e à tortura física, o padre Maximiliano Kolbe, as flores vermelhas e brancas que colocou nesses lugares, que, de sombria memória, são o testemunho de que o homem que preside à Igreja Católica sabe, pela sua experiência pessoal e nacional, que o fascismo existiu.

E não será motivo de surpresa que João Paulo II, no seu diálogo com os homens, não esqueça o crime contra a Humanidade que o fascismo foi, não esqueça o crime contra a Liberdade que o fascismo é.

SITUAÇÃO POLITICO-MILITAR

O semanário «O Jornal» refere hoje que a presença do general na reserva Horácio Sá Viana Rebelo, «responsável pelos célebres decretos que deram origem ao Movimento dos Capitães» como promotor de Justiça, num processo do general Schultz, se explica pelo facto de que o general Francisco da Costa Gomes «teria sido preterido pelo Estado-Maior do Exército por motivos políticos».

Neste jornal já tínhamos aludido à curiosa coincidência de um antigo ministro do regime deposto em 25 de Abril actuar no julgamento de outro antigo ministro do regime deposto em 25 de Abril. Tudo em família...

E esta coincidência não pode passar sem uma anotação amarga, quando sabemos que, discretamente, um homem do 25 de Abril, o major Otelo Saraiva de Carvalho, no próprio momento em que era absolvido pelo V Tribunal Militar da acusação infundada de «roubar documentos», é sujeito ao julgamento de um verdadeiro tribunal de excepção: o Conselho Superior de Disciplina Militar.

O Conselho Superior de Disciplina Militar não é um tribunal secreto pela sua composição. Constituem-no os generais Frederico Alcide de Oliveira, que preside, Lopes dos Santos, Algeos Ayres, Leão Correia, que são os vogais, e Nunes da Silva, que exerce a função de general relator. Mas secreta é a natureza do processo, e secreto, o parecer que será presente ao Chefe do Estado-Maior do Exército e que, de algum modo, o vincula.

O major Otelo é acusado, neste processo especial, por ter escrito algumas páginas menos reverentes, respeitadoras e agradecidas para a hierarquia militar no seu livro «Alvorada em Abril», por ter estado presente num congresso de carácter político, por ter enviado ao Tribunal Russell uma mensagem que o «Diário de Lisboa» publicou.

Não são actos indignos, estes. Não são actos que ponham em causa a sua ética, como cidadão e como militar, as suas qualidades de guerreiro, as suas aptidões como militar, a sua capacidade de comando. Difícil será a quaisquer generais oporem-se, como exemplos militares, ao homem que no P. C. da Paiã (P. C., leia-se: Posto de Comando) dirigiu, efectivamente, a movimentação militar que desbaratou, sem combate os defensores do regime moribundo e reduziu ao ridículo a hierarquia militar servidora dos Governos do «Estado Novo».

Ouvido já em duas sessões do Conselho Superior de Disciplina Militar (31 de Maio e 1 de Junho), o major Otelo Saraiva de Carvalho pode ser objecto, de um dia para o outro (o prazo para elaboração do parecer secreto é de 5 dias), de uma medida de passagem compulsiva à reserva ou de separação de serviço.

A vida militar de Otelo está nas mãos do general Pedro Cardoso, Chefe do Estado-Maior do Exército. E não podemos deixar de estar apreensivos sabendo, como sabemos, que o general Horácio de Sá Viana Rebelo, antigo secretário de Estado de Salazar, antigo ministro da Defesa de Marcello Caetano, é chamado à função de promotor de Justiça de um Tribunal Militar.

Estes factos causam alarme público. Pela sua natureza contribuem para deteriorar a situação político-militar. Empalidecem prestígios. Desmentem palavras. Não podem ser facilmente explicados.

E à luz deles – é preciso dizê-lo sem meias-palavras – compreende-se que tenham desejado uma «amnistia criminal» os que intentam prosseguir com os processos de natureza «estatutária» e «disciplinar».

Criminalmente, não seria possível eliminar das Forças Armadas oficiais que irão sendo ceifados, um a um, pelo Conselho Supremo de Disciplina Militar. Em contrapartida, a «amnistia criminal» liquidaria a culpabilidade dos responsáveis e dos praticantes das acções insurreccionais de «11 de Março».

Estamos, portanto, perante casos preocupantes e uma situação político-militar que, por comodidade de expressão, consideraremos confusa. E de certo modo o é: já se confunde quem se bateu em Abril com os adversários de Abril. Uma Revolução que não sabe designar o inimigo principal é uma Revolução em perigo.

Abril está em perigo. E não só porque na sociedade civil o Verão se anuncia quente.

PODER LOCAL

Mil e quinhentas crianças acampam na Quinta do Álamo

• Seixal comemora AIC com música, teatro e provas desportivas

Amanhã e depois, na Quinta do Álamo, no Seixal, efectua-se um grande acampamento (1500 crianças) integrado nas comemorações do Ano Internacional da Criança, promovido e orientado pela Comissão Coordenadora Concelhia.

Semelhante actividade visa proporcionar a todas as crianças do concelho momentos de alegria e convívio, bem como alertar todos os adultos e organismos do poder central para a necessidade de criar estruturas para a ocupação dos tempos livres da criança.

No âmbito dessas estruturas, as crianças sentir-se-iam acompanhadas e livres, permitindo-se-lhes um crescimento mais saudável e um conhecimento das suas possibilidades e da vida em grupo, desenvolvendo sentimentos de verdadeira amizade e solidariedade, começando, enfim, a viver unidos na construção de um mundo melhor.

REGULAMENTO

Cada criança (campista por dois dias) deverá levar o respectivo talher, constituído, como é óbvio, por prato, garfo, faca, colher, copo e guardanapo.

Alimentação: almoço (se chegar antes do meio-dia), jantar de sábado e almoço de domingo.

O pequeno almoço será fornecido pela organização.

Os campistas deverão levar ainda consigo um ou dois cobertores e utensílios de higiene pessoal (pijama, toalha, etc.).

Quando a criança chegar ao local do acampamento deverá seguir as placas de sinalização e dirigir-se à Secção de Informações, localizada à entrada do pinhal.

Aí receberá a indicação da tenda onde irá dormir – e onde também depositará os objectos pessoais.

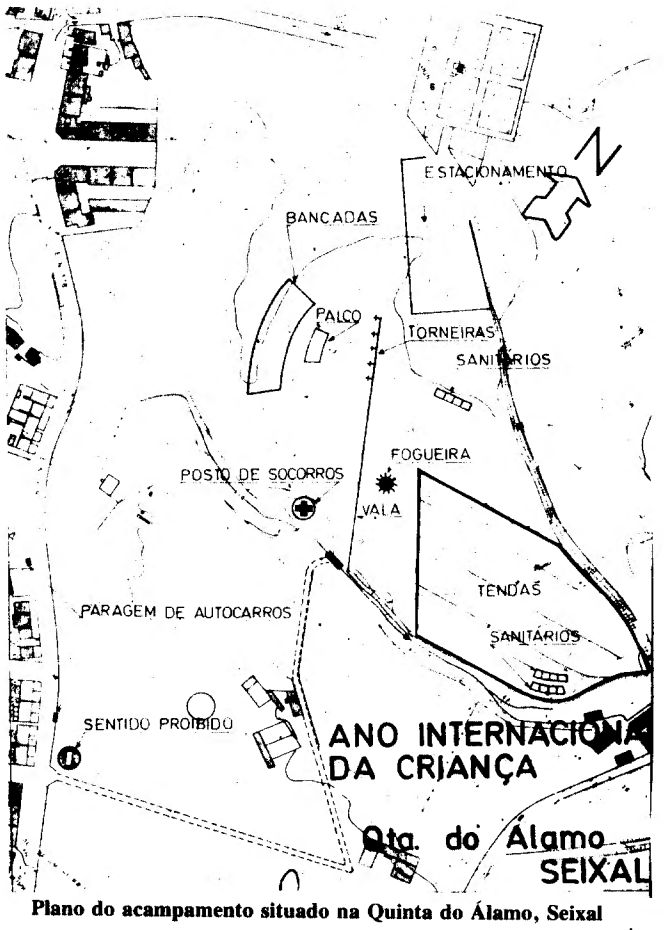
Importante: não é permitido sair do local do acampamento sem autorização dos responsáveis. Se, por qualquer motivo, alguma criança sair com os pais ou outros familiares, deverá da mesma forma avisar os responsáveis.

PROGRAMA

Eis o programa do acampamento destinado a cerca de mil e quinhentas crianças (número previsto):

Amanhã – 9 horas, abertura do acampamento; 12, almoço/convívio; a partir das 15, Coro Infantil de Mira-Sintra, palhaços (irmão Giró e Flá), Escola de Música Infantil da Sociedade Filarmónica União Seixalense, actividades recreativas; 19, jantar/convívio; 21, fogo de campo; e 23, recolha às tendas.

Domingo – 8 e 30, alvorada; 9 horas, pequeno almoço; 10, manhã desportiva, orientada por animadores desportivos provenientes das organizações populares; 12, almoço/convívio; 15, teatro de fantoches, Coro Infantil do Alto do Moinho e canto livre; 17, encerramento.



Plano do acampamento situado na Quinta do Álamo, Seixal

À ESPERA DO QUINTO (2)

Continuação da pág. 3

verno. A formação de um quinto governo constitucional, que tenha por missão completar a legislatura, logo estar em funções até 1980, pressupõe, em nosso entender, para que a sua gestão possa ser eficaz e constitucional, **significativas alterações nas posições dos principais partidos políticos ou movimentos de opinião** que de uma forma ou de outra parecem apostados em apoiarem uma tal solução, alterações essas que ainda não demonstraram cabalmente estarem dispostos a aceitar.

Um quinto governo só poderá constituir alternativa viável ao actual executivo desde que nos seus pressupostos políticos e programáticos figurem claros os motivos que levaram ao derrube do gabinete Mota Pinto. De entre esses motivos, como assinala o documento da Comissão Nacional do PS, **destacam-se a prática anticonstitucional, a actuação prepotente, propensamente autoritária e cravejada de flagrantes ilegalidades,** nomeadamente no domínio da Reforma Agrária, **a clamorosa incompetência técnica, a prossecução de uma política de sujeição aos interesses geoestratégicos do imperialismo.**

Da clarificação destes motivos deve inferir-se que a credibilidade, eficácia, constitucionalidade e apoio popular a um eventual quinto governo depende, em primeira instância, da afirmação e do compromisso claro daqueles que estão dispostos a apoiar tal governo de que **a sua acção política implicará uma rotura com o tipo de política deste 4.º governo,** assente nos seguintes pontos fundamentais:

a) **Definição de um programa (e naturalmente de uma composição) conformes ao espírito e à letra da Constituição da República;**

b) **Procura insistente de um apoio parlamentar e extra-parlamentar maioritário que agrupe em torno de uma plataforma conjunta todas as forças de centro e de esquerda que se revêem no essencial do projecto constitucional;**

c) **Afirmação de uma prática política quotidiana de diálogo com as organizações representativas dos trabalhadores e com as forças de esquerda no seu conjunto;**

d) **Definição de uma política externa de não-alinhamento e de descomprometimento com a estratégia do imperialismo,** nomeadamente no que diz respeito ao nosso papel no Conselho de Segurança da ONU.

Estes são, pois, em nosso entender, os pressupostos mínimos, em termos muito gerais, para que um quinto governo possa, apesar do curto espaço de tempo que nos separa de 1980, enfrentar com resultados positivos e com o apoio popular significativo, o período político em que vamos entrar neste final de década.

A formação de um eventual quinto governo, a sua sustentação nos referidos pressupostos políticos, depende, sobretudo, **da vontade política do Partido Socialista.** Vontade política que não parece ainda completamente clarificada no momento em que escrevemos, sendo até contraditórias algumas declarações de dirigentes seus, o que faz pressupor que no seu seio ainda subsistem leituras distintas sobre o nosso futuro político próximo.

A prática anterior do PS no exercício de funções governativas constitui, logo à partida natural motivo de suspeição. E parece-nos manifestamente evidente que «o esforço de reflexão e autocrítica empreendido por aqueles que tomaram consciência de compromissos injustificáveis, erros e cedências à Direita que no passado se verificaram «(Eduardo Prado Coelho n'O Jornal» explicando a sua adesão ao PS) não constitui por si só penhor da intenção do Partido Socialista deromper com essa sua prática governativa anterior e empenhar-se decididamente numa actuação política ditada essencialmente pelos interesses nacionais, nomeadamente dos trabalhadores portugueses.

Contudo, é de admitirmos ainda o benefício da dúvida...

3. Ficamos pois à espera do quinto governo... Mas importa acima de tudo salientar que o que está em jogo não é simplesmente a formação de um novo governo. As decisões que vierem a ser tomadas nomeadamente pelas forças poíticas e pelo próprio Presidente da República, não deixarão de ter profundas implicações no futuro a curto/médio prazo desta nossa conturbada vida política.

Está em causa não apenas uma estabilidade governativa transitória mas a própria solidez institucional do regime democrático. Está em causa a exequibilidade do projecto constitucional e a salvaguarda dos interesses da esmagadora maioria do povo português.

Por isso, a formação de um quinto governo constitucional representa uma pesada responsabilidade para quem nele se empenhar.

Caso o quinto governo, nos seus pressupostos políticos e na sua própria composição, não possa ou não queira vir a preencher os requisitos de ordem programática que enunciamos atrás, **então naturalmente não restará outra alternativa que não sejam as eleições intercalares, com todos os elementos negativos que comportam, mas também com a genuidade que lhes é inerente enquanto expressão da vontade do povo português.**

Moradores de Vila Franca exigem aplicação imediata da Lei das Finanças

As Comissões de Moradores do concelho de Vila Franca de Xira, reunidas em plenário, exigiram que a Lei das Finanças Locais «seja imediatamente posta em prática», acabando-se assim com uma situação ilegal que foi um dos pontos fortes do ex-Governo Mota Pinto.

A moção, aprovada por unanimidade e aclamação, aconselha que a Assembleia da República «se debruce o mais rapidamente possível sobre as propostas de lei da Delimitação de Competência entre o Poder Central e o Poder Local», aprovando uma lei que «concretize uma verdadeira e efectiva descentralização e autonomia do Poder Local».

Passagem de nível da Parede

A constante perda de vidas na passagem de nível da Parede é uma das preocupações da Assembleia de Freguesia.

A fim de se encontrar uma solução, efectuou-se uma reunião especial, aberta a todas as intervenções.

O resultado da reunião foi comunicado às entidades competentes.

AIC em Benfica

A comissão local para comemoração do Ano Internacional da Criança da freguesia de S. Domingos de Benfica, constituda por vários organismos, vai efectuar uma festa destinada às crianças ao longo de todo o dia 10 de Junho, no Largo de Sete Rios, em frente ao Jardim Zoológico.

Eis o programa:

De manhã – feitura de fantoches, actuação dos mesmos, audição do Grupo Musical Infantil e piquenique com bebidas oferecidas; de tarde – teatro pelos alunos da Escola Primária n.º 120, cantigas e palhaços.

No sábado (dia 9), em Queluz-Ocidental, também o Grupo Unitário de Mulheres, da zona «A», leva a efeito um programa de manhã, de provas desportivas, igualmente integrado no Ano Internacional da Criança.

Comissão Regional de Turismo do Algarve

Os presidentes socialistas de quinze das dezasseis Câmaras de distrito de Faro reuniram-se com o adjunto do secretário nacional para a Organização Socialista, Miranda Calha.

Na reunião foi debatida a ratificação do decreto-lei que reestrutura a Comissão Regional de Turismo do Algarve (CRTA).

O encontro, que durou cerca de cinco horas, foi classificado por um porta-voz do Partido como «de rotina», tenso sido admitido, contudo, que nele foi focado o problema da sucessão do actual presidente da CRTA.

Os presidentes dos Municípios reuniram-se, posteriormente, no Governo Civil de Faro a fim de anunciarem a sua posição sobre os nomes indigitados pelo secretário de Estado do Turismo para preenchimento do referido cargo.

Governo demissionário tenta nomear mais gestores para a Banca

António de Almeida, secretário de Estado do Tesouro do Governo demissionário, segundo corre em certo círculos bancários este estaria ainda na disposição de nomear os gestores que faltam para a banca, no que recebeu a discordância de Jacinto Nunes que se recusou a apresentar os nomes a Mota Pinto. Estas diligências do SET foram feitas já depois do Governo estar demissionário. O nome do secretário de Estado do Tesouro, António de Almeida, e a sua acção como gestor está a levantar larga controvérsia na UBP (União de Bancos Portugueses), que como se sabe, é constituída pelo Banco Pinto Magalhães, Banco da Agricultura, e Banco de Angola. Seria este o de menor envergadura financeira o mais beneficiado pela fusão e pela existência de António de Almeida como presidente da UBP.

Preocupações como estas estiveram presentes num jnatar recente, realizado na FIL, por cerca de duas centenas de bancários da UBP que homenagearam Ramos da Costa, o único gestor que foi irradiado da UBP sem seguir para outro banco. Esta atitude é considerada por largos sectores daquele banco como uma espécie de «saneamento» da responsabilidade exclusiva da SET.

Especuladores condenados

PORTO, 8 – Grupos de populares facilitaram a fuga de uma vendedeira de bananas, acusada de especular com os preços e detida, nesta cidade, por agentes da Direcção-Geral de Fiscalização.

Os fiscais foram agredidos, embora sem gravidade, e uma das populares detida e entregue à PSP, de quem também conseguiu escapar-se.

Na mesma altura, e pelo mesmo crime, foram detidas as vendedeiras ambulantes Maria de Fátima Ferreira de Jesus e Domizília dos Santos. Apresentadas a tribunal, a primeira foi condenada a 20 dias de prisão e sessenta escudos por dia, três mil escudos de multa, no total de quatro mil e duzentos escudos, tendo apanhado pena suspensa por três anos.

Domizília foi condenada a 30 dias de prisão a sessenta escudos, cinco mil escudos de multa, no total, ou na alternativa de 53 dias de prisão e no mínimo de imposto de Justiça.

Medicina da reprodução

A Sociedade Portuguesa de Medicina da Reprodução levou a efeito em Coimbra uma reunião de carácter científico.

Participaram esepecialistas nacionais e estrangeiros que abordaram designadamente a «Possibilidade e perspectivas da genética em clínica humana – diagnóstico antenatal».

A «Orientação do casal estéril» e os «Aspectos historográficos e anatómicos comparados dos miomas uterinos».

No final dfos trabalhos, que decorreram no Palácio de São Marcos, teve lugar uma mesa-redonda entre os participantes.

JAIME GUEDES LEBRÉ

Sua Família participa o seu falecimento, relizando-se o funeral amanhã, dia 9, pelas 10 e 30 horas, da Igreja dos Anjos, para o cemitério do Alto de S. João.

SAÚDE

EM TROCA DE TRABALHO NAS "URGENCIAS"

Alojamento gratuito no Algarve para médicos em férias

Os médicos que tenham decidido passar férias no Algarve poderão juntar o útil ao agradável: conseguir alojamento gratuito e gratificação por uma ajuda nos serviços hospitalares de urgência – decidiu a Administração Distrital dos Serviços de Saúde de Faro.

Foram também abrangidos por este convite, enfermeiros, técnicos de Raio X e preparadoras de laboratório. Os interessados devem dirigir-se àquele departamento oficial. Alojamento gratuito no Algarve é tentador, tanto mais que a especulação na época de Verão é como se sabe. E ainda uma gratificação. Pretende-se, assim, resolver o problema da falta de médicos no Algarve. Pelo menos de Verão, quando milhares de turistas ali se encontram. Para as pessoas que ali vivem todo o ano, para essas, no Inverno, a falta de médicos é enorme, sem que se pense na sua resolução.

Sindicato dos Médicos avança no centro do País

Mais de três centenas de médicos do centro do país elegeram ontem à noite em Coimbra uma «comissão para a dinamização dos Sindicatos dos Médicos da Zona Centro».

Em encontro realizado na Escola de Enfermagem Ângelo da Fonseca, mandataram ainda aquela comissão para levar a efeito reuniões em todos os hospitais centrais e distritais, bem como no sector da saúde pública e dos serviços médico-sociais com o objectivo de discutir e divulgar a necessidade da constituição do Sindicato.

Após aquelas reuniões e dentro de «um prazo provável» de trinta dias, terá lugar, também, em Coimbra, um encontro de médicos da região centro para a constituição formal do respectivo sindicato.

A comissão agora constituída é integrada pelos elementos que promoveram a reunião de hoje, dois membros de cada comissão sindical já existente nos hospitais distritais, dois da área dos restantes hospitais distritais eleitos pelos médicos e um elemento da comissão de curso dos policlínicos da zona centro que presta serviço médico às periferias.

Marinha Mercante nacionalizada pretende mais navios e créditos bonificados

«Que a frota da Marinha Mercante Nacionalizada seja imediatamente apetrechada com novos navios, recorrendo ao mercado de ocasião, sem prejuízo de um plano de construção nos estaleiros nacionais». Esta é uma das várias medidas que os trabalhadores da Companhia Portuguesa de Transportes Marítimos, E.P. incluem no apelo que dirigiram aos órgãos do Poder, para evitar o «total colapso financeiro e de exploração operacional da sua frota mercante», colapso em que parece apostado o capital privado.

Para dar conta da situação e divulgar as medidas necessárias para a reestruturação da empresa, a Comissão de Trabalhadores convocou esta manhã os jornalistas, aos quais foi dito ser da maior urgência «que o Governo avalize um empréstimo imediato para reconstituição do fundo de maneio, como forma de tirar a empresa do estrangulamento de tesouraria em que se encontra; que o Governo dê instruções imediatas à Petrogal, no sentido de elevar o «plafond» de crédito da CTM para fornecimento de combustíveis; que o Governo dê instruções à Banca para acabar com a prática do crédito discriminatório, criando mecanismos de crédito preferencial e bonificado, nomeadamente, com vista ao reapetrechamento da frota; que o Governo ponha termo às medidas de asfixia financeira da empresa e faça o seu saneamento económico e financeiro; que o Governo proceda à reestruturação da empresa e do sector, nomeadamente pela coordenação das empresas CNN/CTM pela NAVIS, devendo nomear para este novo Conselho de Gerência, cuja acção deverá ser pautada com vista à criação do Operador Único Nacionalizado, com salvaguarda dos direitos dos trabalhadores»

MANOBRAS DO CAPITAL PRIVADO

A situação criada – os trabalhadores acham-se no direito de o presumir – «será a preparação da investida da iniciativa privada no sector, com vista à sua desnacionalização prática, depois de propositada e sistematicamente ter criado o caos». Ora, e isto é sobretudo importante, a criação de condições de inoperacionalidade da CTM provocaria o corte de abastecimento às regiões autónomas da Madeira e dos Açores, para além do prejuízo para o abastecimento interno do País e das suas exportações.

Os trabalhadores têm mais que motivos para «presumir».

Vejamos: desde Janeiro que os salários estão a ser pagos fraccionados e com atraso; o Governo recusou-se a pagar à empresa uma verba de 64 mil contos, resultante do encargo com o CCTV de Terra que entrou em vigor em 1978, após dois anos de vigência do anterior encargo, não previsto no Orçamento, e que o II Governo se tinha obrigado a pagar; o IV Governo impôs à empresa uma PRT para os trabalhadores do Mar, sem se preocupar com o apoio financeiro à sua aplicação; a Banca (nacionalizada) cortou o crédito à CTM, assim como a Petrogal e a Shell cortaram o fornecimento de combustível, exigindo o seu pagamento antecipado.

Os factores apontados, justificam, sem dúvida, o receio dos trabalhadores de tudo isto consistir em manobra encapotada do capital privado, que estaria em plena tentativa de reconquista de um feudo que lhe é muito querido – os transportes marítimos.

A dura realidade – e para ela em nada os trabalhadores contribuíram – é que a empresa se encontra tecnicamente falida, deixando de cumprir as suas obrigações comerciais, sem que os sucessivos Governos tenham tomado medidas eficazes e urgentes para solucionar o problema.

FEIRA DO LIVRO NO PORTO

"Dia da Liberdade de Informação"

Amanhã na Feira do Livro no Porto, a CNDLI, Comissão Nacional para a Defesa da Liberdade de Informação promove em colaboração com os editores e livreiros o Dia da Liberdade de Informação. Serão expostos nos pavilhões obras que abordam os problemas da liberdade do Homem e, nomeadamente as que se dedicam aos estudos dos problemas da Comunicação.

Num recinto próprio, os membros do Executivo do Norte da CNDLI dirigir-se-ão ao público, sensibilizando-o para as grandes questões que entrevam a liberdade de Informação e recordarão a acção nefasta do IV Governo no sector da Comunicação.

Cadáver em banco de jardim

Júlio Delauny, um caixeiro-viajante, de 43 anos, foi encontrado morto ontem de manhã, num banco do jardim de Olivais Sul, com uma bala na cabeça. Junto ao cadáver foi encontrada uma pistola de calibre 7.65. A vítima habitava uma casa no bairro.

Em princípio, as autoridades, tanto a PSP como a Polícia Judiciária, consideram afastada a hipótese de crime.

O FRATICÍDIO DA REBOLEIRA

Apresentou-se ontem (cerca das 16 horas) voluntariamente à Polícia Judiciária, devendo ser esta tarde ouvido nos Juízos de Instrução Criminal, o jovem Carlos Jorge Amado Castelo Branco, de 17 anos, que, conforme noticiámos, provocou anteontem, à hora do «Astro», a morte do seu irmão, Fernando José Vieira Luís, de 18 anos, e não de 24 como referimos, a quem atingiu em pleno coração com o golpe de um pequeno canivete.

De acordo com a versão de Carlos Jorge, tudo teria começado com uma pequena discussão entre ambos, pelo facto de ele ter repreendido um irmão mais pequeno, que se colocara frente ao televisor, dificuldando-lhe a visão das imagens da telenovela. Fernando José tê-lo-ia criticado pela maneira brusca como falara para a criança, chegando mesmo a dar-lhe uma bofetada. Em resposta Carlos Jorge afirma haver-se lançado sobre o irmão, no momento em que ainda tinha nas mãos o canivete com que limpava as unhas. Teriam rebolado pela carpete e só a chegada da mãe travaria a contenda, não tendo sequer reparado, então, no pequeno ferimento que Fernando já apresentava no peito e que lhe viria a causar a morte, cerca de duas horas depois, apesar de ter sido conduzido de urgência ao Hospital de S. José.

Um pormenor: Carlos Jorge e Fernando eram filhos de pais diferentes.

PUB

fp SINDICATO DOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA DA ZONA SUL

Assembleia Geral Repartida

VOTAÇÃO DAS ALTERAÇÕES DOS ESTATUTOS DO SINDICATO

AOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA DAS FORÇAS ARMADAS

Dadas as limitações impostas ao exercício da actividade sindical constitucionalmente reconhecidos aos Trabalhadores da Função Pública, designadamente aos que exercem as suas funções nas Forças Armadas, avisamos todos os TFP das FFAA que as reuniões de Alteração dos Estatutos se vão realizar no próximo dia 11.

DIA 11 JUNHO/79 DAS 18 ÀS 24 H

MINISTÉRIO DA MARINHA:

Todos os locais — Rua Ferreira Lapa, 32-3.º-Dt.º — ao Conde Redondo (antiga sede do Sindicato)
Excepto Hospital da Marinha — Soc. Voz do Operário — R. Voz do Operário — à Graça

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO:

Todos os locais — **Rua Ferreira Lapa, 32-3.º-Dt.º — ao Conde Redondo**
Excepto Direcções Arma Engenharia, Infantaria, Transmissões, Chefia do Serviço de Obras, DS Intendência, EME, Jornal do Exército, Rep. Contas da CCAR, Secção Publicidade do EME, Serviço Cartográfico, Serviços Mecanográficos do Exército, Tribunal Militar — Soc. Voz do Operário»

EMGFA e EMFA:

Todos os locais — **Rua Ferreira Lapa, 32-3.º Dt.º**

MINISTÉRIO DE DEFESA NACIONAL:

Serviço Nacional de Ambulâncias — **Rua Infante D. Pedro, 8**

Encontram-se à distribuição no Sindicato as propostas de Alteração dos Estatutos.
Participa na vida do teu Sindicato!
Uma votação maciça dos TFP das FAs constituirá uma afirmação inequívoca do exercício dos direitos sindicais dos trabalhadores.

Serviço telefónico automático em Albarraque

Mais um passo para a total automatização da rede telefónica.
Mais um apoio dos CTT-TLP ao desenvolvimento da região

No prosseguimento do plano de automatização da rede telefónica nacional é automatizada, na noite de 8 para 9 do corrente, a Central de

ALBARRAQUE

cujos Assinantes passarão, a partir da data indicada, a ter acesso ao serviço telefónico automático nas condições dos restantes Assinantes da rede de Lisboa, que já beneficiam de igual serviço.

Recorte e guarde este anúncio na sua lista telefónica.

CTT · TLP

Serviço telefónico automático

Ajude-nos a servi-lo melhor. Utilize bem o telefone!

• A QUEDA DO GOVERNO • A QUEDA DO GOVERNO • A QUEDA DO GOVERNO •

IV GOVERNO "APAGA-SE" EM BELÉM

Jacinto Nunes o autor moral do óbito

O IV Governo não caiu da forma como Mota Pinto esperaria que caísse. Sem cenário, sem tragédia, sem solenidade. Nem estrondo fez ao cair. O IV Governo deslizou rapidamente pelos corredores do Poder. Deslizou pelos Passos Perdidos, pelas escadas auteras da residência de S. Bento e pelas salas pomposas, mas frias, do Palácio de Belém. O IV Governo deslizou, desfeito internamente pela demissão do ministro mais importante da equipa económica e da reticência apagada de alguns ministros. Para a pequena história que os jornais consagram diariamente, o IV Governo caiu em Belém.

Na quarta-feira, o Primeiro-Ministro será recebido ao fim da manhã pelo Presidente da República. Mota Pinto terá indicado nesta ocasião a sua decisão de apresentar em Conselho de Ministros a decisão de se demitir. Entretanto, na Rua da Alfândega, Jacinto Nunes, o verdadeiro autor moral da queda do IV Governo, preparava calmamente a sua intervenção no Conselho de Ministros em que fundamentaria o seu, já formalizado, pedido de demissão. Às 15 horas e 30 minutos iniciar-se-ia a sessão plenária do Governo, a última enquanto governo efectivo. Os jornalistas juntavam-se no exterior da residência oficial do Primeiro-Ministro esperando pelo óbito certificado. Proença de Carvalho apareceria a dizer que o Primeiro-Ministro apenas prestaria declarações em Belém. Mas, em Belém, a deslocação do Primeiro-Ministro provocaria uma aparente surpresa. O Presidente da República encontrava-se no Conselho da Revolução numa reunião de «rotina».

Cerca das 20 horas o Primeiro-Ministro chega a Belém. A sua recusa em falar aos jornalistas permitia pensar que o importante daí para a frente era a posição do Presidente da República. Às 21 horas e 15 minutos, um Mota Pinto nervoso dizia aos jornalistas que havia apresentado o pedido de exoneração ao Presidente da República devido à obstrução sistemática do Parlamento à acção governativa. Na sua curta comunicação, Mota Pinto brindava por duas vezes a «maioria de esquerda» como responsável pela ineficácia do IV Governo. Daí para a frente foi o «black out». Belém calou-se. Mota Pinto idem. A Assembleia da República ficava suspensa de uma palavra de Belém. O Conselho da Revolução reunia.

ÀS 16 horas de ontem, o chefe da Casa Civil da Presidência da República anunciava a aceitação do pedido de exoneração do Primeiro-Ministro e consequente queda do Governo. Citando entre aspas os motivos apresentados pelo chefe do Governo, o Presidente da República anunciava igualmente o início das diligências para a formação de um novo Governo. De dissolução da Assembleia, de eleições antecipadas, nem cheiro. A direita, de mau humor, «encaixava» uma derrota. Piedosamente, o Governo deslizava na queda evitando a todo o transe dizer que caía por si. Desintegrado internamente, quando nem poderia aparecer coeso na Assembleia da República que formalizaria a sua queda, através da censura.

JACINTO NUNES AO "DN"

"Cedo o Governo foi partidarizado"

Em entrevista hoje publicada pelo «Diário de Notícias» Jacinto Nunes diz que aceitou tomar parte do IV Governo por este se dizer apartidário. «Mas cedo o Governo foi partidarizado» – diz o demissionário vice-primeiro-ministro que afirma noutro ponto, que «negaria redondamente» qualquer convite para chefiar um Governo.

Jacinto Nunes diz que pouco depois de estar no Governo constatou que «não tinha condições válidas para desenvolver uma acção útil», ideia que confirmou logo que foi rejeitada a primeira versão do seu Orçamento. «Pedi então a demissão» – diz – «e insisti por ela, mesmo depois dos restantes membros do Governo terem decidido permanecer.» «Todavia por forte insistência do sr. Presidente da República e do Primeiro-Ministro comprometi-me a apresentar e discutir a segunda versão do OGE. A partir do momento em que o fiz, demiti-me.»

Jacinto Nunes diz mais adiante que «se o Governo continuasse estava decidido a deixar rapidamente» o seu posto. «Nas actuais condições – prossegue – não vejo hipóteses de abandonar o meu gabinete de um dia para o outro.»

Outra afirmação importante do vice-primeiro-ministro demissionário é a de que, na situação actual do Governo, este não poderá assinar um novo acordo com o FMI.

Secretariado do PS examina alternativas

O Secretariado Nacional do Partido Socialista encontra-se reunido, na sede da Rua da Emenda, examinando os resultados da primeira audiência de Mário Soares com o Presidente da República. Ontem à tarde, depois de anunciada a aceitação do pedido de exoneração de Mota Pinto, realizara-se já uma reunião prévia, preparatória da audiência desta manhã em Belém.

Sabe-se que o Partido Socialista está decidido a assumir responsabilidades de Governo mantendo-se aberto a negociações sobre a forma que aquela assumirá. Segundo julgamos saber o PS poderá propor duas «modalidades»: uma passando pelo seu apoio a um Governo maioritariamente de «independentes», começando pelo próprio primeiro-ministro, embora com algumas figuras fortemente conotadas com os socialistas; outra assumindo ele próprio a responsabilidade do Governo, com um primeiro-ministro socialista e uma maioria de ministros daquele partido.

A hipótese de um acordo parlamentar com os sociais-democratas independentes, destinado sobretudo a apoiar a primeira hipótese, não está excluída.

CGTP satisfeita com a queda do Governo

Em comunicado emitido a noite passada a CGTP-IN congratula-se com a queda do Governo Mota Pinto sublinhando que, desta forma, ficou «mais uma vez demonstrado que não é possível governar contra a vontade dos trabalhadores.» A CGTP-IN exige que se obrigue de imediato Mota Pinto a cessar funções «já que cada dia que passa se mantêm os perigos da sua actuação nefasta».

É do seguinte teor o comunicado da Central Sindical Unitária:

«A CGTP-IN considera que a demissão do Governo Mota Pinto é motivo de satisfação para os trabalhadores e o povo português e, mais do que isso, uma vitória alcançada com a sua luta.

«Por esse facto saúda todos os trabalhadores portugueses.

«Desde o primeiro momento que a CGTP-IN manifestou a sua discordância relativamente ao Governo Mota Pinto.

«Não só pela sua formação e composição que logo suscitou as mais sérias reservas mas, fundamentalmente, pela sua actuação que se revelou claramente anticonstitucional, ilegal e arbitrária. O Movimento Sindical mobilizou os trabalhadores contra a sua prática governativa exigindo a sua demissão.

«A actuação do Governo Mota Pinto não permitiu resolver os problemas nacionais, antes os agravou e revelou-se gravemente responsável pelo clima de tensão social criado. As condições de vida dos trabalhadores degraram-se a níveis nunca antes conhecidos depois do 25 de Abril. O desemprego e os despedimentos aumentaram. Incentivou-se o clima de repressão e perseguição nas empresas e as liberdades forem objecto de constante violação.

«A luta desenvolvida pelos trabalhadores nas empresas e nos campos e as grandiosas manifestações promovidas pelo Movimento Sindical constituíram o principal obstáculo a essa política antinacional e antipopular e foram factor determinante na queda do Governo.

«Mais uma vez ficou demonstado que uma política de direita não serve os interesses do país, nem respeita os direitos e interesses das massas laboriosas. Por isso também torna-se urgente encontrar uma solução constitucional que obrigue ao imediato cessar das funções do Governo demitido, já, que, cada dia que passa, se mantêm os perigos da sua actuação nefasta.

«Mais uma vez ficou demonstrado que não é possível governar contra a vontade dos trabalhadores e que se torna imperioso adoptar uma política que sirva os seus interesses e do país.

«Tal facto exige que os trabalhadores continuem a lutar pela formação de um governo democrático que corrija todas as ilegalidades, arbitrariedades e propotências cometidas, nos mais variados sectores da vida nacional, pelo Governo Mota Pinto, um governo que no respeito pela Constituição, assegure as liberdades e a independência nacional e promova o desenvolvimento económico e social do País.»

VIAGENS À RDA

Partidas todos os fins-de-semana
durante os meses de Julho, Agosto e Setembro.
Preço: 1 semana — 16.700$00 (tudo incluído)
Visitando: Berlim, Sachsenhausen, Potsdam, Leipzig, Meissen, Dresden.
ou: Berlim, Magdeburg, Erfurt, Buchenwald, Leipzig.

INSCREVA-SE JÁ
Associação Portugal-RDA
Pç. José Fontana, 17-4.º Lisboa
Tel: 539821/2
Das 15h às 19.30h

em colaboração com a Agência abreu

PUB.

QUIMIGAL
QUÍMICA DE PORTUGAL, EP

COMUNICADO

CEDÊNCIA DO PAVILHÃO
DO GRUPO DESPORTIVO DA CUF

De 31/5 a 3/6 realizou-se no **«Pavilhão do Grupo Desportivo da CUF»** o IX Congresso do PCP.
Para um melhor esclarecimento da ocorrência, informa-se que:

1 — O Conselho de Administração da ex-CUF cedeu, graciosamente, há alguns anos, as instalações do parque desportivo, nas quais se inclui o Pavilhão, ao «Grupo Desportivo da CUF» para sua fruição e gestão do património sem o estabelecimento de qualquer protocolo que limitasse o uso de tais instalações;

2 — O «Grupo Desportivo da CUF» é uma colectividade autónoma, com inteira responsabilidade pela gestão que lhe foi afecto e cujos Corpos Gerentes prestam contas à Assembleia Geral dos seus associados, muitos dos quais nem sequer são trabalhadores da QUIMIGAL;

3 — A Direcção do Grupo Desportivo da CUF decidiu alugar o Pavilhão ao PCP para realização do seu IX Congresso, sem que de tal decisão tenha dado conhecimento ao Conselho de Gerência da QUIMIGAL;

4 — É, portanto, necessário e indispensável corrigir-se a informação divulgada, já que o IX Congresso do PCP não se realizou no **Pavilhão da QUIMIGAL** (que não existe como tal), mas sim no **«Pavilhão do Grupo Desportivo da CUF»** e sob inteira responsabilidade da Direcção desta Colectividade.

LISBOA, 5 DE JUNHO DE 1979

O CONSELHO DE GERÊNCIA

• A QUEDA DO GOVERNO • A QUEDA DO GOVERNO • A QUEDA DO GOVERNO •

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA

Suporte popular do IV Governo mede-se nas idas ao café de MP...

Mota Pinto deixa o palácio de S. Bento convencido de que conseguiu um clima de paz social para ao país graças ao «suporte popular» alcançado pelo IV Governo. Pelo menos, foi isto que ontem, ao fim da tarde, afirmou aos jornalistas que acorreram à residência oficial do Primeiro-Ministro, para uma conferência de imprensa convocada para meia hora depois do anúncio da decisão do presidente da República de aceitar o pedido de exoneração do Governo.

Ladeado pelo ministro-adjunto Álvaro Monjardino e pelo ministro da Comunicação Social, Proença de Carvalho, o líder do IV Governo Constitucional, para comprovar a primeira daquelas afirmações recordaria que ao longo dos últimos seis meses apenas houve uma greve importante – a dos TLP. Esqueceu-se de referir os movimentos reivindicativos da metalomecânica (em empresas como a Sorefame, a Mague, a Equimetal, a Cometna e a Efacec), do sector têxtil, dos transportes (CP e Transtejo), do comércio retalhista de Lisboa, do Pão de Açúcar, e do Grupo ITT, entre muitas outras.

Mas melhor ainda foi a justificação de Mota Pinto para a sua convicção de que o IV Governo tinha apoio popular – quando sai à rua, ou em deslocações oficiais, ou para tomar café, não é hostilizado por ninguém. O que seria, ainda de acordo com as afirmações do primeiro-ministro demissionário, base suficiente para a «crença» de que seria um primeiro-ministro popular. Crença que lhe permitiria afirmar ainda que a Assembleia da República, embora detenha a legitimidade jurídica de representação do voto popular, não é sociologicamente representativa do povo português. Aliás, os ataques à Assembleia da República, que teria feito um sistemático boicote à actividade governativa, deram o mote para a conferência de Imprensa do professor de Coimbra.

Num breve documento que leu, Mota Pinto acusou o PC e o PS de entravarem a acção do Governo e de «procurarem substitui-se-lhe na área da sua competência». Em face desta obstrução, diria Mota Pinto, «considerei que a minha colaboração útil se encontrava esgotada», tendo então apresentado ao Presidente da República a sugestão de dissolução do Parlamento e convocação de novas eleições gerais, condições necessárias para que o IV Governo continuasse, com um mandato renovado. Com o que, ao que parece, o Presidente não concordou.

Respondendo depois a perguntas dos jornalistas, Mota Pinto afirmaria que a apresentação do pedido de demissão antes da discussão pelo Parlamento das moções de censura do PS e do PCP se devera apenas ao facto de já estar aprovado o Orçamento e não revelava uma tentativa do Governo de se furtar ao debate no parlamento, através duma «jogada de antecipação».

O chefe do IV Governo diria ainda que todo o Governo, que se encontra solidário com o primeiro-ministro, continuará em funções até ser substituído, incluindo mesmo o vice-primeiro-ministro Jacinto Nunes. Segundo Mota Pinto, poderão ainda ser tomadas, durante este período de transição, medidas tendentes a diminuir as taxas de juro, de acordo com um plano preparado no âmbito dos acordos com o FMI.

O resto da conferência de Imprensa foi dedicada à reafirmação do «patriotismo, e nacionalismo moderados», ao «apreço das coisas nacionais» e aos «projectos realistas» que teriam sido, como Mota Pinto afirma desde que foi nomeado, vector fundamental da política do Governo.

Ex-PSD's estão abertos a um acordo parlamentar

Os elementos da Associação Social-democrata Independente (inadiáveis; ex-PSD) não exclui à partida a hipótese de vir a concluir alianças que garantam apoio parlamentar maioritário a um V Governo. «Tudo depende do Presidente da República», disse ontem Magalhães Mota que se apresenta como um dos dirigentes da recém-constituída ASDI.

Com 37 deputados, dissidentes do bloco social-democrata, a ASDI pretende aproveitar a sua posição para se guindar à situação de interlocutor indispensável em quaisquer arranjos parlamentares necessários para garantir a sobrevivência de um próximo Governo. Nada quer fazer, porém, que não tenha o consenso de Belém, a quem os «inadiáveis» aparecem muito ligados.

Os ex-PSD mostram-se dispostos a examinar um acordo apenas com o Partido Socialista afirmando, no entanto, que não pretendem lugares no futuro Governo, o que parece desmentir rumores veiculados por alguma Imprensa segundo os quais Sousa Franco poderia ser o próximo primeiro-ministro. Esta disposição traduz, aparentemente, uma evolução em relação a posições iniciais deste grupo nas quais se defendia um acordo tripartido (PS, PSD, CDS) a partir da conclusão de que os deputados independentes ex-PSD estariam resolvidos a abandonar o Parlamento.

A evolução da situação política actual pode ser decisiva, em termos de sobrevivência no Parlamento, para os deputados da ASDI, já que a dissolução da Assembleia e a consequente realização de eleições, nas quais poderão não obter qualquer mandato – e mesmo isto apenas no caso de, entretanto, se constituírem em partido e concorrerem – seria o seu fim como interlocutores políticos importantes. Sem esta presença nas bancadas de S. Bento, a ASDI ficará reduzida a um grupo de pressão de pouca influência, talvez comparável a outro movimento formado também por dissidentes do PSD – o MSD.

Exoneração anula debate das moções

Manifestações opostas de tristeza e alegria acolheram ontem, em S. Bento, as palavras do presidente da Assembleia da República quando anunciou à Câmara que o general Eanes tinha aceitado o pedido de demissão do Governo Mota Pinto e que, portanto, o debate das moções de censura já não tinha razão de ser.

«Não vejo motivos nenhuns de regozijo», comentou Pedro Roseta (PSD), depois de socialistas e comunistas, perante o silêncio compungido da ala direita do hemiciclo, terem aplaudido demoradamente o comunicado da Presidência da República.

Um socialista houve, no entanto, que não aplaudiu: Mário Soares. O secretário-geral do PS explicou que o não fizera «não porque se não felicitasse pela exoneração do Governo e pela atitude assumida pelo Presidente da República, mas sim para manifestar a sua rejeição às expressões injuriosas, para esta Câmara, feitas pelo Primeiro-Ministro Mota Pinto ao acusá-la de ter exercido uma acção sistemática de obstrução com efeitos nefastos para a eficiência da acção governativa». Soares referia-se às alegações de Mota Pinto transcritas no comunicado de Belém.

Esta intervenção deu azo a um acalorado debate em que participaram todas as bancadas, sobre a legitimidade destas acusações do Governo à Assembleia. Os presidentes dos grupos parlamentares socialistas e comunistas, Salgado Zenha e Carlos Brito, bem como Lopes Cardoso, deputado independente, acusaram Mota Pinto, não só de incompetência, mas também de falta de coragem e de respeito pelas regras constitucionais democráticas por, ao ver-se sob o fogo das duas moções que o iriam derrubar, ter preferido, em vez de enfrentar as acusações em debate aberto, defendendo-se e rebatendo-as, sair furtivamente pela porta das traseiras a estar a fazê-lo numa conferência de Imprensa.

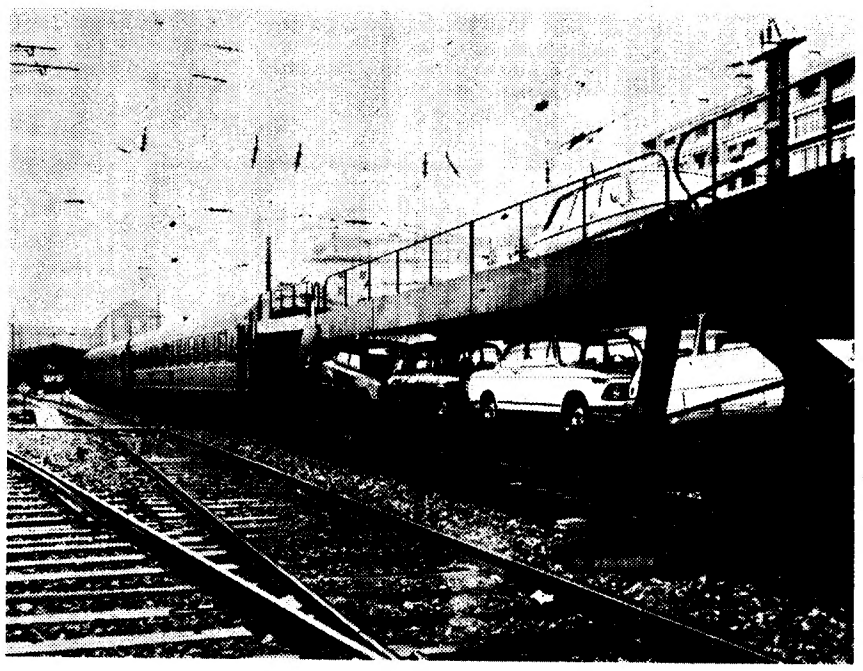
Amaro da Costa (CDS) saiu destacada em defesa do Governo, alegando, à velha maneira integralista, que o Executivo tem o direito de invocar os motivos que entende, e a conversa azedou-se, com Zenha a replicar que o Governo caiu porque não tinha coesão interna e porque sabia que seria derrubado com a aprovação, em Julho, de segunda moção de censura.

Amainada a discussão, Carlos Brito diria a última palavra sobre o assunto, ao revelar que as palmas dos comunistas, no final da comunicação do presidente da Assembleia, coroavam o êxito de «seis meses de luta popular».

O plenário parlamentar volta a reunir-se na próxima terça-feira para, entre outros assuntos agendados, discutir o estatuto dos deputados independentes e eleger os representantes da Assembleia da República na Comissão Constitucional e no Conselho Nacional do Plano (lugares vagos de presidente e vice-presidente).

Na NAZARÉ o Diário de Lisboa
vende-se na TABACARIA BATISTA

VOCÊ E O SEU CARRO DE COMBOIO



A partir de 27 de Maio
Diariamente entre Lisboa e Porto
8 COMBOIOS À SUA ESCOLHA
Lisboa - 8,50 - 11,30 - 18,50 e 00,25
Porto - 9,30 - 11,50 - 18,45 e 00,10
Caminhos de Ferro Portugueses

PELO REFORÇO DA CGTP-IN
10 MIL CONTOS PARA UMA ESCOLA SINDICAL DE UNIDADE E DEMOCRACIA

VOZ DO OPERÁRIO
SÁBADO, 9 DE JUNHO, ÀS 21 H.
SESSÃO DE ENCERRAMENTO DO SORTEIO DA CAMPANHA DOS 10.000 CONTOS
PARA A ESCOLA SINDICAL SERÃO SORTEADOS SENSACIONAIS PRÉMIOS E HAVERÁ ESPECTÁCULO
• CANTO LIVRE POESIA
• NUNO GOMES DOS SANTOS
• JOSÉ JORGE LETRIA
• SAMUEL
• MANUEL BRANCO
O FINAL DO SORTEIO EM AMBIENTE DE FESTA DOS TRABALHADORES
ADQUIRE OS BILHETES NO TEU SINDICATO,
NA UNIÃO DOS SINDICATOS DE LISBOA,
OU NAS BILHETEIRAS DA VOZ DO OPERÁRIO
ORGANIZADO PELA CGTP/INTERSINDICAL NACIONAL

10 DE JUNHO

Governador civil do Porto proíbe manifestação fascista

O governador civil do Porto proibiu a manifestação convocada para 10 de Junho naquela cidade, dados os seus fins «contrários à lei». «Todos aqueles que tomem parte na referida concentração incorrerão no crime de desobediência qualificada» – adverte, em comunicado, Cal Brandão.

A manifestação fora convocada, por uma «comissão patriótica», para a Praça de D. João I para comemorar o «Dia da Raça, de Camões e de Portugal», resultando a proibição do facto de os seis promotores públicos do acto não terem tomado o compromisso exigido pelo Governo Civil de que a manifestação não se revestiria de carácter fascista. Quatro desses elementos não compareceram sequer à reunião que o chefe do distrito lhes marcara para ontem, a fim de lhes apresentar as restrições legais aplicáveis e deles receber o compromisso de as observar.

Segundo o comunicado do Governo Civil, a primeira dessas exigências era que «não houvesse exaltação das personalidades mais representativas dos regimes fascistas», quer do que em Portugal foi derrubado pelo 25 de Abril, quer dos que a História regista em outros países. Igualmente se proibia «a defesa dos princípios e métodos desses regimes, nomeadamente o racismo, corporativismo e o colonialismo», tão-pouco se autorizando «a exibição de saudações ou emblemas próprios e consagrados desses regimes» ou o uso de inscrições que «ofendam a honra e consideração devidas aos órgãos de soberania e às Forças Armadas».

O Governo Civil do Porto fez ainda saber aos organizadores que, «nos termos da Lei 64/78, quaisquer comissões especiais como a Comissão Patriótica para o 10 de Junho são consideradas organizações ou associações e como tal proibidas, nos termos do artigo primeiro da referida lei, como perfilhando ideologia fascista quando pratiquem quaisquer dos actos indicados».

Enfermeiros do Centro debatem o SNS

O Serviço Nacional de Saúde, já aprovado na Assembleia da República, será mais uma vez tema para um debate, desta vez na Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca, em Coimbra, promovido pelo Sindicato dos Profissionais de Enfermagem – Zona Centro.

No colóquio que se realiza no próximo sábado, deverão estar presentes o dr. António Arnault do PS, a Ordem dos Médicos, o director de Saúde de Coimbra, a Comissão Inter-Hospitalar, a CGTP-IN e a UGT. Os trabalhadores principiarão às 10 horas e prolongar-se-ão até à noite, com intervalo para um almoço de convívio.

Hierarquia condiciona reuniões militares

Em despacho com data de 15 de Maio, assinado pelo Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Ramalho Eanes, e pelos generais Pedro Cardoso e Lemos Ferreira, bem como pelo almirante Sousa Leitão, o Conselho dos Chefes dos Estados-Maiores dos três ramos das Forças Armadas proíbe, aos militares no activo, que participem ou organizem sem autorização expressa «quaisquer reuniões ou manifestações, seja de que tipo for, ainda que sob o crisma de actos comemorativos ou de homenagem».

O despacho da hierarquia militar, embora visando no imediato, segundo alguns observadores, evitar a realização de um almoço comemorativo do 10 de Junho, poderá atingir futuramente militares do 25 de Abril. Nesse sentido, recordam-se os antecedentes da não autorização para o almoço comemorativo da fundação do MFA e os obstáculos levantados à concretização no âmbito militar, de algumas comemorações do 25 de Abril.

Como argumento para esta determinação, o alto comando das Forças Armadas aduz que «não se pode ignorar o risco de exploração política que alguns desses actos oferecem, nem as tentativas de instrumentalização que quase sempre recaem sobre os militares».

DIA DAS COMUNIDADES

Uma oportunidade para reflectir sobre a nossa "fatalidade histórica"

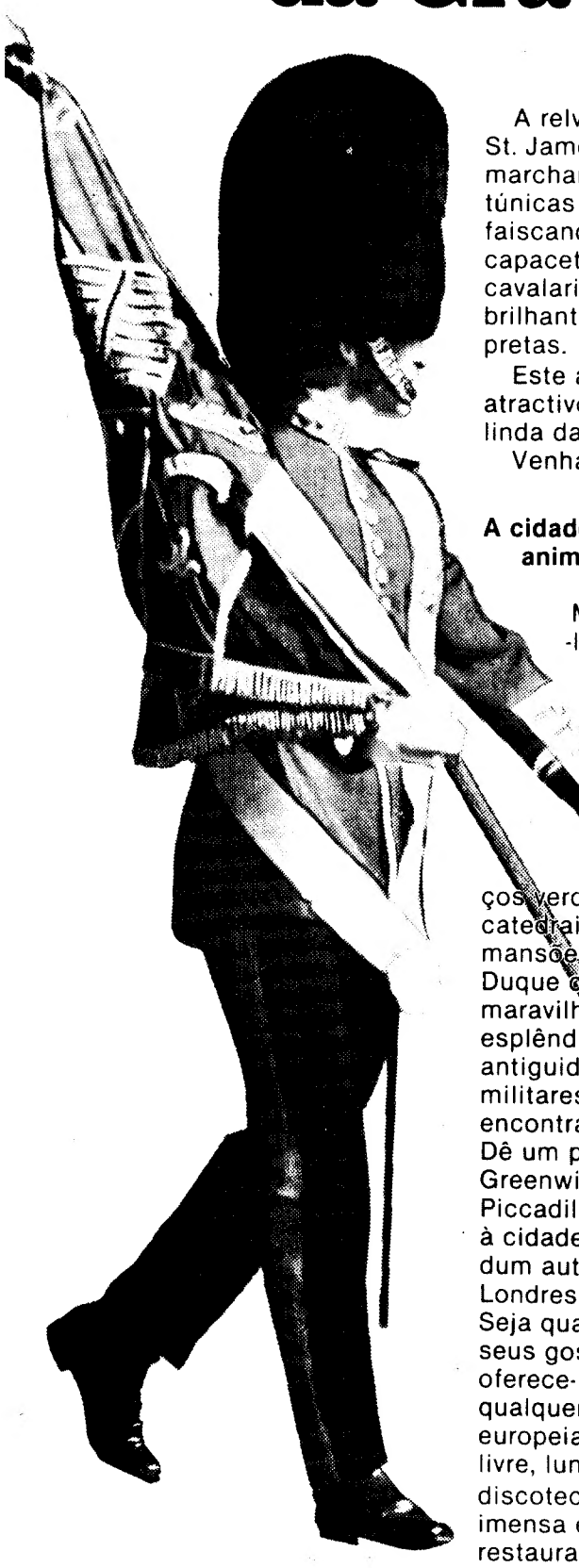
«Se é certo que as comunidades portuguesas no estrangeiro, dão hoje a dimensão universal à nação portuguesa, de que nos orgulhamos, não deve deixar de se reflectir na «fatalidade histórica» que desde há séculos, se abate sobre algumas regiões do País – e que o obriga a ser uma Nação peregrina em terra alheia».

São palavras do Presidente da Câmara Municipal de Vila Real, na sessão de boas-vindas ao Primeiro-Ministro exonerado Mota Pinto, esta manhã em Vila Real, no início das comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades, que este ano se realizam naquela cidade transmontana, sede do distrito com mais baixa proporção de médicos do País, onde existe uma das mais elevadas taxas de mortalidade infantil, mais de oitenta por cento das freguesias não têm esgotos nem água canalizada, e só dez por cento da população tem trabalho regular assegurado, isto apesar de cinquenta por cento da população activa ter emigrado na década de sessenta.

É neste quadro de subdesenvolvimento de uma região apesar de tudo rica de potencialidades que decorrem as comemorações. Para os transmontanos a oportunidade de terem entre si responsáveis governamentais é uma oportunidade para fazerem sentir essas carências.

«Sabemos que os problemas e constrangimentos que nos afectam não encontrarão a resolução imediata, apenas porque está entre nós o Governo – disse ainda o Presidente do município vila-realense – que acrescentaria, ter tido já ocasião de dizer publicamente que «o importante não é que nos visitem, mas que nos ajudem a resolver os nossos problemas. Mas é importante certamente que o Executivo nacional tenha dos problemas, não apenas a dimensão de gabinete, mas a dimensão real, que resulta do contacto directo com a população, suas frustrações e seus anseios».

Descubra os encantos da Grã-Bretanha!



A relva verde do Parque St. James, sobre a qual marcham os guardas em túnicas escarlates. O sol faiscando sobre o latão dos capacetes e das couraças da cavalaria. Os flancos brilhantes das suas montadas pretas.

Este apenas um dos atractivos da capital mais linda da Europa: Londres.

Venha visitá-la este ano.

A cidade mais animada da Europa

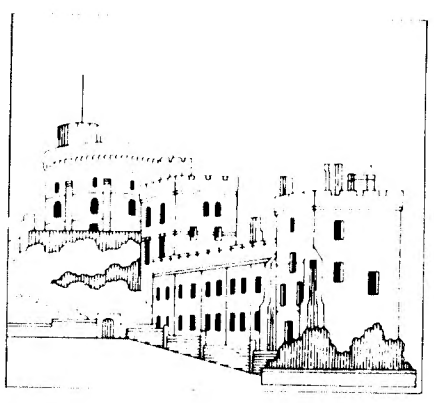
Mas Londres oferece-lhe muito mais do que a tradição. De dia, poderá passear nos parques maravilhosos — Londres é a cidade do mundo com mais espaços verdes. E poderá visitar catedrais, palácios e velhas mansões tais como a do Duque de Wellington. Lojas maravilhosas, museus esplêndidos dedicados à arte, antiguidades, marinha, peças militares, bonecas antigas — encontra de tudo em Londres. Dê um passeio fluvial até Greenwich, partindo de Piccadilly Circus dê uma volta à cidade, no segundo andar dum autocarro vermelho. Em Londres, ninguém se maça! Seja qual for a idade ou os seus gostos, Londres à noite oferece-lhe mais do que qualquer outra cidade europeia: concertos ao ar livre, luna-parques e discotecas bem como uma imensa escolha de restaurantes.

A Beleza única das Regiões Campestres

Enquanto estiver na Grã-Bretanha, assegure-se de que não perde a visão única do verde dos seus campos.

A menos de uma hora de Londres, deparará com verdadeiros tesoiros históricos:

Monumentos da mais remota antiguidade, mansões aristocráticas, castelos famosos como o de Windsor, residência de campo da Raínha, velhos palácios e aldeias pitorescas. Descubra a Grã-Bretanha este ano e



viva as suas férias mais interessantes de sempre.

Envie este cupão para: Apartado 2133 1033 Lisboa Codex

É favor enviar-me o catálogo de férias do BTA

Nome

Morada

DL/79

BRITAIN

20 mil contos para sede do PCP no Porto

PORTO, 8 – «A DORN do PCP, considerando de transcendente importância a realização do Congresso e as suas conclusões entende que a divulgação das propostas de unidade e de luta do PCP ao povo do Norte, a todos os democratas e patriotas, é no actual momento uma direcção fundamental do seu trabalho», foi dito ontem em Conferência de Inprensa dada no Centro de Trabalho da Rua Aníbal Cunha, por dirigentes da DORN, para anunciar uma série de iniciativas no Norte e o lançamento duma «Campanha dos 20 mil contos» para a sua futura sede nortenha.

Assim, amanhã, sábado, terá lugar um comício no Palácio de Cristal, a partir das 15,30 horas, com a presença de Jaime Serra (dirigente na região onde decorreu o IX Congresso), Dinis Miranda (dirigente comunista na Zona da Reforma Agrária) e ambos da Comissão Política do CC e ainda Angelo Veloso, suplente daquela Comissão. No dia 16, a partir das 17 horas, será efectuado um novo comício no Norte, desta vez em Braga, em que estará presente Álvaro Cunhal. Este comício integra-se na «Festa da Alegria» que o PCP leva a efeito naquela cidade minhota.

Quanto à campanha para a aquisição de uma sede no Porto, os dirigentes da DORN afirmaram que «existem condições para que esta campanha seja coroada de êxito», tendo referido as dificuldades com que o centro de trabalho da Rua Anibal Cunha responde às necessidades presentes e está ameaçado, pelo que decorrem negociações com o MEIC. Foi referido também o esforço desenvolvido pelos militantes para reabrir sedes anteriormente destruídas, como são os casos de Braga e Mirandela.

É DE PENSAR ANTES DE BEBER

Cerveja aumentou

A Direcção-Geral do Comércio Alimentar autorizou o aumento da cerveja, que passou a ter os seguintes preços: o «fino» custará 10$00 e 10$50 (antes 8$50 e 9$50); a caneca, 16$00 e 17$00 (antes 14$00); a garrafa normal subiu para 13$00 (antes 12$00) e a «mini» para 9$00 (antes 8$50).

Os aumentos são iguais em todo o País faz notar o director-geral do Comércio Alimentar. E, muito provavelmente, não vão ficar por aqui. Se vier a modificar-se o imposto de transacção, a cerveja trepará mais.

"EM NOME DA PÁTRIA", DO "IDEAL CASTRENSE", ETC.

Casanova Ferreira faz apelo a "camaradas de armas"

«Em nome da Pátria, é necessário que a hierarquia impeça a deterioração da disciplina remanescente, e, em nome da disciplina, é inadiável que os militares com voto nos órgãos desoberania representem os ideais que as Forças Armadas juraram servir. De outro modo, em breve nos encontramos desarmados da unidade moral que é mais necessária aos exércitos que as armas que tanto se procuram e espalham pelas piores mãos». Palavras do coronel Casanova Ferreira do EME, numa carta enviada a outros militares, dezenas de militares, segundo a Imprensa da manhã, que divulga o documento, na íntegra ou parcialmente.

Começando por declarar-se, «como os nossos camaradas que aceitaram o ideal castrense», «consciente de que todas as revoluções definem a sua própria legalidade», mas sabendo também que «as leis não podem afastar-se de servirem a Pátria, que é o nosso valor de referência para julgar a legitimidade das ordens às quais devemos obediência disciplinada», Casanova Ferreira considera «graves» as «perturbações que estão a ser causadas nas Forças Armadas pela lei da amnistia», que classifica de «neutralizante e inversora», que «abrange não apenas factos criminosos mas também disciplinares», «e tudo» – diz – «por iniciativa da maioria de esquerda da Assembleia da República, que também já não nos representa».

Casanova Ferreira invoca o dever assumido pelas Forças Armadas de «encaminhar o país para a democratização, o que implica que nem o poder seja militarizado, nem se instale um poder civil, totalitário. Este dever – segundo Casanova Ferreira – tem expressão constitucional na existência do Conselho da Revolução, um órgão transitório que deve assegurar a execução do alto dever que as Forças Armadas assumiram». Isto para situar o problema da amnistia, designadamente para dizer que «se está a dar, com o consentimento do Conselho da Revolução, uma inversão do processo: em vez de serem as Forças Armadas quem conduz a institucionalização final do País, são elas conduzidas por facções que não assumiram o dever de conduzir à disciplina democrática».

A carta põe em questão que não se tenham consultado as Forças Armadas sobre a lei da amnistia. Casanova Ferreira diz que esta é «fruto, ao que se diz, de encomenda feita pelos conselheiros militares e alguns membros do Partido Socialista, uns e outros pouco ou nada conhecedores de assuntos militares, mormente da implica ão dessa lei num corpo carecendo coesão e disciplina e aonde se podem repor os piores ou aqueles cuja idoneidade merece reparos e se esperava fosse apreciada pela sociedade, por órgãos jurídico-militares competentes».

O subscritor da carta fala da «grande encruzilhada»: «É urgente decidir antes que a traição seja lei e condenados por fascismos os que defenderem o Ultramar Português e pretendem garantir a continuidade nacional».

«Não podemos deixar de repor a «resposta histórica» a um Portugal atónito perante os SUV's, como não consentiremos a mesma cena social e política e os mesmos figurantes de Nov.-75» – diz Casanova Ferreira.

Falando no plural: «Apoiamos a hierarquia, completa e prontamente arrostando com todas as consequências inerentes à opção de querer ou não ser português – prossegue o subscritor da carta. – Mostraremos aos autores da chantagem política que iremos até ao fim na defesa dos princípios que enformam a Nação Portuguesa e o seu Exército, indevidamente representado por alguns dos seus elementos intitulando-se conselheiros da Revolução, muito mais danos nos esperando se os consentirmos por mais tempo em funções».

Um quotidiano matutino de Lisboa chama a este escrito de Casanova Ferreira «um apelo» a «alguns militares» das Forças Armadas.

Ignora-se a reacção que o teor do documento está a suscitar no meio militar, designadamente aos níveis mais elevados da hierarquia e bem assim o eventual procedimento disciplinar que o texto e a sua divulgação virão a merecer.

ÁGUA A LISBOA

Empréstimo à EPAL de 800 mil contos

A EPAL (Empresa Pública das Águas de Lisboa) foi autorizada a contrair um empréstimo de 800 mil contos, destinado ao financiamento do seu programa de investimentos para o ano corrente, cujo desenvolvimento visa dar sequência às obras para o abastecimento de água a Lisboa e concelhos circundantes.

Segundo refere o decreto, da responsabilidade dos Ministérios das Finanças e do Plano e da Habitação e Obras Públicas, hoje inserto na folha oficial, a EPAL garantirá o pagamento do capital, juros e outros encargos e despesas deste empréstimo com a consignação das receitas de toda a sua venda de água.

Comandante Geral da PSP no Porto

PORTO, 8 – O comandante geral da PSP, general Lopes Alves, encontra-se no Porto em visita de trabalho.

Ontem, depois de ter sido recebido com guarda de honra, o general Lopes Alves teve uma reunião de trabalho com chefes, comissários e subchefes da corporaçõ.

Hoje, o comandante geral da PSP visitará diversas esquadras do Porto, nomeadamente a do aeroporto, recentenemten inaugurada.

AINDA O MOLHE DE SINES

Comissão de Inquérito volta a culpar o LNEC

O caso dos estragos no molhe Oeste de Sines e a polémica entre o Laboratório Nacional de Engenharia Civil ea Comissão de Inquérito (CAMOS) conhece novo desenvolvimento com uma nota distribuída por esta última entidade, que insiste em afirmar não ser «isenta de críticas» a actuação do LNEC.

Em comunicado cujo teor o «DL» divulgou oportunamente, o LNEC rejeitava qualquer responsabilidade no acidente e, mais, afirmava ter feito recomendações que não foram acatadas, entre elas o alerta sobre o «comportamento individual dos blocos estruturais» – dolos – que não aguentaram o mar em fúria.

Numa linguagem que diz e não diz, a CAMOS mantém que o LNEC tem «uma certa responsabilidade», no acidente por ter omitido o problema dos dolos em relatórios posteriores àquele alerta. Considera a CAMOS que o Laboratório, sendo «Nacional», deveria «velar pela defesa dos interesses nacionais, mesmo que certos aspectos dos estudos não lhe sejam expressamente encomendados», como admite.

A Comissão, se bem que diga não pretender participar em polémica pública sobre o inquérito que efectuou, insiste em afirmar que «nenhum dos pontos levantados pelo esclarecimento do LNEC é pertinente», mantendo que nada há a alterar no seu relatório.

Inventário dos "ex-votos" no Alto Minho

VIANA DO CASTELO, 8 – O inventário dos «ex-votos» do Alto Minho vai ser levado a cabo pelo Centro de Estudos Regionais de Viana do Castelo.

Arte popular em vias de extinção, os «ex-votos» traduzem o agradecimento por um milagre ou especial favor divino ante graves sofrimentos pessoais ou colectivos, situações críticas ou cataclismos.

Pintados em madeira, tela ou cobre por ignorados artistas da aldeia, acabam por ser oferecidos às igrejas ou capelas a que preside o santo milagreiro com temas ingénuos, legendas carregadas de erros ortográficos mas de técnica extremamente pura.

Estas obras têm sido muito procuradas ultimamente por antiquários e decoradores embora ainda se encontrem em número apreciável nas igrejas e capelas do Alto Minho, nomeadamente na Igreja de S. Domingos e muitas outras desde Viana a Melgaço.

Caribe Um novo estilo de pirataria: a pilhagem das multinacionais

África – Namíbia-Sam Nujoma: «militarmente vamos bem» entrevista com o presidente da SWAPO – A descolonização portuguesa tratada por Piteira Santos – SATO: o bloco militar desejado pelo imperialismo para o Atlântico Sul

América Latina – A revolução latino-americana; entrevista com Rodney Arismendi, Secretário Geral do Partido Comunista do Uruguai; – Nicarágua: a cantar também se luta; entrevista com Mejia Godoy ou de como ser militante da Frente Sandinista e vencedor de festivais!

Médio Oriente – Israel: os novos «missionários» vendem segurança e armas

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e nas Secretarias das Câmaras Municipais dos concelhos de Alenquer e Vila Franca de Xira, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — Direcção de Distribuição Tejo — Zona Lisboa, a que se refere o processo 8/64257, arquivo 14, para o estabelecimento nos concelhos de Alenquer e Vila Franca de Xira, de uma linha aérea a 30 kV, n.º 109/R-50, com 344 metros, do apoio n.º 6 da linha n.º 109/R-1, ao posto de transformação n.º 2398-C, da firma «QUIMAGRO» — Química Agrícola Industrial, SARL, na Vala do Carregado.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 29 de Maio de 1979.

Pel'O ENGENHEIRO-CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

DECRETOS E LEIS

NOVAS EDIÇÕES

- A Contabilidade e o Plano Oficial. Anotado por: José Braz Machado — 560 págs.
- Técnicos de Contas. Contém o resultado do exame de aptidão de 20/12/78 e toda a legislação sobre técnicos de contas. Edição da Associação Portuguesa de Contabilistas. Autor: Leopoldo de Assunção Alves.
- Legislação de Segurança Social (Caixas de Previdência) — 850 págs. Autores: Dr. Apelles J. B. Conceição, licenciado em Direito; José Pinto Valente, chefe de secção da D G. da Previdência.
- Contencioso Aduaneiro e Legislação Complementar. Edição da Biblioteca Aduaneira.
- Regulamentação Legal das Reavaliações do Activo Imobilizado. Autores: H. Quintino Ferreira e M. H. Freitas Pereira.

Distribuidor: **REI DOS LIVROS**
Rua da Conceição, n.º 1 e 23
Telef. 36 95 45 — 1100 LISBOA

Dê-nos sugestões!

Talvez não possamos corresponder a todas, mas faremos sempre o possível para que o nosso jornal vá ao seu encontro: escreva-nos e diga o que pensa.

ALCATIFAS

PRECISA?

TEL. 68 24 05

- ORÇAMENTOS GRÁTIS
- ENTREGAS IMEDIATAS
- APLICAÇÕES RÁPIDAS

M.L. GUERREIRO, LDA

Rua Arco de Carvalhão, 20-A
A CAMPOLIDE!... LISBOA 1

PUB.

UNIÃO DOS SINDICATOS DE LISBOA

PLENÁRIO DA CGTP/IN

Realiza-se no próximo sábado — 9.6.79 — às 10 horas, na Voz do Operário, o Plenário da CGTP-IN, com a seguinte

Ordem de Trabalhos

1 — Informações
a) Campanha de Fundos
b) Semana de Luta contra o Desemprego
c) Diversos
2 — Projecto Lei 230/I (Organizações Sindicais)
3 — Situação Política-Sindical

O Secretariado da União dos Sindicatos de Lisboa, dada a importância da O.T., apela a todos os Sindicatos do Distrito de Lisboa, para a sua participação.

NÃO FALTES!

Secretariado da U.S.L.

CGTP-IN SUGERE

Que o PS reconsidere o projecto sobre as CT's

O Secretariado da CGTP-Intersindical Nacional entende que os autores do projecto de lei sobre comissões de trabalhadores, aprovado na generalidade na Assembleia da República em fins de Maio, deveriam reconsiderar «os pontos inconstitucionais daquele projecto, durante a discussão na especialidade, acolhendo as críticas formuladas pelas organizações de trabalhadores».

Num comunicado emitido a este respeito, a central sindical considera que o projecto, subscrito pelo PS, representa mais uma «tentativa de 'quebrar a espinha' ao movimento operário e popular». Caso não surjam alterações de fundo, «não poderá haver dúvidas em considerar a futura lei inconstitucional, cabendo aos trabalhadores lutar contra ela por todos os meios constitucionalmente previstos» – adianta o Secretariado da Confederação.

Comentando a aprovação do referido projecto, a CGTP-IN afirma:

«É lamentável que o PS persista em adoptar uma posição contrária aos interesses dos trabalhadores em tudo o que se refere às suas organizações de classe próprias. À semelhança do que sucede com o projecto de lei do Partido Socialista sobre associações sindicais, também no que respeita às comissões de trabalhadores as soluções contidas no projecto n.º 143/1 contrariam os dados da experiência do movimento operário, pretendendo impor-lhe um figurino único ao arreprio da realidade e contra o disposto na Constituição da República.»

A central sindical lamenta também que o plenário da Assembleia da República tenha aprovado o projecto que, durante a fase de discussão pública, foi rejeitado generalizadamente pelos trabalhadores e suas organizações. Ao invés, estas tinham dado o seu aval ao projecto que o PCP apresentara sobre a mesma matéria, mas que a maioria dos deputados entendeu rejeitar.

Na realidade, o projecto do PS «não respeita pontos essenciais para um funcionamento autónomo e constitucional das comissões de trabalhadores» – acrescenta a CGTP-IN. «Não espanta, pois, que os partidos do grande capital e da reacção, que não apresentaram qualquer projecto sobre comissões de trabalhadores, tenham apoiado com entusiasmo um projecto que serve os seus interesses e objectivos».

Pelo contrário (lembra ainda a CGTP), os trabalhadores tinham estabelecido princípios fundamentais, que não estão consagrados no referido projecto, e que a central sindical considera manterem-se na ordem do dia. Saõ eles:

- auto-organização e auto-regulamentação, com liberdade de definição estatutária da composição, estrutura e funcionamento das comissões de trabalhadores;
- o controlo de gestão não deveria ter um conteúdo estritamente económico;
- autonomia das CTs relativamente à hierarquia e estrutura da empresa;
- acesso a todos os elementos necessários ao exercício de actividade das CTs (designadamente, o direito à informação);
- eficácia não apenas consultiva dos parecer das CTs em certas matérias.

Durante dois dias as minas (interior) tiveram este aspecto

Greve acaba na Panasqueira

O ritmo de laboração tendia esta manhã a normalizar-se nas Minas da Panasqueira, depois do termo da greve de dois dias, com ocupação das galerias, a cabo pelos trabalhadores. Entretanto, e como resultado concreto da forma de luta adoptada, decorriam negociações entre a administração da empresa e os representantes sindicais, com a participação de elementos do Ministério do Trabalho.

Tal como noticiámos, a ocupação decorreu sem incidentes de relevo: apenas doze mineiros foram afectados por intoxicações ou indisposições sem gravidade, motivando assistência hospitalar.

Durante dois dias os trabalhadores da superfície e os familiares dos mineiros mantiveram-se concentrados ininterruptamente junto dos escritórios da empresa, exigindo uma solução justa para o conflito. Ontem, no termo da greve, os trabalhadores decidiram em plenário conceder umas «tréguas», na expectativa de que as negociações já em curso sejam bem encaminhadas. De qualquer modo, na segunda-feira os trabalhadores reunirão de novo para, em face da conjuntura então existente, decidir a sequência do processo.

TRANSTEJO PAROU

Os transportes fluviais entre as margens do Tejo estiveram ontem paralisados das 15 às 17 horas, devido a uma greve decretada pelos sindicatos do sector.

Foram afectadas as carreiras com partida do Cais do Sodré, Terreiro do Paço e Belém e fontes sindicais indicam ter havido uma adesão de 100 por cento.

A greve foi decretada por causa de um diferendo de ordem salarial existente no âmbito do Acordo Colectivo de Trabalho actualmente em negociação entre os sindicatos e a administração da Transtejo.

Enquanto os representantes dos trabalhadores reivindicam um aumento de 23 por cento, a gerência da empresa contrapõe 15 por cento. Por outro lado, a proposta patronal nada refere quanto a diuturnidades, subsídios de refeição e de turno.

Os actuais vencimentos praticados na Transtejo estão em vigor desde 1977. O número de trabalhadores envolvidos no conflito é de cerca de 300, distribuídos por quatro sindicatos.

GREVE NOS STCP

Os sectores oficinal e administrativo dos Serviços de Transportes Colectivos do Porto estarão parados hoje, entre as 14 e as 18 horas, como foram de luta para levar a administração ao diálogo sobre assuntos de «interesse para ambas as partes».

Os trabalhadores dos STCP pretendem alterar os critérios de apreciação dos processos disciplinares que «no momento presente são normalmente iguais, quando não piores, aos que vigoraram nos STCP antes do 25 de Abril».

Efacec paralisa na 2.ª-feira

No plenário de ontem, efectuado pelos trabalhadores da Efacec nas instalações da Maia e da Arroteia, foi deliberado efectuar um dia de greve, na segunda-feira, dia 11, como forma de luta pela defesa das reivindicações constantes do caderno apresentado.

Como já noticiámos, o caderno inclui, nomeadamente, aumentos salariais para todos os trabalhadores, subsídio de alimentação para o sector que não tem refeitório e melhores condições no serviço da cantina.

Em reunião efectuada ontem de manhã com os representantes dos trabalhadores a administração deu a conhecer uma contraproposta que aqueles consideraram como não respondendo, na prática, ao que é reivindicado, ao mesmo tempo que os aumentos salariais seriam reduzidos a simples «prémios de mérito», que os trabalhadores recusam.

Repressão patronal motiva instabilidade em empresas

A repressão desencadeada pelo patronato, quer nas empresas em que o Estado é maioritário, quer nas privadas, continua a originar conflitos que motivam paralisações e alteram a vida normal das empresas.

Assim, na Cometna, em que o Estado detém a maior parte do capital, a nova administração depois de ter entreaberto as portas do diálogo voltou à repressão pura e simples.

«A direcção da Cometna, na sequência das acções repressivas contra os trabalhadores da empresa, desencadeou mais um infundado processo disciplinar, desta vez ao trabalhador João da Conceição Almeida» – afirma o Sindicato dos Metalúrgicos de Setúbal.

Tal prova, no entender do Sindicato, «que a direcção da Cometna quer continuar, com intensidade redobrada, o processo de intimidação geral, retaliação individual e repressão colectiva contra os trabalhadores da empresa».

Contra isto, há a «luta através das acções colectivas, segundo as formas mais apropriadas». Luta essa que será, segundo o sindicato, «um contributo valioso para o reforço da unidade dos trabalhadores na defesa dos sues direitos, na defesa e consolidação das conquistas de Abril».

DELEGADO DESPEDIDO NO «GOLFINHO»

Um delegado sindical do «Hotel Golfinho», ou seja da Torralta, foi agora despedido, o que prova «a incompetência e o ódio manifesto contra quem trabalha por parte da camarilha de oportunistas que foram postos em pontos-chave para criar um ambiente de tensão e de terror».

A acusação é formulada pelo Sindicato da Indústria Hoteleira de Faro, que recorda a cobertura do Governo dada a casos como este. Governo que «mais não pretende do que a agudização de conflitos laborais e agravamento das condições de vida dos trabalhadores, bem manifesto na não publicaçõ da Portaria de Extensão para a Torralta».

O despedimento do activista, que exercia essas funções desde 1974, deve-se exactamente ao facto de ter lutado contra essa situação, dado que «nada mais fez do que, como delegado sindical, pôr na prático as suas funções».

«A justiça social e a paz que a administração da Torralta demagogicamente disse defender, depressa foram postas em causa, e o Sindicato da Hotelaria de Faro logo denunciou tal facto» – comenta ainda.

UNITECA: DIÁLOGO DEPOIS DA GREVE

Após cerca de três semanas de greve, os trabalhadores da Uniteca, uma têxtil de Valongo, retomaram ontem a laboração dado que decorria uma reunião de negociações com a entidade patronla. Em causa está a exigência de reintegração de um trabalhador que foi despedido e o pagamento de retroactivos que ascendem a 21 mil contos.

INDÚSTRIAS LUSITANAS RENAULT, S.A.R.L.

SUCURSAL DE LISBOA
AV. FREI MIGUEL CONTREITAS, 6-A * TELEF. 89 34 06

VENDE

C/ GARANTIA E FACILIDADES DE PAGAMENTO

Automóveis usados provenientes de trocas

Renault 4L	1977
Renault 4L	1978
Renault 5	1977
Miniclubman	1975
Mini 1000	1977
Citroën Dyane	1975
Citroën Dyane	1977
Fiat 127	1976
Ford Taunus 1300	1976
Opel 1204	1974

AUTOMÓVEIS DE SERVIÇO

Renault 4 LC	1978

AUTOMÓVEIS USADOS PARA COMERCIANTES

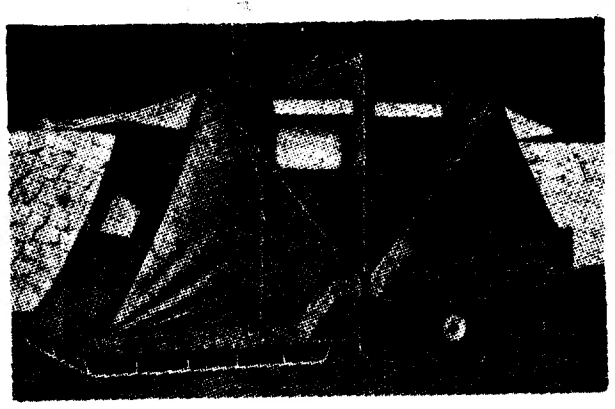
Citroën Dyane	1975
Ford Cortina	1971, 1973 e 1976
Mazda Breack	1975
Miniclubman	1974

Possuímos mais viaturas em «stock»

CARMENSOL

TUDO PARA CAMPISMO

CARMENSOL — Firma experiente no fabrico de Atrelados-Tendas. Fabrica atrelados de luxo com materiais de 1.ª qualidade.



NÃO FAÇA SUA COMPRA ANTES DE NOS VISITAR

Os nossos Atrelados-Tenda abrem e fecham rapidamente, têm capota em pergamóide (e não em lona), quarto e sala duplos com caixa de ar e suspensões independentes com sistema barra de torsão.

Damos garantia e assistência permanente.

Também vendemos tendas e todo o material de campismo. Faça-nos uma visita, todos os dias incluindo sábados e domingos, das 10 às 18 horas.

CARMENSOL

Ponte da Silveira — ALVERCA

Informações pelo telef. 258 0348

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUA E SANEAMENTO DO CONCELHO DE CASCAIS

AVISO

Os Serviços Municipalizaedos de Água e Saneamento do Concelho de Cascais avisam o público em geral e os seus utentes em particular de que por virtude de trabalhos para remodelação das suas instalações telefónicas nos dias 9 e 10 de Junho corrente, não poderá atender qualquer chamada telefónica.

Cascais, 6 de Junho de 1979

O DIRECTOR-DELEGADO

Manuel Fernando Marques Inácio
(eng.º Civil)

GRANDES CIDADES

FÉRIAS 79

CIDADES E CAPITAIS

- LONDRES — *3, 4, 7 e 8 dias*
- PARIS — *4 ou 7 dias*
- MADRID — *3 ou 7 dias*
- SEVILHA — *Fins de semana*
- ROMA E ATENAS — *8 dias*
- AMSTERDÃO E ZURIQUE — *7 dias*
- AMSTERDÃO E FRANCFORT — *7 dias*
- TANGER ou CASABLANCA — *3, 6 ou 10 dias*

PAÍSES VÁRIOS

- EGIPTO — *Cairo, Luxor e Assuão, 8 dias.*
- ISRAEL — *7 dias*
- GRÉCIA E TURQUIA — *9 dias*
- POLÓNIA, RÚSSIA, HUNGRIA E CHECOSLOVÁQUIA — *14 dias.*

INFORMAÇÕES E RESERVAS

VISA

LISBOA	R. Rodrigues Sampaio, 43. T. 58874/5
ESTORIL	Edifício Hotel Cibra. T. 2681811
FARO	R. Conselheiro Bivar, 58. T. 22908
LOULÉ	Pr. da República, 24. T. 62375
PORTO	Rua José Falcão, 82. T. 310533

TURI

LISBOA	— Turivisa — Av. Almirante Reis, 215 B Tel. 886559
ALGES	— Turigés - Av. Bombeiros Voluntários, 117 Loja AC1 Tel. 2102744
BARREIRO	— Turibarre — Tr. da Graça, 5 Tel. 2078005/6/7
SETÚBAL	— Turimundus - Av. Rep. da Guiné-Bissau, 16 Tel. 29486, 20271
PORTIMÃO	— Turinfante — Av. S. João de Deus, Loja B Tel. 24163/4/5

Novas tabelas salariais na Função Pública beneficiam "superiores"

O secretário de Estado da Função Pública anunciou ontem, antes de ter auscultado os sindicatos representativos do sector, as novas tabelas salariais dos funcionários da admnistração central e que deverão ser aprovadas ainda pelo Governo Mota Pinto.

O aumento dos salários agora anunciados é de 15% e o pessoal superior dirigente passará a ter uma tabela autónoma que era uma das fórmulas defendidas pelo ministro Rui Pena quando era ministro da Reforma Administrativa.

Os aumentos agora anunciados deverão ser efectivados por duas fases, das quais a primeira se refere à retroactividade dos meses compreendidos entre Janeiro e Junho. Seguir-se-ão os restantes meses do ano corrente.

Entre as «vantagens» da tabela autónoma para os «superiores», o secretário de Estado salientou que alguns funcionários subirão de letra. Entre as alterações provocadas temos: as letras A e B passarão a compreender especialmente embaixadores e professores universitários, na letra C ficarão os técnicos acessores; na D, os técnicos principais; e na E e G, respectivamente os técnicos de primeira e de segunda.

Uma outra alteração agora provocada consiste no facto de os quadros dirigentes passarem a exercer funções em regime de comissão de serviço por períodos de três anos, com condições de acesso distintas para os lugares de director de serviço e chefe de divisão e para os de director e subdirector gerais.

A presente tabela, sobre a qual não obtivemos comentários da parte dos sindicatos, tem vigência anual.

TABELA SALARIAL DIFERIDA

- Percentagens de aumento

LETRA VENC.	EM 1978	EM 1979 JAN/JUN	EM 1979 JUL/DEZ
D. G.	25 500$00	27 700$00	31 000$00
A	24 000$00	26 400$00	29 000$00
SD.G.	23 000$00	25 000$00	28 800$00
B	22 500$00	24 700$00	27 300$00
D. S.	21 000$00	22 900$00	27 000$00
C. D.	19 500$00	21 100$00	25 300$00
C	20 500$00	22 500$00	24 900$00
D	18 500$00	20 400$00	22 400$00
E	17 500$00	19 100$00	20 100$00
F	16 000$00	17 600$00	18 600$00
G	14 700$00	16 200$00	17 800$00
H	13 700$00	15 100$00	16 200$00
I	12 600$00	13 900$00	15 600$00
J	11 700$00	12 900$00	13 800$00
K	10 700$00	11 800$00	13 200$00
L	10 400$00	11 400$00	12 400$00
M	9 600$00	10 600$00	11 600$00
N	9 400$00	10 400$00	11 300$00
O	9 100$00	10 000$00	10 800$00
P	8 700$00	9 600$00	10 300$00
Q	8 300$00	9 200$00	9 800$00
R	7 900$00	8 700$00	9 300$00
S	7 600$00	8 400$00	8 900$00
T	7 200$00	7 900$00	8 400$00
U	6 800$00	7 500$00	8 000$00

NO PORTO

Comércio mantém semana inglesa

A tentativa de impor aos trabalhadores do comércio do Porto três sábados de trabalho durante o corrente mês (dias 16, 23 e 30) em flagrante desrespeito pela regalia da semana inglesa, foi derrotada na reunião que ontem à tarde se efectuou na Câmara Municipal entre a comissão de vereadores encarregada dos horários e os dirigentes do Sindicato do Comércio. Como ontem noticiámos, uma vereadora do PSD havia oficiado àquele sindicato a «autorização» concedida pelo executivo camarário nesse sentido, a pretexto dum pedido da comissão de festas da cidade do Porto.

De acordo com uma informação sindical após a reunião, «os representantes camarários concordaram em que o processo seguido pela Câmara não foi consentâneo com a prática seguida em situações análogas».

De facto, face aos métodos utilizados e à ilegalidade de tal «decisão», veiculada para o sindicato pela vereadora Maria Angélica, do PSD, concluiu-se sem grandes dificuldades da sua ilegitimidade, dado que só a Assembleia Municipal é competente para alterações nesta matéria.

Por outro lado, foi salientado na reunião que alterações de horários por motivos especiais só podem se feitas com o acordo das partes, sindicato e associações comerciais, não sendo esse o caso, nem para tanto, sequer, haviam sido feitas as indispensáveis diligências.

LIVROS ANTIGOS E MODERNOS

Visite os amplos salões onde encontra sempre um livro do seu agrado

O MUNDO DO LIVRO

LARGO DA TRINDADE, 12 - LISBOA
— TEL. 369951

Pub

Sindicato dos Ferroviários do Sul

ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL

TRIÉNIO DE 1979 A 1982

CONVOCATÓRIA

Dando cumprimento ao disposto nas alíneas a) e b) do Artigo 4.º do Regulamento Eleitoral previsto no Artigo 66.º dos Estatutos e a Disposição Transitória dos mesmos, convoco todos os associados deste Sindicato em pleno gozo dos seus direitos sindicais para a Assembleia Geral Eleitoral a realizar no dia 25 de Julho de 1979 com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Eleição dos membros da Mesa da Assembleia Geral e da Direcção para o triénio de 1979 a 1982.

As mesas de voto terão início às 9.00 h. e encerrarão às 21.00 h. nos locais a designar oportunamente pela Mesa da Assembleia Geral.

A apresentação das listas de candidatura, deve ser feita à Mesa da Assembleia Geral até às 24.00 h. do dia 24 de Junho de 1979 e de acordo com o Artigo 8.º do Regulamento Eleitoral.

Barreiro, 9 de Junho de 1979

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Bernardino Rodrigues Fera

PUB.

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

TRABALHADORES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE SETÚBAL REPUDIAM PROJECTO DE LEI ORGANIZAÇÕES SINDICAIS N.º 230/1 (PS)

O Projecto-Lei n.º 230/1 organizações sindicais (PS) foi repudiado pelos delegados sindicais e trabalhadores da R. N. em plenários realizados de 17 de Maio até 29 de Maio de 1977 em vários locais do distrito de Setúbal (Azeitão, Cova da Piedade, Laranjeiro, Sesimbra, Setúbal, Barreiro, Cercal do Alentejo, Grândola, Santiago, Montijo e Alcácer do Sal).

Na moção aprovada, os trabalhadores condenam o referido projecto como anticonstitucional, pois fere vários princípios da nossa Constituição que garantem a liberdade de organização sindical, violando assim a independência dos Sindicatos que está consignada na Convenção n.º 87 da Organização Internacional do Trabalho que Portugal subscreveu.

Para além disso, o projecto vem criar dificuldades ao exercício da actividade sindical pois pretende dar cobertura legal à U. G. T. e impor a todos os Sindicatos um modelo de Estatutos igual aos da U. G. T.

Assim, os trabalhadores da R. N. do distrito de Setúbal, decidiram:

a) Repudiar energicamente o Projecto-Lei N.º 230/1 (PS) por o considerarem inconstitucional e lesivo dos interesses dos trabalhadores e do movimento sindical unitário;

b) Chamar a atenção de todos os trabalhadores para os ataques de que as suas organizações serão alvo se acaso tal projecto passar na Assembleia da República e para a necessidade de, em unidade, combater de todas as formas este projecto, tendo sempre em perspectiva quais as forças que o apoiam.

Setúbal, 29 de Maio de 1979.

OS PLENÁRIOS

SOLTAS

Uma cabazada

Os pescadores de sardinha do distrito do Porto encontram-se em greve desde o dia 1 de Abril reivindicando um salário mínimo e a garantia de trabalho durante todo o ano. A paralisação de 48 traineiras impediu que, desde o início da greve, fossem pescados milhares de quilos de sardinha. De acordo com um dirigente sindical, no ano passado, entre 1 de Abril e 15 de Junho foram pescados 96 738 cabazes de sardinha (cerca de 1935 quilos), correspondentes a cerca de 30 mil contos. Os trabalhadores em greve exigem da entidade patronal, além do salários base (4 mil escudos), uma percentagem sobre o pescado. Pedem ainda o direito ao trabalho durante todo o ano. A entidade patronal, nas negociações que se têm efectuado, disse o mesmo dirigente sindical, garante aos trabalhadores um contrato a prazo de uma safra (cerca de 10 meses).

MAIS DESEMPREGO

Cerca de 100 trabalhadores da empresa «Dismóvel» — Sociedade distribuídora de Móveis, Ld.ª de Freamunde (Paços de Ferreira), estão ameaçados de desemprego, lê-se num comunicado do Sindicato dos Operários das Indústrias de Madeiras, dos distritos do Porto e de Aveiro.

Com efeito, salienta aquele Sindicato, a administração da empresa deixou de comprar matérias-primas, de renovar os «stocks», de pagar os salários aos trabalhadores (desde Março último) e não satisfaz, desde 78, o subsídio de Natal e o subsídio de férias relativo ao ano corrente.

A fim de debater a situação e decidir de formas de luta a adoptar, os trabalhadores vão reunir-se em plenário, nas instalações da empresa, às 10 horas da próxima segunda-feira.

AMORIM

A adesão à greve de duas horas e meia, ontem, na empresa Amorim, Lage, Ld.ª foi de 90% segundo um dirigente sindical. A greve que se verificou também nos últimos dois dias, tem em vista obrigar a entidade patronal a levantar as suspensões de três delegados sindicais. Os trabalhadores exigem ainda que a entidade patronal cumpra a regulamentação de trabalho para o sector da panificação.

Amanhã, os trabalhadores analisarão em plenário os resultados da sua luta e decidirão, caso a gerência não ceda às suas reivindicações, sobre formas de lutas futuras. Esta empresa tem cerca de 400 (quatrocentos) trabalhadores.

PUB

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

MOÇÃO

1 — Considerando que o Governo reaccionário Mota Pinto/PPD não está a cumprir o acordo de saneamento económico-financeiro com a RN;

2 — Considerando que o Governo Mota Pinto/PPD desfere um ataque brutal à RN, tentando entregar aos ex-patrões reaccionários as ex-empresas mais rentáveis;

3 — Considerando que estas medidas a concretizarem-se, irão contribuir para o estrangulamento económico da RN, agravando os custos que certamente terão do ser pagos pelos utentes e trabalhadores;

4 — Considerando que estas medidas estão feridas de inconstitucionalidade, pois o Dec.-Lei 280-C/75 que integrou estas empresas (Tuco – Turismo e Comércio SARL e STAL – Sociedade Torrejana de Automóveis Lda.) na RN, as considerava um segmento da indústria de transportes rodoviários, tendo sido retiradas da «empresa-mãe» como fuga de transferências de mais-valia em benefício directo dos ex-patrões;

5 — Considerando que o Governo Mota Pinto/PPD repudiado pela esmagadora maioria dos trabalhadores portugueses, conforme o demonstraram as grandiosas manifestações de rua realizadas em Março e Abril de 1979 e ainda na imponente jornada do 1.º de Maio, em vez de criar um plano nacional de transportes, em vez de proporcionar uma política social de transportes, pelo contrário, tenta destruir o património da RN desprezando os princípios constitucionais e as próprias leis vigentes.

O Plenário dos Delegados Sindicais da RN, reunidos no dia 17/5/79 no Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Setúbal e os plenários de trabalhadores da RN realizadas em Azeitão, Barreiro, Grândola, Santiago, Alcácer do Sal, Cova da Piedade, Laranjeiro, Montijo, Sesimbra, Cercal do Alentejo e Setúbal desde o dia 18/5/79 ao dia 29/5/79

DECIDEM:

a) — Repudiar as ilegítimas pretensões do Governo Mota Pinto/PPD;

b) — Avisam o Governo Mota Pinto/PPD que os trabalhadores rodoviários e as suas organizações de classe, não obstante nunca terem utilizado a sua força, estarão dispostos a tomar medidas convenientes caso o Governo insista em levar mais medidas por diante;

c) — Proceder judicialmente contra as ilegalidades que se estão a cometer.

FORA COM O GOVERNO REACCIONÁRIO MOTA PINTO/PPD!
POR UMA RODOVIÁRIA NACIONAL AO SERVIÇO DO POVO

Setúbal, 29 de Maio de 1979

OS PLENÁRIOS

A PROPÓSITO DO 10 DE JUNHO

As comunidades po e a sua Imprensa (3)

As grandes e pequenas deslocações geográficas de populações de uma para outra região, de um para outro país, de um para outro continente, fizeram-se sempre acompanhar, a partir de certa altura, de saltos qualitativos na evolução da humanidade. Ao instalar-se em novos espaços geográficos, o homem substitui, através de novos sistemas de valor, os sistemas políticos, demográficos e socioeconómicos tradicionais ou dominantes.

Se, de certo modo, as formas e direcções dos movimentos migratórios mudaram, as suas razões de fundo continuam as mesmas – criar, através de novo estabelecimento numa região ou país, melhores condições de vida e de trabalho.

O traço fundamental das migrações internacionais depois da revolução industrial, nomeadamente na segunda metade do século XIX e inícios do actual, assim como a inelutável expansão industrial do Novo Mundo, somada às condições de miséria e desespero em que se encontravam as classes trabalhadoras da Europa, canalizaram para a América do Norte grandes contingentes de assalariados rurais, pequenos proprietários arruinados e evidentemente, os tradicionais aventureiros, personagens picarescas de todos os tempos e de todos os países.

A América e, dentro dela, os Estados Unidos, foram o «El dourado» **só possível com o concurso de milhares e milhares de emigrantes** de diversas nacionalidades, entre as quais a portuguesa não é a de menor importância.

Por isso os jornais em língua portuguesa editados pela comunidade local remontam a meados do século passado, resumindo nas suas colunas um espólio valiosíssimo e, estamos em crer, ainda por investigar.

Com o aumento da emigração portuguesa para os EUA, nos finais do século XIX, começou a desenvolver-se neste país uma imprensa específica, dirigida à nossa comunidade e redigida em língua portuguesa. Contribuindo para manter vivas as tradições socioculturais do nosso país (o direito à diferença) e cimentar as relações entre os diversos grupos portugueses residentes nos EUA, a imprensa luso-americana tem inegável importância nos nossos dias e desempenhou um papel invulgar no conjunto de tudo o que foi realizado pelas diversas comunidades espalhadas por todo o mundo.

Os primeiros jornais começaram a publicar-se em fins do século passado, tendo curta duração assim o caso de **A Voz Portugal** (1884); **O Progresso Californiense**, na cidade São Francisco (1885); **O Luso,** semanário de Hayward (1915), tendo mudado o seu título para **Jornal de Notícias** em 1917; **A Tradição** que se publicou semanalmente em Nova Bedford; **Vigilante**, jornal humorístico publicado como semanário no Estado do Mass.; **A Liberdade,** semanário fundado na cidade de Sacramento em 1900; **União Californiana** e **Pátria.**

No Hawai, dois padres fundaram **O Amigo dos Católicos,** aí publicando também (ainda antes deste território se ter tornado num protectorado dos EUA) o **Luso-Hawaiano** e o **Facho,** entre 1880 e 1927. Durante os anos vinte haviam pelo menos dez jornais portugueses no norte da Califórnia. Destes últimos o único que se manteve até hoje foi o semanário **Jornal Português,** resultante da fusão, em 1932, de três jornais (**O Imparcial, Colónia Portuguesa** e **Jornal de Notícias**) de que é director Alberto Lemos. Este último semanário tem uma tiragem de 3 mil exemplares, sendo cerca de 300 enviados para os seus leitores dos Açores e Madeira. Na cidade de Hayward (Califórnia) é publicado três vezes por mês o jornal **A Voz de Portugal** que tem igualmente uma tiragem de 3 mil exemplares e é dirigido por Lourenço Costa Aguiar. Na costa oriental dos Estados Unidos, em Nova Inglaterra publicou-se entre 1919 e 1973, sob diversos nomes, um jornal diário que, na sua última fase, se denominava **Diário de Notícias,** sendo herdeiro de um outro, fundado em 1900 sob o nome de **Alvorada.** A assinalar que esta foi a única publicação diária em língua portuguesa editada fora de Portugal e Brasil. Entretanto, o **Diário de Notícias** tem uma curiosa história – em 1973 o cônsul de Portugal em Connecticut, Seabra da Veiga, adquiriu o jornal por cerca de 30 mil dólares, pretendendo transformá-lo em órgão de propaganda marcelista e, por conseguinte, esperando que o mesmo fosse apoiado financeiramente pelo Governo de Lisboa; o 25 de Abril de 1974, porém, gorou essa pretensão.

Presentemente o **Luso-Americano** (Newark/Nova Jersey), o **Portuguese Times** (Nova Bedford/Mass.) e o **Jornal de Fall River** são os semanários mais importantes que se publicam na costa oriental americana entre muitas outras publicações. O **Luso-Americano,** fundado em 1928, tem uma tiragem de cerca de 8 mil e 500 exemplares, recorde-se que nesta cidade (Newark) vivem cerca de 60 mil portugueses e luso-americanos. O **Jornal de Fall River** , fundado em 1975, é administrado e dirigido por cinco sócios, publicando-se numa cidade onde cerca de metade da população é portuguesa ou descendente de portugueses; segundo estatísticas recentes este jornal é lido em 8 mil casas (revista **Horizontes,** edição em português da embaixada dos EUA em Lisboa), nomeadamente no concelho de Bristol, zona sudoeste do Massachusetts. Ainda neste Estado, mas na cidade de Nova Bedford, publica-se, desde há seis anos o semanário **Portuguese Times** , cuja tiragem actual deve rondar pelos 20 mil exemplares, a maior entre todos os semanários portugueses que se editam nos EUA e, quiçá, de todas as comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo.

IMPRENSA PORTUGUESA NO CANADÁ

«A ÂNSIA DA CELEBRIDADE»

«Um pormenor que caracteriza muitas pessoas cuja vida se processa dentro dos modestos limites da vulgaridade, é o desejo de sobressaírem de entre os seus semelhantes, adquirindo em qualquer sector da actividade uma notoriedade que lhes garanta uma auréola de heróis e a veneração incondicional das massas.

Essa ânsia de celebridade que individualiza, geralmente, os homens mais apagados, manifesta-se sob as forças mais disparatadas em todos os actos das suas vidas privadas ou públicas. É que eles, no desejo cego e apressado de alcançarem o cimo dessa promissora escada da Fama, tropeçam e escorregam, fazendo lembrar, por uma simples associação de ideias, os andrajosos palhaços e saltimbancos que nas lides circenses constituem o prato favorito da pequenada irrequieta e delirante.

Há aqueles que sobem vários degraus e que, quando se preparam para conquistar o próximo, escorregam e ficam suspensos pelas mãos, agitando freneticamente as heróicas pernas de trepadores exímios, antes de darem o fatal mergulho na obscuridade de onde saíram. Há os mais desastrosos que sobem um degrau para caírem e logo se erguerem, numa triste persistência que não os arranca, contudo, do inerte ponto-morto. (...)

(...) Comediantes baratos de teatrinhos de aldeia, eles constituem o numeroso grupo dos falhados que, não querendo conformar-se com a sua situação de mediania, aspiram e tentam por todas as formas alcançar uma posição, às vezes de triste figura, que os eleve acima do comum e lhes conceda a celebridade almejada.

Esfomeados de mesuras, aplausos e cumprimentos, vão mendigando de porta em porta essas insignificâncias, essas futilidades que são o pão de cada dia da sua vaidade, como crianças que imploram os brinquedos vistosos que as cativam e deslumbram.

O que pretendem é trepar! Pouco importa em quê, ou de que maneira, já que, para a concretização dos seus desejos, os fins justificam os meios! Seja nisto ou naquilo, seja à custa deste ou daquele, pouco lhes faz, a eles, essas condições! Trepar, eis o que interessa! Subir, ser notado, admirado e disputado; andar nas palmas das mãos, na boca de todos; ser chamado aqui, requestado ali, enfim, viver como um herói, como uma celebridade, eis a única e absorvente aspiração, o alfa e o ómega de toda a sua vida!

E há aqueles que há custa de tanta constância nos seus propósitos, de tanta persistência na sua actuação, se tornaram pessoas célebres. Depois com o tempo e o hábito, covencem-se de que são, realmente, pessoas famosas, e que não é sem motivo que são alvo de tantas mesuras e honrarias. Ali, porém, é que se perdem, pois nem sempre o hábito faz o monge e as aparências muitas vezes iludem... Porque aquilo que eles são para si mesmos, por um fenómeno de auto-sugestão, e para os outros, por uma questão de subserviência, jamais o poderão ser para os prevenidos e observadores que sabem ver, para além das aparências enganosas, a verdadeira natureza de tais celebridades que não sabem comportar-se em todas as circunstâncias de acordo com as figuras que representam.

Perante estes é que as suas máscaras se desafivelam, pois, como diz o povo, pela boca é que morre o peixe!

H.T.C.»

in. *Correio Português*

Não é nossa pretensão carregar o leitor com citações, por isso, se começamos este título com uma foi somente pelo facto de que um dos muitos editoriais do quinzenário **Correio Português** (jornal dos mais profissionalizados de toda a comunidade portuguesa n o Canadá e, por conseguinte, o mais prestigiado) é exemplo ímpar da nossa imprensa do exterior. Como o leitor pode verificar, pelo teor do tema abordado, pela exposição das ideias nele expressas, estamos perante um **órgão de imprensa com algo a dizer aos seus leitores** e, sem correrm os o perigo de exageros, papel importante a desempenhar.

Correio Português, (fundado por António Ribeiro, director, e Maria Alice Ribeiro, editora, que é editado num país onde as estatísticas oficiais caiculavam existir em 1977 cerca de 134 000 emigrantes, mas que a própria comunidade arredonda para 200 mil, porque inclui nessas contas os emigrantes em situação pouco ou nada legal; **Correio Português,** dizíamos, mantem-se como experiência quase única, funcionando com tipografia própria, onde são impressas outras publicações comunitárias. Este quinzenário publica normalmente de 12 a 16 páginas, patenteando-se nelas uma preocupação constante na selecção do noticiário nacional, sintetizando as informações a partir do que nelas existe de fundamental, assim como fornece por cada edição indicações pontuais de ordem jurídica, legislativa ou de assistência social de utilidade prática ao emigrante.

Saliente-se que na cidade (Toronto) onde se publica este último periódico, existe ainda o jornal mensal, **Comunidade,** cujos objectivos se ajustam a questões de carácter social, estando a ele ligadas algumas das entidades mais destacadas da comunidade portuguesa, sendo seu director João Carvalho. Finalmente, ainda em Toronto, publica-se semanalmente o **Jornal Açoriano,** de vincada predominância separatista e por certo, o menos interessado em promover um apoio crítico, mas patriótico, seja aos problemas da comunidade portuguesa, seja o País que a todos nós serve de ponto de referência – Portugal!

Em Montreal o órgão de imprensa mais representativo é o **Voz de Portugal,** semanário di-

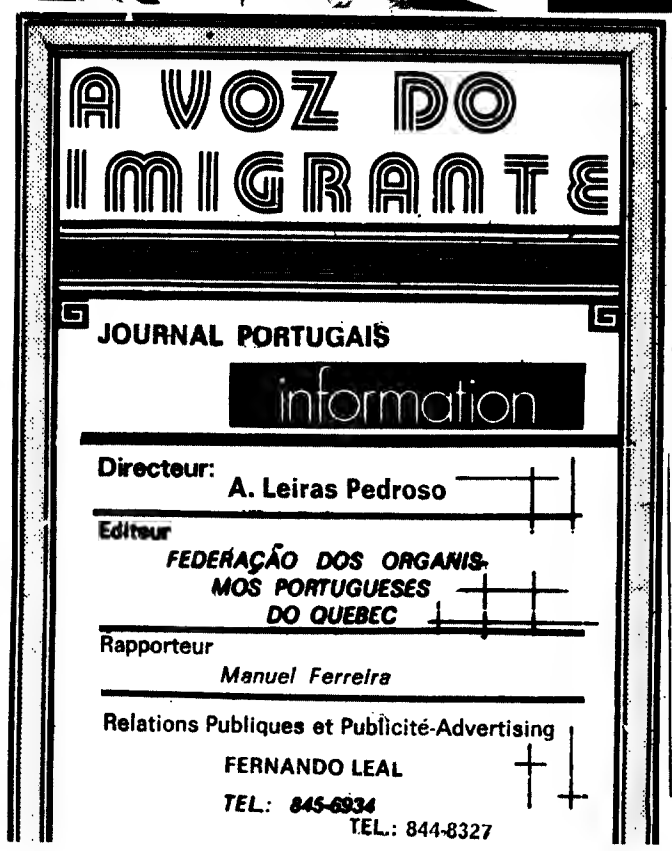
JORNAL AÇOREANO

Second Class Mail Registration Nr. 3586 Paid at Toronto

AZOREAN NEWSPAPER Weekly Semanário ANO 4 NO 111 6a FEIRA 27 DE ABRIL DE 1979 — 25

Vera Lagoa esteve connosco em Montreal e concedeu-nos uma oportuna entrevista

"Se fosse açoreana era, concerteza, da FLA..."



A VOZ DO IMIGRANTE

JOURNAL PORTUGAIS

information

Directeur: A. Leiras Pedroso

Editeur FEDERAÇÃO DOS ORGANISMOS PORTUGUESES DO QUEBEC

Rapporteur Manuel Ferreira

Relations Publiques et Publicité-Advertising FERNANDO LEAL TEL.: 845-6934

TEL.: 844-8327

O Mensageiro

THE PORTUGUESE NEWSPAPER FOR WESTERN CAN

6926 Tyne St. — Vancouver, B.C. V5S 3M6

Telefone: 438-4864

Editor: Mário Cipriano

Director: Henri

CORREIO PORTUGUÊS

PORTUGUESE CANAD

MEMBER ETHNIC PR

CDERATION

Joaquim Almada

ortuguesas
3)

rigido por Armando Barqueiro e o mais antigo jornal português de todo o Canadá. Recentemente apareceu **O Emigrante**, quinzenário dirigido por Aranha Reis que, embora se situe no campo dos periódicos equilibrados e progressistas, não atingiu ainda o profissionalismo dos seus congéneres.

Em Vancouver, o quinzenário **O Mensageiro**, dirigido por Henrique Cipriano, utilizando largamente recortes de **O País, O**

Tempo e **Expresso,** faz o melhor que lhe é possível para manter informada a sua gama de leitores, que é o menos e o mais que podemos dizer do seu liberalismo. Ainda em Vancouver, publica-se **Sentinela,**fundado em 1972 e dirigido por Gabriel Sousa. Curiosamente, este é o único periódico que publica a tiragem, a qual é assinalada em 3 mil exemplares. **A Voz do Imigrante,** periódico do qual não conhecemos indicações seguras sobre a periodicidade ou tiragem, é dirigido por A. Leiras Pedroso e editado pela Federação dos Organismos Portugueses do Quebeque, tendo a sua redacção em Montreal. Na sua maioria, todos estes periódicos são membros da **Federação Canadiana da Imprensa Étnica** (Canada Ethnic Press Federation).

Embora não estejam directamente relacionados à imprensa de língua portuguesa, existiram no passado alguns organismos que, estamos em crer, bastante devem ter contribuído para criarem uma consciência democrática e antifascista que, até hoje, deve ser a responsável pelo teor pró-25 de Abril de alguns periódicos.

Queremos, assim, relembrar que o **Movimento Democrático Português de Montreal,** aparecido em 1964. O MDP de Montreal foi uma voz que se ergueu para denunciar a prepotência, os crimes, as torturas e o carácter antinacional do regime fascista, em inúmeras intervenções públicas, manifestos, manifestações de solidariedade, protestos enviados à Presidência da República e do Conselho, ao ministro da Justiça, aos juízes do Tribunal de Excepção e abaixo-assinados enviados à Assembleia Geral das Nações Unidas. Com esta actividade acumulou uma outra, através de cursos, conferências, projecção de filmes, debates e trabalho de informação sobre temas de interesse comunitário, assim como a promoção de cursos oficiais de ensino do francês que, desde 1971 na cidade de Montreal (Quebeque), foram frequentados por cerca de 2 mil pessoas.

Seríamos injustos se, ao falarmos do MDP de Montreal, ignorasse-mos, nos EUA, o **Comité Pró-Democracia em Portugal,** organismo que por lapso ignoramos, no capítulo da imprensa comunitária neste país.

O Comité Pró-Democracia em Portugal foi um grupo político constituído por emigrantes em Newark (N.J.) em Abril de 1960. A sua actividade cifrou-se na denúncia do regime fascista português. Organizou e deu todo o seu apoio à presença, nas Nações Unidas, de um membro da oposição ao regime salazarista que pela primeira vez se fez ali representar. Henrique Galvão, então presidente da **Frente Antitotalitária dos Portugueses Livres e Exilados** (FAPLE), era o representante da oposição. Mário Soares, Cilas Cerqueira e Hermínio da Palma Inácio, tiveram o seu apoio neste meritório Comité, quando a luta e a necessidade de defesa perante o fascismo, os fez encontrarem-se nos Estados Unidos ou a braços com a justiça salazarista. O Comité desenvolveu também contactos com senadores norte-americanos para pressionarem o restabelecimento da democracia em Portugal. Constituiam o referido organismo Ablio de Oliveira Águas (democrata e homem íntegro que não podemos deixar de referenciar adiante), Eduardo Covas, António Manuel Dias, Virgílio Varela, dr. Aristides Andrade e António José de Almeida. Com a reconstituição do regime democrático em Portugal o Comité deixou de exercer a sua actividade.

Para que fique gravado na memória dos leitores, referimos que nem todos os cônsules portugueses nos EUA eram do cariz de Seabra da Veiga. Abílio de Oliveira Águas, natural da Figueira da Foz, onde nasceu em 1890, foi cônsul de Portugal em Providence, Rhode Island, cargo que o Governo de então lhe retirou em 1926, após a sua denúncia do transporte abusivo de mulheres e crianças cabo-verdianas pela companhia Fabre Line. Depois do 25 de Abril um grupo de amigos presta-lhe homenagem à qual se associa o Governo português que o distingue com uma condecoração.

PALAVRAS NECESSÁRIAS – UM MINISTÉRIO PARA A EMIGRAÇÃO

É impossível, hoje em dia, separar a migração internacional de todos os outros problemas da humanidade, assim como das outras formas de intercâmbio e cooperação internacional. Já se tornou insuficiente considerar o trabalho migrante apenas componente da política internacional de emprego e da divisão internacional do trabalho. A migração deverá ser um elemento fundamental de uma planificação coordenada do desenvolvimento demográfico, económico e regional, tanto nos países de imigração quanto nos países de emigração. Política internacional de migração que pode parecer a muitos uma pura utopia – mas amanhã esta política tornar-se-á uma necessidade inevitável!

Por isso, e tendo isto em atenção, parecem-nos irrisórios os esforços (quando os há) realizados pelo nosso país e seus sucessivos Governos, para encetar arranjos de circunstância que facilitem ou melhorem, equilibrem ou coordenem a emigração portuguesa. Se acreditarmos que os emigrantes portugueses rondam números que podem ir dos 2 aos 3 milhões, torna-se-nos de facto caricatural a existência de uma simples **Secretaria de Estado,** à qual ultimamente se juntaram tarefas que ultrapassam largamente o âmbito restrito da emigração. Não nos esqueçamos que o Governo maioritário do PS é o responsável pela trasnformação da **Secretaria de Estado da Emigração** em **Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Emigração**; transformação que na prática se resumiu à acumulação de tarefas à margem, como referia o **Diário da República**, II série de 7/11/77, através de um despacho assinado por Mário Soares, o qual delegava no então secretário de Estado João Lima: os assuntos respeitantes às Direcções-Gerais dos Negócios Políticos, dos Negócios Económicos, e dos Serviços Centrais, do Secretariado para a Cooperação Económica e Técnica Externa, do Gabinete Coordenador para a Cooperação e dos mais organismos oriundos da Secretaria de Estado da Cooperação integrados no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Situação que se mantém até hoje, quiçá com pequenas alterações. Ora, a nosso ver, as mãos demasiado ocupadas com diferentes assuntos paralelos à emigração, não deixam vagares substanciais aos secretários de Estado para tudo o que há a fazer e resolver sobre e para emigração, quer o titular da pasta, seja A ou B.

Por outro lado, e por muito menos, já nós criamos Ministérios (veja-se o **Ministério da Comunicação Social**), no entanto, cerca de 2 a 3 milhões de portugueses espalhados pelo mundo não nos merecem mais que uma simples **Secretaria de Estado** e, mesmo assim, sujeita a dividir os seus tempos úteis de trabalho, e dos diversos organismos dependentes, com a ocupação de assuntos paralelos à emigração.

Note-se que se pensamos em «Ministério da Emigração», não o estamos a visionar sob o prisma utilitário. Isto é, de que ele venha a constituir mais um aborto burocrático, pleno de funcionários alienados da sua missão e incapazes de compreender que são uma parte do povo que devem servir com patriotismo. Monstros rotundos, que dão pelo nome de Ministérios, já temos de sobra entre nós. Falamos de um organismo **operacional** (e detestamos a terminologia militarista!) e itinerante, capaz de accionar os mecanismos e auscultar os centros comunitários sobre o terreno, constante e permanentemente. Mas quem nos escuta? Talvez ninguém do lado do Poder, certamente que milhares, do lado das comunidades.

© — Livros do Brasil/College Trustees

Ele levantou um par de sobrancelhas que mais pareciam bigodes.

—Wade? Pode muito bem acontecer que eu conheça alguém com esse nome. É um nome bastante comum. Mas porque estaria ele aqui comigo?

—Para uma cura.

Ele franziu as sobrancelhas e quando um tipo as tem como ele é um espectáculo digno de ser visto.

—Eu sou médico mas há já muito tempo que não faço clínica.—A que tipo de cura se refere?

—O tipo é alcoólico. De vez em quando sai das estribeiras e desaparece. Às vezes vem para casa pelo seu pé, outras vezes é preciso trazê-lo para casa. Muitas vezes dá trabalho encontrá-lo.—Puxei por um cartão e entreguei-lho.

Ele lê-o sem prazer.

—Que se passa com o Earl?—perguntei-lhe.—Está convencido que é o Rudolfo Valentino, ou quê?

O tipo levantou novamente as sobrancelhas. Fascinavam-me. Alguns pelos eram encaracolados e saíam do alinhamento pelo menos uma polegada e meia. Encolheu os ombros carnudos.

—O Earl é inofensivo, sr. Marlowe. Por vezes é um pouco sonhador. Digamos que vive num mundo irreal.

—Quem o diz é o senhor. Do meu ponto de vista ele não é muito para graças.

—Ora, ora, sr. Marlowe. Certamente que exagera. O Earl gosta de andar mascarado, é uma criancice como outra qualquer.

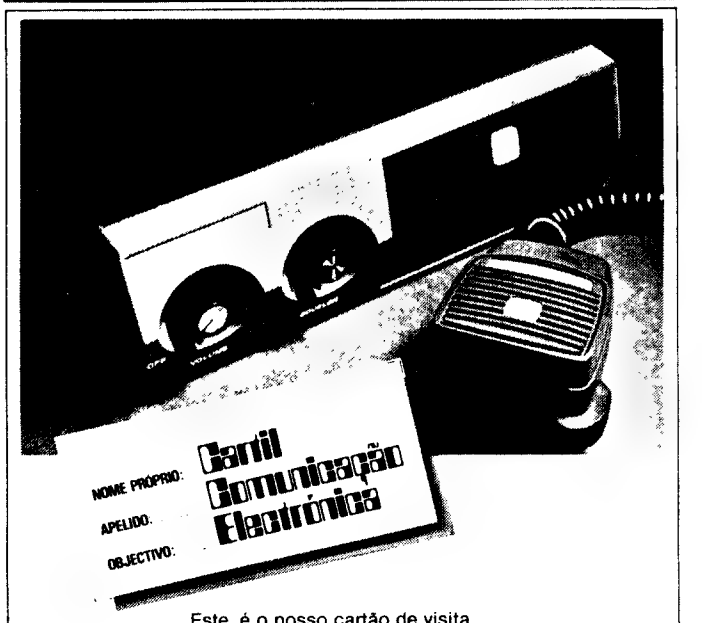
—Quer o senhor dizer com isso que ele é doido? Isto é uma espécie de casa de saúde, não é? Ou pelo menos foi.

—Nem por sombras. Quando estava a funcionar era uma colónia para artistas. Eu fornecia refeições, alojamento e facilidades quanto a entretenimentos. Mas sobre tudo, sossego. E tudo isto por pouco dinheiro. Como o senhor dev-

111

FÉRIAS de VERÃO
·TRÓIA
·MONTECHORO
·AQUAZUL
·AÇOTEIAS
·COSTA BRAVA
·COSTA DEL SOL
·MAIORCA
·MENORCA
·IBIZA
·AÇORES
·MADEIRA
faça férias
Capristanos
Av. Duque de Loulé 47 A · 1000 LISBOA T 560171
R. Mouzinho de Albuquerque 47 8500 PORTIMÃO · T. 23136/7
R. de Santa Catarina 500 · 4000 PORTO T. 20208/24571
Terminal · Centro Comercial do Rossio · Loja 101/2 · 1200 LISBOA T 368164/368131/371695

Sr. Camionista
Muitos acidentes com veículos pesados têm como causa excesso de carga.
Respeite sempre os limites.



Este, é o nosso cartão de visita.
Trabalhamos na vanguarda da técnica.
Representamos marcas de prestígio internacional.
Os nossos profissionais estão aptos a responder com eficiência à montagem, e assistência técnica de todo o material de comunicação.
Comunique connosco.
Trabalhamos para o servir.
CARTIL
Radiotelefones Fixos, Móveis e Portáteis de VHF e UHF
Antenas e Acessórios para Radiocomunicações.
Praça Olegário Mariano, 5 - 2.º Dt.º, Telefone 82 58 00 - 1100 LISBOA
Europa0479

© — Livros do Brasil/College Trustees

saber, os artistas não são geralmente gente rica. Enquanto durou não foi mau.

Enquanto falava tinha um ar triste. As sobrancelhas estavam descaídas assim como os cantos da boca.

— Eu já sabia isso tudo. Está no dossier. Assim como o suicídio que se deu há uns anos. A mulher tomava drogas, não?

Ele deixou de estar triste e ficou alerta.

— Que «dossier?» — perguntou com voz áspera.

— Nós temos um «dossier» sobre todos os tipos a quem chamamos os rapazes das janelas com grades, doutor. São casas de onde se não pode saltar pelas janelas quando se tem um ataque. Pequenas casas de saúde para alcoólicos e tipos adeptos de estupefacientes, assim como para alguns casos psicopáticos moderados.

— Mas essas casas devem ter uma licença especial para poderem funcionar — disse o dr. Verringer com aspereza.

— Sim, pelo menos teòricamente. Mas muitas vezes fazem por esquecer.

Ele endireitou-se. O tipo tinha uma dignidade especial.

— O que o senhor sugere é insultuoso, sr. Marlowe. Não percebo porque o meu nome se encontra num «dossier» desse género. Era favor retirar-se.

— Voltemos antes ao Wade. Pode dar-se o caso que ele tenha dado outro nome.

— Fora o Earl e eu não há aqui mais ninguém. Estamos absolutamente sòzinhos. E se me dá licença...

— Eu gostaria de dar uma volta por aqui.

Consegue-se muitas vezes apanhar-lhes informações depois de perderem a calma. Mas com o Verringer esta técnica não pegava. Ele continuou perfeitamente digno. Olhei para a casa. Lá dentro tocava-se música de dança. E alguém acompanhava o ritmo com o estalar dos dedos.

— Aposto que ele está a dançar. E é logo um tango, e sem parceira. Não há dúvida que é um número.

cadernos do terceiro mundo

Sábado
9 de Junho
pelas 21.30 horas
Altair L. Campos
editor para Portugal
responderá às perguntas
dos leitores
no stand da CDL

surdez
JÁ NÃO É PROBLEMA!
RECUPERE A AUDIÇÃO. COM UM MODERNO E MINÚSCULO APARELHO RETRO AURICULAR OU COM OS FAMOSOS ÓCULOS AUDITIVOS.
exames e experiências grátis
OTACÚSTICA
RUA DA MADALENA, 152-1.º ESQ.
Telef. 86 52 75 Lisboa

AFRICA

Carter decidiu manter sanções contra a Rodésia

Os Estados Unidos continuarão a aplicar as sanções económicas decretadas pelas Nações Unidas contra o Zimbabwe – Rodésia, anunciou ontem em Washington o presidente Carter.

O presidente americano, numa declaração especial feita na Casa Branca, recusou-se assim, de forma explícita, a dar o seu aval aos resultados das eleições que conduziram a 1 de Junho à transferência do Poder, em Salisbúria, a um chefe de Governo negro, o bispo Muzorewa.

«As eleições não foram justas, nem livres», declarou Carter, que salientou que a anulação das sanções constituiria uma violação das leis internacionais e poria seriamente em perigo os interesses dos EUA.

Carter, que salientou que esta atitude tinha sido adoptada na sequência de consultas muito estreitas com o novo Governo britânico, pôs também em relevo o risco que haveria de ver uma potência estranha à África (a URSS, subentendida) tirar proveito da situação que prevaleceria na África Austral, depois dum reconhecimento das autoridades de Salisbúria pelos EUA.

Ao tomar esta decisão, Carter vai entrar em confronto com o Senado que, por 85 votos contra 19, propôs uma anulação das sanções aplicadas desde 1965.

Entretanto, o primeiro-ministro rodesiano afirmou que a decisão de Carter «não é o fim do mundo». Anteriormente, tinha declarado que a manutenção das sanções seria uma decisão «desumana».

MÉDIO ORIENTE

Eleições no Egipto: denúncia de fraudes

Dois mortos, 27 feridos, cancelamento da consulta num círculo eleitoral, diversas fraudes – eis um balanço das eleições ontem realizadas no Egipto para renovação do Parlamento. Contrariamente ao que ontem foi noticiado, vários partidos e candidatos independentes concorreram ao escrutínio. Os resultados resultados preliminares indicam, como seria de esperar, uma vitória esmagadora do partido do presidente Sadate, o qual conseguirá 90% dos votos e mais de 300 deputados.

ATAQUE ISRAELITA

A Força Aérea israelita atacou esta madrugada posições palestinianas no Sudeste do Líbano, catorze quilómetros a norte da fronteira israelo-libanesa – anunciou o comando militar de Israel. Os israelitas regressaram à base sem problemas.

Entretanto, em Beirute, a agência noticiosa palestiniana WAFA informou que os aviões israelitas atacaram a área de Nabatiyeh, cerca de 15 quilómetro ao norte da fronteira israelita.

Segundo a agência, ficaram feridos três guerrilheiros da Frente Democrática para Libertação da Palestina (FDLP) durante o ataque, registado, às 4h35 locais (2h45) tmG e seguido de um bombardeamento com foguetes à área vizinha de Aishien por israelitas e milícias direitistas.

De acordo com a WAFA, este último ataque prossegue ainda.

CONFERÊNCIA ÁRABE

Uma conferência económica árabe tomou uma série de decisões susceptíveis de conduzir à unidade económica árabe.

Nas suas resoluçãoes publicadas hoje, os treze membros do Conselho para a Unidade Económica Árabe da Liga Árabe recomendaram tarifas uniformizadas sobre matérias-primas destinada a mercadorias manufacturadas.

COLONATO JUDAICO

Forças de ocupação israelitas efectuaram uma requisição-relâmpago de território árabe na margem ocidental do rio Jordão, hoje, e transportaram escavadoras, de helicóptero, para iniciarem imediatamente os trabalhos num novo colonato judaico.

A medida, prontamente denunciada por grupos oposicionistas israelitas, demonstrou a determinação do primeiro-ministro, Menachem Begin, de continuar com os aldeamentos judaicos mesmo enquanto decorrem as negociações para conceder aos palestinianos da margem ocidental autonomia limitada.

NÃO-ALINHADOS

Graves divergências na reunião de Colombo

A primeira sessão plenária da reunião de ministros dos Negócios Estrangeiros dos países Não-Alinhados terminou ontem à noite em Colombo, com quase 24 horas de atraso, e com o secretariado coordenador do Movimento ainda a braços com os problemas do Egipto e do Camboja.

O presidente da sessão, o ministro dos Negócios Estrangeiros do Sri Lanka, A.C.S. Hammed, inaugurou a reunião com a indicação de que não seriam debatidos nem o pedido árabe para suspensão do Egipto nem o do Vietname para que uma delegação cambojana afecta ao regime desposto fosse substituída por outra representando o actual.

No entanto, os delegados continuaram a reunir-se entre si, preparando apoios às partes em litígio nos dois casos.

A delegação vietnamita declarou existir um «apoio esmagador» à sua proposta de expulsão da «delegação de Pol Pot», mas outros delegados asiáticos afirmaram que «ambas as partes dispõem sensivelmente do mesmo apoio».

Uma importante função da conferência era a elaboração da agenda para a cimeira do Movimento dos Não-Alinhados, a realizar em Setembro em Havana.

O secretariado coordenador dos ministros dos Negócios Estrangeiros aprovou a agenda mas sem incluir a proposta de suspensão do Egipto. No entanto, o assunto não se pode considerar de modo nenhum encerrado.

TORRÃO DE AÇUCAR
SUPERMERCADO
Produtor Armazenista:
José Henriques Rosa Carvalho
Alimentos frescos directamente da sua produção.
Secção de Talho e mercearias de alta qualidade.
PROVE O VINHO DA NOSSA LAVRA
Garrafão a 165$00
E depois das suas compras, aproveite para conhecer o nosso serviço de Restaurante e Snack-Bar.
Rua Tenente Espanca, 36 A — Tel. 776840
(a Praça de Espanha)

Tanzânia vai retirar do Uganda

Os presidentes Julius Nyerere da Tanzânia e Yusufu Lule do Uganda chegaram hoje a Muanza, cidade sita nas margens do Lago Vitória, para conversações que se centrarão, possivelmente, na retirada das tropas tanzanianas do Uganda.

A conferência, que parece ter sido organizada à última hora, vem na esteira das declarações feitas ontem pelo presidente Nyerere, que anunciou a repatriação da maior parte dos 25.000 soldados tanzanianos actualmente no Uganda.

Enquanto isto, o presidente Lule do Uganda remodelou o seu Governo, nomeando quatro novos ministros.

Fontes diplomáticas citadas pela Agência UPI admitem que as alterações tenham visado afastar da zona do Poder elementos de «esquerda», nomeando em seu lugar políticos pró-pcidentais.

Marrocos ameaça Argélia

O Marrocos anunciou ontem que mais de 26 pessoas tinham morrido em ataques dos guerrilheiros da Frente Polisario durante a semana finda e advertiu que a situação ameaça tornar-se explosiva.

O rei Hassan deu ontem ordem às suas Forças Armadas para exercerem o direito de perseguição sempre que estejam ameaçadas as vidas de marroquinos

Na prática, isto quer dizer que as suas tropas foram autorizadas a entrar na Argélia em perseguição dos guerrilheiros da Polisario, que têm as suas bases na Argélia.

ÁSIA

Um agente prestimoso

Um membro da SAVAK, a polícia secreta do xá, ofereceu os seus serviços ao Governo revolucionário do Irão para combater o comunismo.

Bahman Nader Pour, que está a ser julgado na cadeia Kasr de Teerão sob a acusação de torturar presos políticos, declara numa carta endereçada ao «ayatolah» Mahmoud Talleghani, dirigente religioso de Teerão que foi encarcerado durante o regime deposto: «Luto contra os comunistas há doze anos e estou hoje pronto a servir o Islão.»

A carta, reproduzida pelo quotidiano da capital «Bamdad», acrescenta: «A presença de mesmo um só comunista no Exército islâmico ou nos guardas revolucionários é uma catástrofe para o futuro do país».

Nader Pour adverte que a contínua pressão sobre grupos políticos seculares forçaria os comunistas à clandestinidade e nessas condições seria mais difícil eliminá-los.

Greve na India

Os habitantes de Pondicherry observaram uma greve geral hoje para protestarem contra o projecto das autoridades locais de proibirem o consumo de álcool em todo o território da União, soube-se em Nova Deli.

Apenas os hospitais, farmácias e administração funcionaram. Os estabelecimentos estiveram encerrados e não circulou qualquer veículo dos meios de transportes.

Entretanto um avião de transporte da Força Aérea indiana despenhou-se ontem perto de Leh, no Norte da Índia, morrendo as 25 pessoas que seguiam a bordo – anunciou hoje a «United News of India».

A notícia, que não foi confirmada oficialmente, refere ainda que o aparelho caiu cerca de dez minutos depois de ter descolado, com vinte soldados e cinco tripulantes a bordo.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latian e Reuter

EUROPA

Papa reza missa em Auschwitz e denuncia nazismo

O papa João Paulo II rezou hoje no antigo campo de concentração de Auschwitz em memória dos milhões de pessoas mortas neste centro de extermínio construído pela Alemanha nazi durante a Segunda Guerra Mundial.

Em Auscwitz foram mortas mais de quatro milhões de pessoas, na sua maioria judeus. A visita de João Paulo II é a primeira que um papa efectua a um campo de concentração nazi.

O helicóptero que transportou o Sumo Pontífice aterrou nas traseiras do bloco número 1 do campo, onde eram cremados diariamente cerca de 10 mil prisioneiros, seguindo-se uma visita ao museu, uma «câmara de horrores» que conta a história do campo.

Posteriormente, o Sumo Pontífice entrou na cela no bloco número onze, onde foi morto o padre Maksymilian Kolbe, cuja memória evocou. Em 1941, o referido sacerdote sacrificou a sua vida para salvar a dum outro prisioneiro, pai de cinco filhos, tendo sido beatificado pela Igreja Católica em 1971.

Antes da missa, celebrada no centro do complexo Auschwitz-Birkenau, o papa vestiu os paramentos no que foi, ao tempo do funcionamento do campo, o gabinete utilizado pelas SS no controlo dos prisioneiros e denominado «Blockfuehrestube».

A missa foi concelebrada por padres que estiveram prisioneiros no campo e sobreviveram.

Uma multidão de várias centenas de milhares de pessoas concentraram-se no local para assistir à cerimónia, cantando hinos enquanto aguardavam a chegada de João Paulo II.

Nas torres de madeira existentes no campo foram colocadas bandeiras brancas.

O complexo de Auschwitz-Birkenau foi o ma r de quantos a Alemanha nazi construiu na Europa, a ele se atribuindo a signação de «o maior cemitério do mundo».

João Paulo II designou o campo de concentração de Auscwitz como um «lugar construído com base no ódio e desprezo pelo homem, em nome de uma ideologia de demência».

O Sumo Pontífice evocou a memória de milhões de pessoas mortas no campo, orando na cela em que, em 1941, os nazis assassinaram o padre polaco, Maksymillian Kolbe.

João Paulo II dirigiu-se posteriormente para o campo de Birkenau, situado perto do de Auschwitz, ali tendo celebrado uma missa em memória dos milhões de vítimas dos centros de extremínio nazi.

Assistiram ao conjunto das cerimónias cerca de um milhão de pessoas.

De regresso a Varsóvia, o papa presidira à sessão solene de encerramento do sínodo da arquidiocese que há nove anos inaugurou na qualidade de arcebispo. O sínodo, que se deve à sua iniciativa pessoal, tinha por objectivo fazer participar mais estreitamente a população da velha cidade dos reis da Polónia na vida da Igreja. O fim dos trabalhos devem coincidir com 900.º aniversário do mártir são Estanislau, padroeiro da Polónia.

JOAÕ PAULO II DISCUSARÁ NA ONU

O papa João Paulo II irá provavelmente em Outubro a Nova Iorque para assistir a 34.ª Assembleia Geral das Nações Unidas, afirmou hoje o reverendo Andrew Greeley, comentador muito conhecido nos meios católicos americanos.

Segundo o reverendo Greeley, o Vaticano já decidiu que o papa usará da palavra perante as Nações Unidas, durante essa visita.

ELEIÇÕES PARA O PARLAMENTO EUROPEU

Quase 50 por cento de abstenções

A primeira fase de eleições do Parlamento Europeu por sufrágio universal (Grã-Bretanha, Irlanda, Dinamarca e Holanda) que se desenrolou ontem foi assinalado por um índice de abstenções ainda superior ao que estava previsto.

Na Grã-Bretanha o índice de abstenções parece superior a 50% segundo as primeiras indicações (75% na Escócia). Na República da Irlanda (a participação rondaria os 60%)

Na Dinamarca a participação não ultrapassaria os 47 a 48 por cento. Na Holanda 57,8% dos eleitores compareceram às urnas segundo uma sondagem da televisão holandesa.

Os resultados definitivos só serão conhecidos na segunda-feira de manhã depois da votação na Alemanha Federal, Bélgica, França, Itália e Luxemburgo.

Os observadores atribuem a elevada percentagem de abstenções à fragilidade das competências do Parlamento Europeu.

PAÍS BASCO

Morto oficial de exército

O major do Exército Andres Varela foi ontem assassinado em Tolosa, província basca do Guipuzcoa, quando se encontrava junto da sua residência.

Os agressores puseram-se em fuga num automóvel. O atentado não foi ainda reivindicado.

No lugar do atentado foram encontradas cápsulas de bala «parabellum», de 9 milítros, utilizadas habitualmente pela «ETA-militar».

Entretanto o ministro espanhol do Interior advertiu entidades ligadas à indústria das três províncias bascas de que poderão ser os próximos alvos dos guerrilheirs separatistas, após o rapto do chefe do serviço provincial do Ministério da Idústria.

Ontem à noite, guerrilheiros que se identificaram como sendo da ala político-militar da ETA raptaram Ignacio Astiz Larraya, de 33 anos, de sua casa em Pamplona. A Polícia avança a ideia de que o rapto se deve ao facto de Larraya, no âmbito das suas funções, estar encarregado das questões de energia nuclear.

Durante três dias, em Pamplana e outras cidades bascas, travaram-se violentos recontos entre a polícia e manifesantes antinucleares.

AMÉRICA

Schmidt propõe nos EUA "sistema se segurança"

O chanceler alemão federal Helmut Schmidt chegou ontem à noite a Nova Iorque, última escala da sua viagem aos Estados Unidos.

Schmidt esteve antes em Cambridge, próximo de Boston, onde recebeu o título de doutor «honoris causa» da Universidade local.

Em discurso proferido na ocasião, Schmidt previu que novas forças que emergirão no mundo tornarão a década de 80 extremamente agitada e apelou para a constituição de uma sistema de segurança internacional o mais eficaz possível.

O dirigente alemão federal declarou ainda que «a Aliança Atlântica não pode aceitar uma situação de inferioridade face ao Pacto de Varsóvia».

A questão do esgotamento das fontes de energia foi outro ponto focado com preocupação por Schmidt: «o decréscimo das fontes energéticas pode ser outro factor de desestabilização no mundo e uma ameaça para a paz».

COLÔMBIA

Criticada viagem presidencial

A viagem que o presidente colombiano Júlio César Turbay, deverá efectuar a partir de hoje a vários países estrangeiros, entre os quais Portugal, está a ser violentamente criticada pela esquerda colombiana que a denunciou como dispendiosa e inútil.

O presidente Turbay deverá visitar o México, Portugal, França, Suíça, Jugoslávia, Espanha, Bélgica, Porto Rico e talvez a URSS.

O jornal «Alternativa» que pertence ao escritor Gabriel Garcia Marquez, escreve que esta viagem «será a operação de relações públicas mais cara dum país em vias de desenvolvimento desde a coroação do imperador Bokassa I do Império Centro Africano».

Hoje

Hoje, no II Programa, a obra do poeta Mário Dionísio, na foto

I PROGRAMA

18.30 **Sumário** – breve resumo noticioso nacional e internacional.
18.35 **Jardins Zoológicos** – Jardim Zoológico de Pretória.
19.05 **País, País** – a actualidade regional.
19.25 **Quem o Seu Descuida** – crescimento das cidades no século XX.
19.55 **Manuel e Beatriz**
20.00 **Jornal RTP/1**
20.35 **«O Astro»** – episódio n.º 167.
21.15 **O Tempo**
21.25 **Serviço Informativo Especial de Vila Real**
22.05 **«Poldark»** – 14.º episódio.
23.00 **24 Horas** – último serviço noticioso do dia.
23.15 Fecho

II PROGRAMA

18.45 **Ano Propedêutico**
20.30 **No Rasto de...** – aviadores antigos.
21.10 **Os Fabulosos Anos do Cinema** – os lutadores.
21.30 **A Obra do Poeta Mário Dionísio**
22.00 **Informação/2**
22.30 **Cine/Clube** – «Outubro», com Boris Limanov e N. Papov.
00.30 Fecho

Amanhã

I PROGRAMA

13.30: Formação de Professores; **14.00**: Sumário; **14.05**: Teatro Amador; **14.30**: Era uma Vez o Homem; **15.00**: O Circo Chegou; **15.25**: Eu, Tu, Ele, Nós Trabalhamos; **15.30**: O Mundo à Tua Espera; **16.45**: «Carta da Nova França»; **17.15**: Tempo de Desporto; **17.45**: Animação; **18.15**: Ver com Olhos de Ver; **18.55**: 10 de Junho; **19.30**: Telejornal; **20.00**: 4300 Minutos; **20.30**: Haja Saúde; **21.00**: Cerimónia da Entrega dos Prémios do I Grande Prémio de Teatro RTP; **21.15**: Manuel e Beatriz; **21.30**: Jornal RTP/1; **22.00**: Reportagem do Exterior; **23.15**: 24 Horas; **23.35**: Fecho.

II PROGRAMA

14.00: Ano Propedêutico; **20.32**: «Dick Tracy» – 5.º episódio; **21.30** Desporto 79; **23.00**. Série Portuguesa; **23.30**: Fecho.

Canal da Crítica

MÁRIO CASTRIM

Pinto não é político

Numa televisão como a nossa onde não se regulamentou o uso da antena, o Governo tem direitos especiais nesse capítulo. Assim foi que, com pretexto «no tempo de antena do Governo», o ex-presidente do Conselho «Mota Pinto» se deu ao luxo de amandar com a emissão da sua conferência de Imprensa.

A qual emissão acabou por se voltar contra ele, por lhe carregar ainda mais a imagem. Estamos na presença de um alambique de ódio. Nenhum serventuário do fascismo, que me lembre, foi tão agressivo, tão apaixonado, tão duro de expressão e de palavra – e ao mesmo tempo tão enfaticamente senhor da capoeira, tão grávido de si próprio, que atingiu o ridículo.

As suas diatribes mostram a inexistência de estofo político neste homem. Este homem tem tudo para ser um ditador; tudo lhe falta para ser um político.

A maleabilidade, a discrição, a capacidade de manobra, a inteligência para negociar, a compreensão das relações de força em presença e a acção em conformidade – eis alguns dos atributos que caracterizam um homem político, não caracterizam um ditador. Pinto não é político.

Para Mota Pinto, o mal não esteve no facto de ele procurar impor leis a **esta** Assembleia da República; para ele, a culpa pertenceu à Assembleia da República, que, cortando-lhe o pio, «lhe fazia obstrução»...

Mota Pinto não aceita esta situação. Suas declarações poderiam resumir-se assim: «Há políticos que são políticos; há políticos que não são políticos. Eu incluo-me entre estes e por isso me vou embora.»

Certo. Quem não sabe ser político fecha a loja. O que ele pretendia era não moldar-se à realidade, mas moldar a realidade a si próprio. O que lhe convinha, o que lhe convinha mesmo, não era uma Assembleia da República que lhe vigiasse os actos, mas sim uma Assembleia Nacional que lhe dissesse ámen a todas as prepotências.

Teve azar. Veio atrasado seis anos. Agora, olhe, cruzes na boca, piu, piu.

MÚSICA: A COMPANHEIRA DE TODAS AS HORAS

Grande parte do serão de ontem ficou preenchido com a rubrica «Grandes Orquestras», produzida pela BBC, e de que já vimos emissões sobre a Sinfónica de Londres e de Filadélfia. Desta vez falou-se da Grande Orquestra Sinfónica de Moscovo, a que já alguém chamou «um dos grandes monumentos artísticos do nosso tempo».

Sempre tão parcos em elogios, os produtores ingleses desentranharam-se em maiúsculas face à orquestra dirigida pelo maestro Snetlanov, galardoado em 1972 com o Prémio Lenine. De Lenine, que escreveu: «Na sociedade que se baseia na propriedade privada, o artista trabalha para o mercado, tem necessidade de compradores. A nossa revolução libertou os artistas destas condições humilhantes.»

Isto a BBC não disse. Mas disse que a Sinfónica de Moscovo não tem qualquer problema financeiro; que os seus componentes, pelo trabalho altamente qualificado que produzem, recebem dos mais elevados salários da União Soviética; que dão **dez11 concertos por mês; que os seus componentes são alvo da maior consideração social; que o grande maestro Snetlanov é da maior exigência artística, «quer se trate de um concerto em Carnegie Hall, como no centro cultural de uma fábrica»; disse que não se conhecem problemas com a falta de interesse musical, dado que «na União Soviética a música faz parte integrante da vida quotidiana», e a provar isso está o facto de «as lotações dos concertos estarem sempre esgotadas» – e isto compreende-se melhor se soubermos que na União Soviética há cerca de 140 orquestras sinfónicas, 44 grandes orquestras sinfónicas, 650 conjuntos musicais. Só em 1976 deram 500 mil concertos, a que assistiram 25 milhões de pessoas...**

O documentário assinalou aquilo que se considera um dos grandes motivos de orgulho da Grande Orquestra Sinfónica de Moscovo: não ter nunca deixado de tocar, nem mesmo durante a Grande Guerra Pátria, debaixo do fogo e dos bombardeamentos nazis.

Talvez nunca, como nesses tempos, a música foi «a nossa companheira», para utilizar a expressão de Fernando Lopes Graça. Companheira que a Orquestra Sinfónica de Moscovo sabe ser num quotidiano que pode fruir a Beleza e o Pão sem o medo do futuro e sem o pecado do privilégio.

NATURA

FOI POSTO À VENDA O N.º 297
REFERENTE A JUNHO

Se desejais evitar a doença e curar-vos dos vossos males, pelos meios puramente naturais, assinai já esta utilíssima revista de Higiene Geral e Alimentar de Saúde e Cultura Integral, podendo estar certos de que pelos ensinamentos recuperareis mais bem-estar e alegria de viver.

Director e proprietário: DR. INDIVERI COLUCCI
Do sumário destacamos os seguintes artigos:

- **Os vasos sanguíneos, auto-estradas da Saúde**
- **A Boca porta de entrada da saúde e da doença**
- **As vitaminas e o seu uso racional**
- **O Funcionamento do livre arbítrio**
- **Prepare-se para a prática do desporto**
- **São incontáveis os benefícios da natação**
- **A Coluna Vertebral «Trave mestra» do corpo humano**
- **O Leitor é falso hipertenso?**
- **A Constipação flagelo mal conhecido**
- **As folhas da longevidade**
- **Saldar uma dívida em aberto**
- **Os Responsáveis**

etc., etc..

TODOS OS PEDIDOS DEVEM SER DIRIGIDOS
A ESTA ADMINISTRAÇÃO
RUA ANTERO DE QUENTAL, 35, 1.º (ao Intendente)
Telefone: 55 46 98
Assinatura anual, 200$00 — semestral, 120$00
Estrangeiro, 350$00 — número avulso, 25$00

Angústia Desespero Solidão
54 45 45 SOS
uma voz amiga estará contigo

BULGÁRIA
VIAGENS DE TURISMO COM VISITAS SOCIAIS
partidas a 14/6, 16 e 30/7, 13/8
6/9 (Festa Nac.) e 1/11 (Comemorações do 7 de Novembro)
SOFIA e outras cidades
TUDO INCLUIDO
Informações e inscrições das 10 às 19,30 h na
ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-BULGÁRIA
R. S NICOLAU, 119, 2º LISBOA - TELEF 323963
ORGANIZAÇÃO DA MUNDIRAMA

CURSOS
MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
Sistemas IBM e UNIVAC
Início: 21 de Junho
GRAVAÇÃO/VERIFICAÇÃO
IBM 3742 DISKETTES
Início: 22 de Junho
DACTILOGRAFIA
Início todos os dias
Incrições limitadas
EXTERNATO CONTINENTAL
Telf. 325652 — R. do Arsenal, 100 - 1.º

prémio literário círculo de leitores

O Círculo de Leitores, Lda. deliberou instituir um Prémio Literário bienal com o objectivo de estimular e incentivar a produção de originais portugueses, para o que criou o presente Regulamento, que integra as disposições por que se regerá a atribuição do referido Prémio.

REGULAMENTO

ART.º 1.º

O Círculo de Leitores institui o "Prémio Literário Círculo de Leitores" para as obras de literatura de ficção: romance, novelas ou contos.

ART.º 2.º

O Prémio será concedido bienalmente e o seu valor é de Esc. 500.000$00.

ART.º 3.º

As obras concorrentes deverão ser dactilografadas a dois espaços em papel formato A4, em cinco exemplares, e ter um mínimo de 300.000 caracteres.

1.º — Os exemplares devem ser assinados com pseudónimo e acompanhados de um sobrescrito lacrado contendo a identificação do Autor.

2.º — O não cumprimento desta condição implica a eliminação do concorrente.

3.º — Só serão abertos os sobrescritos relativos ao Autor premiado e àqueles cujos originais o Júri considere dignos de publicação, devendo o Secretário da Direcção da Associação Portuguesa de Escritores destruir os restantes na presença do Júri.

ART.º 4.º

Os originais concorrentes devem ser enviados para o Departamento Editorial do Círculo de Leitores, Rua Eng. Paulo de Barros, 22 — 1599 LISBOA CODEX, até ao dia 31 de Dezembro de 1979, devendo indicar no envólucro "Concorrente ao Prémio Literário Círculo de Leitores".

ART.º 5.º

O Prémio será atribuído por um júri constituído por cinco pessoas de reconhecida idoneidade intelectual, sendo:

— um dos membros designado pelo Círculo de Leitores;

— outro, pelo Departamento de Literatura (Filologia Românica) da Faculdade de Letras de Lisboa;

— outro, pelo Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários;

— os dois restantes nomeados pela Direcção da Associação Portuguesa de Escritores.

ART.º 6.º

A cada membro do Júri caberá a remuneração de 10 000$00 pela leitura dos originais e sua selecção.

ART.º 7.º

O Júri reunirá na sede da Associação Portuguesa de Escritores oito dias após a designação dos seus componentes, elegendo entre si um Presidente que terá a iniciativa das convocações, e um Secretário, que redigirá as actas

ART.º 8.º

As reuniões do Júri serão secretas, deliberando em plena independência e em liberdade de critério.

ART.º 9.º

Haverá um único classificado, por unanimidade ou maioria, não sendo revelados publicamente, por força do parágrafo 3.º do art.º 3.º, os nomes dos restantes concorrentes.

1.º — O Júri poderá deliberar a não atribuição do Prémio unicamente por motivos de qualidade.

2.º — O Prémio não pode ser atribuído mais que uma vez ao mesmo Autor

ART.º 10.º

Quando ocorra a situação prevista no parágrafo 1.º do artigo anterior, será excepcionalmente aberto novo concurso no ano seguinte, sem prejuízo da realização do concurso bienal previsto neste Regulamento.

ART.º 11.º

O Secretário da Direcção da Associação Portuguesa de Escritores e um membro designado pelo Círculo de Leitores verificarão o exacto cumprimento deste Regulamento, sobre o que ambos darão parecer, que deve ser assinado e apenso à acta da deliberação do Júri.

ART.º 12.º

Até 15 de Abril de 1980, o Júri enviará cópias assinadas da acta final à Direcção da Associação Portuguesa de Escritores e ao Círculo de Leitores.

ART.º 13.º

A Direcção da Associação Portuguesa de Escritores e o Círculo de Leitores combinarão entre si a sessão pública da entrega do "Prémio Literário Círculo de Leitores".

ART.º 14.º

O Círculo de Leitores reserva-se o direito de publicação da primeira edição da obra premiada, que terá uma tiragem de 10.000 exemplares e cujos direitos de Autor se consideram pagos pelo valor do Prémio atribuído.

1.º — O Círculo de Leitores compromete-se a publicar a obra premiada no 1.º trimestre de 1981, fazendo o seu lançamento publicitário na Revista desse mesmo trimestre e eventualmente também noutros meios de comunicação social.

2.º — O Círculo de Leitores deterá o exclusivo da publicação da obra premiada durante o primeiro semestre de 1981, podendo, no entanto, reeditá-la dentro e depois deste prazo, pagando ao seu Autor 5 % de direitos por todos os exemplares que excedam os 10.000 da primeira edição

3.º — O Autor, após o termo do período de exclusivo arrogado ao Círculo de Leitores, poderá negociar com um Editor à sua escolha os direitos da obra para o mercado tradicional nacional e estrangeiro, concedendo, porém, ao Círculo de Leitores o privilégio de negociar os referidos direitos da obra premiada para todos os Clubes do Livro do mundo, na base de 4 % de direitos de autor sobre o preço de capa praticado em cada país, na proporção de 40 % para o Círculo de Leitores e 60 % para o Autor.

ART.º 15.º

Os originais não premiados deverão ser levantados na sede do Círculo de Leitores até ao dia 15 de Maio de 1980, prazo a partir do qual se declina toda e qualquer responsabilidade na sua entrega.

ART.º 16.º

O Círculo de Leitores reserva-se o direito de a todo o tempo alterar qualquer cláusula do presente Regulamento, dando publicidade pelos meios que julgar convenientes a essas alterações.

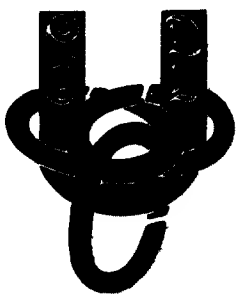
ART.º 17.º

Após a atribuição de cada Prémio, o Círculo de Leitores reserva-se o direito de o suspender ou anular.

Círculo de Leitores

RUA ENG.º PAULO DE BARROS, 22 1599 LISBOA CODEX

COMISSÃO DE TRABALHADORES "RG/DL"



Crescem as inscrições no Torneio Unidade

O grande Torneio Unidade de futebol de salão, que a Comissão de Trabalhadores da RG/«DL» levará a efeito, a partir de Outubro próximo, já começou a registar as primeiras inscrições, sendo de várias dezenas, o número de equipas que formalizaram a sua participação.

Recorde-se que este torneio visa estreitar, ainda mais, os laços de amizade e solidariedade entre os trabalhadores, na perspectiva também de uma salutar ocupação dos tempos livres. Estarão em jogo alguns prémios atractivos, designadamente a viagem da equipa vencedora a um país estrangeiro, onde disputará um torneio. Mas haverá mais, muitos mais prémios, cuja divulgação será feita oportunamente.

Entretanto, a Comissão Organizadora do Torneio (COT) solicita que – em correspondência a ser enviada em seu nome para a Rua Luz Soriano, 44 - 1200 – amigos ou grupos desportivos que queiram colaborar, e, nomeadamente os que possuam recintos desportivos, nos enviem as possibilidades e condições de utilização dos mesmos, para o Torneio Unidade. Registe-se que o torneio terá início em 1 de Outubro e que os jogos disputar-se-ão às segundas, quartas e sextas-feiras à noite.

Na secretaria da sede social do Luso Futebol Clube (Barreiro), está já a funcionar diariamente, das 21 e 30 às 23 e 30, uma delegação da COT que assegura a inscrição das equipas do Barreiro e respectivo concelho que queiram participar no torneio.

Convém ainda referir que no regulamento do torneio apenas se estabelece que poderão participar equipas representativas de empresas (além de locais de trabalho, na Função Pública e sindicatos) e entidades expressamente convidadas pela COT. Cada empresa poderá inscrever mais que uma equipa, e, por sua vez,cada equipa poderá representar mais que uma empresa.

As inscrições terão de ser subscritas pelas CT's, Comissões Sindicais, Grupos Desportivos ou outros organismos sociais dos trabalhadores.

O número máximo de jogadores que poderão ser inscritos por cada equipa é de doze, sendo vedada a inscrição de atletas profissionais.

A partir da próxima semana as inscrições, que durarão até 6-7-79, poderão ser feitas todos os dias (excepto sábados, domingos e feriados)até às 22 horas, na COT, a funcionar na Luz Soriano, 44, podendo hoje, sexta-feira, ser feitas até às 23.30 horas.

A inscrição será feita através do preenchimento dum boletim semelhante à figura.

Futebol de Salão

I Unidade TORNEIO 1979

Iniciativa da C.T. da R.G./"D.L."

Boletim de inscrição

NOME DA EQUIPA: .....
EMPRESA(S) QUE REPRESENTA: .....
MORADA: ..... LOCALIDADE: .....
CONCELHO: ..... DISTRITO: ..... TELEF. .....

COR DO EQUIPAMENTO

JOGADORES

	NOMES	B.I.
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		

DELEGADOS:

ARBITROS):

Entidade responsável

(carimbo se possível)

DATA ... / ... / ...

ASSINATURA

Futebol, Taça de Portugal
Ac. de Coimbra, 1-Boavista, 2

A equipa de futebol do Boavista venceu ontem o Académico de Coimbra, em Coimbra, por 2-1 em jogo dos quartos-de-final da T. de Portugal mandado repetir por decisão jurisdicional da FPF.

No jogo anulado, o Boavista tinha ganho já por 4-1, pelo que continua na prova, vindo depois a eliminar o Sp. de Braga, em Braga, por 1-0, e ganhando assim direito a estar presente na final, em Lisboa, contra o vencedor do Fafe-Sporting.

Este jogo, já se disputou, tendo o Sporting, vencido por 1-0, no prolongamento e através de «penalty» muitíssimo contestado. Sobre o desfecho desta meia-final, pende ainda, no entanto, a incerteza: há um protesto do Fafe na Federação e uma decisão federativa que se aguarda.

O jogo de ontem em Coimbra, entre o Académico local e o Boavista era aguardado com viva expectativa, pela incerteza do seu desfecho e principalmente pela situação que viria criar uma eventual vitória do Académico, que ainda no do último domingo e a contar para o Campeonato venceu por 1-0 o Boavista.

A repetir-se ontem a vitória de domingo, ficaria sem efeito o jogo da meia-fial que o Boavista entretanto disputou em Braga, sendo o Académico, e não o seu adversário na eliminatória, o semifinalista.

No entanto, tal expectativa, frustrou-se perante uma excelente exibição da turma «axadrezada», onde Salvador se destacou num alto momento de forma.

Salvador marcou o primeiro golo para o Boavista logo aos 8 minutos da primeira parte. Ainda na primeira parte, aos 27 minutos, o Boavista elevaria o marcador para 2-0 por intermédio de Eliseu, e a concluir uma apurada combinação com Salvador.

Ganhando por 2-0, o Boavista jogou a segunda parte do encontro com meio empenho ofensivo, o que permitiu à equipa uma exibição de nível técnico bastante apreciável.

O golo do Académico foi marcado por Brasfemes, aos 56 minutos, 11 da segunda parte, e veio despertar a equipa da casa para a necessidade atacante, na mira da igualdade, e da vitória, possivelmente. Impôs-se no entanto, o melhor jogo do Boavista, onde a defesa muito fechada, soube sempre quebrar o ímpeto atacante de Coimbra, e fazer com que o jogo se desenrolasse predominantemente no meio campo do adversário.

MODALIDADES

AUTOMOBILISMO

Eddie Cheever, dos Estados Unidos, tripulando um Osella BMW, foi o vencedor do Grande Prémio de Pau de Fórmula 2, prova a contar para o campeonato europeu.

Siegried Stohe, da Alemanha Federal (em Chevron) foi o segundo classificado, e Marc Surer, da Suíça (em March BMW) terminou naterceira posição. Brian Henton, que tripula um Ralt-Hart, manteve o comando do campeonato europeu.

HALTEROFILIA

Yurik Vardayan (União Soviética) melhorou o seu próprio recorde do movimento dois tempos e estabeleceu também novo máximo no total dos dois movimentos num torneio de halterofilia disputado em Leninakan, sua terra natal. Vardanyan (da categoria de 82,5 quilos) levantou 212,5 quilos no movimento dois tempos, melhorando em um quilo o anterior máximo, que já lhe pertencia desde 6 de Abril deste ano.

O halterofilista soviético levantou depois 170 quilos no arranco, totalizando assim, 182,5 quilos, ou seja: mais 2,5 quilos que o anteior máximo mundial, pertença do búlgaro Blagoi Blagoev, desde 24 de Maio deste ano.

ESQUI

Os organizadores do campeonato europeu de esqui aquático, que se disputará no Lago de Albano, perto de Roma, em fins de Agosto e princípios de Setembro, anunciaram que o papa João Paulo II assistirá à sua realização.

O torneio decorrerá entre 28 de Agosto e 2 de Setembro e o pontífice, que nessa altura estará a descansar na próxima localidade de Castelgandolfo, comprometeu-se a comparecer em, pelo menos, uma jornada.

GINÁSTICA

Os franceses Anne-Marie Tudesco (Marselha), Valerie Grandjean (Clermont) e Bernard Thoule (Macon) participarão no «Internacional» de ginástica que terá lugar nos próximos dias 14 e 15 em Lisboa.

Atletismo

Constituída a selecção para a Taça "Bruno Zauli"

A selecção portuguesa de atletismo vai participar, nos próximos dias 16 e 17, na eliminatória preliminar da Taça da Europa «Bruno Zauli-79», a decorrer no Luxemburgo.

A formação da equipa nacional, segundo apurou a ANOP junto da Federação Portuguesa de Atletismo, é a seguinte: 100m – Vítor Mano; 200m – António Cachola; 400m – atleta ainda por designar; 800m – Carlos Cabral; 1500m – Helder de Jesus; 5000m – Fernando Mamede; 10 000 – José Sena; 110m barreiras – Alberto Matos; 400m barreiras – José Carvalho; 3000m obstáculos – João Campos; altura – Vítor Mendes; comprimento – Adriano Rodrigues; triplo – Paulo Palma; vara – Raposo Borges; peso – Vital e Silva; disco – João Manta; dardo – Mário Silva; martelo – José P4droso; 4x100m – José Silva, Norberto Serina, António Cachola e Vítor Mano; 4x400m – Joaquim Carvalho, Carlos Cabral, António Cachola e José Carvalho.

Portugal defrontará as selecções do Luxemburgo, Islândia, Dinamarca e Irlanda, sendo apurados para as meias-finais os três primeiros classificados.

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 42, DE 10 DE JUNHO DE 1979

Boa Nova, 121 11x 111 1211; Cardeal Saraiva, 222 2x1 111 x11x; Cavalgada do Ritmo, 122 111 111 1211; Rádio Totobola, 12x x11 111 1x11; Correio de Coimbra, 122 x11 111 x12x; Correio do Vouga, x22 111 111 1111; Diário de Coimbra, 12x 1x1 111 111x; Ecos do Cacia, x22 2x1 111 x111; Eu Sei Tudo, x22 111 111 xx21; Jornal de Gaia, 122 x11 11x 1211; Folha do Domingo, 122 x1x 111 1xxx; Gazeta das Caldas, 122 x11 11x x11x; O Jornal de Felgueiras, x22 x11 111 x211; O Jornal da Lixa, x22 111 111 21x2; Jornal de Santo Tirso, x22 x11 111 1211; Jornal de Sintra, 222 xx1 111 12xx; Jornal Linhas de Elvas, 222 211 11x 1x11; Litoral, 121 x11 111 1x11; Notícias de Felgueiras, 122 xx1 11x x111; Notícias de Gouveia, 12x 212 111 221x; A Ordem, 122 x11 112 1111; Reconquista de Castelo Branco, x22 x11 111 1x11; A Voz das Beiras, 122 x11 1x1 1x11; Diário Desportivo, 121 x1x 111 x21x; A Voz do Domingo, 122 1x1 111 x111; A Voz de Palmela, 12x 11x 112 1x11; RDP – Secção Desportiva, 12x 211 11x x121; Grafanola Ideal, x22 x21 1x1 2212; Diário de Lisboa, 122 1xx 111 1211; Mundo Desportivo, x22 x11 112 xx1x; Notícias de Évora, x22 x11 111 xx1x; O Comércio de Leixões, x22 xx1 112 1x11; Estúdio 64, 222 2x2 111 x221; Jornal da Graça, 122 111 11x 211x; Manchete Desportiva, 122 1x1 111 1111; Penalty, 121 11x 111 x211; Panorama, x22 121 22x 1x21; Rádio Placard, 111 111 111 1111; Repórter do Dia, x22 211 111 x11x; A Voz dos Ridículos, 12x 1xx 1x1 1211; Alvo Desportivo, 122 111 112 1121; O Comércio do Porto, 122 11x 11x 1111; O Primeiro de Janeiro, 122 1x1 1x2 1111; Rádio Alvo, 122 2xx 11x 1x11; Rádio Sports, 122 11x 112 121x; Jornal O Diabo, 12x 11x 11x 111x; O Norte Desportivo, x22 x11 112 1x11; Jornal da Beira, 12x 11x 11x 1111; Rádio Altitude, x2x 2x1 112 221x; Notícias de Chaves, 122 1x1 11x 2212; Estrela da Manhã, 122 111 111 1111; A Comarca de Arganil, 122 xx1 11x 1x11; Voz de Lamego, 122 x11 111 x212; Maria da Fonte, 12x 11x 112 1111; Notícias de Guimarães, 122 2x1 111 x211.

	R	E	S	U	M	O	B	O	L	A	S
		1	X	2				1	X	2	a)
1. BARREIRENSE - SETÚBAL		36	15	4				8	3	1	
2. A. VISEU - PORTO		1	0	54				1	1	11	
3. BEIRA-MAR - BENFICA		5	10	40				1	2	9	
4. FAMALICÃO - BRAGA		24	21	10				5	5	2	
5. ESTORIL - BELENENSES		36	17	2				8	3	1	
6. GUIMARÃES - MARÍTIMO		40	13	2				8	3	1	
7. SPORTING - ACADÉMICO		54	0	1				11	1	1	
8. BOAVISTA - VARZIM		50	4	1				10	1	1	
9. BRAUNSCH - SCHALKE 04		32	13	10				7	3	2	
10. DUSSELDORF - GLADBACH		32	17	6				7	4	1	
11. DUISBURGO - FRANKFURT		22	15	18				5	3	4	
12. COLÓNIA - HERTA B.		46	6	3				10	1	1	
13. HAMBURGO - BAYERN M.		36	15	4				8	3	1	

a) - Nos termos do Art9 149. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.-

A "Chave" lógica será:
122 111 111 1111

COVINA

COMPANHIA

VIDREIRA NACIONAL S.A.R.L.

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

EXERCÍCIO DE 1978

Senhores Accionistas,

O Exercício de 1978 caracterizou-se, a nível interno, pela consolidação económico-financeira e por um salto qualitativo da organização, e, a nível externo, pela diversificação e pela procura de sinergias, por via das actuais participadas, dos novos investimentos e de novas participações financeiras.

O Balanço e a Demonstração de Resultados, analisados de seguida, evidenciam a consolidação financeira. O arranque da unidade Pittsburgh n.º 1 traduz o elemento essencial da consolidação económica.

O esforço de organização, que veio a culminar na recente publicação do Organograma da empresa — elemento essencial para a clarificação da estrutura e para a repartição objectiva das responsabilidades —, foi sendo traduzido na prática, área por área, através da melhor articulação das respectivas funções, de acções de recrutamento e de formação profissional e, ainda, de reconversão onde tal se revelou necessário. Resultou uma organização flexível, admitindo uma dinâmica de permanente transformação.

A nível geral, estabeleceu-se uma autonomização de áreas de responsabilidade e lançaram-se as acções necessárias à descentralização e à crescente melhoria dos circuitos de informação e decisão.

Quanto à produção, o arranque do Pittsburgh n.º 1, dotado de um forno termicamente isolado, muito sensível, e de máquinas com barras mais largas, portanto, mais rápidas, permitiu um avanço no conhecimento do processo. As maiores exigências de controlo e comando do mesmo, desde as matérias-primas até à recepção do vidro, conduziram, e conduzem, a acções de organização e de formação profissional, alcançando a satisfação dessas maiores exigências e preparando a evolução tecnológica futura. Por outro lado, foi-se introduzindo a mecanização das instalações, fundamentalmente nas áreas de recepção.

Ao nível da gestão comercial, procedeu-se à analise das redes de distribuição e comercialização, ao estudo dos mercados, construindo as bases da política comercial.

Ao nível da gestão financeira, procedeu-se ao lançamento do controlo orçamental, à melhoria dos circuitos administrativos e à melhoria da gestão financeira previsional.

Ao nível da gestão de aprovisionamentos, aumentou-se a exigência no que se refere à técnica no fornecimento de matérias-primas, melhorou-se a organização e os circuitos de compras.

Ao nível de planeamento, procedeu-se à avaliação dos projectos de investimento em carteira, à informatização do processo de análise de investimentos, ao estudo visando um próximo lançamento do plano multianual da empresa, apoiado num modelo informático da mesma.

Ao nível da gestão de pessoal, melhoraram-se, na generalidade, as técnicas de gestão e reforçou-se a área de gestão de recursos humanos, nomeadamente no que se refere à formação profissional.

Quanto às novas actividades, salientam-se as seguintes:

a) a montante, a concretização da participação financeira na Sibelco Pòrtuguesa, já anunciada no último Relatório do Conselho de Administração;

b) a jusante, a concretização das negociações visando uma participação financeira em JOSÉ PEDRO GOMES «A COMPETIDORA», LDA., aliás, já autorizada pelos accionistas;

c) em áreas de diversificação, o desenvolvimento das acções necessárias ao lançamento de uma nova empresa de fibras de isolamento e a concretização do desenvolvimento comercial da EVI-Empresa de Vidros e Isolamentos.

No que se refere ao projecto da Sibelco Portuguesa, para lá dos efeitos de sinergia de administração e operacional, há o alcance estratégico do mesmo, por via da garantia no abastecimento em matéria-prima, na quantidade e qualidade necessárias. De sublinhar que o projecto técnico da respectiva instalação industrial garante o abastecimento a segmentos industriais especialmente exigentes em qualidade, nomeadamente à fundição, à cristaleria, ao vidro de embalagem, ao vidro plano, etc. A nossa associada neste projecto é o melhor garante da utilização da melhor tecnologia e da integral adequação dos produtos aos mercados e indústrias que a Sibelco Portuguesa visa abastecer.

No âmbito da diversificação e quanto à nova empresa de fibras de isolamento, concretizou-se o licenciamento e assistência técnica das fibras de vidro, já estão disponíveis os terrenos e instalações industriais adequados à implantação da nova empresa e está em curso o projecto dos equipamentos industriais da mesma; quanto ao desenvolvimento da nossa associada EVI, há a sublinhar ter esta empresa passado de uma situação de «déficit» a uma situação de equilíbrio económico-financeiro, e, de um ponto de vista estratégico, canalizar já 50% do mercado de fibras de vidro em Portugal. Está em curso o lançamento de actividades de transformação, de estaleiro e montagem, visando o contacto directo com o mercado final.

O Exercício de 1978 terá de considerar-se positivo face aos resultados obtidos.

Em 1978, o valor acrescentado bruto ao custo dos factores aumentou em 22,8% relativamente ao valor acrescentado bruto do ano anterior, tendo atingido 488 000 contos e a produtividade geral da empresa aumentou em mais 21,6%.

O resultado da actividade da empresa no Exercício de 1978 cifrou-se em 91 000 contos, isto é, cerca de três vezes superior ao do ano anterior.

Estes resultados são de sublinhar uma vez que foram obtidos num ano em que se vieram a concretizar as previsões traduzidas, em termos de mercado final, na estagnação do mercado da construção civil e na crise aberta nos mercados da construção automóvel e mobiliário, aliás, como se houvera previsto no último Relatório do Conselho de Administração.

No Exercício de 1978, são de salientar, pela sua decisiva importância, de entre as propostas apresentadas pelo Conselho de Administração à Assembleia Geral Extraordinária e por esta aprovadas, as seguintes:

- Realizar todas as acções necessárias à preparação da instalação de uma unidade «Float-Glass» para a produção de vidro plano;
- Completar, entretanto, o complexo Pittsburgh com um segundo forno;
- Alargar o objecto da sociedade à produção de materiais de isolamento ou revestimento, nomeadamente a lã de vidro, bem como a sua transformação, comercialização e aplicação;
- Alargar, ainda, o objecto da sociedade, de forma a que a empresa possa dedicar-se aos ramos de actividade comercial de produtos complementares das suas produções ou comércio, realizando as operações de exportação, importação e reexportação necessárias;
- Orientar a política comercial da empresa conforme as linhas seguintes:
  - criar armazéns e delegações regionais, e respectivos sistemas de transporte, visando a aproximação dos centros de abastecimento aos centros de consumo, a racionalização do sistema produção-distribuição-comercialização;
  - praticar uma política selectiva de distribuição de bónus comerciais que traduzam contrapartida de ganhos de produtividade global, de prestação de serviços, de encargos assumidos pelo cliente, de adequação à política comercial da empresa, de promoção das novas produções;
  - intensificar a actividade de importação e distribuição de produtos, nomeadamente os produtos complementares de produção e comércio da COVINA e suas participadas.

Já no anterior Relatório referente ao Exercício de 1977, este Conselho de Administração se permitira chamar a atenção dos Accionistas para as consequências, para esta empresa, da crescente crise dos nossos mercados finais e do desarmamento alfandegário.

O acompanhamento da actividade económica nacional nos sectores que alimentamos a jusante e o conhecimento, pela Imprensa, da proximidade da assinatura, e eventual aprovação parlamentar, de um acordo comercial com Espanha, impõem que venhamos de novo sublinhar, perante vós, a descontinuidade de ambiente económico que sucederá, a serem concretizadas as previsões de crise e a assinatura de um acordo que não acautele os interesses desta indústria.

No que se refere ao mercado interno, a erosão do poder de compra, o acréscimo do custo de construção, o custo e as dificuldades de crédito, apontam para o agravamento da crise da construção civil, sendo de esperar a recessão do sector. Quanto à indústria da cohstrução automóvel, de valores de vendas — mercado interno — da ordem das 100 000 viaturas em 1974/76, atingiram-se valores da ordem das 60 000 em 1978, e prevêem-se da ordem das 30/40 000 para 1979, não sendo evidente que estes números venham a ser significativamente alterados de imediato. A indústria do mobiliário está em crise aberta.

No que se refere ao mercado externo, é de esperar, em relação aos países da Europa Ocidental, que, na sua generalidade, se mantenha a estagueflação, com inflações da ordem dos dois dígitos, à excepção da RFA, onde, todavia, o fenómeno inflacionário não virá a ser desconhecido, e com taxas de desenvolvimento a um dígito. Isso implicará a estagnação da construção civil, mercado fundamental do vidro plano, e o crescimento a um dígito do mercado automóvel. Por outro lado, tem-se conhecimento do acréscimo do parque produtor, quer pela ampliação de unidades Float já existentes, quer pela implantação de novas unidades Float e pela substituição das unidades Pittsburgh por unidades Float. Aguarda-se, assim, uma sobrecapacidade no sector do vidro plano no espaço europeu, prevendo-se, para os próximos anos, que a produção exceda o consumo em cerca de 10%.

Por outro lado, a ser concretizado o acordo comercial com a Espanha, na sequência do acordo comercial estabelecido entre a Espanha e os restantes países da EFTA, há razões para reflectir sobre o impacto de tal acordo venha a ter no ambiente económico e industrial em que vivemos.

A Espanha, dotada de um mercado de vidro plano da ordem das 10 vezes superior ao mercado português, teve possibilidades de instalar um sistema de produção de vidro plano economicamente forte, utilizando unidades Float e unidades Pittsburgh, sendo de sublinhar a grande capacidade dos Pitts existentes e a modernidade do sistema Float, dada a breve implantação de um novo Float, de grande dimensão, em Avilés. Na sua globalidade, o sistema produtor de vidro plano em Espanha beneficia de economias de tecnologia, de escala e de flexibilidade, abarcando a totalidade do território e alcançando o cliente final.

A rede comercial dos produtores espanhóis constitui uma protecção económica natural, que subsistira mesmo após o desaparecimento das barreiras alfandegárias, o grau de proximidade geográfica torna irrelevante a protecção, em relação ao mercado nacional, que o custo de transporte poderia envolver, acresce, também, não poder deixar de se referirem os sistemas de apoio à exportação por parte das autoridades espanholas, nomeadamente através do sistema de desagravação fiscal, na prática um subsídio à exportação; por outro lado, as restrições comerciais, o licenciamento e as taxas aplicadas no momento da importação, constituem instrumentos de protecção no mercado espanhol, que eventualmente subsistirão mesmo após o desarmamento aduaneiro.

Estes factos conduzem a que, mesmo no caso de desequilíbrio numérico das mútuas concessões de progressivo desarmamento aduaneiro aparentemente favoráveis à nossa indústria, na prática resulte um acréscimo da potencialidade de agressividade da indústria espanhola sobre o espaço português e uma dificuldade, senão impossibilidade, de, em termos de pura competição, ter acesso ao mercado espanhol. Acresce, ainda, que sendo os direitos portugueses específicos, há que somar às reduções progressivas, concedidas por parte de Portugal, as reduções já sofridas e a sofrer, resultantes de desvalorização do escudo.

Entretanto, a estratégia da empresa já considera, e continuará a considerar, atentamente, este horizonte de enquadramento, de forma a desenvolver os espaços industriais e comerciais, nomeadamente os de natural complementaridade, a fim de futuramente subsistir no novo enquadramento.

Naturalmente, a estratégia não poderá ser uma estratégia de expansão, só pelo optimismo de expansão, mas sim uma estratégia de expansão selectiva e de diversificação. Há que considerar a rápida evolução das tecnologias e dos próprios produtos e travar uma luta nas fronteiras de adaptabilidade da empresa às realidades futuras.

A nível interno, a realidade exterior exigirá que a adaptabilidade da empresa passe pela continuação da exigente procura de uma maior produtividade. Cabe aqui sublinhar a boa vontade e o esforço que os trabalhadores da COVINA têm desenvolvido ao serviço da empresa, trabalhadores a quem queremos manifestar a nossa consideração e a convicção que temos de que saberão compreender esta nova realidade industrial, que exigirá menos rotina e mais técnica e qualificação profissional.

À Coopers & Lybrand & Carqueja queremos agradecer todo o apoio que nos tem dado nas suas atribuições de Conselho Fiscal.

O Conselho de Administração, nos termos legais e estatutários, e na sequência lógica do exposto neste Relatório, propõe à Assembleia Geral:

1.º Que aprove o Relatório, Balanço e Contas relativos ao Exercício de 1978;

2.º Que aprove a seguinte aplicação do Resultado Líquido do Exercício de 1978:

Reserva Legal (N.º 1 do Art.º 28.º dos Estatutos)	9 126 300$00
Reserva para Investimentos (N.º 2 do Art.º 28.º dos Estatutos)	34 100 000$00
Dividendos aos Accionistas de 12%	48 000 000$00
Saldo para Conta Nova	36 585$91
RESULTADO LÍQUIDO DO EXERCÍCIO	91 262 885$91

Santa Iria de Azóia, 4 de Maio de 1979

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Eng.º Aureo da Silva Carvalhão Duarte — Presidente
Eng.º Carlos Alberto Ferreira Alves Gonçalves
Dr. João Maria Ramos Pedreira Vilelá
Eng.º António Nobre Guerreiro Góis
Sr. Henry-Jean Loustau

COVINA — COMPANHIA VIDREIRA NACIONAL, S.A.R.L.

BALANÇO ANALÍTICO em 31/12/78

Código Conta	ACTIVO	ACTIVO BRUTO	PROV.AMORTIZ. REINTEGRAÇÕES	ACTIVO LÍQUIDO
	DISPONIBILIDADES			
11	Caixas	349.207$60		349.207$60
12	Depósitos à ordem	72.991.892$95		72.991.892$95
		73.341.100$55		73.341.100$55
	CRÉDITOS A CURTO PRAZO			
21	Clientes, c/c	117.398.903$00		
21	Clientes c/ letras e out.tít. rec	131.645.354$10		
21	Clientes c/ cobrança duvidosa	32.380.918$30		
22	Fornecedores, c/ gerais	1.992.508$80		
2303	Empréstimos concedidos	1.160.764$00		
2508	Associadas, c/c	6.134.593$40		
26xx	Outros devedores gerais	12.604.680$88		
		303.317.722$48	48.380.000$00	254.937.722$48
	EXISTÊNCIAS			
32	Mercadorias	4.681.827$53		
33	Produtos acabados e semiacabados	107.314.839$00		
34	Subprod. desp. resid. e refugos	9.434.586$00		
35	Prod. e trabalhos em curso	4.219.542$00		
36	Mat. primas, subsid. e de consumo	66.561.811$18		
		192.212.605$71	27.406.000$00	164.806.605$71
	CRÉDITOS A MÉDIO E LONGO PRAZO			
21	Clientes, c/c	7.773.583$60		
23	Empréstimos concedidos	9.000$00		7.782.583$60
	IMOBILIZAÇÕES FINANCEIRAS			
4101	Partic. capital em associadas	67.607.575$00		
4102	Partic. capital n/ empresas	322.359$00		
		67.929.934$00	24.772.359$00	43.157.575$00
	IMOBILIZAÇÕES CORPÓREAS			
4201	Terrenos e recursos naturais	94.441.205$37	2.063.365$95	92.377.839$42
4202	Edifícios e outras construções	711.922.834$35	291.627.855$16	420.294.979$19
4203	Equip. bás. outr. máq. instalações	512.126.626$44	313.527.298$92	198.599.327$52
4204	Ferramentas e utensílios	1.622.736$52	1.208.775$32	413.961$20
4205	Material de carga e transporte	19.529.212$00	6.898.532$38	12.630.679$62
4206	Eq. admin. social e mobil. diverso	56.417.465$76	36.605.164$29	19.812.301$47
			651.930.992$02	744.129.088$42
45	Provisão p/ event. perda valores		11.287.327$00	11.287.327$00
		1.396.060.080$44	663.218.319$02	732.841.761$42
	IMOBILIZAÇÕES INCORPÓREAS			
4303	Gastos instalação e expansão	13.860.310$60	3.613.358$23	10.246.952$37
	IMOBILIZAÇÕES EM CURSO			
4401	Obras em curso	24.017.911$13		24.017.911$13
4409	Imobilizações c/adiantamentos	3.331.385$50		3.331.385$50
		27.349.296$63		27.349.296$63
	CUSTOS ANTECIPADOS			
2704	Despesas antecipadas	552.248$80		552.248$80
4701	Conserv. plurienal (obr. amort. dif)	6.387.231$79		6.387.231$79
4709	Outros custos plurienais	5.591.985$62		5.591.985$62
		12.531.466$21		12.531 466$21
	Total de amortiz. e reintegrações		655.544.350$25	
	Total de provisões		111.845.686$00	
	Total do activo	2.094.385.100$22	767.390.036$25	1.326.995.063$97

Código Conta	PASSIVO	PASSIVO E SITUAÇÃO LÍQUIDA	
	DÉBITOS A CURTO PRAZO		
21	Clientes, c/c		7.205.117$80
22	Fornecedores, c/gerais		45.243.689$30
23	Empréstimos obtidos:		
2305	Empréstimos bancários	4.200.000$00	
2309	Outros empréstimos obtidos – Cx. Nac.Pens.	2.279.884$40	6.479.884$40
24	Sector público estatal:		
2402	Imposto de transacções	482.015$00	
2403	Imposto profissional	5.618.054$30	
2404	Fundo de desemprego	1.802.591$40	
2408	Caixa de previdência	8.106.577$00	
2409	Outras entidades do sector público estatal	35.242$80	16.044.480$50
25	Accionistas e associadas:		
2505	Accionistas c/ dividendos	649.347$80	
2507	Accionistas, c/c	19.352.413$10	20.001.760$90
26	Outros credores gerais:		
2601	Credores por fornecedores de imobilizado	8.257.304$90	
26xx	Outros credores c/ gerais	92.303.575$40	100.560.880$30
28xx	Provisões p/ impostos s/ os lucros		79.168.791$00
2902	Provisões p/ outros riscos e encargos		13.981.782$50
			288.686.386$70
	DÉBITOS A MÉDIO E LONGO PRAZO		
2309	Outros empréstimos obtidos – Cx. Nac. Pensões		12.170.362$90
	PROVEITOS ANTECIPADOS		
2709	Receitas antecipadas		161.500$00
	Total do passivo		301.018.249$60
	SITUAÇÃO LÍQUIDA		
	CAPITAL E PRESTAÇÕES SUPLEMENTARES		
5201	Capital social		400.000.000$00
	RESERVAS		
5506	Reserva legal		45.878.800$00
5509	Reservas estatutárias para investimentos		3.012.100$00
5701	Reserva de reavaliação – Dec. Lei n.º 430/78		365.448.916$00
5801	Reservas livres		120.276.700$00
			534.616.516$00
	RESULTADOS TRANSITADOS		
5901	Exercício de 1977		97.412$46
	RESULTADOS LÍQUIDOS		
81	Resultados correntes do exercício		141.590.189$91
82	Resultados extraordinários do exercício		2.973.356$42
83	Resultados de exercícios anteriores		(5.220.660$42)
	Resultados antes de impostos		139.342.885$91
	Provisões p/ impostos s/ os lucros		48.080.000$00
	Resultados líquidos depois de impostos		91.262.885$91
	Total da situação líquida		1.025.976.814$37
	Total do passivo e da situação líquida		1.326.995.063$97

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS LÍQUIDOS em 31/12/78

Cód. conta		Deduções em compras			Cód. conta		Deduções em vendas		
	EXISTÊNCIAS INICIAIS:					**VENDAS MERC. E PROD.**			
32	Mercadorias			3.795.459$33	7102	Prod. acab. e semiacabad	843.343.860$00	88.695.729$00	754.648.131$00
36	Mat. primas, subsidiárias e de consumo			43.327.920$62	7103	Subprod. desp.res.refugos	384.300$40		384.300$40
				47.123.379$95			843.728.160$40	88.695.729$00	755.032.431$40
	COMPRAS				72	Prestação de serviços	57.160$00		57.160$00
3101	Mercadorias	3.746.513$70		3.746.513$70	73	Trabalhos propr. empresa			
3102	Mat. primas subs. consumo	267.369.830$50	428.086$00	266.941.744$50		**VARIAÇÃO DA PRODUÇÃO**			
3107	Embal. comerc. retornáv.	6.750$00		6.750$00		**Existências finais:**			
		271.123.094$20	428.086$00	270.695.008$20	33	Prod. acab. e semiacabad	107.314.839$00		
	REGULARIZ. EXISTÊNCIAS				34	Subprodu. desp. res. refugos	9.434.586$00		
3802	Mercadorias			+ 140.427$70	35	Prod. e trabalh. em curso	4.219.542$00		120.968.967$00
3806	Mat. primas, subsidiárias e de consumo			+ 3.068.060$45		**Regulariz. existências:**			
				3.208.488$15	3803	Prod. acab. e semi-acabad	+ 409.114$90		
	EXISTÊNCIAS FINAIS				3804	Subprod.desp.res.refugos	+ 922.795$12		
32	Mercadorias			4.681.827$53	3805	Prod.e trabalh.em curso	+ 4.736.629$33		+ 6.068.539$35
36	Mat. primas, subsidiárias e de consumo			66.561.811$18		**Existências iniciais:**			
				71.243.638$71	33	Prod. acab. e semiacab	- 88.246.949$30		
61	Custos das existências vendidas e consumidas:				34	Subprod.desp.res.refugos	- 4.988.909$00		
6101	Mercadorias	3.000.573$20			35	Prod.e trabalh.em curso	- 7.406.950$00		-100.642.808$30
6102	Mat. primas, subs. cons.	246.775.914$39				**AUMENTO/REDUÇÃO PRODUTOS**			
6103	Embal.com.retornáveis	6.750$00		249.783.237$59		Prod.acab. e semiacabad	+ 19.477.004$60		
63	Fornec.serv.terceiros	74.165.560$47				Subprod.desp.res.refugos	+ 5.368.472$12		
6401	Impostos indirectos	3.656.074$70		77.821.635$17	327.604.872$76	Prod.e trabalh.em curso	+ 1.549.221$33		+ 26.394.698$05
6402	Impostos directos	1.025.113$80							26.394.698$05
65	Despesas c/ o pessoal	272.133.041$30							16.981.824$00
66	Despesas financeiras	8.828.627$07							
67	Outras desp. e encargos	14.573.206$44		296.559.988$61					
68	Amort.reint.exercício	65.111.991$60							
69	Provisões do exercício	8.532.161$60		73.644.153$20	370.204.141$81				
					697.809.014$57				
82	Perdas extraordinárias do exercício			12.799.583$86					
83	Perdas de exercícios anteriores			59.489.338$02	72.288.921$88				
					770.097.936$45				
	Provisões para impostos s/ os lucros				48.080.000$00				
	RESULTADOS LÍQUIDOS				91.262.885$91				
					909.440.822$36				909.440.822$36

Cód. conta				
75	Receitas suplementares			16.981.824$00
76	Receitas financeiras correntes		7.210.640$10	
77	Receitas de aplicação financeira		896.486$20	
78	Outras receitas		1.731.822$70	
79	Utilização de provisões		1.283.136$60	11.122.085$60
				839.399.204$48
82	Ganhos extraord. do exercício		15.772.940$28	
83	Ganhos de exercícios anteriores		54.268.677$60	70.041.617$88
				909.440.822$36

O TECNICO DE CONTAS — Dr. Sabino Carlos de Matos Guedes Lebre

COVINA — COMPANHIA VIDREIRA NACIONAL, S.A.R.L.

NOTAS AO BALANÇO E À DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS (PLANO OFICIAL DE CONTABILIDADE)

1. ELEMENTOS PATRIMONIAIS LOCALIZADOS NO ESTRANGEIRO
Não existem

2. PARTICIPAÇÃO ESTRANGEIRA NO CAPITAL SOCIAL
Internacional Saint-Gobain, ISG, com sede em Fribourg (Suíça), participa com 20% no capital social, o que corresponde a 80 000 acções com o valor nominal de Esc. 1000$00 cada.

3. DÉBITOS E CRÉDITOS COM O ESTRANGEIRO EM 31.12.1978
Créditos a curto prazo ..... 14 588 403$10
Débitos a curto prazo ..... 23 655 639$80

4. COMPRAS E VENDAS DIRECTAS AO ESTRANGEIRO EM 1978
Compras ..... 55 776 065$20
Vendas ..... 60 342 728$30

5. RELAÇÕES COM ASSOCIADAS
Vide mapa A

6. DÉBITOS A CURTO PRAZO A INTERNATIONAL SAINT-GOBAIN, ISG
19 352 413$10

7. DÉBITOS DE SÓCIOS POR SUBSCRIÇÃO DE CAPITAL E ADIANTAMENTOS POR CONTA DE LUCROS

Não há

8. CRITÉRIOS VALORIMÉTRICOS DAS EXISTÊNCIAS

Na valorização das existências seguiu-se o critério do custo médio ponderado.

Na determinação do custo unitário de produção, seguiu-se o critério do custeio global de produção por áreas fabris, tendo-se na imputação dos custos fixos tomado em consideração os limites de produção tidos como normais.

9. VALOR GLOBAL DOS CRÉDITOS DE COBRANÇAS DUVIDOSAS, SUBCONTA DE «CLIENTES GERAIS, C/C»
Esc. ..... 32 380 918$30

10. CRÉDITOS SOBRE PESSOAL
Empréstimos concedidos ..... 1 160 764$00
Serviços Sociais ..... 109 424$70

11. IMPOSTO DE TRANSACÇÕES
Saldo em 31.12.78 ..... 452 015$00
Valor liquidado durante o ano ..... 3 033 531$90

12. DESPESAS COM PESSOAL DURANTE O EXERCÍCIO
Corpos Gerentes ..... 2 234 300$00
Ordenados e Salários ..... 173 878 335$10
Remunerações adicionais ..... 32 807 596$90
Encargos s/remunerações ..... 49 582 790$40
Outras despesas com pessoal ..... 13 630 018$90
272 133 041$30

13. FUNDOS AFECTOS
Não existem

14. DÉBITOS E CRÉDITOS TITULADOS SEM QUE ESTEJAM EVIDENCIADOS NO BALANÇO
Não existem

15. ELEMENTOS PATRIMONIAIS ONERADOS
Não existem

16. EXISTÊNCIAS FORA DA EMPRESA EM 31.12.78
Mercadorias compradas em trânsito ..... **3 484 090$20**
Produtos em aplicação ..... 1 089 880$00

17. IMOBILIZAÇÕES AFECTAS ÀS ACTIVIDADES
Vide mapa B

18. REALIZAÇÃO DE CAPITAL SOCIAL NO EXERCÍCIO
Não houve

19. PARTICIPAÇÃO DO ESTADO NO CAPITAL SOCIAL
Com excepção de 20% do capital pertencente à International Sint Gobain, ISG, todo o restante foi nacionalizado pelo Decreto-Lei N.º 432/75, de 13 de Agosto.

20. PARTICIPAÇÃO DAS ASSOCIADAS NO CAPITAL DA EMPRESA
Não há

21. PARTICIPAÇÃO NO CAPITAL SOCIAL DE PESSOAS COLECTIVAS QUE DETENHAM ENTRE 10% a 25% do CAPITAL
Vide item 2

22. CAPITAL AMORTIZADO
Não existe

23. PARTICIPAÇÕES FINANCEIRAS DA EMPRESA
Vide mapa C

24. MOVIMENTO DAS CONTAS DE SITUAÇÃO LÍQUIDA
Vide mapa D

25. MOVIMENTAÇÃO DAS PROVISÕES NO ANO DE 1978
Vide mapa E

26. RESPONSABILIDADES NÃO CONTABILIZADAS
Em 31.12.78 existiam os seguintes valores:
Garantias bancárias obtidas não contabilizadas ... 41 011 102$30

27. OUTRAS INFORMAÇÕES
Para melhor leitura do balanço e contas apresentadas, acrescentam-se as seguintes informações:

a) Procedeu-se à reavaliação dos bens de activo imobilizado corpóreo de acordo com o Decreto-Lei n.º 430/78, com excepção dos terrenos não afectos às actividades industriais e dos bens relativamente aos quais em anos anteriores se constituíram provisões por eventual perda de valor.

b) Os bens completamente amortizados da unidade Pittsburgh mantêm-se em balanço, com igualdade de valores nas colunas de Activo Bruto e de Reintegrações. A imobilização dos trabalhos de ampliação e renovação técnica desta unidade, concluídos, uns no final de 1977, outros no início de 1978, originou uma duplicação de valores de algumas dezenas de milhares de contos, que só se expurgarão do balanço no decurso de 1979, após apreciação técnica cuidada dos diversos itens afectados.

c) Os encargos com férias e subsídios de férias continuam a ser contabilizados a partir dos documentos de liquidação, não tendo qualquer expressão contabilística anterior. Estime-se que estes encargos em 1979, relativamente a direitos dos trabalhadores vencidos em 31.12.78, atingirão a verba de 44 000 milhares de escudos. De igual modo, os complementos de pensão a trabalhadores reformados são contabilizados também apenas a partir dos documentos de liquidação.

MAPA A
RELAÇÕES COM ASSOCIADAS

ASSOCIADA	CRÉDITOS A CURTO PRAZO	DÉBITOS A CURTO PRAZO	VENDAS	COMPRAS
DAVIGA	568 921$90	—	162$60	—
S.I.D. COVINA	2 328 313$20	—	2 040 433$50	316 546$50
VIDROS SEGURANÇA	2 065 822$40	—	12 048 029$90	—
VIFIBRAS	176 318$90	—	22 624$20	14 326$70
LAR DO VIDREIRO	—	—	83 427$50	—
S.I.A	2753$00	—	—	—
MAIORIL	239 378$00	—	—	4 289 337$90
SIBELCO	753 086$00	—	—	—
TOTAIS	6 134 593$40	—	14 194 677$70	4 620 211$10

MAPA B
IMOBILIZAÇÕES AFECTAS ÀS ACTIVIDADES

IMOBILIZADO E IMOB. EM CURSO		IMOBILIZADO CORPÓREO	IMOBILIZADO EM CURSO	TOTAL
1	Afectos à Produção de Vidro	1 264 016 043	27 349 296	1 291 365 339
2	Afectos à Transformação de Vidro	29 380 777	—	29 380 777
3	Afectos à Produção de Mosaicos	35 784 647	—	35 784 647
4	Não afectos a qualquer actividade	39 529 317	—	39 529 317
TOTAL		1 368 710 784	27 349 296	1 396 060 080

MAPA C
PARTICIPAÇÕES FINANCEIRAS DA EMPRESA

DESIGNAÇÃO	Quantidade	Valor Nominal	Preço médio de compra	Cot. na Bolsa	VALOR DE BALANÇO Unitário	VALOR DE BALANÇO Total	Valor total de aquisição	DIFERENÇAS Flutuação de valores	DIFERENÇAS Perdas levadas a resultados
1. PARTIC. FINANCEIRAS									
1.1 Quotas									
EMPREENDIOL		52 359				52 359	52 359		
MAIORIL		10 187 825				10 187 825	10 187 825		
SOC. I. D. COVINA		950 000				950 000	950 000		
VIDROS SEGURANÇA		4 999 750				4 999 750	4 999 750		
VIFIBRAS		3 520 000				3 520 000	3 520 000		
SIBELCO PORTUGUESA		12 500 000				26 000 000	26 000 000		
1.2 Acções									
DAVIGA	2000	1000	1000		1000	2 000 000	2 000 000		
SIA	30 000	1000	665		665	19 950 000	19 950 000		
O LAR DO VIDREIRO	2700	100	100		100	270 000	270 000		
1.3 Total	34 700					67 929 934	67 929 934		
2. TOTAL GERAL	34 700					67 929 934	67 929 934		

MAPA D
MOVIMENTO DAS CONTAS DE SITUAÇÃO LÍQUIDA

CONTAS N.º	CONTAS NOME	SALDO INICIAL	MOVIMENTO DÉBITO	MOVIMENTO CRÉDITO	SALDO FINAL
52	Capital social	400 000 000$00	—	—	400 000 000$00
55	Res. legais e estatutárias	42 866 700$00	—	6 024 200$00	48 890 900$00
57	Reserva de Reavaliação	—	—	365 448 916$00	365 448 916$00
58	Reservas livres	120 276 700$00	—	—	120 276 700$00
59	Resultados transitados	—	—	97 412$46	97 412$46
88	Resultados líquidos	30 121 358$76	30 121 358$76	91 262 885$91	91 262 885$91

MAPA E
MOVIMENTAÇÃO DAS PROVISÕES NO ANO DE 1978

PROVISÕES	SALDO INICIAL	CONSTITUIÇÃO ou REFORÇO	UTILIZAÇÃO	REPOSIÇÃO OU ANULAÇÃO	SALDO FINAL
Provisão para impostos sobre lucros	83 989 411$00	48 080 000$00	52 890 325$00	10 295$00	79 168 791$00
Provisão para cobranças duvidosas e outros riscos e encargos	60 215 016$80	6 848 568$60	1 481 152$60	3 220 650$30	62 361 782$50
Provisão para depreciação de existências	21 000 000$00	6 406 000$00	—	—	27 406 000$00
Provisão para Imobilizações Financeiras	22 522 359$00	2 250 000$00	—	—	24 772 359$00
Provisão para Eventual perda de Valores	20 236 327$00	—	—	8 949 000$00	11 287 327$00
TOTAL	207 963 113$80	63 584 568$60	54 371 477$60	12 179 945$30	204 996 259$50

O TÉCNICO DE CONTAS
Dr. Sabino Carlos de Matos Guedes Lebre

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Eng.º Aureo da Silva Carvalhão Duarte Presidente
Eng.º Carlos Alberto Ferreira Alves Gonçalves
Dr. João Maria Ramos Pedreira Vilela
EWng.º António Nobre Guerreiro Gois
Sr. Henry-Jean Loustau

COVINA — COMPANHIA VIDREIRA NACIONAL, S.A.R.L.

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Nos termos do mandato que nos foi conferido na sequência da Assembleia Geral de trinta e um de Outubro de mil novecentos e setenta e sete, a coberto do Decreto-Lei número 49.381 de três de Novembro de mil novecentos e sessenta e nove e em cumprimento da lei e dos estatutos, cumpre-nos apresentar o nosso relatório e parecer sobre o Balanço, Conta de Resultados Líquidos, Notas Anexas às Contas, relatórios e propostas apresentadas pela Administração relativamente ao exercício findo em 31 de Dezembro de mil novecentos e setenta e oito.

No desempenho do nosso mandato, acompanhámos a actividade da empresa durante o exercício, principalmente através da informação contabilística e dos esclarecimentos recebidos da administração e serviços, de quem recebemos o apoio conveniente ao desempenho das nossas funções.

Efectuámos a auditoria das Contas e, em fecho de trabalho procedemos à leitura atenta do relatório e propostas que nos são apresentadas pelo Conselho de Administração.

Em resultado do desempenho das nossas funções e tomando em consideração que:

I As Contas apresentadas compreendem o Balanço, Conta de Resultados Líquidos e Notas Anexas que devem ser publicadas e interpretadas conjuntamente e são apoiadas no inventário e análises que legalmente lhes devem servir de suporte.

II Os critérios valorimétricos adoptados são os indicados nas Notas Anexas e baseiam-se no princípio de custos históricos correspondendo às exigências legais. A única excepção a este princípio, mas de acordo com a legislação publicada, consiste no facto de que o Activo Imobilizado foi reavaliado em mil novecentos e sessenta e três em Esc. 45 805 344$39 (quarenta e cinco milhões, oitocentos e cinco mil, trezentos e quarenta e quatro escudos e trinta e nove centavos), valor este que se encontra integrado no saldo de Reservas Livres e, novamente em mil nove entos e setenta e oito, ao abrigo do Decreto-Lei 430/78, em Esc. 365 448 916$00 (trezentos e sessenta e cinco milhões quatrocentos e quarenta e oito mil novecentos e dezasseis escudos). Quaisquer destas reavaliações obedecem somente a requisitos de ordem legal.

III O relatório do Conselho de Administração, nos termos legais, complementa as contas e contém as referências ao estado dos negócios sociais e faz menção a custos, condições de mercado e investimento de forma a permitir uma melhor compreensão da situação económica e financeira da empresa.

IV Durante o exercício de mil novecentos e setenta e oito alterou-se a situação de cobrança de alguns clientes que anteriormente tinham sido considerados como de cobrança duvidosa e que deixaram de ser considerados como tal.

Por outro lado, o terreno de Cascais que no exercício de 1977 tinha sido considerado como tendo um valor de custo superior ao de mercado, em consequência da desvalorização da moeda e de projectos encetados pela empresa, considera-se que actualmente o seu valor de realização já não é inferior ao constante dos livros.

V Em conformidade com o teor da Nota N.º 27-b), quando da grande reparação do forno Pittsburgh, uma parte significativa dos seus componentes, já completamente reintegrados, foi substituída. Contudo, por dificuldade de quantificação, ainda não se procedeu ao seu abate contabilístico. Nestas circunstâncias, o Balanço reflecte valores imobilizados que, embora já totalmente reintegrados, não existem efectivamente como tal.

VI De acordo com o expresso na nota N.º 27-c) a empresa só contabiliza o valor das férias e subsídio de férias quando efectivamente pagos, procedimento este tradicionalmente seguido, em Portugal. Não obstante, como as férias e respectivos subsídios liquidados num determinado exercício são um direito adquirido pelos trabalhadores durante o exercício imediatamente anterior, existe um passivo omisso no valor de aproximadamente Esc. 44 000 000$00 (quarenta e quatro milhões de escudos), dos quais Esc. 35 000 000$00 (trinta e cinco milhões de escudos) se referem a exercício anteriores.

VII Conforme nota N.º 27-c), a empresa tem responsabilidades assumidas para com os seus trabalhadores referentes ao complemento das pensões de reforma. Como o princípio contabilístico seguido na elaboração das Contas é de só contabilizar os complementos das pensões de reforma quando do seu pagamento, procedimento normalmente seguido, em Portugal, existe um passivo omisso ainda não calculado mas cujo montante é certamente significativo.

VIII A provisão para Impostos sobre Lucros foi calculada na base da distribuição de resultados proposta pelo Conselho de Administração.

somos do parecer que:

a) O relatório do Conselho de Administração satisfaz os requisitos legais e estatutários.

b) Com a ressalva do expresso nas alíneas anteriores, as Contas, quando lidas em conjunto com o Anexo ao Balanço e Demonstração de Resultados Líquidos, representam de forma correcta a situação patrimonial e financeira da COVINA — Companhia Vidreira Nacional, Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada, à data de trinta e um de Dezembro de mil novecentos e setenta e oito.

c) Sejam aprovadas as Contas de mil novecentos e setenta e oito nos termos em que o Conselho de Administração as apresenta e tomando em consideração o expostos na alínea b) imediatamente anterior.

d) Que a proposta de distribuição de resultados seja apreciada tendo em consideração o projecto de investimentos da empresa e os resultados calculados em valores históricos não reflectirem as distorções provocadas pelo fenómeno inflacionista já que, sob o ponto de vista legal, nada obsta à proposta de distribuição apresentada pelo Conselho de Administração.

Lisboa, 15 de Maio de 1979

O CONSELHO FISCAL

COOPERS & LYBRAND & CARQUEJA

Representada por

JOÃO JOSÉ GUIMARÃES ASSÉDIO

PUB.

CABELEIREIRO

BRITO E BRITO

COIFFEUR • PERFUMARIA • ARTIGOS DE BELEZA

Av. de Roma, 66-1.º — TELEF. 896571
Av. da Liberdade, 236 — TELEF. 572944

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado; neblina ou bruma em diversos locais e vento fraco.

TEMPERATURAS DO AR

V. DO CASTELO	23º
BRAGANÇA	20º
VILA REAL	21º
PORTO	22º
P. DOURADAS	20º
COIMBRA	21º
CABO CARVOEIRO	16º
PORTALEGRE	24º
LISBOA	22º
ÉVORA	25º
SINES	15º
BEJA	25º
SAGRES	19º
FARO	26º
PONTA DELGADA	16º
FUNCHAL	19º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
1.21	3,6 m	7.02	1,1 m
13.44	3,7 m	19.24	1,0 m
Dia 9			
2.06	3,7 m	7.42	0,9 m
14.26	3,9 m	20.06	0,9 m
Dia 10			
2.49	3,8 m	8.24	0,8 m
15.00	4,0 m	20.49	0,7 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Tempo quente com céu pouco nublado; vento fraco com bruma, nevoeiro ou neblinas matinais na faixa costeira ocidental.

AMANHÃ

NASCER ÀS 6.12
OCASO ÀS 12.00

DIA 10 DIA 17 DIA 24 DIA 2

rádio

1.º Programa

16.45: Música de câmara; **17.20**: Música sinfónica; **18.30**: Os Pequenos Cantores de Viena; **18.55**: Música de piano; **19.30**: Música portuguesa; **20.00**: Música de câmara; **20.55**: Música de Mendelssohn; **21.30**: Ópera; **23.00**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho.

Rádio Comercial (294m)

17.03: Contacto; **17.40**: Contacto com o Mundo; **18.10**: Tutti frutti; **18.45**: Espaço Citroen; **19.45**: Teatro trágico; **20.00**: Quando o telefone toca; **20.33**: Cartaz; **21.00**: Música para meditar; **21.33**: Quando o telefone toca; **22.33**: O tema é; **23.00**: Projecção.

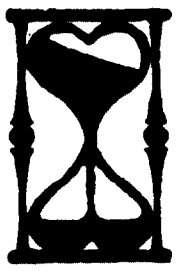
Emissão Estereofónica

15.03: Rock em stock; **18.03**: Hora de ponta; **19.00**: Em órbita; **21.03**: Forum.

RÁDIO RENASCENÇA

18.08: Apelos; **18.15**: Igreja em notícia – palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço do Externato do Parque; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **20.00**: Objectivo; **20.53**: Apelos; **21.05**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas vivos; **23.30**: Actualidade económica; **23.55**: Fecho.

DAR SANGUE



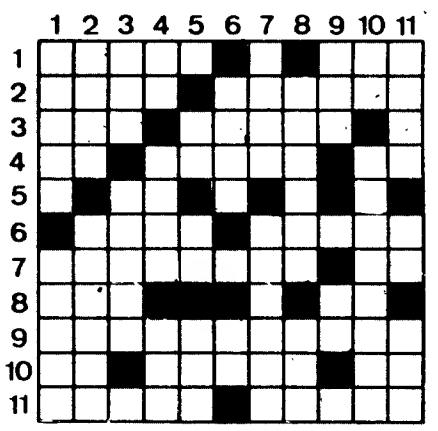
É DAR VIDA

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 12 356

HORIZONTAIS:

1 Muito usado. Tempo de verbo ser. Espaço de trinta dias.
2 Grande cão de fila. Bicara.
3 Ente. Estacionas.
4 Pronome pessoal. Enrubescer. Aqui.
5 Clima.
6 Carruagem. Pequena cambota.
7 Pacientes. Reis.
8 Pronome pessoal. Nome de letra.
9 Tiraria a casca a.
10 Zomba. Nome de frutos. Escarnece.
11 Restos mortais. Tamancos.



VERTICAIS:

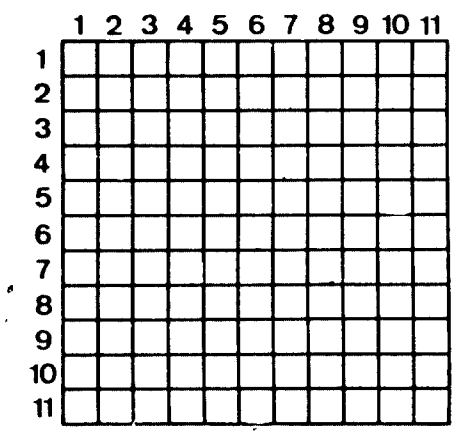
1 Ampla. Nome de homem.
2 Prendi com elos. Assoleis.
3 Pátria. Sílaba acentuada.
4 Interjeição que exprime admiração. Acreditas. Nome de jogo.
5 Rio de Itá,ia. Nota musical. Preposição e artigo (pl).
6 Preposição. Sua Majestade.
7 Terreno duro e liso onde se secam e malham cereais. Invólucros.
8 Missivas. Guarneço de asas.
9 Conjunção. Prasiodímio (sq.).
10 Érbio (sq). Pastor de cabras.
11 Divisão de uma casa. Artigo definido. Suspiros.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 8 416

HORIZONTAIS:

1 Cabo de Espanha à entrada do estreito de Gilbraltar.
2 Interjeição de dor. Arara. Pequeno barco de recreio.
3 Origem. Esteiros.
4 Vigor. Medida de líquidos da Holanda, Alemanha e Suíça.
5 Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor). Escarneçam. Artéria.
6 Prefixo de negação. Acrescentar.
7 Mãe de Ismael. Três vogais iguais.
8 Conjunto de leitos numa sala (pl).
9 Albergam por esmola. Abreviatura de Santíssimo.
10 Nome que se dá ao comboio expresso de Paris. Chegai a porto (o barco).
11 Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. Ilha do Pequeno Belt.



VERTICAIS:

1 Cidade de Itália. Casualmente.
2 Braço de mar. Golfo também chamado de Livónia. Artigo indefinido.
3 Nota musical. Que se mamou.
4 Construir. Freguesia do concelho de Penafiel.
5 Brisa. Terceiro. Zombe.
6 Lagarta. Ilha do Mediterrâneo entre a Sicília e a África.
7 Na India, deus da Justiça e da Morte. Falha.
8 Camareira. Gostar muito de.
9 Roçarias. Cobalto (Sq.).
10 Brisa. Apelido da mãe de Luís de Camões.
11 O mesmo que ateima. Igualmente.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 355

HORIZONTAIS:

1 **Marcarias.**
2 **A. Niagara.**
3 **To. Miúda. Si.**
4 **Era. Adi. PÃO.**
5 **Mama. Oca.**
6 **Ato. Arcas.**
7 **Varado. DURO.**
8 **Ara. Ruge.**
9 **DENTE. MMV.**
10 **Tosa. Má.**
11 **Além. Arenal.**

VERTICAIS:

1 Atem. Vadia.
2 Ora. Are.
3 An. Amarante.
4 Rim. Ata. Tom.
5 Caia. Odres.
6 AGUDO. Ou. Aa.
7 Radica. Go.
8 Ira. Arde. Me.
9 Aa. Cu. Man.
10 Sararam.
11 Fio. Só. Vil.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8 415

HORIZONTAIS:

1 Lava. Gamão.
2 Opas. Aposta.
3 Acamparias.
4 Agi.
5 Mana. Ataca.
6 An. Ba. AS.
7 Cru. Árias.
8 Ar. Lar. ML.
9 Mapa. Ca. Elo.
10 Acartaremos.
11 Rara Rogara.

VERTICAIS:

1 Lo. Ama. Amar.
2 Apaga. Craca.
3 Vacinar. Par.
4 Asa. Anulara.
5 Ms.
6 Gap. Abarcar.
7 Apartar. Aro.
8 Mor. I. Ge.
9 Asila. Alemão.
10 Ota. Cas. Rol.
11 Assas. Rosa.

Provérbio: A PAÕ DURO, DENTE AGUDO

farmácias

Lisboa

Permanente

TAPADA, C. da Tapada, 83-A; **BELO**, Av. de Roma, 53-A (T. 871230); **TEIXEIRA LOPES**, R. do Ouro, 154-156 (T. 776314); **PROGRESSO**, E. A-da-Maia, 64-C (T. 702226); **NEOTERÁPIA**, Campo Grande, 138-140 (T. 774682); **FINDOR**, R. D. Maria Pia, 514-516 (T. 687949); **VITALIS**, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); **ANTUNES ROSAS**, P. Cidade do Luso, lote 199 (T. 313610); **SOC. HIGILUX**, R. de Pedrouços, 50-52 (T. 610280); **D. JOÃO V**, R. D. João V, 16-C (T. 682772); **ROSAS & VIEGAS**, R. S. Vicente, 31-37 (T. 864351); **TAVARES DE MATOS**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **MONSERRATE**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 911139).

Reforço

PARIS, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (T. 890131); **PINTO**, R. de Campolide, 11 (T. 682610); **GÓIS**, R. dos Anjos, 12-12-D (T. 840101); **IDEAL**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **ALVES DE CARVALHO**, R. Vale de St. António, 7-9 (T. 840125); **LIS**, R. da Esperança, 17-19 (T. 660913); **TANARA**, R. Rodrigo Reinel, 3-A (T. 611814); **MARLUZ**, C. da Picheleira, 140-B-C (T. 880703); **SALDANHA**, Av. Praia da Vitória, 53-55 (T. 43938); **CANTO**, E. Laranjeiras, 202-B (T. 780841); **VAZ MARTINS**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **NOVA**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **PONTINHA**, E. Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220); **MATOS**, T. Prioras, Vivenda Morgadinho (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2760565); **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, E. das Barrocas, 50-A (T. 2494182); **LARANJEIRO: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2490911); **COSTA DA CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 24-A, Quinta de St. António; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **BARREIRO: Santa Marta**, R. Dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (T. 2072141); **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2218580); **AMORA: Amorense**, Av. Marginal Silva Gomes, 80 (T. 2210042); **MONTIJO: Diogo**, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032); **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029); **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100).

Linha de Cascais

ALCABIDECHE: Carvalho. Até às 21 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**. Até às 21 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz, Ld.ª**. Até às 24 e das 0 às 9 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**. Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**. Até às 22 horas; **Vilar**. Até às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 21 horas; **PAREDE: Macau**, R. J. Elias Garcia, 60-C (T. 2471785). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes**. Até às 21 horas; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **AMOREIRA: Amoreira** (T. 262313/267314). Até às 22 horas; **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (T. 280078). Até às 21 horas; **Nova**, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Campos, R. Elias Garcia, 185 (T. 930072). Permanente; **S. Jorge**, R. Pedro del Negro, 5, Reboleira (T. 938703). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523); **QUELUZ: André**, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043); **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669); **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 2940781); **ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato** (T. 2912038). Até às 24 horas; **AGUALVA-CACÉM: Mira Sintra**, P. N, Torre, 310. Até às 20.30; **MERCÊS: Claro Russo**. Até às 21 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Permanente; **SINTRA: Gomes da Silva**, Portela. Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 299088).

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

CORREIA DE ARAÚJO – Rua de Santa Catarina, 259. Tel.25644; **NOVA AVENIDA** – Av. Fernão de Magalhães, 292. Tel. 52250; **PINHEIRO MANSO** – Rua S. João de Brito, 25-29. Tel. 60692; **SANTA TERESA** – Praça Guilherme Gomes Fernandes, 100. Tel. 315713; **SILVA PEREIRA** – Rua de Costa Cabral, 293. Tel. 480761; **BOA-HORA** – Rua da Boa-Hora, 80 Tel. 28783; **TERREIRO** – Rua da Reboleira, 21. Tel. 23575.

(De dia e toda a noite)

GONDARÉM – Rua de Gondarém, 360. Foz; **ALVES** – Praça do Exército Libertador, 62. Tel. 60002; **BARROS** – Rua do Loureiro, 14. Tel. 315075; **CAMEIRA** – Rua do Heroísmo, 90 Tel. 52583.

Coimbra

(Das 9 às 9 do dia seguinte)

DONATO – Rua Ferreira Borges, 2 e 6. Tel. 22603.

cinemas

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade
Sala A: às 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 23.45 – N. ac. men. 13 a.
AS 4 PENAS BRANCAS
c/ Robert Powel
Sala B: às 15, 17, 19, 21.45 e 23.45
N. ac. men. 13 a.
O GRANDE ATAQUE AO COMBOIO D'OURO

ALVALADE 897480
Av. de Roma
Hoje às 21.30
ESTREIA
O expoente máximo em Artes Marciais
FORÇA POR FORÇA
Não ac. a men. 18 anos
Hoje à 15.15 e 18.15
Últimas exibições do filme
A LONGA NOITE DE TERROR
Não ac. a men. 18 anos

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30
Warren Beatty, Julie Christie e James Manson em
O CÉU PODE ESPERAR
Hoje e todos os dias às 23.30 horas
N. ac. men. 13 anos
AMERICAN GRAFFITI

AVIS 547163
Av. Duque D'Avila, 45
Às 21.30
Int. a men. 18 anos
O ULTIMO TANGO EM ZAGAROL
Às 15.30 e 18.30
O AGIOTA
Int. men. 13 anos

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
John Travolta e Olivia Newton-John em
GREASE
(BRILHANTINA)
Um filme de Randal Kleiser
5.ª semana

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
GREASE
(Brilhantina)
5.ª semana

CASTIL 530194
Rua Castilho
Às 21.30 – M. 18 anos
Lino Ventura
e Françoise Fabian em
A MULHER E O PATIFE
(La bonne Arrée)
O filme de Claude LeLouch
Às 15.30, 18.30 – Últimas
SOL VERMELHO
N. ac. men. 18 anos

CINEBOLSO 573407
Rua Actor Taborda, 27-B
Às 12.30 14.30, 16.45, 19 00 e 21 30
AS SÔFREGAS
Int men. 18 anos
Pornográfico
Às 24 h – Grupo D – M. 18 anos
O ASSASSÍNIO DE TROTSKY

CINE CAMÕES 324194
Rua do Loreto, 15
Às 14, 16.30 e 21.30 h.
Naõ acons. men. 13 anos
O AMOR FALSO
Um filme de ZAFAR SHABAB
Com MOHAMAD ALI-ZEBA-NANNA
2.ª semana

CITY CINE 549999
Rua Tomás Ribeiro, 34
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
N. ac. men. 18 anos
E DERAM-LHE UMA ESPINGARDA
com Timothy Bottoms
e Kathy Fields
Às 23.45
O FANTASMA DA LIBERDADE
de Luis Buñuel

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h.
Int. men. 13 anos
A SELA DE PRATA
c/Montgomery Wood
2.ª Semana

DOIS MIL 2100055
Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Algés
Às 15.30 e 21.30
Int. men. 13 anos
LÚCIO FLÁVIO
O PASSAGEIRO DA AGONIA

D. JOÃO V 971794
Praça Centro Comercial – Damaia
Às 21.15 – Int. men. 13 anos
TESTEMUNHA NA RATOEIRA

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21
Hoje, Estreia, às 21.30
AMERICAN FEVER
Um filme de Claude Miller
Colorido
Não ac. a men. 13 anos
Hoje às 14.00, 16.30 e 19.00
Últimas exibições do filme
LÚCIO FLÁVIO, O PASSAGEIRO DA AGONIA

ESTÚDIO 555134/5
Av. Afonso Henriques, 35
21.30
Não acons. men. 13 anos
O REBELDE
(Giordano Bruno)
Com Charlotte Rampling e Sian Maria Volonte
2.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83
Estreia às 21.30
Não ac. men. 18 anos
A CARREIRA DE UM SEDUTOR
Desde a inocência à experiência
com Karen Black, Tom Berenger
Susan Strasberg, Alexandra Stewart
Às 15.30, 18.30 – Não ac. men. 18 anos
PERSEGUIÇÃO IMPIEDOSA

EUROPA 551016
R. Almeida e Sousa, 35
2 sessões: 15.15 e 21.30
Int. m. 13 anos
A PASSAGEM
Anthony Quinn James Mason Malcolm Macdwell
Hoje e amanhã, às 24 h
Int. men. 13 anos
MORTE DUM CANALHA

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 36
Às 15.15, 18.30, 21.30
Para todos
A maior aventura jamais filmada!
A CONQUISTA DO OESTE
70 m/m
com Henry Fonda, Gregory Peck, Carroll Baker
O filme dos 3 «Oscars»

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A
Às 14.15, 16.30 e 18.45
Não acons. men. 18 anos
UM CASAMENTO
c/Vittório Gassman-Mia Farrox
Hoje às 24 h – Int. men. 13 anos
O VOO DAS ÁGUIAS

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha
15.15, 18.15 e 21.30
Interdito men. 13 anos
A vida entre o amor e a adoração!
UM HOMEM E DUAS MULHERES
Raakee Guizar e Rishi Kapoor

MONTECARLO Tel. 681117
A. Pedro Alvares Cabral, 37
As 15.30, 18.30 e 21 30 h
Não acons. men. 13 anos
LÚCIO FLÁVIO O PASSAGEIRO DA AGONIA
O filme que exprime de forma explosiva um dos maiores dramas do Brasil
9.ª semana
Estacionamento privativo

MUNDIAL 538743
R. Martens Ferrão, 12-A
Hoje Estreia, às 21.30
Int. men. 13 anos
KOJAK, O DETECTIVE
Últimas exibições:
15.15 e 18.30 – Int. men. 13 anos
A RAPARIGA NA ZONA QUENTE

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B
14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
LED ZEPPELIN
num concerto ao vivo em
ROCK É ROCK MESMO
ATENÇÃO: O filme começará a ser projectado logo no início das sessões

NOVOCINE 840678
Av. General Roçadas, 7
Hoje às 15.15 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
As democráticas aventuras do Delicadinho
UM LONGO FIM-DE-SEMANA
com Alfredo Landa e Mabel Escaño

ODEON 326283/4
R. Condes, 12 a 20
Estreia às 21.30
Não ac. men. 13 anos
UMA MULHER EM SEGUNDA MÃO
Impressionante – Chocante – Comovente
Às 15.15, 18.15
DESPEDIDA ROCK'N ROLL

PATHÉ 821933
R. Francisco Sanches, 122
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h.
Robert Redford e Faye Dunaway em
OS TRÊS DIAS DO CONDOR
Um filme de Sydney Pollack
TECHNICOLOR
Interdito men. 13 anos

POLITEAMA 326305
R. Portas de St.ª Antão
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30 h
Estreia — Interdito men. 18 anos
O CHALET DA POUCA VERGONHA
Um filme pornográfico da «qualidade parisiense», com Claudine Beccarie e Sylvia Bourdon
2.ª Semana

QUARTETO 771378
R. Flores de Lima, 16
SALA 1
Às 15, 17, 19, 21
M. MATOU
SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15
Int. men. 13 anos
JONAS
SALA 3
Às 15, 17, 19, 21
Int. men. 13 anos
UM DIA DE PRAIA
Realiz. Sergio Citti
SALA 4
Às 15, 17, 19, 21
Não acons. men. 13 anos
DR. ESTRANHO AMOR

RESTELO 610375
Av. Torre de Belém
Às 15.30 e às 21.30
Não ac. a men. 13 anos
9.ª semana
O acontecimento musical do ano!
GRAÇAS A DEUS É SEXTA-FEIRA
com Donna Summer, Valerie Lansburg, Terri Nunn, Ray Vitte, Paul Jabará

ROMA 887778
Av. de Roma, Lote JRB
ÀS 15.30, 18.30 e 21.30 h
Não acons. men. 18 anos
Edwige Fenech... e não só...!
O VÍCIO DE FAMÍLIA
uma espantosa comédia
com Edwige Fenech e não só

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20
Hoje, Estreia, às 21.30
O REGRESSO DO DRAGÃO
Não acons. men. 18 anos
Hoje às 14.00, 16.30 e 19.00
Últimas exibições do filme
LÚCIO FLÁVIO, O PASSAGEIRO DA AGONIA
de Hector Babenco

SÃO JORGE 579144-579344
Av. da Liberdade, 175
Às 15.15, 18.30 e 21.30
A terna história de um amor apaixonante
UM AMOR EM NEW YORK
Paul Sorvino e Anne Ditchburn
Não ac. a men 13 anos

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Hoje e amanhã às 15, 17, 19 e 21.30 h.
Interdito men. 13 anos
Entre a sua felicidade e a do filho ...
... o amor sacrificado de uma mãe!
DESTINOS OPOSTOS
Marlène Jobert e Philippe Léotard
Nas tardes projecção do filme 5 minutos após o início das sessões

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 14.30, 16.45, 19.00
Não acons. men. 13 anos
NUNCA TE PROMETI UM JARDIM DE ROSAS
Às 21.30, Estreia
Um delírio de comédia
OS NOVOS MONSTROS

TERMINAL 371573
Estação do Rossio
Sessões às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h — Não acons. men. 13 anos
O MISTÉRIO DE AGATHA
Com Dustin Hoffman e Vanessa Redgrave
7.ª SEMANA

TIVOLI 570595
Av. da Liberdade, 188
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
GREASE
(BRILHANTINA)
Um filme de Randal Kleiser
5.ª semana

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
Às 21.30 – Não ac. men. 18 anos
Altamente explosivo
ARIZONA COLT
com Montgomery Wood
e Corinne Marchand
Às 15 e 18.15 – Int. men. 13 anos
DUAS JUSTIÇAS

ZODÍACO
R. Conde Redondo, 5
Sessões às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
UM ITALIANO EM NOVA IORQUE
com Marcelo Mastroiani

PALÁCIO FOZ 367031
P. Restauradores
CICLO A PARÁBOLA E A HISTÓRIA
Filme: **TODO MODO**
Realização: Elio Petri
Classif. N. ac. men 13 anos
Sessões: 15.15, 18.15 e 21.15 h
Iniciativa da Direcção-Geral da Acção Cultural

teatros

Lisboa

TEATRO ABERTO – «Corpo-Delito na Sala de Espelhos», às 21.30 (18 anos)
VARIEDADES – «Tu e eu Somos 3», às 21.45 (13 anos)
D. MARIA II – «A Bisbilhoteira», às 21.45 (6 anos)
LAURA ALVES – «Que grande Bronca», às 20.30 (13 anos)
BARRACA – «D. João VI», às 21.30 (13 anos)
MONUMENTAL – «Um Zero à Esquerda», às 21.15 (13 anos)
CASA DA COMÉDIA – «Faz Tudo Faz Tudo» 21.30 (13 anos)
MARIA MATOS – «A Família», às 21.30 (13 anos)

Outros Espectáculos Lisboa

OLÍMPIA — «Delírios Pornográficos», (18 anos) (sessões permanentes)
CAPTÓLIO — «Taradices Sexuais», às 19, 21 e 23.00 (18 anos)
CINEARTE – «A Viagem dos Malditos» 21.30 (18 anos)
PARIS – «Moisés o Professor» 21.30 (13anos)
PROMOTORA – «O Homem da Rua» 21.30 (13 anos)
ROYAL – «O Quebra Ossos» 21.30 (6 anos)
LUMIAR – «Perseguição Desesperada» 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «O Intruso», às 21.30 (13 anos)

outros cinemas

PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Os Sete Magníficos Lutadores», às 21.15 (18 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Amor Puro», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Palácio – «Graças a Deus é Sexta-Feira», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS – S. José – «Amante muito Louca», às 21.15 (18 anos)
CASCAIS – Impala – «O Incorrigível Teimoso», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «O Regresso dos Heróis» 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine-Plaza – «Os Três Panteras Negras», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Lido – «Os Comandos da Morte», às 21.15 (18 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «O Parteiro da Caixa», às 21.30 (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Amor de Perdição», às 21.15 (13 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «O Último Comboio do Katanga», às 21.15 (18 anos)
LARANJEIRO – Instrução e Recreio – «A História de um Patife», às 21.15 (18 anos)

PÓVOA DE ST. ADRIÃO – S. José – «O Exorcista II – O Herege», às 21.30 (18 anos)
ALMADA – Cinestúdio «Lúcio Flávio, o Pasageiro da Agonia» 21.30 (13 anos)

Porto

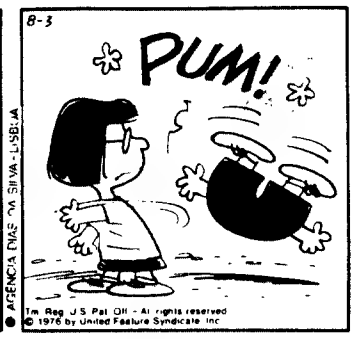
CARLOS ALBERTO – «Adeus Emmanuell» 21.45 (18 anos)

BATALHA — «Assalto Final» às 21.30 (18 anos)
COLISEU – «Direita Volver», às 22.00 (13 anos)
TRINDADE – «A Laranja Mecânica» 21.30 (18 anos)
ESTÚDIO – «O Mistéro de um Homem Rico», às 21.45 (18 anos)
ÁGUIA – «A Fúria do Dragão» 21.30 (18 anos)
S. JOÃO — «Grease», às 21.30 (13 anos)
LUMIARE-L – «Quando o Amor se Torna Lenda» 21.45 (13 anos)
LUMIÉRE – Sala A «O Mistério de Agatha» 21.30 (13 anos)
SALA BEBÉ – «A Última Sessão», às 21.45
CHARLOT – «As Mais Doces Confissões» 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA – «História da Vida e da Má Vida» 21.30 (18 anos)
JULIO DINIS — «A invasão das abelhas assassinas», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI – «A Sela de Prata», às 21.30 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Alô Lisboa, Daqui Porto», às 21.30 (18 anos)
FOCO – «Dersu Uzala, a Águia da Estepe» 21.30 (13 anos)
TERÇO – «A Pantera Volta a Atacar» 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Batalha no Espaço 21.30 (13 anos)

Coimbra

SOUSA BASTOS – «Vénus em Casaco de Peles» 21.30 (18 anos)
AVENIDA – «A Passagem» 21.30 (13 anos)

lubrificantes
GALP
a máquina é exigente



DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

● ADMINISTRAÇÃO RUA CASTILHO 185 1.º TELEFONES 654531/2/3
● REDACÇÃO PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS RUA LUZ SORIANO 44 TELEFONES 321154/5 328271/2/3 328229 372-81-2 PUBLICIDADE 368740
● SERVIÇO NOITE (DEPOIS DAS 21) PORTEIRO 321154 MENSAGENS GRAVADAS 328229
● ENDEREÇO TELEGRÁFICO DIBOA TELEX 12363 LISBOA PORTUGAL
● DELEGAÇÃO DO PORTO RUA DO ALMADA 30 2.º TELEFONES 20954/5

Governo Regional da Madeira quer pôr e dispor da ANOP

O Governo Regional da Madeira decidiu cortar relações com a Agência Noticiosa Nacional (ANOP), enquanto a mesma não proceder à substituição do seu delegado na Madeira, o jornalista Hélder Guerra.

Utilizando argumentos tais como «o delegado da ANOP dá relevo a questões de somenos importância e omite factos importantes», «Hélder Guerra dedica-se a actividades políticas», o Governo liderado por Alberto Jardim desde há muito que vinha pressionando Lisboa no sentido de ser nomeado outro delegado para a Madeira.

Nos últimos dias, porém, com a divulgação de dois artigos, um assinado pelo próprio Hélder Guerra e versando sobre a crise da habitação e a especulação sobre as rendas de casa existentes na Madeira, outro da responsabilidade da delegação da ANOP no Funchal e abordando aspectos relacionados com a Assembleia Regional daquela região autónoma, o Governo Regional dediciu passar aos actos.

No entanto, encontrou pela frente a oposição firme da Anop em não substituir o seu delegado. Com efeito, baseando-se na Lei Fundamental, ou seja, na Constituição e no próprio estatuto da Anop, que consagram a independência desta Agência em relação aos poderes constituídos, a direcção da Anop, tendo em conta também a excelência do trabalho realizado por Hélder Guerra, decidiu não dar satisfação ao executivo madeirense.

Contactado pelo nosso jornal, José Manuel Barroso, director da Informação da Anop, disse-nos lamentar o sucedido – «são os emigrantes madeirenses radicados nas mais diversas latitudes do globo, é o povo português, que se vêem lesados com a atitude assumida pelo Governo Regional da Madeira» – mas que por razões de princípio não pode a ANOP ceder a pressões deste jaez. «Tanto mais – afirmou ainda – que o trabalho profissional que Hélder Guerra tem vindo a desempenhar é inatacável.

FÉRIAS NA MADEIRA
1 SEMANA
Partidas às 2.as, 5.as, Sábados e Domingos
Preços excepcionais desde 3950$
FINS DE SEMANA
SEXTA A DOMINGO
Preços excepcionais desde 2900$
INCLUINDO:
● Viagem em avião a jacto TAP
● Estadia no Hotel
● Transportes em terra
● Visita turística
● Assistência de delegado abreu
DESCONTOS ESPECIAIS
NOIVOS — 3.ª IDADE — GRUPOS
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu
fundada em 1840
UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO
LISBOA Av. da Liberdade, 160 Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 Telef. 317921
COIMBRA Rua da Sota, 2 Telefs. 27011/2
FARO Av. da Republica, 124 Telefs. 25035/6
FUNCHAL Rua do Gorgulho, 1 Telefs. 31077/8
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

A longa batalha do Comissário das Finanças

DANIEL REIS, EM BISSAU

Fixem este nome: Carlos Correia.
Trata-se do Ministro das Finanças da Guiné-Bissau, um puro e um duro do PAIGC formado em agronomia na República Democrática Alemã, causticado na luta de libertação nacional em episódios, alguns deles traumatizantes, que lhe moldaram a face e a fama de incorruptível e defensor, até às últimas consequências, dos princípios herdados de Cabral.
Ele foi um espectáculo na duríssima batalha de dois dias em defesa de um Orçamento apertado autenticamente imposto a vários membros do Governo, aos deputados camponeses e a todo o aparelho de Estado.

Pela primeira vez, na sua história de cinco reuniões principiada no Boé em Setembro de 73 quando proclamou a independência, a Assembleia Nacional Popular da Guiné Bissau discutiu e aprovou um Orçamento de Investimento que o próprio Presidente do Conselho de Estado, Luís Cabral, considerou como «o primeiro passo no caminho da planificação económica». São três milhões e meio de contos destinados a infra-estruturas industriais, a estradas, portos e aeroportos, a escolas, hospitais e serviços públicos.

A Assembleia, reunida em Bissau, no salão do III Congresso, ao longo das três primeiras semanas de Maio, aprovou ainda o orçamento ordinário, ou de funcionamento, como aqui mais vulgarmente é designado e que atinge a módica quantia de um milhão e trezentos mil contos. Em termos comparativos, este orçamento ordinário para um país cuja população é dez vezes inferior à portuguesa fica-se em pouco menos que cem vezes abaixo da previsão das despesas que o actual Governo português apresentou em S. Bento, para discussão. Por aqui se pode ver o «nível» de desenvolvimento desta antiga colónia portuguesa, deixada ao fim de cinco séculos de colonização num estado deprimente de atraso, abandono e subdesenvolvimento.

Carlos Correia contava com o argumento supremo da falta de dinheiro. Gozava ainda do apoio do presidente, só manifestado quando algum ministro exigia demais, ou algum deputado mais desenquadrado das exigências colectivas e da conjuntura geral da Nação também exagerava.

Mas, apesar de tudo isso, que guerra verbal foi necessária desenvolver ao longo de dois completos dias de discussão! Sabe-o já toda a Bissau: arrancar um tostão a Carlos Correia é fogo.

A nós próprios que nos consideramos relativamente conhecedores das realidades e das pessoas da Guiné-Bissau estes dois dias de «guerra» no salão onde se realizou o III Congresso do PAIGC, anexo às instalações do liceu Kwamme N'Krumah, em Bissau, causaram sucessivas surpresas. Por um lado, ver discutir quase que na praça pública um ministro com o seu Governo, este exigindo verbas para os Ministérios e aquele regateando-as até à última gota. Por outro lado, os deputados populares, vindos lá dos confins do interior e a maior parte deles saídos da luta de libertação nacional batendo-se por meios mais avultados para as regiões e para a população camponesa que vive ainda em precaríssima economia de subsistência.

«CLIMA DE AMPLA DEMOCRACIA»

Luís Cabral poria fim aos debates sublinhando «o clima de ampla democracia» em que decorreram e o facto de a discussão se ter arrastado porque o orçamento foi ultimado sobre a data da Assembleia, portanto, sem tempo de o Conselho de Comissários (Ministros) o ter discutido em termos definitivos para depois o defender, em bloco, perante a Assembleia. Este é um reflexo da dificuldade de implementação do aparelho de Estado. Assim, a discussão prévia que deveria ter sido circunscrita ao Plenário do Governo acabou por se fazer às escâncaras, perante todo o mundo, deputados, jornalistas e quadros intermédios que acorreram em grande número às sessões públicas.

«Não temos nada a esconder aos deputados, não temos nada a esconder ao nosso povo nem precisamos de esconder nada aos olhos dos estrangeiros», disse o presidente Luís Cabral, que acrescentou a importância política desta escola em que se tornou a Assembleia:

«Vimos os camaradas a discutirem estes dois documentos com bastante interesse, procurando na medida do possível aprofundar as discussões. Tomaram conhecimento do esforço do nosso Governo para acabar com a miséria que o colonialismo deixou na nossa terra. Estamos seguros que os camaradas deputados aprenderam um pouco nestes dois dias de trabalho, conheceram um pouco melhor a vida do nosso Estado e a complexidade dos problemas que este tem de resolver. Portanto, estão mais fortes para desempenharem cabalmente o cargo de deputados do nosso povo».

O orçamento Geral do Estado apresenta como despesas previstas para o ano corrente 1 474 261 mil pesos (um escudo é igual a 0,7 pesos) e as receitas em 890 mil contos o que dá um «deficit» orçamental de 583 mil contos a ser coberto por financiamento do Banco Nacional da Guiné-Bissau. Se quisermos comparar com a proposta do IV Governo português apresentada à Assembleia da República temos que em Portugal a percentagem das receitas em relação às despesas é de pouco menos que 70 por cento enquanto neste orçamento guineense vai um pouco acima dos 63 por cento.

Em relação ao orçamento de 78 a previsão das despesas subiu 18 por cento; a previsão das receitas aumentou em 45 por cento, fundamentalmente devido à participação nos lucros das empresas públicas. 241 mil contos são provenientes de impostos directos e 380 mil de impostos indirectos.

Quanto à estrutura das despesas há a destacar um factor proibitivo de muitos voos: 66 por cento das despesas públicas destinam-se a pagamento de salários e encargos com o funcionalismo. Percentualmente o Ministério da Administração Interna (abrangendo o funcionalismo das Regiões, a Segurança e Polícia) leva uma fatia de 20 por cento; a Defesa 16,7 por cento; a Educação 13,8; a Saúde 9,4; a Previdência Social 6,6; os Serviços Económicos (Indústria, Agricultura, Transportes e Turismo) têm 14 por cento enquanto os encargos da dívida pública sobem a 161 mil dos quase milhão e meio de contos orçamentos como despesas do Estado.

A percentagem que cabe à Defesa é em geral parte explicada pela dificuldade em integrar os guerrilheiros na produção, o que está a ser feito lentamente, paralelamente às desmobilizações.

«INVESTIMENTOS EM ESPÍRITO DE GUERRA»

O artigo oitavo da Lei do Orçamento contém uma disposição programática importante segundo a qual o Governo adoptará as medidas convenientes para reduzir as despesas procurando canalizar as consequentes poupanças para sectores produtivos e para estudar planos tendentes «a diminuir o empolamento do sector terciário (serviços) em benefício da expansão dos sectores produtivos designadamente a agricultura, a pecuária e a pesca».

O Orçamento de Investimentos é mais de duas vezes superior ao Orçamento de Funcionamento e atinge os três milhões e meio de contos.

Esta verba avultadíssima para a capacidade de realização da

Carlos Correia, Ministro das Finanças da Guiné-Bissau

Guiné-Bissau está já realizada e é proveniente de três fontes:

Primeiro das ajudas em dinheiro, segundo, de empréstimos, alguns deles em condições excelentes como o concedido pela Arábia Saudita para financiar um complexo agro-industrial e que tem um prazo de 50 anos de amortização; terceiro resulta de ajuda alimentar concedida o ano passado (arroz, milho e leite, principalmente) e que vendida no mercado interno foi transformada em verba considerável para investimento. Este procedimento é justificado pela necessidade de alargar a ajuda externa a toda a população e não apenas àqueles que tivessem acesso aos bens doados.

Como projectos mais significativos para este ano, no quadro do Orçamento de Investimentos contam-se as instalações frigoríficas do porto de Bissau, o complexo agro-industrial do Cumére (com capacidade para descascar toda a produção de arroz comercializável e mais do que todo o amendoim actualmente produzido, para o transformar em óleo, farinha proteica, sabão e rações animais), o aeroporto internacional (que vai ser ampliado) o próprio porto de Bissau, compra de barcos, construção de estradas, de hospitais no interior e do novo liceu nacional, em Bissau.

Luís Cabral disse a propósito que este programa foi elaborado em «espírito da guerra».

«Quando o camarada Cabral fazia os seus planos de combate, quando fazia um plano de ataque a um quartel, onde indicava todos os lugares para colocar armas, quantos homens deviam seguir por cada lado e quantos obuses iriam ser levados e onde ficariam, quando fazia esse plano de combate ou de acção, o camarada Cabral dizia: «Bom, o plano já está mas se fizermos só 40 por cento vamos ganhar a guerra!».

Comentando esta evocação dos tempos da guerra, o presidente garantiu que se este plano de investimentos for realizado em 60 ou 70 por cento a Guiné-Bissau terá ganho uma batalha na guerra em curso pela sua independência e progresso económico.»

TERRA SANTA
VISITANDO: JERUSALÉM-BELÉM-JERICÓ MAR MORTO-NAZARÉ-TIBERÍADES CAFARNAUM-HAIFA-TEL-AVIV
1 SEMANA DE ESTADIA
Incluindo:
Viagens
Hoteis de 1.ª (pensão completa)
Visitas e guia abreu
Partidas:
15/5 - 12 e 19/6 - 17 e 19/7
2. 7. 21 e 28/8 - 4. 11 e 18/9
2/10 - 16/12
CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA GRUPOS
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu
fundada em 1840
UMA EMPRESA PRIVADA DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 31 79 21
LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 37 13 41
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telefs. 270 11/2
FARO Av. da Republica, 124 • Telefs. 25035/6
FUNCHAL Rua do Gorgulho, 2 • Telefs. 31077/8

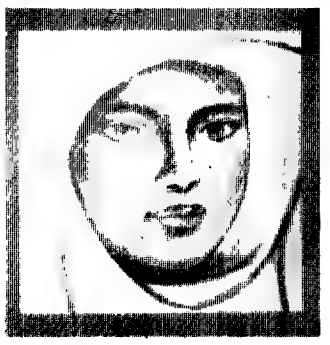
(Hoje 36 páginas)

Cem anos de história da banda desenhada portuguesa

Vai realizar-se de amanhã a 24 de Junho, na Galeria Municipal de Arte, no Largo do Espírito Santo, em Portalegre, uma exposição intitulada «100 Anos de Histórias aos Quadradinhos em Portugal».
Esta exposição já apresentada na Filgráfica/Filescola, no Funchal, em Aveiro e em Viseu, é organizada pelo Clube Português de Banda Desenhada, seu proprietário, pelo Centro de Estudos de Banda Desenhada da Casa de Cultura da Juventude de Portalegre e pelo Atelier de Artes Plásticas, sendo patrocinada pela Delegação Regional do FOAJ e pela Câmara Municipal de Portalegre.
Durante a Exposição, e como seu complemento, realizar-se-ão dois colóquios alusivos, estando o primeiro marcado para o próprio dia 9, pelas 21 horas e 30 minutos, na Escola do Magistério Primário. Será orientado por José Garcês, um dos mais representativos criadores nacionais de Banda Desenhada, subordinando-se ao tema «A Banda Desenhada em Portugal — Perspectiva de um desenhador».
O segundo colóquio será efectuado no sábado seguinte, dia 16, pela mesma hora e no mesmo local. Tratará o tema «100 Anos de Banda Desenhada Portuguesa — Balanço de uma Exposição», sendo dinamizada por três membros directivos do Clube Português de Banda Desenhada.

Uma certa maneira de cantar

«Uma Certa Maneira de Cantar», tal o título do álbum discográfico expressamente editado pelo jornal «Avante!» por ocasião do IX Congresso do Partido Comunista Português.
«Uma Certa Maneira de Cantar» é, sem dúvida, uma edição de rara qualidade, tanto a nível do conteúdo como do aspecto exterior, um trabalho que merece os mais vivos aplausos. Dedicado à Reforma Agrária, à luta dos operários agrícolas do Alentejo, o álbum conta com a participação, quer através de poemas, quer através de músicos ou interpretações, de José Gomes Ferreira, Carlos de Oliveira, Manuel da Fonseca, José Carlos Ary dos Santos, Papiniano Carlos, Urbano Tavares Rodrigues, José Jorge Letria, Manuel Correia, Alfredo Vieira de Sousa, Joaquim Pessoa, Samuel, José Barata Moura, Domingos Silva e Francisco Viana, Fernando Lopes Graça, Adriano Correia de Oliveira, Manuel T. Ruella, José Jorge Letria, Luís Cília, Carlos Mendes, Samuel, José Barata Moura, Acácio Gomes, Fernando Tordo, Alfredo Vieira de Sousa, Grupo Trovante e Carlos Paredes, Rui Pedro, Grupo Coral «Os Ceifeiros» da Casa do Povo de Cuba, Coro da Acedemia de Amadores de Música, Olga Prats, Adriano Correia de Oliveira, José Carlos Ary dos Santos, Luísa Basto, Grupo Coral do Sindicato Mineiro de Aljustrel, José Jorge Letria, Luís Cília, Brigada Victor Jara, Grupo Outubro, Carlos Mendes, Joaquim Pessoa, José Barata Moura, Maria Amélia Proença, Fernando Tordo, Carlos Alberto Moniz e Maria do Amparo, Grupo Coral Etnográfico da Casa do Povo de Ferreira do Alentejo, Carlos Paredes e Fernando Alvim.
Como se o «elenco» que participa na feitura do álbum não bastasse para definir a importância e a qualidade do mesmo, os discos são acompanhados por dois livros, um contendo poemas e textos sobre a Reforma Agrária, outro destinado à apresentação de «Uma Certa Maneira de Cantar». Nesta edição discográfica do «Avante!», registe-se ainda a «presença» do falecido Manuel Ribeiro de Pavia, um dos nomes mais importantes do néo-realismo português, um pintor alentejano profundamente ligado à luta contra o fascismo.
Com efeito, são suas as reproduções que ilustram o invólucro de «Uma Certa Maneira de Cantar».
Resumindo: uma edição histórica (é bom realçá-lo) que nos deixa, por um lado, espantados perante tanta qualidade e, por outro, ainda mais convictos que a canção, a música e a poesia portuguesa não andam, longe disso, pelas «ruas da amargura».



Aspecto exterior, embora parcial, do álbum «Uma Certa Maneira de Cantar»

8 A 14 DE JUNHO DE 1979

Os cinco "casos" do último fim-de-semana

Carlos Porto

Passou há anos em Portugal em filme jugoslavo intitulado, mais ou menos, «Encontrei mesmo ciganos felizes...» Pois desta vez está o leitor perante essa ave rara que é um crítico de teatro (português) feliz. Vamos ver porquê.

1.O caso Ivone

O meu (nosso) fim-de-semana começou desta vez na sexta-feira, primeira sessão do Laura Alves (1). Paciência, lá se foi o «Astro»... Uma bizarra companhia luso-espanhola, com o nome patusco de «Vem Cá Ver» (V.C.V.), apresenta a sua primeira produção. Trata-se de um «vaudeville» intitulado «Que grande bronca» e assinado por nomes há muito ligados ao teatro musical de qualidade: Francisco Nicholson, Mário Alberto (de regresso) e Gonçalves Preto (texto), e José Luís Gomes e Braga Santos (música) que se inspiraram na obra de dois autores franceses Duverd e Lauzanne (?).
A pecinha é, como ideia, um desarrincanço mas, para além das reservas que se possam fazer, corre o risco de não resultar comercialmente. Na primeira parte, decorre em vários planos: no palco onde se representa, em jeito de farsa, uma história de amores mais ou menos malandros; numa frisa, construída para o efeito junto do palco, onde uma espectadora (Ivone), acompanhada por um espectador tímido, interrompe constantemente o espectáculo fazendo críticas provocantes ao que passa em cena; num outro plano, no balcão, duas outras espectadoras protestam contra as interferências daquela; finalmente, na sala, uma artista da companhia que se supõe representar a peça, pretende que estas últimas se calem.
Graças a Ivone Silva, à sua incomparável dinâmica de representação, e graças a algumas piadas do texto, o espectáculo é neste acto, de grande comicidade.
No final deste 1º acto, Ivone que acusa a peça de querer dar um retrato malicioso dela própria (já que também ela, infiel ao marido, anda de amores com um primo, que a acompanha, tal e qual como na peça).
No 2º acto, Ivone surge como actriz da companhia, pois o seu sonho era representar, e representar sobretudo Corneille (pois fora para ver uma peça desse clássico que ela fora ao teatro e não a chanchada que lhe impingiram). Este acto propõe uma crítica aos bastidores teatrais, às rivalidades de actores, ao problema do reportório (Corneill ou Marivaux), às paixões, às manifestações de vedetismo que se medem pelo tamanho e colocação dos nomes no cartaz. A personagem, supervedeta, vai sendo abandonada pelos colegas, incluindo a orquestra, acabando a representar o «Cid» sózinha, numa cena impagável. Também neste acto, Ivone dá largas à sua fantasia, à sua enorme capacidade de cómico, à sua comunicabilidade, ao espantoso domínio dos seus recursos expressivos. Basta vê-la a imitar Jô Soares, de passagem, para se imaginar que programa de televisão ela faria se alguém soubesse escrever os textos e dirigi-la.
O espectáculo acaba por ser ela, o que era o objectivo pretendido, embora o facto não deixe de representar um empobrecimento do conjunto. Mesmo Herman José, actor com possibilidades, não consegue atingir aquilo de que é capaz. No entanto, uma das jovens actrizes (a que faz o papel de vizinha) revela qualidades a aproveitar. E Carlos Miguel tem duas boas composições.
Lamento que os autores não tivessem levado mais longe a adaptação (?), substituindo Corneille por Garrett. Ivone a «representar» o «Frei Luís de Sousa» em vez do «Cid» devia ser curioso. Lamento ainda a pobreza do espectáculo, em especial no que se refere às coristas, aliás muito vestidas, ao cenário e guarda-roupa.
Por Ivone, e pelo que a companhia se propõe fazer (levar Molière e Marivaux ao Laura Alves é tentativa a ter em conta), este espectáculo merece ser apoiado. Bastaria Ivone, para isso. Todavia, e apesar do seu trabalho ser fabuloso, espero que a actriz volte ao outro teatro, já que nos deu, no Teatro da Graça, uma amostra do que é capaz de fazer.

2. O caso Wolf Vostell

O sábado (teatreiro) começou com uma vigem de autocarro até Belém — exposição de Wolf Vostell, cujos «happenings» podem integrar-se

Continua na pág 4

Circuitos paralelos

GULBENKIAN

Hoje e amanhã, pelas 21,30, no Grande Auditório da Gulbenkian, o «Globe Unity Orchestra», grupo de «Free-Jazz» constituído por Evan Parker, Gerd Dudek, Kenny Wheeler, Enrico Rava, Albert Mangelsdorff, Paul Rutherford, Guenter Christmann, Alex von Schilippenbach, J. B. Niebergall e Paul Lovens, fará improvisações livres e interpretará composições de Enrico Rava, Guenter Christmann e Alex von Schilippenbach. Conhecida em toda a Europa pela sua qualidade (Anthone Braxton e Seteve Lacy tocaram na «Globe Unity Orchestra»...), a «Globe» merece uma saltada à Gulbenkian...

QUARTETO

Sessões às sextas-feiras a partir das 23,30. Hoje «Atentado ao Presidente», de Stanley Kramer e «Duelo de Fogo», de John Sturges (sala 1), «Nasheville», de Robert Altman e «O Último Dever», de Hal Ashby (sala 2); «Em busca da Felicidade», de Robert Mulligan e «Atentado ao Presidente», de Stanley Kramer (sala 3); «Senhoras e Cavalheiros», de Pietro Germi e «Nasheville», de Robert Altman (sala 4).

CITYCINE

Sessões, todos os dias, às 23,30. Hoje «O Fantasma da Liberdade», de Luis Bunnuel; sábado «Por Favor Não me Mordam o Pescoço», de Roman Polansky; domingo «O Soldado Azul», de Ralph Nelson; segunda «Stavisky, o Grande Jogador», de Alain Resnais; terça «O Inquilino», de Roman Polanski.

TEATRO DA TRINDADE

Amanhã, às 21,30, a opereta «Senhora dos Navegantes» pelo Grupo Cénico dos Bombeiros Voluntários de Cascais.

CASINO DA TRAFARIA

Amanhã, às 21,30, e domingo, às 16 horas, o Grupo de Iniciação Teatral da Trafaria apresenta «Heterofonia», espectáculo que encerra o 2.º Ciclo de Cultura organizado pelo GITT. As entradas são gratuitas.

RACAL CLUBE

A encerrar o ciclo de cinema de Jena-Pierre Melville que o Racal Clube tem vindo a realizar em Silves, está prevista para o próximo dia 13, quarta-feira, a projecção de «Le Cercle Rouge», um filme policial onde Alain Delon, Bourvil e Yves Montand dão uma lição de interpretação segura.

CASA DA CULTURA DAS CALDAS DA RAINHA

No quadro do Ciclo de Comédia-Cinema de Qualidade que a Casa da Cultura das Caldas da Rainha tem vindo a apresentar, está prevista para o próximo domingo a projecção do filme de Alexander Mackdrick, «O Quinteto era de Cordas». Uma película com um famoso elenco: Alec Guiness, Peter Sellers e Cecil Parker.

HOTEL ALVOR DE PORTIMÃO

Hoje, às 21,30, Alfons Kontarsky e Aloys Kontarsky, dois pianistas de renome, tocam a quatro mãos obras de Mozart, Ravel e Schubert.

BOMBEIROS DE OEIRAS

Amanhã, pelas 21,15, no Salão Nobre dos Bombeiros de Oeiras, «A Mais Estranha Banda», grupo constituído por Manuel Martins, Paulo Viana, Xico Zé, Tó Ramalho e Mário Gramaço, e o agrupamento «Quarto Crescente», com Carlos Bica. Luís Vaz do Carmo, José Peixoto e Manuel Martins, dão um concerto de Jazz que, decerto, constituirá um espectáculo a não perder. Isso atendendo à qualidade dos dois grupos...

AR.CO

«Correspondente de Guerra», uma das obras mais famosas do mestre do «suspense», Alfred Hitchcock, é o filme que o AR.CO apresenta hoje e amanhã, pelas 21.45. «Correspondente de Guerra» conta com a interpretação, nos papéis principais, de Joel McCrea, Larraine Day, George Sanders e Herbert Marshall.
Nos próximos dias 14, 15 e 16 do corrente, às 21,45, o AR.CO apresentará «Só se Vive uma Vez», o primeiro filme realizado por Fritz Lang nos Estados Unidos.
Entretanto, o AR.CO inaugura no próximo dia 11, segunda-feira, às 22 horas, uma exposição de cartazes de intervenção de David King. David King trabalhou como orientador gráfico do «Sunday Times Magazine», antes de se dedicar como «free-lance» a projectos onde ele pôde partilhar a responsabilidade do conteúdo e não apenas da forma do objecto gráfico: nomeadamente com um «livro visual» sobre Mohammed Ali e, mais recentemente, com sequências de cartazes de intervenção contra o racismo na Inglaterra, para a Liga Antinazi e para o movimento Antiapartheid, que foram premiados na 7.ª Bienal de Cartaz, Varsóvia, 1978. Trabalhando com fotografias de arquivo tirando o sentido máximo da imagem, com um tipografismo aparentemente simples, David King reinterpreta os heróicos «designers» dos anos 20-30 (nomeadamente os russos Rodchenko, Lissitzky, e Klutsis, e o alemão John Heartfield).

sete PONTO sete

suplemento semanal

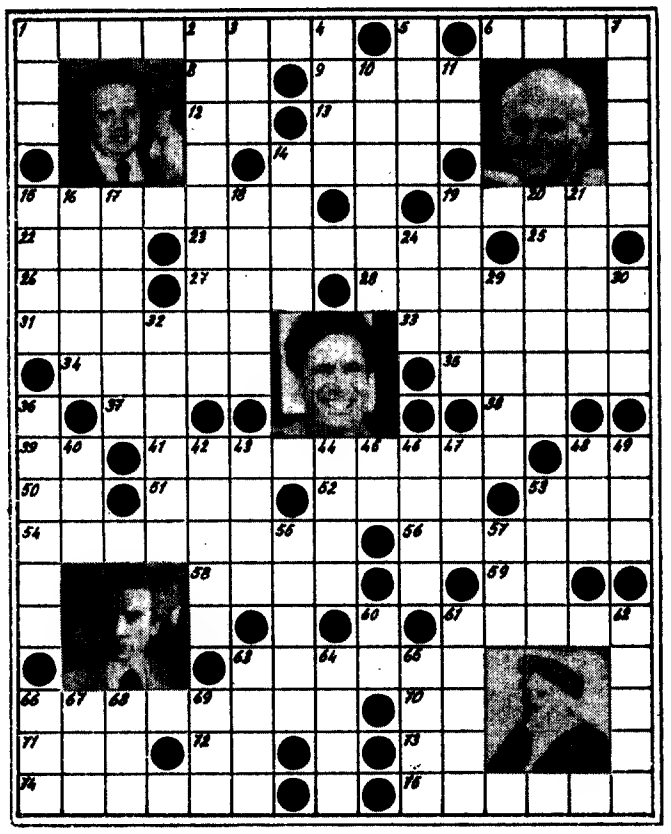
cinema
jorge leitão ramos
3-4

teatro
carlos porto
2-4-5

música
5

Lisboa, 8
a 14 de Junho de 1979

palavras cruzadas



HORIZONTAIS:

1 – Este líder chiita foi criticado publicamente e acusado de se intrometer «directa e insistentemente», nas questões do Estado, pela Frente Nacional Democrática; 6/19/50 – Ele, foi o primeiro Papa a fazer uma visita a um país socialista; 8 – Sentidas condolências; 9 – Paixão; 12 – Porco; 13 – Cidade do Peru; 14 – Possuirá; 15 – Deslocou-se inesperadamente à Argélia este coronel líbio que vai travar conversações com Chadli; 22 – Tempo do verbo ir; 23 – Freguesia do concelho de Valença; 25 – Letra grega; 26 – A primeira mulher; 27 – Nome de mulher; 28 – Festa de arraial; 31 – Atravessara; 33 – Atara; 34 – Palmeiras da Amazónia; 35 – Grisalhas; 37 – Miriare; 38 – Quinto filho de Jacob; 39 – Rádio (s.q.); 41/48/66 – Este líder do PSD não quer novo Governo antes das eleições intercalares; 51 – Renque; 52 – Plebeu; 53 – Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh!; 56 – Barras; 59 – Reino da Federação Indochinesa; 59 – Ruim; 61/75 – Na festa do PS, este antigo primeiro-ministro comparou o governo Mota Pinto ao marcelismo; 63 – Cobri com barro; 70 – Nota musical (inv); 71 – Patrão; 72 – Língua antigamente falada ao sul do rio Loire; 73 – Átomo; 74 – Salgalhada.

HORIZONTAIS

1 – Revolucionário húngaro que se refugiou na Rússia e foi executado por ordem de Estaline; 2 – Danificara; 3 – Cidade do estado do Ceará; 4 – Universidade norte-americana fundada em 1701, em New Haven; 5 – Cabeleira; 7 – Tragédia de Shakespeare; 10 – Definhar; 11 – Batráquio; 14 – Vaso grande de pedra ou de outra substância para se tomar banho; 15 – Cidade da URSS, capital da Ucrânia; 16 – Arquipélago da Polinésia; 17 – Guarneceram de asas; 18 – Mulheres muito formosas; 19 – Região montanhosa da Ásia central na URSS; 20 – Rainha de Portugal; 21 – O mesmo que loura; 24 – Lista; 29 – Afiado; 30 – Duna na Suécia; 32 – Político palestiniano, líder da organização anti-sionista al Fatah e que passou a presidir em 1969 à Organização de Libertação da Palestina; 36 – Gorjeios; 40 – Escudeiro; 42 – Viela; 43 – Cidade da Úmbria; 44 – Na Índia, massa coagulada de nata ou de flor de cato, de forma cilíndrica; 45 – Género de palmeiras do Brasil; 46 – Cidade e porto de Marrocos; 47 – Coragem; 48 – Sadio; 49 – Suspiros; 53 – Empregar; 55 – Fazer horas, matar o tempo (gir); 57 – Magnete natural; 60 – Alteza Real; 61 – Composto; 62 – Avalias; 63 – Carumas; 64 – Cidade de Itália; 65 – Camareiras; 66 – Cabelos brancos; 67 – Estima; 68 – Relento; 69 – Faça doação de (inv.);.

SOLUÇÃO

HORIZONTAIS:

1 – KOMEINY; 6/19/50 – JOÃO PAULO II; 8 – SC; 9 – Amor; 12 – To; 12 – To; 13 – Lima; 14 – Terá; 15 – Khadafi; 22 – Ias; 23 – Gândara; 25 – Ro; 26 – Eva; 27 – Ada; 28 – Romaria; 31 – Varara; 33 – Ligara; 34 – Iaras; 35 – Ruças; 37 – Ma; 38 – Dã; 39 – Ra; 41/48/66 – FRANCISCO SÁ CARNEIRO; 51 – Rua; 52 – Ruão; 53 – Uai!; 54 – Nortenho; 56 – Frisos; 58 – Laos; 59 – Ma; 61/75 – MÁRIO SOARES; 63 – Barrai; 70 – Si; 71 – Amo; 72 – Oc; 73 – At; 74 – Salada.

VERTICAIS:

1 – Kun; 2 – Estragara; 3 – Icó; 4 – Yale; 5 – Coma; 7 – Otelo; 10 – Mirrar; 11 – Rã; 14 – Tina; 15 – Kiev; 16 – Havai; 17 – Asaram; 18 – Fadas; 19 – Pamir; 20 – Urraca; 21 – Loira; 24 – Rol; 29 – Agudo; 30 – Aas; 32 – Arafat; 36 – Trinos; 40 – Aio; 42 – Ruela; 43 – Ama; 44 – Crós; 45 – Iu; 46 – Safi; 47 – Cor; 48 – São; 49 – Ais; 53 – Usar; 55 – Horar; 57 – Imã; 60 – Ar; 61 – Misto; 62 – Orças; 63 – Bica; 64 – Roma; 65 – Aias; 66 – Cãs; 67 – Ama; 68 – Rol; 69 – Doe.

MÓVEIS NICHO

CAMPANHA
DE
PRIMAVERA
COMPRE MÓVEIS E ESTOFOS DE QUALIDADE

R. D. Estefânia, 85 - Lisboa
(Esq. c/Rua Escola Medicina Veterinária)

VENDE-SE NIKON F-2

Nova por metade do preço.
Resp. ao n.º 3005 deste jornal

PEQUENO MONTE ALENTEJANO

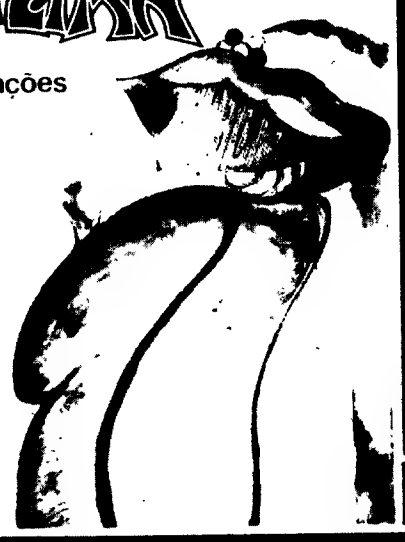
Vende-se, 5 ha e 800 m. Aranhas (prox. Evoramonte).
Poço mta. água, casa, olival, horta.
Contactar: João Vidigal, Quinta do Serafim, Evoramonte

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

HOJE, ÀS 21.45H.

A COMÉDIA DE EDUARDO SCHWALBACH

A BISBILHOTEIRA



O Teatro Português que as novas gerações não conhecem

Encenação de Ruy de Matos
Cenário de Abílio Matos e Silva
Figurinos de Melo Frazão

No átrio
Exposição de Teatro Expressionista Alemão (entrada livre)
das 17H. às 19.30H.

Preços de 50$00 (3.º balcão) a 100$00 (plateia)
Redução de 50% a estudantes e a Associações ou Grupos de mais de 20 pessoas.

Espectáculo para todos
Bilheteira abre às 13.00 H – Telf. 322210
SABADO ÀS 16 E 21.30 H • DOMINGO SO MATINEE AS 16 H.
DESCANSO DA COMPANHIA AS SEGUNDAS FEIRAS

caixa do PONTO

A ESTREIA DA SEMANA
Almada
Academia Almadense
(R. Capitão Leitão, 64
T. 2752127)

A NOITE

de José Saramago
Encenação: Joaquim Benite
Cenografia: António Alfredo
Música: Carlos Paredes
Interpretação: Alberto Quaresma, Alfredo Sobreira, António Assunção, Carlos A. Machado, Daniel Garcia, Ema Paul, Fernando Louro, F. Pinheiro, Francisco Costa, Francisco Dionísio, Henriqueta Maia, Luís Alberto, Maria Henriqueta, Silva Heitor, Teresa Gafeira, Valdemar de Sousa e Vítor Sestelo.
Grupo de Teatro de Campolide.
De como o imaginário se transformou em real; de como o real se transforma em teatro voltando assim ao imaginário. O 25 de Abril num palco do 25 de Abril.

A Barraca
(R. Alexandre Herculano
T. 68 63 00)

D. JOÃO VI
de Helder Costa
Um belo espectáculo com uma excelente interpretação da equipa da Barraca, incluindo um portentoso Mário Viegas. Mais do que indispensável.

Casa da Comédia
(R. Francisco Borja, 24
T. 60 72 99)

FASTUDO!
FAZ-TUDO!! FAZ TUDO!!!, de Filipe La

Féria
Um espectáculo quase louco que vale a pena visitar, por essa e outras razões. Mas... não se podia cortá-lo?

Comuna
(Pr. de Espanha
T. 76 26 24)

PERDIDOS NA NOITE SUJA
de Plínio Marcos
pelo Seiva Trupe
Um êxito excepcional mas merecido. Vá saber porquê.

LAURA ALVES
(R. da Palma
T. 864756)

QUE GRANDE BRONCA
de Nicholson, Mário Alberto, Gonçalves Preto
Se o leitor não perde nenhum espectáculo da Ivone também não vai perder este. Pode estar certo que vai rir-se. E rir continua a ser uma forma de se estar vivo.

MARIA MATOS
(Av. Frei Miguel Contreiras
T. 89 70 17)

A FAMÍLIA
de Oduvaldo Viana Filho
Uma grande actriz (Mariana Rey Monteiro) talvez mereça a deslocação.

NACIONAL D. MARIA II
(Rossio
T. 32 22 10)

A BISBILHOTEIRA
de Eduardo Schwalbach
Falta-lhe o grão de loucura necessário para ser aceitável.

TEATRO ABERTO
Pr. de Espanha
T. 77 09 69)

CORPO-DELITO NA SALA DE ESPELHOS
de José Cardoso Pires
pelo Grupo 4
O problema do fascismo português através da actuação da Pide visto para além das aparências. Um espectáculo forte e, por vezes, denso mas desequilibrado. Não deixe de ver.

TEATRO DO NOSSO TEMPO
(Pr. José Fontana
T. 57 40 37)

YUZURU — A GRUA DO ENTARDECER
Um espectáculo para crianças que os adultos verão com agrado.

Cinema

A crítica de Jorge Leitão Ramos

"Dr. Estranhoamor"
de Stanley Kubrick

FICHA:
Título original: Dr. Strangelove
Realização: Stanlei Kubrick (G.B.-1963)
Argumento: S. Kubrick, Terry Southern e Peter George, segundo o livro «Red Alert» de P. George.
Fotografia: Gilbert Taylor
Música: Laurie Johnson.
Interpretação: Peter Sellers **(cap. Mandrake/presidente Munffley/dr. Strangelove),** George C. Scott **(general Turgidson)**, Sterling Hayden **(gen. Jack D. Ripper)**, Keenan Wynn **(cor. Bat Guano)**, Slim Pickens **(major T.J. King Kong)**, etc.
Distribuição em Portugal: Columbia/Warner
Cinema: Quarteto - sala 4
Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos
Duração: 102 minutos

Com a aproximação do Verão começam a chegar as reposições. Uma das mais oportunas é, sem dúvida, este **Dr. Estranhoamor** , um dos filmes menos vistos de Stanely Kubrick e que merece uma larga faixa de atenção.

Feito em 1963, em plena histeria nuclear, **Dr. Estranhoamor**

ganhou com os anos uma curiosa dimensão assaz diferente da que fora destacada por crítica e público na época da sua estreia. Com efeito, dezasseis anos depois, o medo de uma guerra atómica diluiu-se, se é que não desapareceu totalmente: é que se a bomba sobre Hiroshima foi uma coisa temível, tal deveu-se apenas ao facto de ter havido sobreviventes para observar como tinha sido; numa guerra atómica generalizada o mais provável seria que não sobrasse ninguém.

Dezasseis anos depois o que fica é uma forma subtil, eficaz, precisa como Kubrick constrói a sua ficção centrada sobre a instituição militar que ele satiriza com um poder de demolição impressionante. Atentemos à escolha dos actores. Um Peter Sellers de quem aproveita o notável cabotinismo e o gosto pelo disfarce, para o fazer assinar três personagens inolvidáveis: o razoável e medroso capitão Mandrake da RAF, o indeciso presidente dos Estados Unidos e o psicopata nazi Dr. Strangelove, o cérebro científico do arsenal nuclear. George C. Scott faz o general Turgidson, um militar apaixonado pela eficiência dos seus subordinados, atavicamente anticomunista, mascando **chewing-gum** entre duas tiradas de um cérebro que se julga muito esperto mas tem a dimensão de uma noz. Sterling Hayden, um actor que se notabilizou pelo seu reaccionarismo durante a «caça às bruxas», interpreta magnificamente o general louco que desencadeou a guerra nuclear. O seu discurso anticomunista é hilariante mas traz consigo a inquietação das conotações. O seu nome: Jack D. Ripper (trocadilho com «Jack The Ripper» ou seja Jack, o estripador).

Slim Pickens, o eterno **cow-boy** meio tonto de inúmeros **westerns,** surge-nos como o major King Kong: bem cedo Kubrick o faz trocar o capacete pelo chapéu de abas do **far-west**; na hora do ataque à URSS ele é, de novo, o tal **cow-boy** tonto que chegará ao ponto de cavalgar, em jeito de **rodeo,** a bomba atómica na sua mortal descida...

Dr. Estranhoamor não é, assim, uma simples paródia, em negro, da guerra nuclear. Antes ele integra toda uma série de referências às mitologias da sociedade americana, satirizando-as uma a uma com uma sistematicidade quase feroz e deixando no seu rasto um sabor amargo, um qualquer azedume que a canção final agudiza aos limites do tolerável. Pode dizer-se que **Dr. Estranhoamor** é o grande ajuste de contas deste realizador americano, mas de olhar profundamente europeu, com a ideologia de classe média do seu país e com uma instituição que, embora garantindo, em paragonas, trabalhar para a paz, alimenta no seu seio os gérmens ideológicos que conduzem à loucura da guerra. Em Pentágonos e quadriláteros, regulares ou não.

A rapariga na zona quente

Season Hubley: a fusão do pecado e do seu fascínio

FICHA:
Título original: Hardcore. **Realização e argumento:** Paul Schrader (USA- 1978) **Fotografia:** Michel Chapman. **Montagem:** Tom Rolf **Música:** Jack Nitzsche. **Interpretação:** George C. Scott **(Jacke Van Dorn),** Peter Boyle **(Andy Mast, o detective),** Season Hubley **(Niki)**, Dick Sargent **(Wes De Jong)**, Leonard Gaines **(Ramada)**, David Nichols **(Kurt)**, etc. **Distribuição em Portugal:** Columbia/ Warner. **Cinema:** Mundial. **Classificação:** Interdito a menores de 13 anos. **Duração:** 108 minutos.

Argumentista de **Taxi Driver** e novo «wonder boy» do cinema americano, Paul Schrader acaba de chegar aos **écrans** portugueses através do seu segundo trabalho como realizador: **Hardcore** («Traduzido» com a habitual eficácia por **A rapariga na zona quente).** Não está a obter qualquer sucesso (de resto o distribuidor não parece ter-lhe dedicado especial atenção) e os cinéfilos portugueses arriscam-se a, daqui a alguns anos, andarem à procura do filme que agora ignoraram. O paralelo com o que aconteceu com Scorsese é flagrante: estreado no Pathé e no 2000 (em Algés), **Boxcar Bertha** só viria a ser descoberto quando o Quarteto o repescou, meses depois. Esperemos que **Hardcore** tenha, pelo menos, essa merecida segunda oportunidade.

Hardcore é, de resto, um filme a analisar com a devida atenção. Incluído na onda direitista que chega a Hollywood neste final dos anos 70, o filme de Schrader é mais um sintoma da profunda crise moral em que os Estados Unidos mergulham. Calvinista puritano, Schrader toma para herói da sua ficção um pequeno industrial da comunidade religiosa holandesa da cidade de Grand Rapids que busca uma filha em fuga no meio da prostituição, da pornografia, da noite das solidões da costa ocidental.

O filme mergulha, desse modo, no submundo do comércio sexual como num pesadelo iluminado a **néon** e sofrimento. Nauseado mas também, de algum modo, fascinado pelo abismo. **Hardcore** acompanha a rota do seu herói com a intransigência de quem testemunha um calvário e com a firmeza de quem propõe uma recusa. De facto, Schrader afasta do seu filme, com uma sistematicidade impressionante, toda e qualquer hipótese de **voyeurismo**, todo e qualquer erotismo explícito. **Hardcore** constrói-se por choques sucessivos, pela rejeição continuada de vender aquilo mesmo que diz combater. Coerência total da parte de um realizador que, tal como o seu herói, parece dividir o mundo em eleitos e pecadores e se conserva, sem hesitações, do lado daqueles.

Mas onde Schrader se afasta, decisivamente, do seu herói é na lucidez com que olha a sociedade. **Hardcore**, filme que lamenta, sem dúvida, que a era dos homens verticais, puros e intransigentes tenha passado (o filme não se interroga se ela alguma vez terá existido com a plenitude que parece supor), não acredita, por seu lado, nas hipóteses de uma regeneração, de um regresso. Ao contrário: a este caminho de calvário é também um caminho de impotência. É certo que Jacke Van Dorn acaba por «recuperar» a filha no termo do filme (missão cumprida, dir-se-á) mas não é por acaso que essa rapariga surge tão poucas vezes no **écran**: o fundamental não é, para o próprio filme, esse **fait-divers** (mero detonador de uma ficção) mas o encontro de um homem justo (na óptica de Schrader) com um universo de pecado e transgressão. Nesse encontro, Van Dorn não é nunca um missionário, o portador de uma palavra qualquer antes encarna o perfeito ser associal, o homem que não se mistura (sob qualquer forma) com os outros, aquele que se afirma orgulhosa e superiormente diferente da sociedade onde penetra. Nenhum respeito por essa sociedade, nenhum vestígio de caridade; adivinha-se nele, se outros tempos e outras vontades fossem, o inquisidor moralista de aço pronto e consciência tranquila. Não o movem quaisquer projectos de mudança: os eleitos estão designados desde todo o sempre. Deste modo, é-lhe lícito usar, na sua busca, processos em tudo semelhantes aos dos pecadores: ele força, mente, compra, agride, usa os outros sem qualquer peso na consciência, em nome de uma causa justa. É aqui que o filme se transmuta de conservador em reaccionário, pela hábil construção de uma ficção que justifica, na consciência do herói como na do espectador, o uso de métodos fortes para resolver situações fortes.

Suprema ambiguidade de Schrader é, por outro lado, a fascinação que se sente pulsar, em todo o filme, pelos efeitos de «encenação» que o comércio do sexo (como o cinema...) utiliza. Das luzes, ao espaço, às cortinas que sobem e se fecham, ao guarda-roupa, ao próprio corpo dos actores, aos diálogos convencionais, toda a encenação do mundo da prostituição e da pornografia encontra no texto do filme múltiplos sinais de atracção e de repulsa, numa amálgama ambígua que é bem a medida da personalidade estranha de

Continua na pág 4

CINE/PONTO

M - MATOU
de Fritz Lang
(Alemanha - 1931)

Semana fértil, esta. Sobretudo no espaço do Quarteto que apresenta os três melhores filmes em exibição em Lisboa. A começar, um clássico, **M -Matou** de Fritz Lang, um daqueles filmes tão fundamentais ao cinéfilo como a respiração. Estava-se no princípio do sonoro e o som era já, para Lang, um material usado com a exactidão do génio.
Cinema Quarteto - sala 1 (15, 17, 19, 21 e 23 h.)
(não acons. men. 13 anos)

DR. ESTRANHOAMOR
de Stanley Kubrick
(G.B. - 1963)

Mas se, porventura, preferir rir (embora um riso amargo, negro, cáustico), a reposição da única comédia de Kubrick está aí. Ah! outra coisa: se o leitor torce o nariz ao ouvir falar de Peter Sellers (lembrado que está das «panteras» e outros horrores), veja este filme e terá uma surpresa; Sellers é, nele, absolutamente insuperável. (Crítica neste número do **7.7**)
Cinema Quarteto - sala 4 (15, 17, 19, 21 e 23 h.)
(não acons. men. 13 anos)

JONAS
de Alain Tanner
(França - Suíça - 1976)

Pode acontecer que o leitor seja um cinéfilo inveterado e já tenha visto os filmes de Lang e de Kubrick. Nesse caso tem ainda **Jonas** (que alguns consideram o melhor trabalho de Alain Tanner), uma película sobre os filhos de Maio, o refluxo, o remorso, a alegria e a esperança. **Jonas,** não o esqueçamos, terá 25 anos no ano 2000.
Cinema Quarteto - sala 2 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h.)
(interdito a men. 13 anos)

REPULSA
de Roman Polanski
(G.B. - 1965)

Quarto filme excepcional em exibição, **Repulsa** é, de todos eles, o mais inesperado. Produção europeia com um realizador então à procura de um lugar ao sol ocidental, esta película é um rigoroso pesadelo feito por um dos mais surpreendentes autores que os anos 60 revelaram. Incarna-o Catherine Deneuve, o rosto e o corpo do desejo e da loucura: inesquecível.
Cinema Estúdio (15.30, 18.30 e 21.30 h.)
(não acons. men. 18 anos)

M-Matou, de Fritz Lang

O CÉU PODE ESPERAR
de Warren Beatty e Buck Henry
(USA - 1978)

E entramos nos sucessos. Este, com argumento, produção, realização e interpretação do actor Warren Beatty, é simpático e constitui um agradável e inofensivo passatempo para sábado à noite. Ver nele um grande filme de um novo autor (como insistem alguns) é que já me parece miopia.
Cinema Apolo 70 (13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h.)
(não acons. men. 13 anos)

UM CASAMENTO
de Robert Altman
(USA - 1978)

Quanto ao último Altman (destinado, por certo, a ocupar a tela do Londres por muitas e longas semanas), creio que pode constituir a ruptura definitiva entre os adeptos do realizador e os seus opositores. De facto, construído com base na «regra de ouro» da cumplicidade superior (tipo «eu e tu é que sabemos que os outros são todos umas bestas»), **Um casamento** é uma película particularmente repulsiva.
Cinema Londres (14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h.)
(não acons. men. 18 anso)

LÚCIO FLÁVIO, O PASSAGEIRO DA AGONIA
de Hector Babenco
(Brasil - 1978)

Estava para ser um êxito mas o público não lhe pegou: à terceira semana é relegado para um cinema secundário e abandona o aparato das 4 - salas - 4. Um filme sobre um marginal abatido pelo Esquadrão da Morte, feito com alguma habilidade comercial mas sem poder (ou saber) erigir o discurso sobre aquele braço clandestino da repressão fascista que seria de desejar.
Cinema Monte Carlo (15.30, 18.30 e 21.30 h.)
(não acons. men. 13 anos)

AS QUATRO PENAS BRANCAS
de Don Taylor
(G.B. - 1978)

Pouco a pouco, vamos descendo a curva do cinema visível: no limite, encontramos este trabalho de Don Taylor, **remake** de um célebre filme de Korda, e que, sem meios financeiros e humanos à altura, acaba por ser uma película insonsa e assaz desinteressante.
Cinema ABCine - sala A (14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 23.45 h.)
(não acons. men. 13 anos)

UM DIA DE PRAIA
de Sérgio Citti
(Itália - 1977)

Do outro lado da barreira, isto é, em pleno território do desvergonhado comércio, encontramos este filme de Sérgio Citti, cuja conivência com Pasolini devia ter deixado, pelo menos, um qualquer traço de honestidade e lucidez. Mas não: o desprezo é o que há no seu olhar.
Cinema Quarteto - sala 3 (15, 17, 19, 21 e 23 h.)
(interdito a men. 13 anos)

Cinema

zona quente

Continuação da pág 3

Schrader. Lapidar deste ponto de vista é a personagem interpretada por Season Hubley que, de agressivamente chocante (espantosa a conversa entre ela e Van Dorn na «cabina telefónica») se transmuta pouco a pouco num personagem fortemente atractivo e, em última instância, em vítima exemplar do egoísmo de Van Dorn. De resto não deixa de ser curiosa a forma como Schrader utiliza o corpo de Season Hubley. Extremamente magro, sem seios, esse corpo é, despido, nada atraente. Depois Schrader veste-o, arranja-lhe o cabelo, maquilha-lhe o rosto, povoa-o de sinais de atracção que funcionam quase como objectos-fetiche, transforma-o, enfim, no ser típico onde se fundem o pecado e o fascínio, contradição última em que se debate o realizador e portanto o filme.

Outro sinal do fascínio pela «encenação» que o filme contém é visível naquela que julgo a mais notável cena deste filme notável: a casa para masoquistas destruída pela perseguição de Van Dorn ao proxeneta, demolindo paredes e adereços que, surpreendentemente, nos surgem de cartão pintado, assumindo a falsificação que produzem mas traduzindo, ao mesmo tempo, a magia de um cenário, a atracção da **mise-en-scène**

A nova direita chega a Hollywood é bem certo. O seu cinema tem, porém, tal força, tal riqueza, que bom será não o escamotear.

J.L.R.

Um português na RDA

Quando visitei os estúdios da Defa

Quando passamos os portões de entrada da DEFA, o principal estúdio cinematográfico da RDA, sabíamos que íamos encontrar algo de espectacular, em grandiosidade de instalações, pois também sabíamos que era precisamente ali que o imperialismo alemão tinha o seu «quartel general» da mistificação da «nova e próspera sociedade nazi»; ali se situavam os estúdios da UFA, que antes da subida ao poder de Hitler nos deu também filmes de incontestável valor.

Talvez por isso, a nossa curiosidade se concentrou muito mais em saber, do que a própria visita em si.

Para saber das coisas, contactamos Heinz Thiehl e Bodo Schmidt, cineastas ao serviço da DEFA que nos falaram de alguns aspectos ligados à criação da antiga Deutsche Film AG e o seu dedenvolvimento até aos nosso dias.

Mas é o realizador Thiehl quem assume o papel de «porta-voz» da história da hoje VEB DEFA-Studio fur Spielfilme:

«Com a criação da DEFA, em 17 de Maio de 1946, imediatamente após o fim da guerra e sob autorização da administração militar soviética, iniciou-se a produção de filmes, nos antigos estúdios da UFA. Foram os primeiros passos para a primeira produção cinematográfica, em moldes democráticos, no solo alemão. Até então, essa produção na Alemanha, como elemento dos **mass-media** no campo ideológico, esteve sempre ao serviço do imperialismo alemão e nomeadamente do fascismo (salvo raras excepções).

Na altura da criação da DEFA os cineastas progressistas alemães não acreditavam ainda na hipótese de se poder arrancar novamente com a produção cinematográfica na Alemanha, dado que os americanos, ingleses e franceses não estavam interessados na criação de novos centros de produção. Assim, a autorização soviética da fundação da DEFA constituiu uma inesperada sensação política.»

Temática deliberadamente antifascista

Os primeiros filmes produzidos marcavam bem a tónica imprimida para a nova actividade cinematográfica que era e continua a ser a de fazer filmes em função da paz e do entendimento entre os povos.

«Nos primeiros anos — diz-nos Heinz Thiehl — a temática dos filmes produzidos tinha um cunho deliberadamente antifascista a alguns deles tiveram ressonância mundial. Destaco dois: «**Os Assassinos estão entre nós**», primeira obra cinematográfica de ficção realizada no solo Alemão democrático tratava do facto real de assassinos fascistas ainda estarem a viver na Alemanha e «Matrimónio na Sombra», que contava a história (baseada em factos reais) de um casal de artistas, cuja mulher era judia, que foi obrigado a suicidar-se por não terem hipótese de viver sob o regime nazi, por incapacidade de compromisso com o fascismo.

Numa segunda fase de produção a DEFA optou pela realização de filmes que reflectissem nos meios artísticos a edificação do socialismo entre nós.»

Essa fase trouxe consigo alguns problemas, pois segundo o nosso interlocutor, alguns artistas, que participaram activamente no combate contra o fascismo, não aguentaram as condições difíceis da luta de classes na edificação do socialismo. Nem todos estavam prontos a desempenhar essa luta e com a sua evolução deu-se o divórcio:

«Embora fossem artistas extraordinários — acrescenta — não estavam preparados para caminhar ao nosso lado, seguir a via do socialismo. Foram-se embora, encontram-se hoje no lado do inimigo, tornaram-se consciente ou inconscientemente instrumentos do imperialismo».

Um americano (Dean Reed) realiza na DRA

A RDA, através dos seus estúdios de Potsdam, mantém uma ampla colaboração com os outros países da comunidade socialista, mas essa colaboração entre os centros de produção cinematográfica socialistas, tem um caracter muito «sui generis». Thiehl explicou-nos:

«Sempre que a DEFA necessita de fazer um filme do Oeste Americano, desloca as suas equipas de produção à Roménia ou à URSS e num desses países encontra cinematograficamente as célebres «montanhas» do Colorado ou as «paisagens» do Arizona. Mas, se os soviéticos, por exemplo, necessitam de paisagens românticas, vitais nas obras de Tchekov ou Turgenev, deslocam à RDA, nomeadamente à Turingia e aí encontram o ambiente que desejam.

Facto curioso que quero salientar, é o de as despesas das filmagens desses exteriores correrem por conta do país onde são colhidas. Isto é, o dinheiro não entra na linha de conta mas sim apenas os serviços».

Mas, a colaboração não está limitada apenas ao campo socialista, pois cineastas dos países capitalistas também são motivo de cooperação nos estúdios da DEFA.

Sobre essa colaboração Bodo Schmidt conta-nos:

«Presentemente trabalha connosco um cantor progressista norte-americano que é igualmente actor. Chama-se Dean Reed e o seu nome foi manchete durante alguns dias, pois fora preso nos Estados Unidos, após ter exibido o seu filme, em Washington, onde ele procura evocar o cantor assassinado Victor Jara e carrega contra a ditadura fascista de Pinochet.

Demos-lhe a oportunidade de concretizar as suas intenções políticas por um Chile democrático e ele realizou, na DEFA, o filme que citamos.»

Regressado a Berlim, após a sua libertação nos Estados Unidos, Dean Reed vai concretizar projectos, já aprovados por Arafat, para um filme sobre a heróica luta do povo palestino e a sua organização, a OLP.

Todos os filmes são dobrados

Estruturalmente a DEFA foi fundada como sociedade anónima (AG), mas em 1952 transformou-se em empresa propriedade do povo (VEB). Hoje está subdividida em empresas mais pequenas, segundo a sua especialidade, mas trabalhando todas sobre a mesma sigla.

O estúdio principal destina-se à produção de filmes de fundo, cujas instalações acompanhadas pelo camarada Wenghoffer tivemos ocasião de visitar. Ali trabalham 2400 pessoas e se produzem anualmente 18 filmes de fundo para o circuito comercial e 36 filmes para a televisão.

Existem no local dois outros estúdios, um destinado à curta metragem e outro para dobragem de filmes.

Segundo dados de 1976, existiam na RDA, 833 cinemas com 283 018 lugares, sendo a afluência nesse ano de 79,7 milhões de espectadores. Mas comparado com Portugal, onde a importação de filmes é exagerada, anualmente são exibidos nos cinemas da RDA, cerca de 140 novos filmes, dos quais 120 são de produção estrangeira e cuja dobragem é efectuada nos estúdios da DEFA em Potsdam.

Em relação à dobragem — disse-nos Thiehl — ela deve-se essencialmente aos hábitos tradicionais do povo alemão, o qual não está habituado a ver filmes legendados.

Para além da dobragem dos filmes passados no circuito comercial, a DEFA dobra igualmente os cerca de 600 filmes estrangeiros que aparecem no pequeno-écran.

Ao longo da nossa conversa, Heinz Thiehl não escondeu o seu contentamento por ter sido o realizador alemão da primeira coprodução germano-soviética. «Cinco Dias e Cinco Noites», um filme que narra o salvamento das obras de arte nos museus de Dresden, pelo exército soviético.

«A realização do filme durou cerca de um ano e a colaboração entre os cineastas teve como efeito em tornar-me um dos sócios mais activos da Associação de Amizade RDA-URSS e chefe do núcleo da Associação na DEFA.

Através da Associação divulgamos o cinema soviético e pugnamos por uma maior cooperação nesse domínio».

Enquanto se desenrolava a entrevista e saboreava um cafezinho e o velho «korn», Bodo Schmidt estava atarefado com o telefone, a equipa que filmava na Roménia estava difícil de contactar, mas não impossível. Findo esse trabalho e visto que Thiehl teve que nos deixar por algum tempo, continuamos a conversar, com Bodo, mas desta vez sobre o cinema em Portugal e sobretudo do que se produziu após o 25 de Abril, até que o almoço no restaurante da DEFA nos chamou.

Alfredo Canana

Teatro

Os cinco

Ivone, Vost

Continuação da pág. 1

numa prática teatral. Trata-se não de ver uma exposição de artes plásticas mas sim de operações estéticas e sociológicas, em especial envolvimentos (conjuntos de elementos organizados no espaço através dos quais o autor propõe a sua visão crítica de um mundo que está a ser destruído pela tecnologia). O automóvel e a televisão parece serem os fantasmas obsessivos com que Vostell, justa ou injustamente, se debate.

As obras apresentadas na Galeria de Belém revelam uma grande força criativa, uma capacidade inventiva e ao mesmo tempo denunciadora sem paralelo neste campo.

Tratando-se de uma exposição documental, surge sobrecarregada de elementos que parecem menos interessantes como formas de exposição, como as fotografias de «happenings» e os textos descritivos.

Esse tipo de trabalhos não é redutível, tanto quanto me parece, a transcrições desse género. De qualquer maneira, trata-se de uma exposição muito importante que interessa ver e questionar.

Ao ver um dos trabalhos de Vostell (em que há uma espécie de piscina) tive a noção de que aquele espaço seria óptimo para apresentar o último espectáculo de Richard Démarcy e Teresa Motta, estreado com grande êxito no Centro Ponpidou, de Paris. Aqui fica a sugestão e o desafio à SEC.

3. O caso Rogério de Carvalho

Atravessámos o rio num dos velhos barcos que ligam Belém à Trafaria. O sol que começava a baixar a sua cortina de fogo, este céu incomparável de Lisboa, com os seus rosas, púrpuras, violetas, laranjas, azuis, a água límpida cortada pelo barco, tudo se aliava para ocultar o monstro nuclear que, entre a Trafaria e Algés, parecia querer barrar o caminho para o mar. Do outro lado, num restaurante demasiado banal para vir nos roteiros, comemos uma posta de pescada fresquíssima (vesícula obriga) enquanto na televisão o alpinista espanhol trepava a torre dos Clérigos.

Depois, o Casino da Trafaria, curioso nome dado a um velho clube onde se joga bilhar e não sei se outros jogos. É ali a sede do GITT, ali vimos alguns dos melhores espectáculos de amadores do teatro português, ali voltámos para ver o novo espectáculo de Rogério de Carvalho.

Não é agora a altura de falar no que tem feito este encenador que se tornou menos desconhecido quando levou à Cornucópia uma admirável versão de «As Três Irmãs». Bastará, por ora, dizer que Rogério de Carvalho é o mais singular caso do teatro português não só por aquilo que faz como pelo facto de se situar quase rigorosamente à margem dos circuitos tradicionais da produção teatral e ser por isso o menos conhecido dos nossos criadores.

Digo quase porque parece que finalmente Rogério vai quebar esse circuito e surgir integrado no esquema profissional. Esperemos que sem prejuízo para a sua criatividade.

O seu novo espectáculo intitula-se «31 de Setembro de 1941» e é interpretado pelo Grupo de Teatro Anselmo Andrade (2). Trata-se de um ritual sobre o holocausto perpetrado pelos nazis não apenas sobre os judeus mas sobre homens de outros credos ou sem credos, como se sabe.

Estal e ser por isso o menos conhecido dos nossos criadores.

Digo quase porque parece que finalmente Rogério vai quebar esse circuito e surgir integrado no esquema profissional. Esperemos que sem prejuízo para a sua criatividade.

O seu novo especalmente com alunos de Anselmo Andrade, «A Última Flor», em que antes do 25 de Abril se denunciava a guerra do Vietname e, mais latamente, as guerras coloniais.

Começa por ser uma festa ver 50 raparigas e rapazes que actuam com uma seriedade e uma convicção notáveis. A partir de um texto breve que é retomado, desdobrado, repetido, Rogério exprime em termos muito fortes, por vezes de grande violência, o horror dos crimes nazis incluindo as experiências médicas e o uso do gás nos campos de concentração (data a que se refere o título do espectáculo). Do coro vão saindo alguns protagonistas dos crimes e as suas vítimas: o acto passa do crime ao julgamento, dos criminosos às testemunhas e aos juízes, sem qualquer solução de continuidade graças à fluidez que o encenador lhe imprimiu como se passasse de uma tragédia grega a um texto brechtiana, e graças à forma extremamente eficaz como os jovens actuam. Através das vozes, em coro e individualmente, da marcação dos corpos no espaço, da conjugação dos gestos, surge o pesadelo do inferno nazi, que atinge o limite na cena em que os prisioneiros vão sendo aniquilados pelo gás. Rogério de Carvalho prova uma vez mais a capacidade de inventar uma linguagem: nada do que vi até hoje em teatro tem o que quer que seja a ver com isto. Há dois ou três momentos em que é possível descobrir, ainda uma vez, o sopro do génio: um deles é quando se ouve parte do grupo a cantar uma canção popular portuguesa, coro que se vai misturando com as vozes horrorizadas que acabam por vencê-lo. E duma beleza e duma crueldade excepcionais. Além da forma como Rogério organiza o espaço físico e sonoro (incluindo a luz, a música, os conjuntos vocais) não se pode esquecer a participação individual destes jovens cuja idade está entre os 14 e os 17 anos (trata-se de alunos da cadeira de Teatro do 9.º ano de escolaridade). Há uma jovem indiana cuja voz, maneira de andar, posições do corpo, expressão facial, presença no palco, são já de uma actriz. Se estas coisas em Portugal fossem a sério esta jovem seria dentro de dois ou três anos uma das primeiras actrizes portuguesas. Uma outra jovem, que canta admiravelmente tem um momento inesquecível, quando surge a cantar como se estivesse muito longe, isolada no cimo de uma montanha. Está o leitor a ver: basta um Rogério de Carvalho para fazer um crítico de teatro feliz.

Mas falemos ainda da Trafaria. É norma dizer-se, e com razão, que o 25 de Abril não trouxe a Revolucão cultural que se esperava. No entanto, já alguma coisa se vai fazendo. Simplesmente, metidos na cidade, nem sempre damos por isso. O GITT organiza, pela segunda vez, o Ciclo de Cultura da Trafaria, que é constituído por espectáculos de cinema, teatro, bailado, poesia. Por exemplo: Centro Cultural de Évora, «Homenagem a José Gomes Ferreira (com M. Céu Guerra e Mário Viegas), «Morte em Veneza», de Visconti, «1900», de Bertolluci; «Ou Isto ou Aquilo», pela OTC; «O Dança Grupo», programa de bailado; as «Marionetas de S. Lourenço e o Diabo». Isto com entrada grátis. Não há dúvida: alguma coisa se vai fazendo. Viva a Liberdade!

...co "casos" do último fim-de-semana

...stell, de Carvalho, Barreiro ... e Cornucópia

4. Foi tão belo que nem se acredita

Festa na mesa do horizonte

Antes das 9 horas (da madrugada de domingo estamos no Terreiro do Paço. Já o barco que vai excursionar pelo Tejo durante quatro horas, antes de nos levar ao Barreiro está quase cheio. Bandeiras vermelhas, com ou sem a foice e o martelo e a sigla P.C.P., bandeiras de Portugal, flutuam ao vento. É como se de repente surgisse uma imagem de Bertolluci ou de Angelopoulos. Até as 9,15 continuará a chegar gente, jovens, mulheres, crianças, velhos, trabalhadores de Lisboa com as suas merendeiras e os seus sonhos, alguns com instrumentos musicais. Haverá mesmo uma banda a bordo. Despedimo-nos do cais (que desta vez não «é uma saudade de pedra») onde alguns camaradas acenam, outros fotografam ou filmam.

Durante quatro horas, comunistas e amigos vão dar as mãos fraternalmente, cantar juntos, recordar juntos os velhos tempos da luta, comer juntos, sonhar juntos como velhos amigos. Viajo entre um velho operário do Arsenal e um velho senhor de chapéu preto na cabeça, um impecável «blazer» negro em cuja lapela brilha um emblema do M.F.A. Mais longe um vendedor de jornais que conheço de uma qualquer esquina lisboeta. Um trabalhador do Couço, vivendo em Lisboa, fala-me dos problemas da Reforma Agrária, seguro da razão e certo da esperança. Pelo lugar onde estamos sentados vão passar muitos camaradas, mais jovens, aparentemente menos jovens, todos comungando o mesmo pão da alegria, a mesma força tranquila. Canta-se, come-se, bebe-se, dão-se vivas. Uma amiga jovem está com terríveis dores de dentes que outros procuram minorar lançando mão a vários truques.

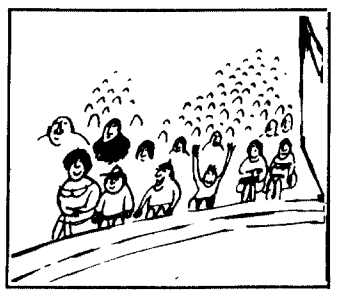
Chama-se Miguel e tem 5 anos É vivíssimo e malandríssimo. Um «galo» na testa assinala o seu irrequietismo. Imita na perfeição Jô Soares e o «Andorinha». Chama pai e mãe ao casal que o acompanha e que pela idade pensávamos serem os avós. Estes contam-nos a história. Miguel estava numa creche e, apesar de terem netos, não resistiram em adoptá-lo, sensibilizados pela sua graça, pela sua ternura e pela sua desoladora solidão. Tem 5 anos o Miguel, levanta o punho, e quer ver o barco todo.

Falarei aqui várias vezes de pessoas idosas, de velhos até. Não pretendo com isso fazer discriminações entre jovens e menos jovens, tanto mais que estes que aqui encontro são de uma espantosa juventude. E acontece que quando venho a saber as suas idades verifico que são muito menos velhos, no bilhete de identidade, do que aparentam. Os trabalhadores, claro, envelhecem mais cedo. Também essa é uma prova da razão da sua luta.

Ao passar por outros barcos, trocam-se sinais de camaradagem e amor. Como no Barreiro, quando os comboios lançavam os seus gritos de amizade pelos congressistas. Marinheiros, nos navios estrangeiros, surgem um tanto espantados. Um pescador isolado, na margem direita, vê-nos e deixa a cana, aos saltos e aos gritos (adivinha-se). Fleumático, o cão de bordo aceita as festas de todos e, de vez em quando, deita-se ao sol, a dormir, aproveitando uma aberta entre as pernas dos passageiros.

Às 13 horas precisas, tal como estava previsto, chegamos à estação do Barreiro. Mais abraços, mais canções, mais vivas. Banda à frente, forma-se um cortejo que nos

Carlos Porto



levará até ao Lavradio, local do Congresso e do comício. Mais de uma hora de marcha. Os cantos e os vivas sucedem-se quase ininterruptamente. Experimento algumas das mais belas emoções da nossa liberdade. Além das bandeiras vermelhas espalhadas por inúmeras casas, cartazes do Congresso, na rua principal que leva ao pavilhão da Quimigal, colchas debruam janelas e varandas (uma delas com cravos vermelhos bordados, outras com o cartaz colado). Há jarras com flores. Bandeiras em vasos como se fossem plantas. Muita gente saúda os manifestantes. Fixo duas velhas vestidas de negro. Mais longe uma cabeça branca (90 anos?) de quem já não tem forças para erguer o punho mas nos saúda com as duas mãos abertas. Ainda mais longe, num terceiro andar, uma mulher de meia idade abraça-se a si própria como se nos quisesse juntar a todos nos seus braços generosos. E atira-nos beijos nas pontas dos dedos a que nós correspondemos. A seu lado, o marido talvez, agita um pano que é mais laranja do que vermelho (que importância?). Há palmas e canções, sempre. Encostada a uma parede, uma jovem ergue o punho enquanto pelo rosto, lágrimas correm tranquilamente.

Releio no «Diário Popular» de 1 deste mês, assinado por V.D.: «Como nota saliente, o inegável entusiasmo e o calor humano do ambiente em que decorre o IX Congresso do PCP, na proletária e combativa vila do Barreiro e em que toda a gente trata toda a gente por tu, indiscutível reflexo de que a igualdade não é palavra vã, na sociedade sem classes que é o escopo do comunismo internacionalista com que Marx sonhou». Mas releio também a acusação de «orquestração» feita pelo mesmo repórter, lembro outras acusações «seguidismo», «ausência de democracia», «cupulismo, «sectarismo», «esquematismo», etc. Como é possível ignorar a prática de um partido cujas raízes de fraternidade são tão fortes? Se o PCP é um partido revolucionário, de acordo com os princípios por que se rege, começa por sê-lo precisamente nas suas relações internas, por assim dizer, pelas vivências que nele se respiram. Trata-se de uma realidade a meu ver inquestionável e sem esse dado, qualquer análise não pode deixar de aparecer falseada. O facto explica-se porque vivemos circunstâncias excepcionais.

Depois de quase cinquenta anos de fascismo (e de anticomunismo primário que ainda se mantém), os trabalhadores portugueses, na sua maioria, encontram no partido respostas concretas para as suas interrogações. E, ainda mais, encontram-se. É essa força dos seus militantes, os laços fraternos que ligam direcção e bases, a qualidade e o espírito de sacrifício dos dirigentes, que explicam, em grande parte, a confiança tranquila que anima os comunistas, a esperança em que forjam os seus combates quotidianos, a fraternidade revolucionária que os define. Não se veja nisto nem nos sinais das casas do Barreiro, a que me referi, qualquer forma cultural. Se por vezes esses sinais parecem assumir um carácter religioso, o facto deve-se simplesmente à circunstância de ser o homem ocidental condicionado por hábitos milenares que não desaparecem por milagre. Mas o seu conteúdo é puramente humanístico.

Imagine-se estas velhas mulheres, estes velhos homens, estes trabalhadores que com tanto entusiasmo, tanta emoção, tanta alegria, nos saudaram, imagine-se o que foram os gritos sufocados no coração, o sofrimento, as revoltas, o desespero e a esperança que os atravessaram durante toda a vida, imagine-se o que foi poder finalmente soltar o grito, levantar a bandeira, erguer o punho, apertar no peito a certeza de que o mundo pode ser transformado...

Sento-me à sombra, enquanto espero a hora do comício. Um casal idoso (possivelmente agricultores) está sentado no chão conversando com uma mulher de idade aproximada. Recordam em palavras ao mesmo tempo sentidas e indignadas a morte de José Moreira, militante comunista assassinado pela Pide. A três metros, uma jovem citadina canta com uma bonita voz, «Grândola», que outras vozes acompanham. Logo um homem se aproxima: meia idade, rosto e mãos fortemente queimados pelo sol. Explica, ao que me parece, que o tom de «Grândola» não é bem aquele. E exemplifica. A moça ri e acompanha-o. Um outro, provavelmente também alentejano, atira de mais longe um desafio de cantigas. Forma-se rapidamente uma roda de gente há minutos desconhecida. Abraçam-se pela cintura, e jovens, velhos, cantam no calor da tarde atenuado pela sombra das árvores: o Povo é quem mais ordena. Gente com pés gretados, mãos deformadas pelo trabalho, é principalmente a que aqui vejo. Se isto não é o país real, então onde está o País real?

Ao nosso lado, sentadas, duas senhoras de cabelos brancos e bem tratados, vestidas com certo requinte, lembram-nos que o PCP alberga gente de estratos variados, apesar da sua indefectível regra de ouro. Também elas sorriem. Dentro de momentos, um homem que não conheço, outro alentejano, falar-me-á da Reforma Agrária. Dir-me-á que quem não trabalha não come. Pergunta: e o camarada o que faz? Explico-lhe. Pois eu estou desde os 18 anos no partido, diz, e volta, quem não trabalha não come. Nas suas palavras, a certeza da vitória da Reforma Agrária.

Quase junto, um homem alto, direito, encosta-se à sua bengala de cego. Saberei dentro de momentos que tem 81 anos e foi um combativo militante sindicalista. Metalúrgico, o trabalho cegou-o. Um dos nossos maiores especialistas garante que não há nada a fazer. Encostado à sua bengala, com um camarada solícito a assisti-lo, o cego sorri. Apetece dizer: vê com o coração.

Aqueles cantam, outros conversam, crianças correm, gente passa constantemente. No meio desta confusão boa em que todos nos entendemos, um homem isolado, uma espécie de «clochard», ali inesperadamente surgido, tira o boné sujo da cabeça, levanta-o lentamente como se fosse uma bandeira e lentamente grita quase em silêncio: Viva a Liberdade! «E o Universo, ó Álvaro de Campos, reconstroi-se-me **com** ideal e esperança».

Assistimos a parte dos comício e voltámos para casa (que se faz tarde e o teatro ainda não acabou), aproveitando a boleia de ocasião. Na ponte 25 de Abril, outro pôr do sol. Recordo ainda Lêdo Ivo:

A minha vida era infinita
Junto às portas de ouro da tarde.

5. O caso Cornucópia

Consigo apanhar, antes de voltar a sair, um quarto de hora do debate sobre a Reforma Agrária, na RTP, entre Pezarat Correia e Ferreira do Amaral. Dominando o assunto, com a tranquilidade de quem não deve nem teme, Pezarat Correia reduz o adversário à sua insignificância. A verdade e a justiça continuam a ser argumentos difíceis de rebater.

Despedida, no Teatro do Bairro Alto, de «E Não Se Pode Exterminá-lo?». Reencontro com uma grande equipa e com um fabuloso espectáculo, um dos raros que compensam largamente esta tarefa nem sempre simples. Público entusiasmado, aderindo com extrema facilidade a todos os sinais. Sala com mais 80 pessoas do que a lotação normal. Se o espectáculo continuasse as enchentes continuariam, é evidente. Com Isabel de Castro melhor entronizada no conjunto, «E Não Se Pode Exterminá-lo?» parece-me ainda mais arrebatador. O que faz em primeiro lugar o êxito do espectáculo, para estabelecer prioridades neste caso injustas, é o texto. Não apenas o original mas o texto tratado em português.

Algumas peças traduzidas têm sido traídas pela inoperância teatral da linguagem. Este texto tem um sabor, uma comunicabilidade excepcionais. É em segundo lugar o trabalho dos actores que bem merecia uma análise adequada (e quem poderia fazê-la?).

Génio. Aptidão extraordinária para a criação. Genial. Que tem a marca do génio. É isso.

Perto de uma hora de segunda-feira. Chegou ao fim o fim-de-semana do crítico. Ivone, Rogério de Carvalho e seus jovens, a confraternização popular e revolucionária, o Teatro da Cornucópia — razões para um crítico de teatro se sentir feliz.

Razões de sobra e insuficientes, ao mesmo tempo. Há mais. As que permanecem ocultas ou apenas entremostradas. **(Estamos juntos, meu amor.)**

(1) «QUE GRANDE BRONCA», de Francisco Nicholson, Mário Alberto e Gonçalves Preto, inspirada em Duvert e Lauzanne. Encenação: Francisco Nicholson. Realização Plástica: Mário Alberto. Música: J. Luís Gomes e Braga Santos. Coreografia: Carlos Alberto. Interpretação: Ivone Silva, Herman José, Carlos Miguel, Verónica, Nuno Emanuel, Salomé Cardinali, Jorge Nascimento, Carmo Canas, Judite, Mafalda Drumond, Ana Sarabua, etc. Produção: Produções Teatrais Vem Cá Ver. Teatro Laura Alves. Estreia: 1-6-1979.

(2) «31 de Setembro de 1941» pelo Grupo de Teatro Anselmo Andrade. Encenação: Rogério de Carvalho. Casino da Trafaria. 2-6-1979.

Primavera em Praga, 79

Descobrir o passado

M.V.C.

Quando um festival tem as proporções do da «Primavera de Praga», implicando um vastíssimo esforço de organização e gastos consideráveis, cabe colocar uma questão prévia: um tal investimento será necessário e reprodutivo, do ponto de vista sócio-cultural? A questão foi colocada na Checoslováquia logo após a Libertação (há mais de trinta anos, portanto) e a resposta tem sido, anualmente, positiva: valeu a pena.

Não posso fazer a história do festival, pois é a primeira vez que o frequento. Mal posso registar aqui um dos seus indicadores principais: o grau de penetração que ele tem no quotidiano de uma cidade como Praga.. E o que vejo é que, havendo três ou quatro espectáculos diários à mesma hora, a sala está sempre superlotada qualquer que seja a minha escolha (concerto sinfónico, música de câmara, ópera). A primeira justificação do Festival começa pois no nível de solicitações culturais da população, que é muito elevado em quantidade e qualidade.

Acrescento apenas, como ponto de referência, que a população de Praga é apenas ligeiramente superior à de Lisboa.

Saber conservar o patrinómio cultural

Dir-me-ão que Praga é, desde há séculos, um centro irradiador e de convergência da cultura europeia. Assim é, de facto. E assim é no campo particular da música. Para não ir mais além (e como não me proponho agora fazer um inventário demonstrativo), basta-me referir um exemplo que decorre da minha experiência pessoal: estive, há pouco, na casa onde Mozart terminou o «Don Giovanni» (hoje transformado em museu mozartiano); um dia destes espero assistir a uma representação do mesmíssimo «Don Giovanni» no teatro onde foi estreado em 1787, vai para duzentos anos: o Teatro Tyl.

Aí está. Os checos têm sabido conservar o seu património cultural: a casa de Mozart (a famosa «Villa Bertramka) até teve guarda montada pelos «partisans» em 1945, como se de um ponto estratégico se tratasse...

Praga, é certo, foi uma das raras capitais da Europa Central poupadas pela Segunda Guerra Mundial. O que existe hoje é o que existe, estratificadamente, desde as mais antigas fundações de certos prédios (que remontam ao século X) até aos nossos dias, passando por sucessivas etapas históricas.

Aqui desconhece-se a prática de deitar casas abaixo para construir prédios de vinte andares «economicamente mais rentáveis»: depois da guerra, Praga escapou — porque o seu povo pôde e quis — à fúria destruidora de empreiteiros, especuladores, tecnocratas e outros que tais.

Passearmo-nos por Praga equivale a fazermos um percurso histórico através da arquitectura e dos urbanismos de todos os tempos: são casas, são ruas, são por vezes bairros inteiros que documentam uma época. Depois, há as diferentes tendências: no século XX, por exemplo, ao lado de um edifício em puro estilo «Art noveau» («Jugendstille», 1900), podemos encontrar nada mais nada menos do que uma das primeiras realizações da nova arquitectura funcional de Le Corbusier (anos vinte). Assume-se este sentido de protecção do património cultural até às últimas consequências. Não se cuida só da fachada: cuida-se também dos interiores. Entra-se na «Sala Smetana», instalada na antiga «casa municipal» (arte nova) e toda a decoração interior original se mantém rigorosamente conservada. Mas entra-se no grande restaurante situado no mesmo edifício e é surpreendentemente como tudo, desde os lustres aos entalhes da madeira, aos estuques, aos vidros das portas, para não falar do mobiliário, se encontra conforme ao que seria originalmente: regressamos ao ambiente típico de 1900! Quer dizer: Praga escapou também, depois da guerra, à fúria destruidora dos empresários, no seu afã de «fazer obras» ou de trespassar para agências bancárias (mais esta: salvou-se da poluição bancária!...).

Rojdestvensky o melhor?

Voltando à música, o festival «Primavera de Praga» é um dos expressivos sinais de como também aí se conserva e se expande uma grande tradição. Quando entrei pela primeira vez na «sala Smetana» para ouvir a Orquestra Sinfónica da BBC de Londres, dirigida pelo Soviético Gennadi Rojdestvensky, tive a plena confirmação da vitalidade do público, de que me apercebera na véspera, no recital de Sequeira Costa. O programa constituia, em si mesmo, um teste, já que se compunha de obras muito raramente tocadas: uma abertura sobre temas hebraicos (op. 34b) de Prokofieff; a balada para orquestra «O filho do músico ambulante», de Janácek; as «Diversions on a Theme» para piano e orquestra de Britten; e, a terminar, as «Variações Enigma» de Elgar. Não era um programa de «vanguarda» no sentido estereotipado que se atribui à expressão. Mas era um programa bem típico da atitude de **vanguarda**, no sentido próprio do termo, em que, como chefe de orquestra, sempre se tem colocado Rojdestvensky: trata-se de recusar a rotina e de descobrir ou redescobrir a cada passo o que há de novo mesmo no passado.

É que, com Rojdestvensky, não existe na música o «déjà vu»! tudo o que ele dirige se transforma. Pela minha parte, eram-me familiares a abertura de Prokofieff e as «Variações Enigma», conhecia de duas outras audições a Balada» de Janácek e, para ser franco, nunca ouvira falar desta obra concertante de Britten (1940), escrita para a mão esquerda como o «concerto em ré» de Ravel (1931). No entanto, era como se o programa inteiro fosse de primeiras audições: as minhas escalas de valores preestabelecidas, em relação aos compositores em questão, foram subvertidas, resolvidas. Aquela música (de Prokofieff ou de Janácek, de Britten ou de Elgar) afigurava-se-me, naquele momento, e em absoluto, a melhor música. No caso de Britten houve que contar com a contribuição central de Victoria Postnikova, pianista soviética bem conhecida em Portugal onde obteve o grande Prémio Viana da Mota há dez anos (e que é casada com Rojdestvensky). Todas as outras obras, porém, foram construídas pedra a pedra pelas mãos do chefe de orquestra. Quem se lembra de o ter visto na TV portuguesa, dirigindo a 4.ª Sinfonia de Chostakovitch, compreenderá em que consiste a sua excepcional capacidade. Não é só a técnica de direcção originalíssima, onde o rigor (um rigor que não dá margem aos instrumentistas para hesitações; na linha sem dúvida, de Mravinsky, mestre da escola soviética) não cede à expressão porque não há entre rigor e expressão cedências ou compromissos. Rojdestvensky bate o compasso sem o bater; dirige o pulsar mais íntimo da música; dá-nos a obra de corpo inteiro como se, ao desenhá-la tão cheia de vida, não fossem precisos a régua e o esquadro.

Quando soou o último acorde das «Variações Enigma» — uma obra «fin-de-siècle» naquela sala «fin-de-siècle», decorada entre outros por Alphons Mucha, artista checo tão conhecido em Portugal pelos seus posters «art noveau» — pensei para comigo que é nesta esfera da vivência absoluta que a arte ganha todo o seu sentido humano e/ou social. Rojdestvensky **provou** que a melhor música não se a dos juízos relativos de tal ou tal compêndio

É a que se faz como ele a faz.

PUBLICIDADE

Caminhos de Ferro Portugueses INFORMA:

LEILÃO

Em 18 de Junho e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Alcântara-Terra, proceder-se-á à venda, em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos legais, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido retirados pelos donos.

De entre as remessas a leiloar, encontram-se, nomeadamente, as seguintes:

TRANSPORTADAS EM REGIME DE 50 KG. (T 8/108)

N.ºs 19687, 2472, 9712, 53545, 53546, 53547, 10046, 83093, 36146, 12935, 814, 14871, 10904, 68367, 27242, 21571, 20578, 53656, 17322, 16628, 26871, 65541, 49811, 73067, 74270, 56887, 56888, 69072, 33845, 33846.

TRANSPORTADAS EM REGIME ACELERADO (G.V.)

N.ºs 12037, 1541, 1822, 94020, 4301, 3458, 13126, 35778, 66868, 17879, 4914, 4247, 249, 13803, 3052, 18143, 9396, 15852, 74025, 12271, 4022, 35927, 1820, 6078, 2556.

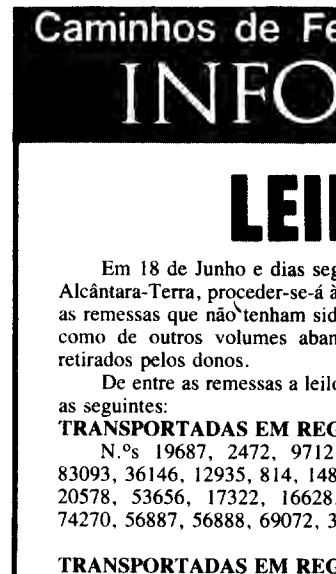
TRANSPORTADAS EM REGIME NORMAL (P.V.)

N.ºs 5960, 1318, 1470, 9677, 19235, 44071, 74396, 61506, 19856, 699, 17017, 6615, 63907, 62056, 363, 26970, 7269, 86213, 4082, 15235, 6420, 46645, 42651, 46741, 14747, 30074, 9705, 56118, 7310, 64572.

Avisam-se os Srs. Expedidores e Consignatários das remessas e os donos dos volumes de que podem ainda proceder ao seu levantamento até ao dia 15 de Junho, nos dias úteis, excepto aos sábados, das 10 às 17 horas.

Para o efeito, devem ser pagos aos Caminhos de Ferro Portugueses os débitos que corresponderem, para o que os interessados poderão dirigir-se ao Serviço Comercial de Mercadorias, Edifício da Estação de Santa Apolónia, em Lisboa.

Nalgumas estações encontram-se afixados avisos correspondentes ao referido leilão.



TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Proc. 107/77
5.º Juízo
2.ª Secção

ADRIANO GONÇALVES DE MOURA, JUIZ DO QUINTO JUÍZO DO TRIBUNAL DO TRABALHO DO DISTRITO DE LISBOA

Faço saber que no dia vinte e oito de Junho de mil novecentos setenta e nove, pelas catorze horas, à porta do Tribunal do Trabalho de Lisboa, sito Avenida Casal Ribeiro, quarenta e oito em LISBOA, proceder-se-á à arrematação em hasta pública, dos bens penhorados ao executado, **ALMEIDA, FIGUEIREDO E FEIO, LIMITADA**, com sede na Rua de Angola, número quatro — Olival de Basto, na execução de sentença que lhe move Luís Fernando de Carvalho Félix Pereira, residente na Rua dos Plátanos, número dez — Bairro das Furnas em LISBOA, os quais serão entregues a quem maior oferta fizer acima do valor atribuído e que consta do seguinte:

O DIREITO AO TRESPASSE E ARRENDAMENTO DO ESTABELECIMENTO COMERCIAL, DO RESTAURANTE e SNACK-BAR, SITO NA MORADA ACIMA INDICADA, A QUE FOI ATRIBUÍDO O VALOR DE QUATROCENTOS MIL ESCUDOS.

Lisboa e Tribunal do Trabalho, vinte e dois de Março de mil novecentos e setenta e nove.

O ESCRIVÃO,
Joaquim Robalo Ramos
VERIGIQUEI A EXACTIDÃO
O JUIZ,
Adriano Gonçalves de Moura

A GRANDE, INTERNACIONAL E MÁGICA COMPANHIA DE CIRCO DE MADAME TEXAS
NA CASA DA COMÉDIA — TEATRO DE BOLSO DE LISBOA
Rua S. Francisco de Borja, 22/24

Diariamente às 21.30 (folga às terças-feiras) marcações pelo tel. 607299
Um espectáculo de FILIPE LA FÉRIA «Criação Autêntica» C. PORTO

TRIBUNAL
DO TRABALHO
DE LISBOA
ANÚNCIO

2.ª Publicação

Faz-se saber que pela 1.ª Secção do 12.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de habilitação de herdeiros, registados sob o n.º 318-A/77 em que é requerente, NATÁLIA DIAS DE OLIVEIRA VARANDAS, residente em Lisboa e, requeridos, entre outros, RICARDO JOSÉ ESTEVES POMBO, com última residência conhecida na Rua Ramalho Ortigão, 55 Luanda R. P. em Angola e neles correm éditos de TRINTA DIAS, citando o requerido acima identificado para, no prazo de OITO DIAS, findo o dos éditos e este a contar da segunda e última publicação dos anúncios, contestar, querendo, a habilitação deduzida pela requerente nos autos de acção com processo comum — ordinária — emergente de contrato individual de trabalho em que é esta a autora e, réus, RUI MANUEL ESTEVES POMBO e outros, sob pena de ser julgado como um dos herdeiros e representante, como outros, da ré falecida, CLEMENTINA ESTEVES POMBO e com eles prosseguir o processo e a causa até final.

O duplicado do requerimento inicial encontra-se à disposição do citando nesta Secção de processos.

Lisboa, 10 de Maio de 1979
O JUIZ,
José Maria Rodrigues da Silva
O ESCRIVÃO,
(assinatura ilegível)

FEIRA DO LIVRO

livro do dia

«O 25 DE ABRIL E AS LUTAS SOCIAIS NAS EMPRESAS»
(EDITORA AFRONTAMENTO)
Vol. 1 – ~~80$00~~ – 48$00
» 2 – ~~120$00~~ – 72$00
» 3 – ~~110$00~~ – 66$00

«A FÁBRICA DE ESCÂNDALOS»
(VIA EDITORA) IAN WATSON
~~200$00~~ – 120$00

distribuidora O SECULO

assírio e alvim — STAND 74
LIVRO DIA 8

«BREVE HISTÓRIA DO PENSAMENTO E DAS LUTAS SOCIAIS EM PORTUGAL»
EDGAR RODRIGUES
~~220$00~~ – 132$50

«A SOCIEDADE E A ECONOMIA PORTUGUESAS NAS ORIGENS DO SALAZARISMO» (O PÃO POLÍTICO)
FERNANDO MEDEIROS
~~320$00~~ – 190$00

STAND 67
A Regra do Jogo, Edições, Lda.

FEIRA DO LIVRO

informação

«Uma obra que nos revela esse tão mal conhecido personagem da produção em massa, o designer, criador das formas dos objectos que povoam o ambiente em que vivemos.»

A ARTE COMO OFÍCIO
Bruno Munari

COLECÇÃO DIMENSÕES
PAVILHÕES 48 E 49
EDITORIAL PRESENÇA
RUA AUGUSTO GIL 35-A — 1000 LISBOA
TELEFONES 76 6912 76 3060 - 73 3088

Stand 67

NOVIDADES DE MAIO

A GUERRA DA MINA E OS MINEIROS DA PANASQUEIRA
Daniel Reis / Fernando Paulouro Neves 110$00

O SEGREDO DAS PRISÕES ATLÂNTICAS (Do Forte de S. João Baptista de Angra do Heroísmo ao Campo do Tarrafal) Acácio Tomás de Aquino 250$00

O DISCURSO SOBRE O FILHO DA PUTA
Alberto Pimenta 75$00

NOVIDADE a sair durante a feira, nos primeiros dias de Junho, o livro:

COSTA GOMES, DIÁLOGOS SOBRE PORTUGAL

A Regra do Jogo, Edições, Lda.

HOJE ÀS 21.30

CINEMA CASTIL

um filme de CLAUDE LELOUCH

Um estranho encontro: um "gangster" e uma "antiquária": Duas vidas que se transformam!

A MULHER E O PATIFE

LA BONNE ANNÉE

LINO VENTURA · FRANÇOISE FABIAN

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Pela 1.ª Secção do 1.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, nos autos de execução sumária movida pela exequente PROQUICHEME — Produtos Químicos Industriais, Lda., contra a executada EXPURGO DE XABREGAS, Lda., que teve a sua sede na Rua da Manutenção, n.º 70, em Lisboa, actualmente em parte incerta, correm éditos de TRINTA DIAS, contados da data da segunda e última publicação deste anúncio, citando aquela executada para no prazo de CINCO DIAS, findo o dos éditos, pagar à exequente a quantia de vinte e três mil e trinta e nove escudos (23 039$00), acrescida de juros de mora desde o vencimento de cada uma das três letras accionadas, e do mais que vier a acrescer, ou, dentro do mesmo prazo, nomear à penhora bens suficientes para tal pagamento, sob pena de se devolver à exequente o direito de nomeação.

Lisboa, 23 de Maio de 1979

O JUÍZ DE DIREITO
(José Manuel de Carvalho Pinheiro)

O ESCRIVÃO DE DIREITO
Francisco Paixão)

O AMOR FALSO

(BHAROSA)

Futuro arruinado Pela Presente realidade

COM:
ZEBA. MOHD. ALI
MUSSARAT SHAHEEN
NANNA. TAMANNA
Prod. & real. ZAFAR SHABAB

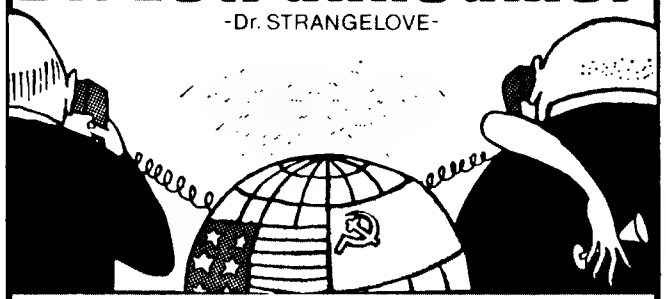
2.ª SEMANA Cine Camões

A COMÉDIA SATÍRICA DE STANLEY KUBRICK

Peter Sellers em George C. Scott

Dr. Estranhoamor

-Dr. STRANGELOVE-



com
Sterling Hayden · Keenan Wynn · Slim Pickens
e Tracy Reed em Miss Foreign Affairs
argumento de:
Stanley Kubrick, Peter George e Terry Southern
Baseado no Livro Red Alert de Peter George
prod. e direcção: Stanley Kubrick

2.ª SEMANA NO quarteto

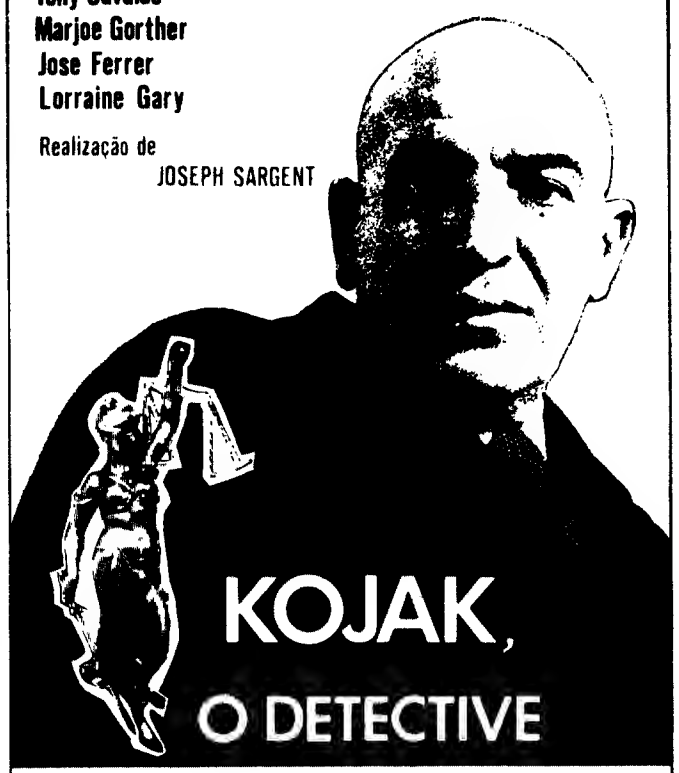
Não Aconselhável a Menores de 13 Anos

ASTÓRIA FILMES

DUAS FORAM ASSASSINADAS... QUAL SERÁ A PROXIMA?

com
Telly Savalas
Marjoe Gorther
Jose Ferrer
Lorraine Gary

Realização de
JOSEPH SARGENT



KOJAK, O DETECTIVE

THE MARCUS-NELSON MURDERS
A UNIVERSAL PICTURE · TECHNICOLOR

HOJE ESTREIA ÀS 21.30 H MUNDIAL

INTERDITO A M. 13 ANOS

O MISTÉRIO DE **Agatha**

Uma solução imaginária do verdadeiro mistério do desaparecimento de AGATHA CHRISTIE

First Artists
A SWEETWALL PRODUCTION
DUSTIN HOFFMAN · VANESSA REDGRAVE
in "AGATHA"
TIMOTHY DALTON · HELEN MORSE · VITTORIO STORARO
JOHNNY MANDEL · PAUL WILLIAMS · JOHNNY MANDEL
KATHLEEN TYNAN · ARTHUR HOPCRAFT · KATHLEEN TYNAN
JARVIS ASTAIRE · GAVRIK LOSEY · MICHAEL APTED
TECHNICOLOR

cine estudio erminal

7.ª semana de êxito

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

Os livros de AGATHA CHRISTIE são editados em Portugal por LIVROS DO BRASIL

LUSOMUNDO

Não pare, dance

com a música de "LA BIONDA" "D.D. SOUND" e "SPOT LIGHT" em

AMERICAN FEVER

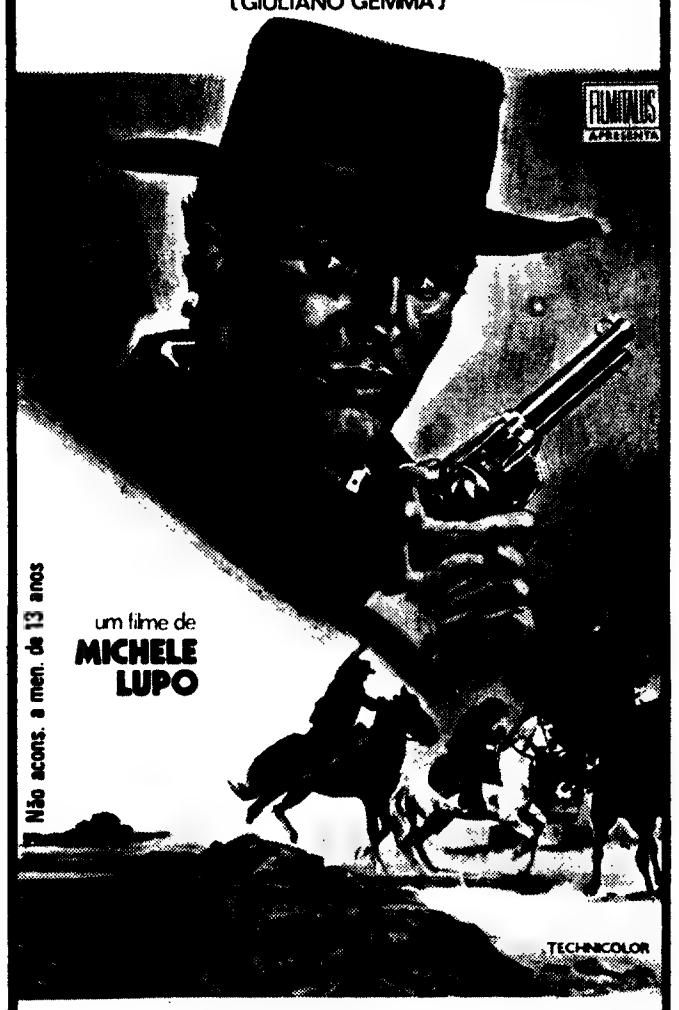
com
MIRCHA CARVEM · ZORA KEER
VINCENZO CROCITTI um filme de CLAUDIO MOLINIS
Colorido

Hoje estreia às 21.30 h EDEN

Banda sonora original em discos "BOOM" da
nova/ companhia de musica, lda

MONTGOMERY WOOD

(GIULIANO GEMMA)



ARIZONA COLT

CORINNE MARCHAND · FERNANDO SANCHO · ROBERTO CAMARDIEL
GIOVANNI PAZZAFINI · ROSALBA NERI · MIRKO ELLIS

A PARTIR DE HOJE
ás 21,30

VOX

---

2 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS

Do controverso e moderno clássico
da literatura de STEPHEN VIZINCZEY
dedicado às mulheres que descobriram
o amor num homem mais novo

A Carreira de um Sedutor

desde a inocencia
à experiencia

MAYA... BOBBI... MITZI... PAULA... ANN...

...foram algumas paragens no seu caminho

ROBERT LAWRENCE & STEPHEN J. ROTH Apresentam uma Produção ASTRAL BELLEVUE PATHE DEL FILMS
KAREN BLACK · TOM BERENGER · SUSAN STRASBERG
num Filme de GEORGE KACZENDER
"IN PRAISE OF OLDER WOMEN"
Do romance de STEPHEN VIZINCZEY
com
HELEN SHAVER, MARILYN LIGHTSTONE, ALEXANDRA STEWART, LOUISE MARLEAU, ALIDEVA VENTURA, MARIANNE McISAAC
Produtores Executivos STEPHEN J. ROTH & HAROLD GREENBERG Produção de ROBERT LAWRENCE & CLAUDE HEROUX
Realização de GEORGE KACZENDER Argumento PAUL GOTTLIEB Musica TIBOR POLGAR Director de Fotografia ANDRÉ LEMAY
©1978 Warner Bros. Inc. A Warner Communications Company

estúdio 444

HOJE ÀS 21.30 H ESTREIA NO

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

PUBLICIDADE

TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA DE LISBOA

6.º Juízo

ANÚNCIO

Por este meio se faz saber que pela 3.ª Secção do 6.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, correm éditos de 30 dias, a contar da 2.ª e última publicação deste, citando o executado FERNANDO EMÍDIO DOS SANTOS, morador que foi, na Rua Luís de Camões, n.º 87-4.º, Dt.º, em Lisboa, actualmente ausente em parte incerta, para, no prazo de 5 dias, findo o dos editos, pagar à exequente a quantia de 74 500$00, proveniente de uma letra do seu aceite e já vencida, acrescida da importância de 172$00 de despesas, custas e o mais que for devido até integral pagamento, deduzir oposição ou nomear bens à penhora no processo de execução sumária sob o N.º 7921, que lhe move a exequente Unidade Colectiva de Produção Agrícola Santana do Campo, SCARL, com sede no Monte Oleirita, da freguesia e concelho de Arraiolos, sob pena de se considerar devolvido à exequente o direito da referida nomeação.

Lisboa, 31 de Maio de 1979.

O Juiz de Direito,
(a) Ilídio Gaspar Nascimento Costa.

O Escrivão-adjunto,
(a) Palissy Marques de Oliveira

MEMÓRIAS DO CINEMA 78

Prossegue hoje no Quarteto o ciclo «Memórias do Cinema» com as seguintes sessões duplas a partir das 23.30H:

Sala 1 — «Atentado ao Presidente» (Stanley Kramer) e «Duelo de Fogo» (John Sturges).
Sala 2 — «Nashyille» (Robert Altman) e «O Último Dever» (Hal Ashby).
Sala 3 — «Em Busca da Felicidade» (Robert Mulligan) e «Atentado ao Presidente» (Stanley Kramer).
Sala 4 — «Senhoras e Cavalheiros» (Pietro Germi) e «Nashville» (Robert Altman).

MÓVEIS

POR MEDIDA

– Diferentes, elegantes, para todos os fins.
– Faça um esboço e traga-o ou peça n/ visita.
– MINI Exposição em Lisboa: Rodrigues Sampaio 91 - Tel. 576243/68

(Esq. c/ Alexandre Herculano)

TEATRO DA TRINDADE
INATEL

apresenta nos dias 9, 15, 16, 22, 23, 29 e 30 às 21.30h
O GRUPO CÉNICO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE CASCAIS

com a opereta

"Senhora dos Navegantes"

Original de Fernando Santos, João Reis e Luís Barros
Música do maestro Amadeu de Moura Stoffel

Os sócios do INATEL dos CCDs, CPTs. e SINDICATOS beneficiam de 50% de desconto.
(Maiores de 13 anos)

TEATRO ABERTO

p. de espanha (palhavã) telef. 77 09 69

grupo 4 apresenta

CORPO-DELITO na sala de espelhos

de JOSÉ CARDOSO PIRES

encenação de FERNANDO GUSMÃO

COM: MÁRIO JACQUES ● LIA GAMA ● RUI MENDES ● ANTÓNIO MONTEZ ● LINDA SILVA ● CARLOS GONÇALVES ● HELENA ISABEL ● MORAIS E CASTRO ● VASCONCELOS VIANA ● ANTÓNIO RAMA ● ANTÓNIO ANJOS ● CARLOS SANTOS ● ADELAIDE FERREIRA ● ALEXANDRE MELO ● MANUEL MENDONÇA

TODAS AS NOITES ÀS 21.30

SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS: TAMBÉM ÀS 16 HORAS

FESTAS DA CIDADE

LISBOA

CONCERTO DE JAZZ
DIA 8 DE JUNHO
— 21.45 H.

PELO QUARTETO DE PAUL STOCKER
COM:
PAUL STOCKER — Saxofone alto
CARLOS GONZALBEZ — Guitarra
CARLOS EDUARDO — Contrabaixo
ZLATKO KANCIC — Bateria

REPORTÓRIO: Temas clássicos de jazz e temas originais do grupo

TERRAÇO DA ALAMEDA
D. AFONSO HENRIQUES

BILHETES: 30$00
À venda no local a partir das 20h do dia do Espectáculo

UM GRANDE EXITO MUNDIAL

4 DOS MAIORES ARTISTAS DO CINEMA ITALIANO

VITTORIO GASSMAN

ORNELA MUTTI

ALBERTO SORDI

UGO TOGNAZZI

OS NOVOS MONSTROS

«NUOVI MOSTRI»

3 DOS MAIORES REALIZADORES ITALIANOS

MARIO MONICELLI
DINO RISI
ETTORE SCOLA

Uma obra prima de humor e sátira

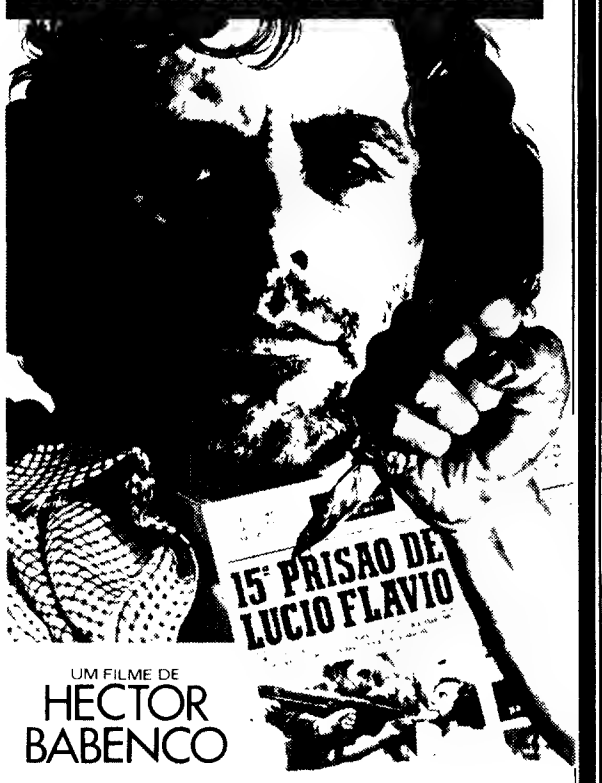
EXCLUSIVO
MUNDIAL FILMES

HOJE
GRANDE ESTREIA

STAR

A HISTÓRIA REAL DO BANDIDO BRASILEIRO QUE ENFRENTOU O FAMOSO ESQUADRÃO DA MORTE!

LÚCIO FLÁVIO
O PASSAGEIRO DA AGONIA



UM FILME DE
HECTOR BABENCO

COM
REGINALDO FARIAS · ANA MARIA MAGALHÃES
MILTON GONÇALVES · PAULO CÉSAR PEREIO
IVAN CÂNDIDO · LADY FRANCISCO
E A PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DE **GRANDE OTELO**

Hoje estreia às 21.30 h
cinestúdio ALMADA

9.ª SEMANA!
cinema Monte Carlo

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

INAUGURA-SE HOJE
cinestúdio ALMADA

Texto e encenação Hélder Costa
Rua Alexandre Herculano, n.º 70
LISBOA

INFORMAÇÃO
LANÇAMENTOS

Sassetti

Diapasão-16021

Diapasão-16023

Sassetti tem o prazer de comunicar que a partir desta data, a distribuição de toda a produção discográfica da Cooperativa Toma Lá Disco, fica assegurada pelos seus serviços.

Diário de Lisboa

ANO 56 /19 088 4$00

SEGUNDA-FEIRA 28 JUNHO 1976

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

COM 61,5 POR CENTO DOS VOTOS EXPRESSOS E CERCA DE 50 POR CENTO DO TOTAL DE ELEITORES

EANES SUCEDE A COSTA GOMES

Ramalho Eanes: cinco anos trabalhosos

Costa Gomes: dois anos desgastantes

Eleito Presidente da República, à primeira volta, com uma percentagem de votos que suscita diversas interpretações, mas que assinala uma vitória indiscutível, António Ramalho Eanes, na missão que repetidamente declarou ao longo da campanha eleitoral que seria sua, deverá considerar os votos das portuguesas e dos portugueses que, manifestando-se a favor de outros candidatos, igualmente votaram pela Constituição, pela liberdade, pela democracia, pelo socialismo. O significado substantivo deste acto eleitoral integra-se na linha das anteriores consultas ao eleitorado. Por razões de conjuntura, surgem dispersos os votos. Todavia, a vontade de não regressar ao passado é convergente. Convergente a determinação de caminhar para o futuro — para um Portugal mais livre, mais próspero, mais justo. Ou — como disse António Ramalho Eanes — de «encontrar novos mundos na nossa própria terra».

É um novo combate que nos espera. E, nesse combate, a vitória dependerá do reencontro, da cooperação, de quantos aderiram sinceramente ao 25 de Abril e estão dispostos, na convivência democrática, a contribuir para a resolução dos instantes problemas nacionais.

O Presidente da República, a quem cabe a defesa da Constituição e o dever de estimular a concretização das conquistas políticas, económicas e sociais do 25 de Abril, será chamado, nos dias próximos, a tomar decisões importantes. O povo português espera do Presidente da República que essas decisões contribuam para reunificar, no exercício da cidadania, na efectiva participação na vida pública, no trabalho criador, as fileiras dos democratas e dos socialistas que querem fazer um «País novo».

O novo presidente ao "DL"

"NÃO DEVEM SER OS TRABALHADORES A PAGAR A CONTA DA SITUAÇÃO"

Entrevista recolhida por CÉSAR OLIVEIRA

Algumas horas depois de terem encerrado as secções de voto, e quando nos serviços de candidatura do general Ramalho Eanes se conheciam já os resultados suficientes para não haver dúvidas de que o ex-chefe do Estado-Maior do Exército e agora Presidente da República Portuguesa estava eleito na primeira volta das eleições-presidenciais, INTER PRESS entrevistou-o durante cerca de 35 minutos. Da conversa gravada publica-se a transcrição integral das suas declarações.

IPS — Uma das «confusões» em torno do que foi a sua candidatura resulta do facto de o sr. general não ter aceite o apoio do PCP pela prática antidemocrática deste partido. Esta prática tem os seus fundamentos que parece serem os mesmos de duas organizações que o apoiaram, o MRPP e o PCP(m-l): o estalinismo, a resolução das questões políticas por vias administrativas. Que se lhe oferece dizer sobre isto?

Gen. Ramalho Eanes — Eu devo dizer sobre o que acabou de afirmar que concordo e discordo. Concordo porque os fins poderão ser de facto semelhantes mas as metas primeiras são inteiramente diferentes. Enquanto o PCP tem na sua prática uma metodologia golpista, os grupos que referiu não a têm tido. Isto, em meu entender, porque eles estão convencidos que a revolução que pretendem fazer exige condições básicas que não estão criadas e entre essas condições há uma que é o facto de eles pretenderem o estabelecimento de uma democracia que eu estou convencido que eles querem que seja mais ou menos formal; e este será o primeiro passo para a revolução que pretendem fazer. Portanto há um caminho que é possível ser percorrido em conjunto e a prática deles leva-me a dizer que têm procurado percorrê-lo com honestidade. Foi isso até que aconteceu no 25 de Novembro. No dia 25 à noitte e no dia 26 estes dois partidos tentaram colaborar fornecendo dados que permitessem ajudar tomar decisões e depois disso têm tido uma prática concordante com tudo isso. Eu discordo apenas neste aspecto.

IPS — A Constituição Portuguesa coloca como objectivo a atingir pela sociedade portuguesa, num percurso mais ou menos longo, a transição democrática e pluralista para o socialismo, entendido este como poder democrático dos trabalhadores. Há uma crise económica. Todos dizem que há que fazer sacrifícios e eles far-se-ão por duas vias, a meu ver, claramente destintas: uma que assenta essencialmente numa dimensão socialista (que não exclui a necessidade de uma aliança entre classes sociais diversas) e uma outra que passa pela recuperação da direita e do capital monopolista e que exigirá repressão. o sr. general, como Presidente da República, está disposto a permitir que haja uma derrogação prática da Constituição e a permitir também a aplicação de medidas repressivas que façam parte de um projecto de recuperação do grande capital?

Gen. Ramalho Eanes — Eu estou disposto a que a Constituição se cumpra pelo menos naquilo que é essencial, de imediato. E digo naquilo que é essencial e imediato porque a situação, como já tenho referido, é uma situação dramática e é necessário ultrapassá-la porque se ela porventura não for rapidamente ultrapassada — e os técnicos dão seis meses para que isto aconteça — nós não teremos democracia; e eu não me refiro apenas à democracia política mas à democracia global que já é, em si própria, um estádio de transição para esse socialismo que nós pretendemos que não seja o socialismo vivido nos países do Leste Europeu. De modo que se nós não conseguirmos ultrapassar a situação em que nos encontramos nós teremos uma ditadura inevitavelmente. Não sei se será uma ditadura de esquerda ou de direita mas eu estou convencido que será de direita. Portanto é necessário impedir que isto possa acontecer. Eu estou convencido que é possível impedir que isso aconteça desde que se olhe para a Constituição, e eu repito para aquilo que ela tem de essencial; que a partir daí se constitua e se materialize um determinado programa, que esse programa seja de tal modo nacional que seja mobilizador de todas as classes realmente interessadas em fazer com que este país se reencontre e caminhe e, se assim for, as classes trabalhadoras que são realmente as mais patrióticas e que sentem mais este país, que o sentem directamente através do Trabalho, serão elas portanto a colaborar mais directamente; e isso fará com que elas sejam olhadas, não demagogicamente como o têm sido e instrumentalizadas por determinhadas organizações partidárias, mas olhadas com o seu valor e com a sua dimensão e como necessidade de participação real neste processo de transformação. Assim elas serão a classe preponderante neste país e a transformação que é imperativa que se faça nestes meses será feita à custa de sacrifícios por parte delas mas sacrifícios que em meu entender conscientemente aceites mas essa transformação será feita também com sacrifícios de todas as outras classes e que terão de ser distribuídos em função daquilo que cada uma delas usufrui. É necessário fazer incidir os sacrifícios maiores onde efectivamente esses sacrifícios possam ser aceites com menor prejuízo individual, familiar e social.

De modo que não há intenção, de maneira nenhuma, em fazer com que sejam as classes trabalhadoras «a pagar a conta» desta situação. Há interesse em fazer com que haja

Continua na pag 20

ÚLTIMOS RESULTADOS CONHECIDOS

Freguesias apuradas	**4004**
Freguesias por apurar	**28**
Inscritos	**6 425 379**
Votantes	**4 845 297**
Afluência	**75,41 por cento**
Votos brancos	**20 178 (o,42)**
Votos nulos	**43 392 (0,90)**

RAMALHO EANES	**2 940 772 (61,50)**
OTELO S. DE CARVALHO	**791 561 (16,55)**
PINHEIRO DE AZEVEDO	**686 282 (14,35)**
OCTÁVIO PATO	**363 112 (7,59)**

20 PÁGINAS

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S A R L
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO 185, 1.°, 2.°
TELEF 654531/2/3/4
REDACÇÃO SERVIÇOS TECNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO 44
TELEF 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA 75
END TEL DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

Ramalho Eanes ao "DL"

Continuação da pág 1

realmente um nivelamento geral que não terá, como se pretenderia, um acréscimo de bem-estar (possivelmente uma manutenção de bem-estar actual das classes trabalhado.as e uma diminuição do bem-estar de outras classes) mas em ordem a haver uma maior igualdade e que essa maior igualdade faça com que as pessoas se aproximem mais, sintam maior fraternidade umas para com as outras e que possam, fraterna e nacionalmente, caminharem juntas para metas nacionais que serão, inicialmente, globalmente democráticas e que a partir dai possam ser «socialisticamente» vividas e vividas num regime politico que esteja de acordo com isso.

IPS — Dizem alguns observadores que a direita tentou nestas eleições presidenciais criar uma «maioria presidencial» que tivesse um sinal político diferente da maioria obtida nas legislativas. E digo maioria legislativas porque é o próprio Partido Socialista a afirmar que «se há uma maioria de esquerda nós somos a maioria dessa maioria de esquerda e portanto formaremos um Governo só do partido socialista».

Numa eventual situação de explosão da crise económico-social a «maioria presidencial» poderia servir para obrigar o Presidente da República a optar pela maioria que o elegeu.

Qual é a opinião e a visão do sr. general sobre este problema?

Gen. Ramalho Eanes — Eu começaria por dizer-lhe que, desde o principio, eu afirmei a todos os partidos que aceitaria os seus apoios mas não aceitava comprometer-me. E isto porque numa altura destas eu entendo que o Presidente da República deve ser o Presidente da República de todos os portugueses, mesmo daqueles que não entendem, na minha opinião, de uma maneira correcta o que se passa em Portugal porque dever-se-á tentar que estes também participem de uma ou outra maneira de modo a que este pais venha a ser de todos e não apenas de alguns.

Não considero que haja maiorias nem de direita nem de esquerda mas que há uma maioria que deve, na medida do possivel, congregar todos os portugueses e esta maioria tem de participar, **e eu digo tem com a consciência do significado da expressão**, num projecto nacional e que tem de estar de acordo com a Constituição, necessariamente, porque ela representa um projecto de vida que o Pais pretende.

Estou pois convencido que o problema que apresentou não se porá. Havendo, eventualmente, uma situação de litigio desse género estou disposto a ultrapassá-la, a não considerar a divisão do Pais em áreas mas a olhar exactamente para aquilo que é essencial e fazer, precisamente, que este programa que é a Constituição seja cumprido até porque estou convencido que é isso que interessa e que convém aos portugueses.

IPS — Mas os sr. general acha então que a Constituição tem um carácter imperativo?

Gen. Ramalho Eanes — A Constituição tem um carácter imperativo até porque houve a possibilidade de o Povo Português escolher determinado tipo de elementos para **escreverem** uma lei fundamenal, a que eu prefiro chamar um projecto de vida. Os portugueses disseram a determinados individuos que escrevessem um dado projecto de vida bem determinado; confiaram portanto nesses portugueses e agora há que materializá-lo. Se porventura surgirem forças a impedir que esse projecto de vida se realize elas estarão a actuar, em meu entender, não só antidemocraticamente como também antipatrioticamente. E se assim for eu terei que esquecer-me dessas forças e lembrar-me do Pais e tentar com todos os portugueses que pensam assim fazer com que esse projecto de vida seja levado para a frente.

Estou convencido que o que acabei de dizer corresponde a uma realidade, até maior do que aquilo que eu próprio imaginava, depois de ter contactado com os trabalhadores do Alentejo, com os pescadores para quem é preciso olhar no imediato porque sobretudo a estes apenas lhe têm dado palavras e não realidades. Ainda no Nordeste transmontano, por exemplo, é inadmissivel que neste país haja um homem, trabalhador por conta de outrem ou trabalhador por conta própria, que trabalhe das quatro horas da manhã às dez horas da noite e tenha um rendimento médio mensal do seu trabalho que não chega aos dois mil escudos; acho isto perfeitamente inadmissivel porque a juntar ao que acabei de dizer não têm assistência médica, não tem reforma, não tem nada.

É necessário pois olhar para todos os trabalhadores deste País, e não apenas para a elite dos trabalhadores, para fazer com que todos os trabalhadores se sintam realmente beneficiados. Que uns trabalhadores se sacrifiquem para que outros trabalhadores beneficiem parece-me essencial. Isto passa realmente por uma informação e consciencialização grandes e pela materialização de um projecto que tem de ser, necessariamente progressista, não demagogicamente progressista, mas de facto. Isso implica que olhando a Constituição sejam estabelecidos objectivos a médio prazo que vão ser conseguidos, que é a socialização, e depois entre a situação actual e esses objectivos estabelecer metas que permitam caminhar em direcção a esses objectivos tendo em conta as realidades que agora se vivem. Se isso se fizer reencontrar-nos-emos. Vai haver algumas dificuldades porque notei neste País, e isto para mim é a parte mais dramática, existe medo e existe ódio. Medo porque determinadas minorias esqueceram que as ideias se discutem com as ideias e não com o saneamento, com o grito, com a intimidação, com a ameaça. Isto deve ser ultrapassado rapidamente. Quanto ao ódio acho que não há possibilidade de um país se reencontrar, em termos da fraternidade que é indispensável para que se caminhe em termos de futuro, de maneira adequada, porque o ódio não permite de facto o reencontro das pessoas. É necessário abolir aquilo que determina o ódio ou aquilo que o estimulou e isso só acontece quando as pessoas virem que há uma politica que é coerente com aquilo que constitui um projecto de vida já determinado por mandato popular e ainda quando se verifica que a realização desse projecto tem em conta as realidades que se verificam neste Pais e considera as promessas feitas e não cumpridas.

Sob este aspecto eu estou, na verdade, optimista.

IPS — Sr. general: não pode esquecer-se que nos últimos cento e cinquenta anos as Forcas Armadas estiveram sempre associadas às mudanças politicas havidas em Portugal e aos regimes politicos. Quando agora as pessoas dizem que os «militares devem estar nos quartéis» pode pensar-se que as Forças Armadas não devem fazer politica. Fala-se também de reestruturação das Forças Armadas. Mas Forças Armadas imbricadas com o quotidiano do Povo português e com a evolução da sociedade portuguesa ou F.A. desligadas de tudo?

Gen. Ramalho Eanes — Eu devo dizer que, a meu ver, o grande problema deste Pais foi a participação permanente das Forças Armadas em todas as movimentações e na vida politica nacional instrumentalizadas pelos seus chefes no sentido de conseguirer determinados objectivos politicos pessoais.

Trata-se agora que as Forças Armadas sejam a grande instituição nacional que suportem todas as instituições e isso fará com que elas estejam nos quarteis mas isto não deve ser entendido no sentido que lhe foi atribuido. Nesta altura pretende-se que a hierarquia seja a da competência, que a disciplina exista mas seja aceite e a unidade deriva naturalmente destas duas coisas. Mas com isto pretendem-se atingir dois objectivos: o primeiro, ter umas F.A. suficientemente capazes sob todos os aspectos para suportar todas as instituições enquanto estas estiverem de acordo com o projecto nacional de que falei e respeitarem a vontade popular. Porque se isto não acontecer pois elas devem pronunciar-se. Eu já tive oportunidade de, em 71 ou 72, ter escrito, numa revista militar, mais ou menos isto; quanto ao segundo objectivo é preciso ter em conta que não pode um pais como o nosso ter umas Forças Armadas que estejam permanentemente a preparar-se tecnicamente para uma guerra que concerteza não haverá ou contribuir para uma independência contra inimigos externos que possivelmente existem mas não actuarão. Elas não podem portanto estar permanentemente a «olhar» para isso porque assim se «desmotivariam» as próprias F.A.; é pois importante que elas estejam preparadas para estas eventualidades mas que simultaneamente elas possam participar em todo o processo de transformação deste Pais. Devo dizer até, mais tarde poderá obter dados mais esclarecedores sobre isto, que nós estamos precisamente a reorganizar as Forças Armadas neste sentido; assim, por exemplo, a unidade de Engenharia do Norte tem uma unidade para a promoção sócioeconómica das populações de tal maneira que possa participar em estradas, em electrificações, etc. Quanto ao Sul, a Escola Prática de Engenharia vai ficar dotada de meios que vão permitir-lhe apoio socioeconómico. Nos Açores e na Madeira também assim será e nos Açores as unidades militares estão já a participar na electrificação que em determinadas áreas já está adiantada em relação ao projecto em cerca de dois anos. O que se pretende é portanto que os militares sejam preparados através da instrução de tal modo que possam conhecer a personalidade histórica e a história deste País, os seus usos, e constumes de tal modo que, quando participarem em obras de promoção local, o possam fazer com humildade. Se não houver esta preparação cultural e psicológica o homem quando aparece com a espingarda sente-se, talvez, subconscientemente detentor do poder e com manifestações externas que o exteriorizam. Nesta altura é preciso ter um cuidado especial porque ou o militar chega realmente como ser humilde e institucionalmente participa e as populações acabam por aceitá-lo ou isto não acontece e elas repudiam-no porque há toda uma experiência negativa da 5.ª Divisão que nem sequer olhou para a história deste País; em vez de ter feito o que fez poderia ter feito coisas diferentes, com a mesma intenção, e obter resultados diferentes.

Não se pretende um regresso aos quartéis no sentido de Forças Armadas Clássicas. Isso está perfeitamente fora de questão.

O que se pretende é que as Forças Armadas sejam reorganizadas, que possam ser operacionalmente capazes e possam participar em todas as obras de promoção socioeconómica. Não participar de uma maneira populista e imperativa mas comparticipar em projectos bem estudados que devem ser nacionalmente considerados, estabelecidos com determinadas prioridades, sem agressão às populações locais mas antes uma identificação dos militares com a população. Pretende-se ainda organizar as coisas numa terceira fase no sentido em que este País seja um pais em armas, no sentido de rapidamente se poder mobilizar integralmente para qualquer acção que vise a ocupação, do território nacional.

Isso só será possivel depois de termos ultrapassado esta fase de divisão e ódio porque isso implica tal como acontece noutros países como a Jugoslávia e a Suiça que os cidadãos tenham o armamento e as munições em casa, que em determinadas épocas do ano participem em determinadas áreas do pais existam depósitos do conhecimento de determinados elementos. Isto tudo exige uma preparação nomeadamente psicológica que só poderá existir depois de uma estabilização social e económica.

IPS — Uma ultima pergunta: mas não há o perigo de, como na América Latina haver aqui uma ditadura militar sanguinolenta já que me parece que o que acaba de dizer afasta, pelo menos na sua vontade, uma ditadura militar entre nós?

Gen. Ramalho Eanes — Estou convencido que isso é perfeitamente inviável em Portugal. E é perfeitamente inviável por razões diversas que não vale a pena enumerar, mas basta chamar a atenção para aquilo que se passou neste País e que tem um determinado significado.

Houve o 25 de Abril com um determinado significado que depois as circunstâncias ultrapassaram. Há o 25 de Novembro que tem realmente de ser analisado para se ver o que de facto significa: porque se este País tivesse um Exército e militares interessados numa ditadura ela teria sido implantada nessa altura. Porque quando um dispositivo militar é posto em andamento o dificil é, depois, fazê-lo parar e isto foi de facto o que se fez. Pretendeu-se que uma actuação militar provocasse uns milhares de baixas porque isso tem efeitos tão grandes na população que esta normalmente verga os joelhos perante a ousadia do homem que desencadeou acções que as provocaram. Nós não quisémos fazer isso embora tivéssemos arriscado e arriscamos muito. Porque nós poderiamos ter, como a táctica militar indica, aproveitado para destruir objectivos parciais e isolados como o Ralis e os pára-quedistas porque essas destruições eram facilimas e depois, a partir dai, com a situação militar resolvida poder-se-ia impor uma ditadura militar. Nós não o fizemos porque a ditadura não serve e seria mais um mal que este País teria de suportar. E, também, porque se fizessemos estas acções fariamos com que o Partido Comunista Português pagasse os erros de uma sua actuação agressiva e desajustada. E nós entendemos que o Partido Comunista...

IPS — Daí a declaração do major Melo Antunes logo em 26 de Novembro sobre o P. C. P.?

Gen. Ramalho Eanes — Isso é um outro aspecto. O Partido Comunista cometeu erros que como um Partido responsável que é deverá pagar, mas não os comunistas portugueses que não têm culpa que o P. C. P. através das suas cúpulas cometa esses erros. Portanto, é necessário tentar separar estes dois niveis.

Quanto ao Melo Antunes. Ele é um homem que conhecia e conhece a realidade portuguesa, até a realidade psicológica portuguesa e, em meu entender — e eu falei com ele sobre isto há pouco tempo e não senti necessidade de lhe perguntar porque é que esta tinha sido a razão determinante — ele tentou apenas fazer, primeiro, com que os comunistas que existem neste Pais que são portugueses e que aqui devem continuar e são necessários se fossem embora no dia 26 muitos deles, como nós soubémos, tiveram as malas feitas para se irem embora e outros passarem à clandestinidade e nós não desejamos neste Pais portugueses em situação de clandestinidade; em segundo lugar ele tentou impedir que houvesse um ajuste de contas que em boa verdade teriam a sua justificação porque o P. C. P., e o senhor sabe que é assim, teve um comportamento desajustado e agressivo, nomeadamente na Televisão onde ocupou postos fundamentais e esqueceu-se que este País tem uma personalidade e não se pode tentar permanentemente convencer as pessoas agredindo-as. Tenho a certeza que o Melo Antunes actuou por estas duas razões. Para impedir que passassem à clandestinidade e para dizer aos outros portugueses todos que temos de ter paciência, porque eles estiveram muito tempo e ainda não se habituaram a este tipo de vida que é o nosso. Nós como portugueses e eles como portugueses temos de nos reencontrar. Havia que não cometer exageros. Aquilo não foi bem percebido na altura porque se estava muito em cima dos acontecimentos, mas eu creio que nesta altura as pessoas compreenderam já a atitude e ate a razão patriótica que a determinou.

COSTA CORREIA SATISFEITO

"Tomaram-se medidas no STAPE e as coisas correram melhor"

O comandante Costa Correia é de certa forma um herói na sombra destas (e das outras) eleições. Responsável pelo S. T. A. P. E., sector do Ministério da Administração Interna encarregado da monatgem da máquina eleitoral, mas que gosta de endossar os êxitos para os seus colaboradores ignorados, considera que desta vez as coisas correram melhor no aspecto de rapidez de apresentação dos resultados porque foram tomadas medidas especiais no S. T. A. P. E.

«Nas últimas eleições verificámos que os resultados não tinham surgido com a celeridade desejada e tomámos a iniciativa de colocar um terminal do computador no Lumiar, o que permitiu ganhar cerca de uma hora. Cinco minutos após a saída do computador a Televisão já podia apresentar os resultados.»

Revelou-nos ainda alguns números relativos às eleições presidenciais. Estas movimentam no período pré-eleitoral 30 pessoas no S. T. A. P. E., e aproximadamente 1500 nos Governos Civis e Câmaras Municipais.

No acto eleitoral, que compreende o dia das eleições e os dias imediatos, movimenta cerca de 75 000 pessoas, mais os delegados, que só funcionam no próprio dia. Há que contar ainda com a equipa judicial que nos Tribunais locais, da Relação e Supremo são chamados a intervir na fase de contencioso e com outros organismos como C. T. T., etc. Tudo somado anda à volta de 150 000 pessoas.

Quanto ao custo das eleições o comandante Costa Correia acha que «são baratas» apesar de tudo: cerca de 5000 contos.

A Comissão Nacional de Eleições gastou cerca de 2000 contos em esclarecimento do eleitorado. Os boletins de voto custaram 700 contos, o escrutínio entre 500 a 600, a comunicação dos resultados cerca de 2000 e o papel 2000.

O comandante Costa Correia disse-nos também que o S. T. A. P. E. já está a trabalhar na Lei Eleitoral das autarquias. Esta é uma espécie de minicódigo administrativo que se destina a substituir o antigo pois como se sabe essas normas estavam consignadas no código administrativo.

Interrogado sobre as principais alterações o comandante Costa Correia revelou-nos que serão «as que decorrem da própria Constituição pois seguem-se os princípios nesta consignados».

O voto do 13.º Presidente, general Costa Gomes

O voto do 14.º, general Ramalho Eanes

O voto do segundo classificado, major Otelo

O voto do 4.º classificado, Octávio Pato

OTELO AO "DL"

"Resultado eleitoral é altamente positivo"

Entrevista de MANUEL ANTA

Já pela noite adentro, definido o perfil das percentagens dos presidenciáveis, o major Otelo Saraiva de Carvalho prestou breves declarações ao nosso jornal.

Estes resultados eleitorais poderão ser a rampa de lançamento para a criação de um «grande partido» — a convicção expressa pelo antigo comandante do ex-Copcon. Os resultados são considerados satisfatórios, embora o major Otelo não deixe de sublinhar a sua preocupação face a incidentes, calúnias e ataques pessoais de que foi alvo durante a sua campanha. Pelo que conclui: «Ainda estamos longe de viver num clima de tranquilidade política». Para lá dos resultados de que terão de se extrair as necessárias ilações uma decisão é já facto no pensamento do major Otelo Saraiva de Carvalho: «a luta continua...»

«DL» — Em função dos resultados eleitorais, quais as suas impressões e qual o balanço sobre a campanha eleitoral que termina?

OTELO — Na parte que me toca e naquilo que eu posso representar como projecto político posso dizer que houve uma adesão muito grande das massas populares a esse mesmo projecto sobretudo nas zonas onde há maior politização.

Foi efectivamente nas zonas das cinturas industriais — Lisboa e Setúbal sobretudo — na zona do Alentejo, onde labuta gente mais aberta, mais mentalizada para a Revolução e para uma transformação real da sociedade portuguesa, que essa adesão à minha candidatura melhor se fez sentir. Essa gente não está de forma alguma manietada por um caciquismo ou por um clero reaccionário, que sobre ela possa exercer uma influência perniciosa, e assim pôde claramente exprimir-se pelo projecto revolucionário que eu defendia.

No que se refere mais concretamente ao balanço da minha candidatura, em termos de percentagens eleitorais, devo dizer que ele é altamente positivo excedendo largamente tudo aquilo que se poderia esperar. Nós tínhamos a convicção que tudo o que fosse além dos 15 por cento seria muito bom e, realmente, neste momento, com quase 17 por cento, consideramos que o resultado é francamente animador.

«DL» — Após um resultado inesperado, quais as perspectivas políticas não só do sr. major mas também das forças que o apoiaram?

OTELO — Tudo aquilo que nos foi dado observar ao longo da campanha eleitoral foi que havia uma grande esperança e igualmente uma enorme adesão das massas populares a um programa político que revitalizasse o espírito progressista do 25 de Abril e que desse uma saída revolucionária para a crise política que o País atravessa. As massas populares que me apoiaram, na sua intuição política, concluiram que essa crise realmente não pode ser resolvida com conciliações nem com compromissos com a direita.

Daqui para a frente, com a criação e o desenvolvimento daquilo que foi específico à minha campanha eleitoral — os Grupos de Dinamização de Unidade Popular — estou convencido que teremos aí as bases de lançamento de uma ampla frente popular de massas, da qual, poderá vir a nascer inclusive, um grande partido político.

«DL» — Segundo depreendemos das palavras do sr. major, pode-se considerar que a «luta continua»...

OTELO — É evidente! Essa foi uma das palavras de ordem mais gritadas ao longo da campanha, sem que ela revelasse qualquer tipo de triunfalismo exagerado. Durante a campanha eleitoral, e no que se refere à minha candidatura, verificou-se uma grande esperança de vitória mas também a convicção de que, não ganhando, a luta continuava para a construção de uma sociedade socialista a partir da energia revolucionária das massas populares e das suas organizações populares de base.

«DL» — Tem alguma mensagem a enderecar àqueles que em si votaram?

OTELO — Eu gostaria de dizer que me sinto profundamente feliz com os resultados alcançados, que deploro francamente todo o ambiente de violência que por vezes rodeou a campanha eleitoral — o que revela que ainda estamos longe de poder viver num clima de tranquilidade política — que deploro afirmações que foram feitas visando destruir e aniquilar a minha candidatura utilizando os processos mais torpes quando, ao fim e ao cabo, eu parti sempre do princípio de que na campanha eleitoral nunca deveria haver ataques pessoais mas sim deviam ser debatidos problemas políticos no plano ideológico com uma certa profundidade o que, infelizmente, nem sempre aconteceu.

Houve candidatos que se limitaram a atacar outros candidatos verificando-se em determinado momento, que eu, especificamente, era o alvo preferido de duas ou três candidaturas o que motivou da minha parte uma atitude que tendia a contrariar essa noção de que me podiam injuriar gratuitamente.

Agradeço e envio àqueles que em mim votaram e que me expressaram o seu voto de confiança o meu reconhecimento e a garantia de que continuarei, dentro das minhas limitações, a lutar ao lado dessas massas que em mim confiaram e que estiveram comigo nestas eleições presidenciais para que possamos continuar a ir para a frente dentro de um projecto que seja viável e que dê uma resposta possível a todo o entusiasmo e a toda a vibração que foi sentida ao longo destas eleições para a Presidência da República.

1976: dois anos sobre a queda do fascismo, o povo português é chamado pela primeira vez às urnas para eleger um Presidente da República. Vencendo por confortável margem, o general Ramalho Eanes é eleito. Iniciava-se assim um mandato não isento de peripécias...

Pinheiro de Azevedo queria votar

O almirante Pinheiro de Azevedo, cujo estado ontem se mantinha «estável» em relação a sábado, pediu alta para ir votar a Lisboa — segundo revela a Anop, numa notícia com origem no Porto.

O pedido foi feito a sua mulher, D. Suzana de Azevedo, quando ela foi despedir-se do marido antes de partir para Lisboa, onde votou na secção instalada na Escola Marquesa de Alorna, onde o casal se encontra recenseado.

O mandatário da candidatura de Pinheiro de Azevedo no Porto, Nunes da Silva, fez companhia ao almirante enquanto a esposa se deslocava a Lisboa, de táxi aéreo.

A esposa do Primeiro-Ministro, que votou cerca do meio dia, regressou imediatamente a seguir ao Porto, a fim de continuar a acompanhar a evolução do estado de saúde de Pinheiro de Azevedo, que continua internado no Hospital de S. João.

O ESTADO DO PRIMEIRO-MINISTRO

O boletim clínico, emitido ao meio-dia de ontem, referia que o estado cardio-respiratório de Pinheiro de Azevedo se mantinha estável.

Num comunicado ontem emitido, os médicos que assistem a Pinheiro de Azevedo sublinharam que não foram encontrados sinais de lesões no sistema nervoso central e que o enfermo está «perfeitamente consciente».

Pinheiro de Azevedo apresenta, contudo, sinais de problemas respiratórios que ainda não puderam ser ultrapassados, sendo a respiração permanentemente assistida por um ventilador, dado que o doente não o pode fazer espontaenamente. O facto — refere o comunicado de ontem — deve-se a ter-se registado fractura de costelas quando das massagens cardíacas a que o almirante teve que submeter-se, nos primeiros socorros.

Adiantam os médicos que o músculo cardíaco de Pinheiro de Azevedo chegou parado ao banco de urgência, confirmando assim as notícias primeiramente divulgadas de que o Primeiro-Ministro estivera, embora por pequeno período «clinicamente morto».

OCTÁVIO PATO CATEGÓRICO

"Presidente que não respeite a Constituição terá a oposição do Partido Comunista"

O candidato do P. C. P. responde a uma pergunta «disparada» do auditório, onde se elevaram algumas vozes francamente adversas

«Embora as forças da direita queiram tirar a conclusão de que o Partido Comunista saiu diminuido destas eleições, o certo é que continuamos a ter 40 deputados na Assembleia da República», sublinhou Octácio Pato durante a conferência de Imprensa, realizada esta madrugada nas instalações da Gulbenkian.

Considerando que estas eleições parà a Presidência têm um significado diferente do acto eleitoral para a Assembleia da República, o candidato comunista referiu ainda que a forma do eleitorado se expressar «traduz o desejo popular de ver ter a direita e que a votação no major Otelo de Carvalho «indica a ideia do eleitorado em votar num militar com o espírito do 25 de Abril», fazendo notar, por outro lado, que «o conjunto P.P.D./C.D.S./P.S. reuniu em volta de um candidato menos de 1 milhão de votos» do que o previsto, e sublinhando que tal facto se poderá explicar porque «largas bases do P.S. se recusaram a votar em conjunto com o P.P.D. e o C.D.S.»

À pergunta de um jornalista sobre se o P.C.P. poderia vir a dar o seu apoio ao general Ramalho Eanes, vencedor das eleições, Octávio Pato declarou: «apoiaremos o presidente da República que for eleito desde que este respeite a Constituição». O dirigente do P.C.P. diria ainda, a este propósito, que no caso de o novo presidente vir a ignorar ou a desrespeitar a Lei Fundamental contará com a oposição do seu partido.

Octávio Pato, que se encontrava acompanhado, de Jaime Serra e Aurélio Santos, membros do Comité Central do partido, diria, a propósito de uma pergunta sobre a candidatura de Otelo e dos «ataques» que o P.C.P. lhe teria movido e conjugando-os com a sua resposta anterior sobre o significado da votação no ex-comandante do Copcon, que o «P.C.P. não confunde a maioria dos eleitores que votaram Otelo, nem com o candidato nem com as forças que o apoiaram.

Sobre os GDUP, e acerca da declaração de Otelo Saraiva de Carvalho ao anunciar a sua formação, o dirigente do P.C.P. declarou que «embora o major Otelo diga que eles nada têm a ver com partidos, a verdade é que constituem um partido o GDUP».

Comentando ainda as afirmações de Otelo acerca dos partidos com factores de divisão do povo («estou farto de partidos», dissera também Saraiva de Carvalho), Octávio Pato considerou tais declarações «infelizes» e sublinhou que, ao contrário do que pensa o major Otelo de Carvalho, o que «divide o povo é a luta de classes e não os partidos».

«Os partidos — disse o candidato comunista — representam interesses e classes diversas.» A este propósito Octávio Pato recordou ainda que tal perspectiva antipartidos é idêntica à do corporativismo e «nós sabemos bem o que isso significou durante 48 anos» frisou.

Recordou ainda como os próprios militares se dividiram em todo o processo post-25 de Abril e acentuou que tal facto tem, também, correspondência com os avanços da Revolução após os acontecimentos do 11 de Março e significando que enquanto uns apoiaram medidas como a Reforma Agrária, Nacionalizações, etc., outros opuseram-se, e tal divisão tem — disse — igualmente que ver com a luta de classes.

Acentuou por outro lado o facto de a menor votação na candidatura comunista beneficiando a de Otelo ter causado satisfação à direita e à reacção e recordou a propósito o modo como tais forças estimulam ou aproveitam todas as acções ou forças que possam hostilizar o P.C.P. ou enfraquecer a sua base de apoio.

Octávio Pato salientou ainda durante a conferência de Imprensa o facto de continuar a haver regiões no País onde «não existem condições de liberdade. Nas nossas sessões de esclarecimento realizadas no Norte — disse o dirigente do P.C.P., pudemos ver que os trabalhadores e o povo em geral, e não só os comunistas, aceitavam e aplaudiam os nossos pontos de vista. Mas de um modo geral não estão criadas as condições necessárias para que se possa falar de eleições livres».

O candidato do P.C.P. referiu ainda que a necessidade de se lutar por um Governo de esquerda continua actual, e referiu que o P.S. terá de optar ou por aliança à direita ou por entendimento à esquerda, pois isolado não vai poder governar.

Condição «sine qua non» para o P. C. P. respeitar o novo presidente: que este respeite, a par e passo a Constituição. Disse-o Octávio Pato sem ambages

Pequenos admiradores assediaram Costa Gomes na Escola Marquês de Pombal, onde o presidente cessante foi votar. À saída vieram pela mão de Costa Gomes: impossível guardar o protocolo...

COSTA GOMES COM OS JORNALISTAS

Estar na "reserva da Nação" e não na "reserva da República"

«Na reserva da Nação» e não «na reserva da República», assim o general Costa Gomes classificou a sua situação a partir de agora e uma vez empossado o seu substituto como Presidente da República, o candidato eleito Ramalho Eanes. Costa Gomes concedeu ontem, na oportunidade do seu acto de votar, uma extensa entrevista aos jornalistas que o procuraram com perguntas, algumas delas indiscretas. A conversa foi passada na íntegra pela Televisão. As respostas de Costa Gomes caracterizaram-se por uma ponderada reserva sobretudo em matérias mais susceptíveis de especulação. Das declarações feitas pelo ainda P.R. pode sublinhar-se aquele onde Costa Gomes revelou que tomara a decisão de não concorrer às eleições presidenciais logo que, contra sua própria vontade, se vira (em fins de Setembro de 1974) «empurrado» para aquele lugar.

Falando dos momentos mais altos desde a sua nomeação para o primeiro lugar em Belém, Costa Gomes citou três capítulos decisivos do processo político português dos últimos 26 meses: a Descolonização, a Democratização, e o Desenvolvimento. Referindo os problemas mais graves com que o País teve de defrontar-se até agora, o P.R., citou a situação económica e financeira. Mais, acrescentou que esse é o principal problema que fica em suspenso quando se verificar a sua substituição em Belém.

Costa Gomes foi ainda assediado com perguntas acerca do seu futuro político-militar. Falou então da sua situação de «reserva» e adiantou que tem recebido várias propostas no sentido de manter-se activo depois de deixar a Presidência. Segundo o próprio, tais propostas apontam para vinculações tanto políticas como militares.

Referindo-se às eleições de ontem, Costa Gomes foi extremamente prudente, não emitindo qualquer opinião a respeito das candidaturas: limitou-se a dizer que achava preferível tivesse havido mais candidaturas civis. Numa alusão ao futuro do País, Costa Gomes mostrou-se optimista.

(«Eu sou optimista por natureza» — disse).

Costa Gomes revelou que vai gozar alguns meses de férias, ler (actualizar-se sobre temas militares, económicos, políticos e sociais) e, provavelmente, visitar alguns países estrangeiros (citou o México, o Brasil, a Venezuela, como hipóteses de países que gostaria de visitar).

UMA CARTA DA INTER

A Intersindical enviou ao general Costa Gomes uma saudação: «Mandatados como estamos pelos mais amplos sectores das classes trabalhadoras do País, expressamos os sentimentos da população trabalhadora portuguesa pelas qualidades que V. Ex.ª patenteou durante transcendentes dificuldades na Chefia da Nação» — diz ao P.R. aquela central sindical.

A Inter reconhece em Costa Gomes «para além do chefe lúcido, corajoso e presente, o amigo compreensivo e colaborante» e aponta para a expectativa de que «possamos continuar a beneficiar do valor, da experiência, da amizade e do conselho» do general. Há ainda uma declaração relativa às «altas qualidades de político, de militar e de homem», mais a esperança de que estas sejam «aproveitadas para bem do nosso povo».

Numa referência ao substituto de Costa Gomes, o general Ramalho Eanes, a Intersindical faz votos de que o futuro P.R. seja «um homem que saiba ouvir os trabalhadores e um inabalável defensor das conquistas democráticas e populares».